



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ**  
**CAMPUS UNIVERSITÁRIO MINISTRO PETRÔNIO PORTELA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

**VERÔNICA MARIA E SILVA PEREIRA**

**“QUE PODE O CORPO NEGRO E PERIFÉRICO?”: (r)existências de jovens mulheres  
na Universidade Federal do Piauí (UFPI)**

**TERESINA/PI**

**2021**

VERÔNICA MARIA E SILVA PEREIRA

**“QUE PODE O CORPO NEGRO E PERIFÉRICO?”: (r)existências de jovens mulheres  
na Universidade Federal do Piauí (UFPI)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da Universidade Federal do Piauí (UFPI), como um dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Rosângela de Souza.

Linha de Pesquisa: Gênero e Geração.

TERESINA/PI

2021

FICHA CATALOGRÁFICA  
Universidade Federal do Piauí  
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas e Letras  
Serviço de Processos Técnicos

P437q      Pereira, Verônica Maria e Silva.  
              “Que pode o corpo negro e periférico?” : (r)existências de jovens  
mulheres na Universidade Federal do Piauí (UFPI) / Verônica Maria  
e Silva Pereira. -- 2021.  
              186 f. : il

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Piauí, Centro  
de Ciências Humanas e Letras, Programa de Pós-Graduação em  
Sociologia, Teresina, 2021.

“Orientadora: Profa. Dra. Maria Rosângela de Souza.”

1. Negras – Piauí – Condições sociais. 2. Jovens mulheres negras  
I. Souza, Maria Rosângela de. II. Título.

CDD 305.480 812 2

Bibliotecária: Thais Vieira de Sousa Trindade - CRB3/1282

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Profa. Dra. Maria Rosângela de Souza**

Orientadora e Presidente – (PPGS/UFPI)

---

**Profa. Dra. Carolina Ruoso**

Examinadora Externa – (Escola de Belas Artes/UFMG)

---

**Prof. Dr. Francisco de Oliveira Barros Júnior**

Examinador Interno – (PPGS/UFPI)

---

**Profa. Dra. Rossana Maria Marinho Albuquerque**

Suplente – (PPGS/UFPI)

**Para todas as mulheres negras e periféricas que abrilhantam as  
universidades públicas do Brasil com suas (r)existências.**

## AGRADECIMENTOS

Uma andorinha só não faz verão. Graças às diversas andorinhas que voaram comigo na árdua trajetória do mestrado, pudemos fazer juntas todas as estações do ano e realizar uma pesquisa, que se materializou nesta dissertação.

Primeiramente, agradeço à *andorinha família* – meus pais, Maria de Fátima e José dos Santos. Foram vocês quem me colocaram para fora do ninho e me ensinaram a dar meus voos iniciais, sem nunca deixar de me acompanhar pelos altos e baixos da vida. Todas, absolutamente todas as minhas conquistas devo a vocês. Amo-lhes profundamente!

Agradeço à *andorinha namorado* – Guilherme Medino. Você chegou de mansinho, na época que iniciei o mestrado e começou a fazer parte dos meus dias na universidade. Desde então você vem me apoiando, me encorajando e voando cada vez mais alto ao meu lado. Obrigada por ser um ninho caloroso para mim.

Agradeço às *andorinhas amigos da vida*, que nos bastidores me apoiaram, me incentivaram, me ajudaram a encontrar copesquisadoras para esta pesquisa e se preocuparam comigo em alguma medida durante o processo do mestrado. Obrigada, em especial, à Amanda Damasceno, de quem nunca me esqueço das nossas conversas e do seu incentivo decisivo para que eu ingressasse no mestrado.

Agradeço à *andorinha orientadora* – Rosângela Souza. Com sua asa gigante, do tamanho do seu coração, você me abraçou e me fez ressignificar a relação aluna-orientadora. Foram muitos aprendizados, acolhimento e compreensão. Tenho muita admiração por você e pelo seu cuidado com as/os alunas/os. Obrigada por me fazer voar voos antes impensados.

Agradeço à *andorinha co-orientadora* – Shara Jane. De modo muito afável você me carregou pelos ares em direção ao inusitado, me apresentando o universo da sociopoética. Eu não teria conseguido voar tão longe sem o seu apoio, dedicação e paciência. Você é uma inspiração para mim. Obrigada por me incentivar a voar cada vez mais alto e longe.

Agradeço às *andorinhas professoras/es do PPGS* – Francisco Júnior, Dione Morais, Rossana Marinho e outros. Vocês foram fundamentais na construção e desconstrução dos meus voos pelo saber, mostrando outras possibilidades de conhecimento no horizonte. Obrigada pelo ensino agradável e comprometimento com as/os alunas/os.

Agradeço às *andorinhas copesquisadoras* – Agressiva, Áurea, Máscara da Força, Não Mais Calar, Negra e Quieta. Vocês são mulheres incríveis que tive o prazer de conhecer. Esta pesquisa não seria possível sem a disponibilidade e o interesse de vocês. Obrigada por participarem e compartilharem tão abertamente suas (r)existências comigo.

Agradeço às *andorinhas colegas da 8ª Turma do PPGS* – Lara Matos, Heloisi Mourão, Maria Clara, Vanda Lopes, Vivianne Costa, Carlito Lins, João Victor Mendes, João Paulo Silva, Oliveira Júnior, Gabriella Costa, Raianny Silva, Rafael Dantas, Lucas Eduardo, Renzyo Costa, Ramon Oliveira e Nicodemos Meneses. Compartilhamos nossos voos, com maior ou menor afinidade entre nós. Devido à pandemia nos afastamos, mas carrego as lembranças dos nossos encontros recheados de afeto. Obrigada pelas horas juntos e pelo incentivo à distância nessa reta final.

Agradeço às *andorinhas colegas e sociopoetas do PPGEd* – Vanessa Nunes, Thaysa Santos, Luciana Leite e Letícia Carolina. Vocês me acolheram de asas abertas quando voei para a sociopoética. Obrigada pelas trocas, afetos e aprendizados em sala de aula e fora dela.

Agradeço às *andorinhas colegas da UFPI* – Janaína de Paula, Marisol Dantas, Marta Alencar e outros. Nós cursamos algumas disciplinas e tivemos trocas incríveis. Carrego com carinho nossas memórias de sala de aula. Obrigada pelo companheirismo no voo. Obrigada, em especial, à Janaína de Paula pela sua disponibilidade e paciência em me orientar no processo de submissão do projeto de pesquisa ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFPI.

Agradeço à *andorinha coordenação do PPGS* pelo seu trabalho diligente e pela oportunidade de ter sido bolsista da CAPES durante o mestrado – o que tornou o voo mais leve e motivador, sem preocupações financeiras.

Agradeço às *andorinhas funcionários da UFPI*, que em sua maioria proporcionaram um ambiente agradável na universidade e uma experiência satisfatória na pós-graduação. Obrigada, em particular, ao secretário do PPGS, Érico Valadares, pela sua dedicação ao programa e pelo seu cuidado e disponibilidade com as/os alunas/os, sempre nos tratando bem.

Agradeço à *andorinha banca de qualificação* – professor Francisco Júnior e professora Shara Jane. Junto à minha orientadora, vocês fizeram parte desse momento de aprimoramento e abrilhantaram a minha pesquisa com as suas preciosas contribuições, ajustando os ângulos do meu voo e me possibilitando novas perspectivas e reflexões.

Agradeço à *andorinha banca de defesa* – professor Francisco Júnior e professora Carolina Ruoso. Vocês aceitaram o convite para comigo participar desse voo final pelo mestrado e sinto imensa satisfação por esse acontecimento.

Agradeço à *andorinha psicóloga* – Océlia Marques. Já são mais de três anos em psicoterapia, onde tenho suporte em um espaço seguro com uma profissional empática que me acolhe sem julgamentos em minhas diversas questões. Obrigada por fazer parte dos meus processos de amadurecimento e cura com sua escuta sensível e apontamentos necessários.

Por fim, agradeço à *andorinha espiritual*. Sempre peço a Deus para que eu nunca perca a minha fé, por mais que tenha me afastado da religião. Obrigada a Deus pelos êxitos e também pelos tropeços que me levaram aos êxitos.

Encerro estes agradecimentos com uma conhecida oração, que transmite meus sentimentos e desejos futuros diante da saída dessa *ponte-início-meio-fim*: **“Deus, conceda-me serenidade para aceitar as coisas que não posso mudar, coragem para mudar as coisas que posso e sabedoria para discernir uma da outra”**.

Tinha sete anos apenas,  
apenas sete anos,  
Que sete anos!  
Não chegava nem a cinco!  
De repente umas vozes na rua  
me gritaram Negra!  
Negra! Negra! Negra! Negra! Negra! Negra! Negra!  
“Por acaso sou negra?” – me disse  
SIM!  
“Que coisa é ser negra?”  
Negra!  
E eu não sabia a triste verdade que aquilo escondia.  
Negra!  
E me senti negra,  
Negra!  
Como eles diziam  
Negra!  
E retrocedi  
Negra!  
Como eles queriam  
Negra!  
E odiei meus cabelos e meus lábios grossos  
e mirei apenada minha carne tostada  
E retrocedi  
Negra!  
E retrocedi...  
Negra! Negra! Negra! Negra!  
Negra! Negra! Neeegra!  
Negra! Negra! Negra! Negra!  
Negra! Negra! Negra! Negra!  
E passava o tempo,  
e sempre amargurada  
Continuava levando nas minhas costas  
minha pesada carga  
E como pesava!...  
Alisei o cabelo,  
Passei pó na cara,  
e entre minhas entranhas sempre ressoava a mesma palavra  
Negra! Negra! Negra! Negra!  
Negra! Negra! Neeegra!  
Até que um dia que retrocedia, retrocedia e que ia cair  
Negra! Negra! Negra! Negra!  
Negra! Negra! Negra! Negra!  
Negra! Negra! Negra! Negra!  
Negra! Negra! Negra!  
E daí?  
E daí?  
Negra!  
Sim  
Negra!

**Sou  
Negra!  
Negra  
Negra!  
Negra sou  
Negra!  
Sim  
Negra!  
Sou  
Negra!  
Negra  
Negra!  
Negra sou  
De hoje em diante não quero  
alisar meu cabelo  
Não quero  
E vou rir daqueles,  
que por evitar – segundo eles –  
que por evitar-nos algum disabor  
Chamam aos negros de gente de cor  
E de que cor!  
NEGRA  
E como soa lindo!  
NEGRO  
E que ritmo tem!  
Negro Negro Negro Negro  
Negro Negro Negro Negro  
Negro Negro Negro Negro  
Negro Negro Negro  
Afinal  
Afinal compreendi  
AFINAL  
Já não retrocedo  
AFINAL  
E avanço segura  
AFINAL  
Avanço e espero  
AFINAL  
E bendigo aos céus porque quis Deus  
que negro azeviche fosse minha cor  
E já compreendi  
AFINAL  
Já tenho a chave!  
NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO  
NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO  
NEGRO NEGRO NEGRO NEGRO  
NEGRO NEGRO  
Negra sou!**

*(Me gritaram negra, Victoria Santa Cruz)*

## RESUMO

Esta pesquisa nasce das minhas implicações pessoais e acadêmicas, tendo como bases teóricas o pensamento de intelectuais negras/os, o feminismo negro e as teorias decoloniais. O tema-gerador são as (r)existências de jovens mulheres negras e periféricas, estudantes da graduação na Universidade Federal do Piauí (UFPI), em Teresina, Piauí. O objetivo geral foi produzir e analisar confetos (conceitos perpassados por afetos) sobre as vivências e (r)existências de jovens mulheres negras e periféricas na UFPI. A metodologia utilizada foi a abordagem sociopoética – uma teoria e prática filosófica de pesquisa grupal que percebe os saberes populares e acadêmicos iguais em direitos e que utiliza de dispositivos artísticos para pesquisar com o corpo todo. Através de oficinas em ambiente virtual, o grupo-pesquisador produziu dados (produções plásticas e relatos orais), que foram posteriormente analisados. O estudo transversal dos dados revelou duas linhas de pensamento predominantes: 1) os problemas da identidade das mulheres negras e periféricas; 2) os sentidos de pertencimento na UFPI. O estudo também apontou que um corpo negro ocupando a universidade ainda incomoda muita gente e é visto com estranhamento e preconceitos, julgado com base em estereótipos que dificultam ou impedem a autonomia do ser. Para fazer parte do espaço e dos grupos – mesmo que sem realmente pertencer a eles – é necessária adequação, adaptação e assimilação. Então, a identidade da mulher negra e periférica se configura como uma questão a partir da qual ela tem a possibilidade de pertencer ou se sentir pertencente ao ambiente. Esta mulher – que não é uma, mas várias – se expressa, se relaciona e ocupa a universidade através de múltiplos devires e performances do seu *corpo-capa-gelatinoso* conforme os lugares ocupados, as pessoas encontradas e os sentimentos de pertencimento. Ser uma mulher negra e periférica na UFPI é ser: um *corpo-forasteiro-da-encruzilhada* que ora é observado, ora é invisibilizado; um *corpo-ocupante-da-encruzilhada* que invade um espaço que não lhe pertence, mas o ocupa mesmo assim. A passagem pela encruzilhada é uma *ponte-início-meio-fim*, etapas e processos onde o corpo atravessa vários *obstáculos-caminhos-desconhecidos* impostos ao corpo negro, além de diversos outros obstáculos como: *poço-buraco-estranheza*, *buraco-vazio-solidão*, *buraco-de-sempre*, *labirintos-desafios*, *rio-espaço-privilegiado*. Diante de tantos desafios e obstáculos, que pode o corpo negro e periférico das jovens mulheres na UFPI? Ele pode (r)existir através das suas múltiplas potências – cria seus próprios mecanismos, constrói afetos com semelhantes, dança, pula, voa, é resiliente, é flexível, se resguarda, sobe as paredes dos labirintos, sai dos buracos, se transforma, se metamorfoseia, se recria, se reinventa, é um corpo que se recusa a ficar parado ou desistir.

**Palavras-chave:** (R)existências. Jovens Mulheres Negras. Interseccionalidade. Ensino Superior Público. Universidades Ocidentalizadas. UFPI. Sociopoética.

## ABSTRACT

This research was conceived from my personal and academic implications, founded theoretically by the reasoning of black intellectuals, black feminism, and decolonial theories. The generator theme is the (r)existence of young black and peripheral women, undergraduate students at the Federal University of Piauí (UFPI), in Teresina, Piauí. The general objective was to produce and analyze “confetos” (concepts permeated by affection) about the experiences and (r)existence of young black and peripheral women at UFPI. The methodology used was the sociopoetic approach – a philosophical theory and practice of group research that discerns popular and academic knowledge equal in rights and makes use of artistic devices to research with the whole body. Through workshops in a virtual environment, the researcher group produced data (plastic productions and oral reports), which were later analyzed. The cross-sectional study of the data disclosed two predominant lines of thinking: 1) the identity problems of black and peripheral women; 2) the sense of belonging at UFPI. The study also pointed out that a black body occupying the university still bothers a lot of people and is seen with estrangement and prejudice, established on stereotypes that obstruct or inhibit the autonomy of the human being. To be part of the space and the groups – even without belonging to them – it is crucial to adjust, adapt and assimilate. Therefore, the black and peripheral women's identity is configured as an issue from which she has the possibility of being part of the environment. This woman – not one, but several – expresses herself, relates to, and occupies the university through multiple becomings and performances by her *gelatinous-cape-body* according to the occupied places, the people she met, and the sense of belonging. To be a black and peripheral woman at UFPI is to be: an *outsider-crossroads-body* that is sometimes observed, sometimes made invisible; a *crossroads-occupant-body* that overruns a space that does not belong to it, but occupies it anyway. Passing through the crossroads there is a *start-middle-ended-bridge*, as well as stages and processes where the body crosses several *unknown-obstacle-paths* imposed on the black body, in addition to several other obstacles such as *well-hole-strangeness*, *hole-empty-solitude*, *the-usual-hole*, *challenge-mazes*, *river-privileged-space*. Faced with so many challenges and obstacles, what can the black and peripheral body of young women at UFPI do? It can (r)exist through its multiple powers – it creates its mechanisms, builds affections with peers, dances, jumps, flies, be resilient, be flexible, protects itself, climbs the walls of labyrinths, leaves up holes, transforms itself, recreates itself if passing through metamorphosis, reinvents itself. It is a body that refuses to stand still or give up.

**Keywords:** (R)existence. Young Black Women. Intersectionality. Public Higher Education. Westernized Universities. UFPI. Sociopoetics.

## RESUMEN

Esta investigación nace de mis implicaciones personales y académicas, teniendo como base teórica el pensamiento de los intelectuales negros, el feminismo negro y las teorías decoloniales. El tema generador es la (r)existencia de mujeres jóvenes negras y periféricas, estudiantes de pregrado de la Universidad Federal de Piauí (UFPI), en Teresina, Piauí. El objetivo general fue producir y analizar “confetos” (conceptos impregnados de afecto) sobre las vivencias y (r)existencia de jóvenes negras y periféricas en la UFPI. La metodología utilizada fue el enfoque sociopoético, una teoría y práctica filosófica de investigación grupal que percibe el conocimiento popular y académico como iguales en derechos y utiliza recursos artísticos para investigar con todo el cuerpo. Mediante talleres en un entorno virtual, el grupo de investigadores produjo datos (producciones plásticas e informes orales), que fueron posteriormente analizados. El estudio transversal de los datos reveló dos líneas de pensamiento predominantes: 1) los problemas de identidad de las mujeres negras y periféricas; 2) los sentidos de pertenencia a la UFPI. El estudio también señaló que un cuerpo negro que ocupa la universidad todavía molesta a mucha gente y se ve con extrañamiento y prejuicio, juzgado en base a estereotipos que entorpecen o impiden la autonomía del ser. Para formar parte del espacio y de los grupos, incluso sin pertenecer a ellos, es necesario adecuarse, adaptarse y asimilarse. Por tanto, la identidad de la mujer negra y periférica se configura como una cuestión desde el que tiene la posibilidad de pertenecer o sentirse perteneciente al entorno. Esta mujer – que no es una, sino varias – se expresa, se relaciona y ocupa la universidad a través de múltiples devenires y representaciones de su *cuerpo-capagelatinosa* según los lugares ocupados, las personas que conoció y los sentimientos de pertenencia. Ser una mujer negra y periférica en la UFPI es ser: un *cuerpo-forastero-de-la-encrucijada* que a veces es observado, a veces se hace invisible; un *cuerpo-ocupante-de-la-encrucijada* que invade un espacio que no le pertenece, pero que de todos modos lo ocupa. El paso por la encrucijada es un *punto-inicio-medio-final*, etapas y procesos donde el cuerpo atraviesa varios *obstáculos-caminos-desconocidos* impuestos al cuerpo negro, además de varios otros obstáculos como: *pozo-agujero-extrañeza*, *agujero-vacío-soledad*, *agujero-para siempre*, *laberintos-desafíos*, *río-espacio-privilegiado*. Ante tantos desafíos y obstáculos, ¿qué puede hacer el cuerpo negro y periférico de las mujeres jóvenes de la UFPI? Puede (r)existir a través de sus múltiples poderes: crea sus propios mecanismos, construye afectos con los compañeros, baila, salta, vuela, es resistente, es flexible, se protege, trepa las paredes de los laberintos, deja agujeros, se transforma, se metamorfosea, se recrea, se reinventa, es un cuerpo que se niega a quedarse quieto o rendirse.

**Palabras clave:** (R)existencias. Mujeres Negras Jóvenes. Interseccionalidad. Educación superior pública. Universidades Occidentalizadas. UFPI. Sociopoética.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 01</b> – Grupo Racionais MC’s .....	26
<b>Figura 02</b> – Janela quebrada na Medical Center .....	61
<b>Figura 03</b> – A fênix quer (re)nascido das cinzas .....	63
<b>Figura 04</b> – Mamãe e o Girassol.....	64
<b>Figura 05</b> – Macramê da Maria .....	64
<b>Figura 06</b> – Entrada do Campus Ministro Petrônio Portella, UFPI, Teresina-PI.....	67
<b>Figura 07</b> – Conquista em família .....	69
<b>Figura 08</b> – Organização dos kits para oficinas.....	88
<b>Figura 09</b> – Cuidados pós-pandêmicos .....	88
<b>Figura 10</b> – Máscara Quieta .....	93
<b>Figura 11</b> – Máscara Negra .....	95
<b>Figura 12</b> – Máscara Áurea .....	97
<b>Figura 13</b> – Máscara da Força .....	99
<b>Figura 14</b> – Máscara Não Mais Calar.....	100
<b>Figura 15</b> – Máscara Agressiva.....	102
<b>Figura 16</b> – A metamorfose da borboleta.....	108
<b>Figura 17</b> – Escultura Pássaro Sem Nome .....	113
<b>Figura 18</b> – Cartografia do Pássaro Sem Nome .....	113
<b>Figura 19</b> – Escultura Bicho da Resistência.....	115
<b>Figura 20</b> – Cartografia do Bicho da Resistência.....	115
<b>Figura 21</b> – O Bicho da Resistência na cartografia.....	115
<b>Figura 22</b> – Escultura Tigresa Ravena, a ponte e o rio.....	117
<b>Figura 23</b> – Cartografia da Tigresa Ravena.....	117
<b>Figura 24</b> – Escultura Loba Moona.....	120
<b>Figura 25</b> – Cartografia da Loba Moona.....	120
<b>Figura 26</b> – Escultura Onça-pintada.....	123
<b>Figura 27</b> – Cartografia da Onça-pintada.....	123
<b>Figura 28</b> – Escultura Bicho da Resiliência .....	126
<b>Figura 29</b> – Cartografia do Bicho da Resiliência .....	126
<b>Figura 30</b> – O Bicho da Resiliência na cartografia.....	126
<b>Figura 31</b> – Exposição das fotografias dos bichos e cartografias.....	139

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 01</b> – Cursos e Centros de Ensino do grupo-pesquisador na UFPI .....	83
<b>Quadro 02</b> – Categorias identificadas no pensamento do grupo-pesquisador .....	145
<b>Quadro 03</b> – Linhas de pensamento predominantes no grupo-pesquisador.....	147
<b>Quadro 04</b> – Confetos do grupo-pesquisador.....	148

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

BAE	Bolsa de Apoio Estudantil
CA	Centro Acadêmico
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CCE	Centro de Ciências da Educação
CCHL	Centro de Ciências Humanas e Letras
CCN	Centro de Ciências da Natureza
CT	Centro de Tecnologia
DCE	Diretório Central do Estudantes
EAD	Educação à Distância
Enem	Exame Nacional do Ensino Médio
IRA	Índice de Rendimento Acadêmico
LGBTQIA+	Lésbica, Gay, Bissexual, Travesti, Transgênero, Transexual, Queer, Intersexual, Assexual e outras orientações sexuais, identidades e expressões de gênero que existem
PA	Praça de Alimentação
PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
PIBID	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
PPGED	Programa de Pós-Graduação em Educação
PPGS	Programa de Pós-Graduação em Sociologia
RU	Restaurante Universitário
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFPI	Universidade Federal do Piauí

## SUMÁRIO

<b>IMPLICAÇÕES INICIAIS</b> .....	<b>17</b>
<b>CAPÍTULO 1 – CORPO NEGRO, NEGRO DRAMA</b> .....	<b>26</b>
1.1 O corpo negro na modernidade/colonialidade.....	26
1.2 A produção de conhecimentos pelo corpo negro .....	33
1.3 A condição da mulher negra: interseccionando gênero, raça e classe .....	43
1.4 Pensando sobre corpos negros, lésbicos e periféricos .....	50
<b>CAPÍTULO 2 – PESQUISADORA-FOLHA, PESQUISA-FURACÃO</b> .....	<b>61</b>
2.1 Rodopiando pela montanha sociopoética em tempos de Covid-19 .....	61
2.2 Reflexões sobre a UFPI: a que será que se destina? .....	67
<b>CAPÍTULO 3 – CONEXÕES VIRTUAIS NO ISOLAMENTO SOCIAL</b> .....	<b>79</b>
3.1 A sociopoética e o grupo-pesquisador .....	79
3.2 Preparativos para a formação do grupo-pesquisador .....	86
3.3 A oficina de negociação.....	89
<b>CAPÍTULO 4 – CORPOS EM METAMORFOSE</b> .....	<b>108</b>
4.1 Produção de dados: a técnica “os obstáculos do bicho-(r)existir” .....	108
4.2 Análise plástica: um olhar imaginativo sobre a (r)existência de devires-bichos .....	134
4.3 Contra-análise plástica: mulheres-bichos ocupam a UFPI .....	138
4.4 Análise classificatória: categorizando as ideias do grupo-pesquisador .....	143
<b>CAPÍTULO 5 – IDENTIDADE E PERTENCIMENTO NA ENCRUZILHADA</b> .....	<b>146</b>
5.1 Estudo transversal: as linhas de pensamento do grupo-pesquisador .....	146
5.2 Contra-análise transversal: mulheres negras (r)existem na UFPI.....	152
<b>CAPÍTULO 6 – QUE PODE O CORPO NEGRO E PERIFÉRICO?</b> .....	<b>162</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>169</b>
<b>APÊNDICE A – Lista de materiais das oficinas</b> .....	<b>174</b>
<b>APÊNDICE B – Roteiro da oficina de negociação</b> .....	<b>175</b>
<b>APÊNDICE C – Questionário “Inventário de Mim”</b> .....	<b>178</b>
<b>APÊNDICE D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido</b> .....	<b>179</b>
<b>APÊNDICE E – Roteiro da oficina de produção</b> .....	<b>182</b>
<b>APÊNDICE F – Ilustrativo da análise classificatória</b> .....	<b>185</b>
<b>APÊNDICE G – Ilustrativo do cruzamento de ideias por categoria</b> .....	<b>186</b>

## IMPLICAÇÕES INICIAIS

Costumo afirmar que viver é se posicionar e que as nossas ações falam muito sobre quem somos. Acredito que nenhuma das escolhas que fazemos, inclusive ficando “em cima do muro”, são neutras, muito menos as escolhas acadêmico-científicas. Refuto, no meu exercício de pesquisadora social, todo e qualquer positivismo funcionalista de pretensa cientificidade neutra.

Portanto, é imbuída dessa percepção, na qual reitero que não há neutralidade na pesquisa, que almejo produzir conhecimento, valorizando inclusive o meu corpo, a minha subjetividade e a minha trajetória de vida no ato criador da pesquisa, visto que, assim como a sociopoeta Petit (2014), também considero que pesquisar é um acontecimento poiético (do grego *poiesis* = criação).

Diante disso, escrevo em primeira pessoa a fim de me inserir no texto não só enquanto mestrande pesquisadora, mas também enquanto uma mulher negra e periférica que vê a linguagem – falada, escrita, gestual, artística, entre outras formas – como um ato político, capaz de influenciar e transformar a realidade a partir dos nossos tempos e lugares de fala geolocalizados.

[...] a língua, por mais poética que possa ser, tem também uma dimensão política de criar, fixar e perpetuar relações de poder e de violência, pois cada palavra que usamos define o lugar de uma identidade. No fundo, através das suas terminologias, a língua informa-nos constantemente de quem é *normal* e de quem é que pode representar a *verdadeira condição humana* (KILOMBA, 2019, p. 14, grifos da autora).

Ao mesmo tempo em que a linguagem pode manter o *status quo* de uma realidade, a mesma também pode subvertê-la. É através das resistências, não somente físicas, mas discursivas e linguísticas, que podemos reivindicar a mudança de ordens e paradigmas sociais, transformar a realidade. Lutamos pela e no campo da linguagem.

Estamos enraizados na linguagem, fincados, temos nosso ser em palavras. A linguagem é também um lugar de luta. O oprimido luta na linguagem para recuperar a si mesmo – para reescrever, reconciliar, renovar. Nossas palavras não são sem sentido. Elas são uma ação – uma resistência. A linguagem é também um lugar de luta (HOOKS, 2019, p. 73-74).

Fugindo do academicismo clássico e dominante, a minha escrita é atravessada por emoção e subjetividade por estar teorizando do lugar de onde falo, a partir da minha

realidade, pois “[...] a teoria está sempre posicionada em algum lugar e é sempre escrita por alguém” (KILOMBA, 2019, p. 58).

A minha escrita também é identificada com o pensamento de intelectuais negras/os, com o feminismo negro e com as teorias decoloniais, cujas interpelações denunciam e questionam os paradigmas científicos e sociais dominantes que valorizam o poder, o saber e o ser daqueles que constituem a “norma mítica”. “Na América, essa norma é comumente definida como branco, magro, macho, jovem, heterossexual, cristão e financeiramente estável. É com essa norma mítica que as armadilhas do poder existem dentro da sociedade” (LORDE, 2019a, p. 241).

Pesquisando com pessoas, apresento nesta pesquisa não uma proposta de estudo de um objeto, mas uma forma de teorizar que percebe as mulheres que farão parte dessa pesquisa como sujeitos que podem definir suas próprias realidades sociais e nomear suas histórias. “Esse ato de fala, de ‘erguer a voz’, não é um mero gesto de palavras vazias: é uma expressão de nossa transição de objeto para sujeito” (HOOKS, 2019, p. 39). “Essa passagem de *objeto* a *sujeito* é o que marca a escrita como um ato político” (KILOMBA, 2019, p. 28, grifos da autora).

Ribeiro (2019, p. 64) nos diz que “o falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas a poder existir. [...] Quando falamos de direito à existência digna, à voz, estamos falando de locus social, de como esse lugar imposto dificulta a possibilidade de transcendência”. De acordo com ela, “o lugar social não determina uma consciência discursiva sobre esse lugar. Porém, o lugar que ocupamos socialmente nos faz ter experiências distintas e outras perspectivas” (RIBEIRO, 2019, p. 69).

Dessa forma, a autora afirma que todas as pessoas têm lugares de fala, pois falam a partir das suas localizações sociais. O importante é que haja a quebra da invisibilização de narrativas, dando espaço para que outras pessoas, que são historicamente deslegitimadas e invisibilizadas, também contem suas histórias, como, por exemplo, o relato das pessoas negras que experienciam o racismo na sociedade brasileira.

Collins (2019) destaca a importância dos espaços sociais seguros em que as mulheres negras falam com liberdade e podem se autodefinir, sendo isto uma condição necessária para a resistência dessas mulheres. Como aponta Ribeiro (2019, p. 44), “[...] definir-se é um status importante de fortalecimento e de demarcação de possibilidades de transcendência da norma colonizadora”.

Portanto, os espaços seguros assim se tornam na medida em que são compartilhados entre mulheres negras, como mecanismo para promover empoderamento. No entanto, estes espaços podem ser estigmatizados e acusados de separatistas. Em resposta a isso:

Uma das razões pelas quais espaços seguros são tão ameaçadores para aqueles que se sentem excluídos [...] é que espaços seguros estão livres da vigilância de grupos mais poderosos. Esses espaços ao mesmo tempo retiram as mulheres negras da vigilância e fomentam condições para autodefinições independentes por parte das mulheres negras. Quando institucionalizadas, essas autodefinições se tornam fundamentais para desenvolver pontos de vista feministas negros politizados (COLLINS, 2019, p. 290).

Logo, diante do que já foi dito, refiro-me a pesquisar **com** jovens mulheres negras e periféricas em vez de pesquisar **sobre**, porque estas mulheres são sujeitas das suas histórias. Demarco esta pesquisa desde o início como um espaço seguro para autodefinição em que as participantes e copesquisadoras são pessoas nomeadas por si próprias, com seu lugar de fala assegurado, longe de quaisquer formas de objetificação, dominação ou silenciamento.

Inscrita na Linha de Gênero e Geração do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Piauí (UFPI), esta pesquisa soma-se aos chamados estudos de gênero, trazendo como perspectiva de análise a interseccionalidade (AKOTIRENE, 2019) diante do entendimento de que não há hierarquia de opressões, pois estas se entrelaçam (LORDE, 2019b).

Logo, o entrecruzamento de gênero, raça e classe será considerado no decorrer da pesquisa na compreensão social, epistêmica e ontológica das sujeitas e na sua produção de conhecimentos, assim como serão utilizadas no referencial teórico categorias indispensáveis que dizem respeito a estes marcadores sociais.

As escolhas que fiz na elaboração desta pesquisa são de ordem pessoal e acadêmico-científica, não podendo estas implicações ser deixadas de fora neste momento. Começarei pelos atravessamentos pessoais, pois estes me fizeram escolher e delimitar o tema estudado.

Primeiramente, eu sou uma mulher negra. O meu reconhecimento étnico-racial foi tardio em face da negação da minha negritude, ao me identificar como parda e não negra, em consonância às ideias de embranquecimento incorporadas desde a minha infância. Estas ideias eram fortalecidas pela dimensão ideológica do racismo estrutural, que no Brasil é mascarado pelo mito (ou ideologia) da democracia racial e a negação do racismo, ambos sustentados pelo discurso da meritocracia (ALMEIDA, 2019).

A miscigenação racial, constituinte da nossa sociedade, fragmenta a identidade negra através do suporte ao mito da democracia racial e ao eficaz embranquecimento do

país, o que desmobiliza a negritude também no campo político (CARNEIRO, 2011). Logo, a fuga da negritude pela miscigenação, que classifica cromaticamente e institui diferenças no interior da negritude, a desloca e a desqualifica em todos os âmbitos da nossa sociedade.

Manipulamos a nossa identidade, sobretudo os negros e as negras de pele clara, com os termos “[...] moreno-escuro, moreno-claro, moreno-jambo, marrom-bombom, mulato, mestiço, caboclo, mameluco, cafuzo, ou seja, confusos, de tal modo que acabam todos agregados na categoria oficial do IBGE: pardo! Algo que ninguém consegue definir como raça ou cor” (CARNEIRO, 2011, p. 67).

No entanto, por mais que algumas pessoas, inclusive apoiadas em discursos racistas, insistam em estranhar a minha autoidentificação e autodefinição (“por que você quer ser negra?”; “você não é negra, é parda”), as minhas experiências corporais e sociais revelam que por mais que eu diga o contrário, eu sou negra. Eu já fui discriminada, constrangida ou ridicularizada por este motivo. Quero escrever sobre e com as minhas irmãs de pele.

Também sou uma mulher periférica. Filha de pais cujas histórias de vida, em parte vividas em cidades do interior piauiense, são reveladoras de condições precárias de existência: fome, trabalho infantil, violência doméstica e familiar, ausência de políticas públicas básicas (como saúde, educação e assistência social).

Como diz a expressão popular, foi “aos troncos e barrancos”, com muitas dificuldades e sacrifícios, longe de querer expressar qualquer meritocracia, que meus pais, uma mulher branca e um homem negro de pele escura, conseguiram obter melhores condições de vida e me possibilitar uma existência mais confortável. Desde cedo aprendi a valorizar os afetos e não os bens materiais, por ter conhecimento dos desafios da realidade.

A opção pelo termo “periférica” para me referir ao marcador social de classe diz respeito não só a condições materiais de existência, mas a aspectos geopolíticos do território. Penso a periferia urbana, que é onde eu e as mulheres que fazem parte dessa pesquisa residimos, não só como um local de moradia das camadas populares de classe baixa, relegadas a este espaço geograficamente distante dos centros.

Como ressalta Brito (2018), periferia não é só geografia. “[...] a distância não é o único fator que faz da periferia a periferia. Cor, renda e escolaridade são fatores recorrentes. Quanto mais pigmentada a pele e menor a renda, mais periférico é o local, ainda que o bairro esteja no centro” (BRITO, 2018).

Em contrapartida, também percebo a periferia não só como um cenário atravessado por questões sociais múltiplas, em especial a criminalidade, ou como um cenário em que

“[...] a cor da pele e a ausência do Estado determinam mais sua posição social do que a distância de seus bairros em relação ao centro” (BRITO, 2018).

Percebo a periferia enquanto território geopolítico de resistência e insurreição, de enfrentamento às mazelas sociais e luta por melhores condições de vida. Por isso não utilizarei outros termos como “pobres” ou “de classe baixa”, a fim de não prender a pesquisa a critérios de renda nem apresentar a classe na perspectiva da luta de classes, conforme a teoria marxiana.

É interessante considerar também para este ponto o que Connell (2012) discorre sobre a produção de conhecimento global, que é dividida geopoliticamente. De um lado, há o Norte global, abrangendo Estados Unidos, Canadá e Europa, cujos saberes são privilegiados. Do outro lado, o Sul global, com os países periféricos, que também produzem epistemologias, embora não sejam tão consideradas dentro da produção de conhecimento global.

Essa noção me permite conceber que as sujeitas que fazem parte dessa pesquisa, assim como eu, são mulheres periféricas do “sistema-mundo<sup>1</sup>” (WALLERSTEIN, 1999), habitantes do Sul global, que produzem epistemologias e conhecimentos, “epistemologias do Sul” (CONNELL, 2012) em suas trajetórias de vida e cotidianas. Devemos ser reconhecidas e valorizadas por isso.

Em relação aos atravessamentos acadêmico-científicos, quero escrever sobre mulheres negras e periféricas, que também são universitárias de cursos de graduação, para somar na visibilidade acadêmica das mesmas, não só enquanto ocupantes e produtoras de conhecimento neste espaço, mas também enquanto temática de pesquisa possível e importante, visto que ainda há muito a ser escrito sobre a trajetória de mulheres negras.

Historicamente mulheres negras foram colocadas em segundo, terceiro ou quarto planos, até menos. Discutirei sobre isso mais particularmente no primeiro capítulo, mas quero pontuar desde já que a realidade social, sobretudo diante do entrecruzamento de raça, gênero e classe, é mais desafiante, violenta e invisibilizada se tratando de mulheres negras. Logo, é tangível a necessidade de se pesquisar mais sobre essas mulheres, as quais são alvo

---

<sup>1</sup> O **sistema-mundo** é definido por Wallerstein *apud* Pennaforte (2011, p. 41) como uma “divisão territorial do trabalho multicultural na qual as produções e intercâmbio de bens básicos e matérias-primas é necessária para a vida de seus habitantes todos os dias”. Wallerstein apontava, de acordo com Pennaforte (2011), dois tipos de sistemas-mundo: os impérios mundiais e as economias-mundos. Nessa perspectiva, o capitalismo é entendido como o Moderno Sistema Social, uma economia-mundo, que possui inúmeros centros políticos (Estados) que disputam a hegemonia do sistema. Compreende-se a hegemonia em relação com os ciclos sistêmicos de acumulação.

de múltiplas questões sociais que requerem, inclusive, intervenção de políticas públicas e sociais, sobretudo as que habitam espaços geográficos periféricos.

Olhando mais particularmente para a conjuntura sócio-política atual brasileira, vemos um recrudescimento do ultraconservadorismo, que é revelador de como as velhas opressões estão cada vez mais explícitas e menos veladas, inclusive nas falas dos representantes políticos eleitos. Falo não apenas do racismo, mas também de formas de opressão da sexualidade, como a homofobia, lesbofobia, transfobia, entre outras opressões.

Isso também é revelador da nossa construção social-nacional e do nosso imaginário social, atestando a simbiose violenta de estruturas de opressão que historicamente invisibilizam, silenciam, violentam e vitimizam aquelas/es que fogem dos padrões dominantes, que fogem da “norma mítica” (LORDE, 2019a, p. 241) e que por vezes não tem sequer o direito de existir como cidadã/ão em conformidade com a igualdade constitucional, que no fim não passa de igualdade formal não materializada para todas/os.

Não se podem negar as particularidades do Brasil no que diz respeito às lacunas na identificação racial em face do mito da democracia racial e do racismo velado, mascarado (NASCIMENTO, 2016), até mesmo recreativo<sup>2</sup> (MOREIRA, 2020), que esconde e manipula a identidade de quem é negro, como já referi na minha própria trajetória.

No entanto, a maioria da nossa população é formada por sujeitos racializados. A resistência existe, mesmo sem ser percebida como tal, até nas vivências daqueles e daquelas que não se reconhecem como negras/os, porque vez ou outra precisam enfrentar algumas das camadas do racismo por algum motivo. Sendo assim, tenho como pressuposto que resistir é um ato intrínseco do existir de corpos negros. O mesmo pressuposto se aplica, obviamente, às sujeitas desta pesquisa.

Pensando nesse pressuposto, tomo de empréstimo o termo “(r)existências”, retirado e adaptado do título da 15ª Semana do Orgulho de Ser, “Rexistirmos: a que será que se destina?”, realizada pelo Grupo Matizes, no período de 25 a 31 de agosto de 2019, em

---

<sup>2</sup> Moreira (2020) investiga as práticas socioculturais brasileiras e analisa como o racismo se torna elemento humorístico nas nossas relações, criando o conceito-tese do **racismo recreativo**. Segundo o autor, o racismo recreativo “[...] deve ser visto como um projeto de dominação que procura promover a reprodução de relações assimétricas de poder entre grupos raciais por meio de uma política cultural baseada na utilização do humor como expressão e encobrimento de hostilidade racial” (MOREIRA, 2020, p. 148). “O racismo recreativo contribui para a reprodução da hegemonia branca ao permitir que a dinâmica da assimetria de status cultural e de status material seja encoberta pela ideia de que o humor racista possui uma natureza benigna. Embora ele almeje salientar a suposta degradação moral de minorias raciais por meio do humor, ele expressa também a intenção de impedir a mobilização política em torno da raça. Essa forma de política cultural possibilita a preservação de narrativas sociais baseadas na noção de neutralidade racial, elemento responsável pela manutenção de uma imagem positiva dos membros do grupo racial dominante que praticam crimes de injúria e racismo” (MOREIRA, 2020, p. 149. Para se aprofundar no conceito-tese, vide o autor.

Teresina-PI<sup>3</sup>. Este termo traz consigo os desafios e as potencialidades da existência que também é resistência e vice-versa, dialogando com a discussão filosófica do “corpo que não aguenta mais” de Lapoujade (2002). Afinal, o corpo que não aguenta mais é um corpo que tem a potência de resistir.

Outro aspecto interessante a ser acrescentado nessa discussão é que é através dessa (r)existência que as práticas sociais podem ser remodeladas e redefinidas, alterando estruturas. Os corpos sociais, de modo geral, não são simplesmente docilizados, inertes ou apáticos diante das dominações e opressões. As transformações sociais só são possíveis graças ao movimento dos corpos.

Simultaneamente, *corpos são objetos e agentes das práticas sociais*. Os mesmos corpos, ao mesmo tempo, são ambos. As práticas em que os corpos são envolvidos formam estruturas sociais e trajetórias pessoais, o que, por sua vez, fornece condições para novas práticas nas quais os corpos são envolvidos (CONNELL e PEARSE, 2015, p. 112, grifos meus).

Verificando a inserção de mulheres negras e periféricas na universidade, espaço que historicamente foi reservado às elites brancas e cujo nome do ensino prestado – superior – já traz consigo uma hierarquização dos saberes na sociedade, podemos pensar que a própria inserção acadêmica destas mulheres configura uma forma de (r)existência, onde o acesso à educação, ainda mais pública e de qualidade, não se dá de maneira fácil e sem obstáculos.

Logo, a minha hipótese de pesquisa é que as práticas sociais e corporais de mulheres negras e periféricas apresentam resistências no seu cotidiano ao ocupar o espaço institucionalizado do ensino superior, em busca de aprendizagem e qualificação acadêmico-profissional. Conhecer e entender essa realidade, a fim de buscar alternativas de enfrentamento junto a essas mulheres, se faz necessário na construção de uma universidade acessível, inclusiva, democrática e livre de preconceitos e discriminações.

A propósito, o meu interesse de fazer essa investigação em ambiente acadêmico, na Universidade Federal do Piauí (UFPI), campus Ministro Petrônio Portella, nasce justamente da minha própria ocupação desse espaço ao longo de anos, me revelando que a universidade não é apenas um espaço de formação e diversidade de corpos, mas também um local de muitas discriminações e violências em níveis diversos.

---

<sup>3</sup> De acordo com o site do evento, a **Semana do Orgulho de Ser** ocorre desde 2005 objetivando o debate sobre direitos humanos e diversidades para um público variado, em especial sujeitos LGBTQIA+ (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transgêneros, transexuais, queers, intersexuais, assexuais e outras orientações sexuais, identidades e expressões de gênero que existem). Sobre a 15ª Semana do Orgulho de Ser de Teresina-PI e mais informações, disponível em: <https://www.even3.com.br/rexistirmos/>. Acesso em: 03 dez. 2019.

Diante da problemática sobre como vivem e (r)existem as sujeitas da pesquisa, o objetivo geral da investigação é produzir e analisar confetos (conceitos atravessados por afetos) sobre as vivências e (r)existências dessas mulheres negras e periféricas no espaço da Universidade Federal do Piauí (UFPI).

Dentre os objetivos específicos procuro identificar a compreensão das sujeitas sobre as suas trajetórias do (r)existir; verificar se elas se consideram invisíveis ou invisibilizadas no espaço acadêmico e como se sentem em relação a isso; e perceber se existem e quais são as estratégias de (r)existência no enfrentamento aos possíveis preconceitos e discriminações no ambiente acadêmico.

Para concretizar essa pesquisa ancoro-me na abordagem sociopoética, uma teoria e prática filosófica de pesquisa grupal que percebe os saberes populares e acadêmicos iguais em direitos e que utiliza de dispositivos artísticos para pesquisar com o corpo todo e produzir coletivamente confetos, problemas e personagens conceituais (GAUTHIER, 2012; ADAD, 2014; PETIT, 2014).

O estudo de campo foi construído coletivamente, a partir da instituição de um grupo-pesquisador, princípio básico da sociopoética. Este grupo-pesquisador é sujeito narrador da sua história, um grupo que pensa e sente, que “[...] age na pesquisa como se fosse um único pensador, percorrido de caminhos diversos, às vezes contrários, que se encontram, tecem juntos ou divergem...” (GAUTHIER, 2012, p. 78).

Acredito que este conhecimento produzido, por seu caráter intercultural e decolonial, nos conduzirá a percepções diferenciadas sobre as discriminações e desigualdades sociais no que diz respeito à intersecção entre gênero, raça e classe em nosso lugar geopolítico de fala e produção de saberes no “sistema-mundo” (WALLERSTEIN, 1999), bem como as estratégias de enfrentamento e resistência à ordem instituída.

Além disso, é relevante social e cientificamente que haja mais produções sobre os corpos, as experiências, os afetos, as existências, as resistências, as sobrevivências de mulheres negras e periféricas. Eu quero escrever sobre essas vidas e sobre como elas (r)existem apesar das intempéries sociais. Não é “mimimi<sup>4</sup>”, não é vitimismo.

---

<sup>4</sup> “**Mimimi**” é uma gíria que se popularizou na internet, sobretudo junto ao recrudescimento do conservadorismo nos últimos anos. Ela é usada para criticar alguém que está reclamando demais ou “se fazendo de vítima”. No entanto, vemos constantemente pessoas utilizando essa expressão como forma de deslegitimar pautas sociais importantes, que dizem respeito ao direito de existir de outras pessoas, como, por exemplo, racismo, homofobia, entre outras. De acordo com Ribeiro (2019, p. 79), “falar de racismo, opressão de gênero, é visto, geralmente como algo chato, ‘mimimi’ ou outras formas de deslegitimação. A tomada de consciência sobre o que significa desestabilizar a norma hegemônica é vista como inapropriada ou agressiva, porque aí se está confrontando poder”.

As vozes e as vidas de mulheres negras e periféricas importam, tal como a ocupação destas em espaços de produção de conhecimentos legitimados socialmente. Parafraseando uma famosa frase *twittada* em 2015, pela cantora de rock baiana Pitty: “a negra não voltará para a senzala, pois ela é livre para ocupar a universidade!”<sup>5</sup>

Para finalizar esta introdução implicada, apresento a estrutura deste trabalho, dividido em seis capítulos. No “**Capítulo 1 – Corpo negro, negro drama**” apresento as bases teóricas que se entrelaçam nas minhas implicações ao discutir e refletir sobre a condição do corpo negro na sociedade brasileira desde o período colonial, mostrando aspectos sobre a colonialidade do ser, do saber e do poder que repercutem até os dias atuais e influenciam nas relações cotidianas, assim como nas relações que ocorrem no espaço acadêmico, sobretudo diante do entrecruzamento de gênero, raça e classe.

No “**Capítulo 2 – Pesquisadora-folha, pesquisa-furacão**” conto alguns momentos dos bastidores do meu processo de pesquisar: os desafios diante da pandemia por Covid-19, as novas implicações e os atravessamentos na minha aventura pela sociopoética. Também reflito sobre a Universidade Federal do Piauí (UFPI) a partir da minha experiência e da leitura da Pedagogia do Oprimido, de Paulo Freire.

No “**Capítulo 3 – Conexões virtuais no isolamento social**” discorro sobre o processo de formação do grupo-pesquisador, desde a fundamentação teórico-metodológica até a sua materialização nesta pesquisa em tempos pandêmicos. Além disso, descrevo os procedimentos da oficina de negociação, onde as copesquisadoras confirmaram o tema-gerador e se apresentaram por elas mesmas através da técnica “Ressignificando a Máscara”.

No “**Capítulo 4 – Corpos em metamorfose**” relato a experiência da oficina de produção, onde foi usada a técnica “os obstáculos do bicho-(r)existir”, além de mostrar os processos de análise plástica, contra-análise plástica e análise classificatória dos dados.

No “**Capítulo 5 – Identidade e pertencimento na encruzilhada**” exponho as linhas de pensamento e confetos do grupo-pesquisador identificados no processo de estudo transversal, bem como a contra-análise dos dados pelas copesquisadoras.

No “**Capítulo 6 – Que pode o corpo negro e periférico?**” aponto para alguns resultados e reflexões sobre a pesquisa realizada. Não é uma conclusão fechada nem definitiva sobre o assunto, pois espero que muitas outras mulheres negras e periféricas produzam conhecimento acadêmico a partir das suas (r)existências.

---

<sup>5</sup> A frase original do *twitter* diz: “pois eu não volto pra cozinha, nem o negro pra senzala, nem o gay pro armário. o choro é livre ( e nós também) :)))” (PITTY, 2015, *sic*). Disponível em: <https://twitter.com/pitty/status/577481235565568000> Acesso em 19 set. 2019.

## CAPÍTULO 1

### CORPO NEGRO, NEGRO DRAMA



**Figura 01** – Grupo Racionais MC's  
Fonte: gl.globo.com

#### 1.1 O corpo negro na modernidade/colonialidade

Desde o início por ouro e prata  
Olha quem morre, então veja você quem mata  
Recebe o mérito, a farda que pratica o mal  
Me ver pobre, preso ou morto já é cultural  
(*Negro Drama*, Racionais MC's)

O drama do *Negro Drama*, lançado em 2002, no álbum duplo *Nada como um dia após o outro*, é fortemente cantado nos versos e rimas do grupo paulistano de rap Racionais MC's<sup>6</sup>, nas vozes de Edy Rock e Mano Brown, em uma das composições mais famosas da carreira do grupo. Para os cinéfilos de plantão, drama é uma palavra que imediatamente os remete ao universo ficcional, às narrativas encenadas em filmes, séries e novelas, constituindo-se como um gênero no universo dos múltiplos enredos.

---

<sup>6</sup> O quarteto formado por Mano Brown, Edy Rock, Ice Blue e KL Jay compõe o maior grupo brasileiro de rap, Racionais MC's, fundado no final dos anos 1980. Mais sobre a trajetória do grupo disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/grupo636012/racionais-mcs>>. Acesso em 10 nov. 2019.

Mas a história contada aqui, expressa em uma forma de arte, foge de qualquer caráter fictício. O drama do *Negro Drama* é nada mais do que a realidade nua e crua. Toda a música nos leva a refletir a condição histórica e contemporânea do/a negro/a na realidade brasileira, condição esta que não foge da modernidade/colonialidade instituída desde o colonialismo europeu, que no Brasil ganha características especiais na constituição do povo-nação brasileiro, marcado pela miscigenação e o mito da democracia racial.

O trecho da epígrafe foi selecionado pelo forte teor das suas palavras para pensarmos o corpo negro historicamente, desde a inauguração da “descoberta das Américas”, que na perspectiva decolonial passa a ser vista como uma invasão, em busca de ouro e prata, tal como a música enfatiza. A análise realizada por Zeni (2004), do trecho referido de *Negro Drama*, é tão precisa que deve ser citada na íntegra:

É preciso estar atento aos dois lados da carnificina promovida no Brasil: “Olha quem morre, então veja você quem mata”. Desde o início, diz Edy Rock, mata-se por “ouro e prata”, o que evidencia a correspondência com a história do Brasil, lugar onde, desde o início da colonização, houve aprisionamento e abate de carne negra e indígena, justificadas pela sede do capital – às vezes, literalmente, sede de ouro e prata, quando da descoberta do ouro nas Minas Gerais, no final do século XVII, mas também antes, durante o ciclo da cana-de-açúcar, e depois, nas lavouras de café, como atualmente na periferia das grandes cidades, segundo dizem os Racionais. Agora, porém, a violência contra os negros assume um caráter entre moral e selvagem, em que “recebe o mérito a farda que pratica o mal”. A referência à polícia, materializada na palavra “farda”, é evidente, e a frase expõe a situação de convivência e incentivo com que é encarada a violência praticada contra a população pobre (ZENI, 2004, p. 226).

Diante disso, compreendemos que a realidade do corpo negro não pode ser percebida de modo naturalizado, mas é uma questão cultural – e a música também fala isso. Portanto, apresento o *Negro Drama* como um personagem conceitual afetivo cuja trajetória é interlocutora da realidade do corpo negro no Brasil e também representativa para a discussão que aqui pretendo fazer.

Afinal, o ponto de partida para se pensar a realidade de uma mulher negra e periférica, que hoje é estudante na Universidade Federal do Piauí (UFPI), é compreender essa realidade dentro de um panorama mais amplo e histórico, que antecede a sua própria existência e permanece secularmente inerente a ela. É o drama do *Negro Drama* desde o início, sob os moldes da dominação colonial.

O que faz o corpo dessa mulher negra, periférica e universitária ser o que é, percebido como tal, inclusive por vezes demarcado por discriminações, estereótipos e preconceitos, tem seu berço fundante nas raízes da modernidade/colonialidade. Tais termos

são usados juntos para indicar que modernidade (na perspectiva europeia) e colonialidade são faces da mesma moeda, fundamentadas no “descobrimento” e na invenção das Américas no século XVI.

A modernidade nasce de um projeto de governamentalidade que visa o controle da vida e da natureza pelo homem mediante o uso da razão. Nesse sentido, as próprias Ciências Sociais foram criadas como “[...] uma plataforma de observação científica sobre o mundo social que se queria governar” (CASTRO-GÓMEZ, 2000, p. 89, tradução minha).

Comprometida com o projeto de modernidade e com a execução de programas governamentais, as Ciências Sociais são necessárias ao ajuste da vida à produção. “O Estado, por sua vez, define suas políticas governamentais a partir desta normatividade cientificamente legitimada” (CASTRO-GÓMEZ, 2000, p. 89, tradução minha) e cria perfis de subjetividade estatalmente coordenados, o que pode ser chamado de invenção do outro.

É através da invenção do outro pela Europa, desde a formação jurídico-política do cidadão até a sua distinção perante as alteridades, na criação de novas identidades sociais e geoculturais durante o processo de expansão imperialista, que são formadas relações intersubjetivas de dominação eurocêntrica, o cerne do que vem a ser chamado de modernidade (CASTRO-GÓMEZ, 2000; QUIJANO, 2007).

A modernidade é apresentada da seguinte forma por Dussel (2000 *apud* Ballestrin, 2013): a civilização moderna (eurocêntrica) se autodescreveu como superior, obrigando o desenvolvimento unilinear dos povos considerados, por ela, primitivos. A oposição criada entre bárbaros e processo civilizador foi o que justificou o uso da violência, onde a produção de vítimas era considerada um ato inevitável. O “bárbaro” foi culpabilizado por sua oposição ao processo civilizador, eximindo a “modernidade” da culpa pela produção de vítimas. Por fim, o caráter civilizatório da modernidade apresenta como inevitável os custos da “modernização” dos povos “atrasados”.

Sendo assim, a concepção de humanidade eurocêntrica que se cria é baseada em diferenças como “inferiores e superiores, irracionais e racionais, primitivos e civilizados, tradicionais e modernos” (QUIJANO, 2007, p. 95, tradução minha), que classifica socialmente os indivíduos e os insere sob um mesmo padrão de dominação hegemônico, caracterizado pelo disciplinamento, regulação, vigilância e violência, ou seja, como indica Maldonado-Torres (2007), a não-ética da guerra naturalizada.

Outro aspecto imprescindível dessa discussão é que a modernidade se constrói como um mito que oculta a colonialidade. Este entendimento, assim como as percepções sobre a modernidade já apresentadas, é fruto das reflexões de um diverso grupo de teóricos,

posteriormente denominado Grupo Modernidade/Colonialidade, que foi fundamental para a renovação crítica e utópica das Ciências Sociais na América Latina no século XXI através da radicalização do argumento pós-colonial no continente com a noção de “giro decolonial” (BALLESTRIN, 2013).

O termo “giro decolonial”, por sua vez, foi cunhado em 2005 e “[...] significa o movimento de resistência teórico e prático, político e epistemológico, à lógica da modernidade/colonialidade” (BALLESTRIN, 2013, p. 105). Sobre o conceito de colonialidade, valioso para esta discussão, nós podemos entendê-lo da seguinte forma:

A colonialidade é um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial de poder capitalista. Se funda na imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo como pedra angular do dito padrão de poder, e opera em cada um dos planos, âmbitos e dimensões, materiais e subjetivas, da existência cotidiana e a escala social. Origina-se e mundializa-se a partir da América. Com a constituição da América (Latina), no mesmo momento e no mesmo movimento histórico, o emergente poder capitalista se faz mundial, seus centros hegemônicos se localizam nas zonas situadas sobre o Atlântico – que depois se identificarão como Europa –, e como eixos centrais do seu novo padrão de dominação se estabelecem também a colonialidade e a modernidade. Em outras palavras: com a América (Latina) o capitalismo se faz mundial, eurocentrado e a colonialidade e a modernidade se instalam, até hoje, como os eixos constitutivos deste específico padrão de poder (QUIJANO, 2007, p. 93-94, tradução minha).

No entanto, é importante compreender que os termos colonialidade e colonialismo, que têm a mesma raiz gramatical, pertencendo à mesma família, se diferenciam na prática para além de aspectos linguísticos, como também políticos, sociais, epistêmicos e ontológicos. Segundo Maldonado-Torres (2007):

Colonialidade não significa o mesmo que colonialismo. Colonialismo denota uma relação política e econômica, na qual a soberania de um povo reside no poder de outro povo ou nação, o que constitui a tal nação em um império. Diferente desta ideia, a colonialidade se refere a um padrão de poder que emergiu como resultado do colonialismo moderno, mas que em vez de estar limitado a uma relação formal de poder entre dois povos ou nações, refere-se ao modo como o trabalho, o conhecimento, a autoridade e as relações intersubjetivas se articulam entre si, através do mercado capitalista mundial e da ideia de raça. Assim, pois, ainda que o colonialismo preceda a colonialidade, a colonialidade sobrevive ao colonialismo (MALDONADO-TORRES, 2007, p. 131, tradução minha).

A colonialidade, portanto, é consequência do colonialismo, é aquilo que se manteve após o período histórico de exploração, dominação e escravidão colonial. Enquanto mecanismo de poder, ela configura a sociedade, as práticas e percepções dos sujeitos no mundo, estabelecendo hierarquias e classificações sociais.

Verifica-se então a existência de uma estrutura opressora em forma de tripé: a colonialidade do poder (quem tem ou não poder), do saber (quais conhecimentos são ou não legítimos) e do ser (que sujeitos são ou não importantes), que atualiza a continuidade da colonização e do imperialismo mesmo nos dias atuais (BALLESTRIN, 2013).

A descolonização surge como um enfrentamento a essa lógica, “[...] é a resposta necessária tanto às falácias e ficções das promessas de progresso e desenvolvimento que a modernidade contempla, como à violência da colonialidade (MIGNOLO, 2017, p. 13)”. Nesse sentido, modernidade/colonialidade/descolonialidade expressam um só conceito para um conjunto complexo de relações de poder. Posteriormente, o termo “descolonização” passa a ser chamado de “decolonização” – rememoremos o giro decolonial brevemente supracitado. Ele vem da implicação de que o mundo não foi completamente descolonizado.

A primeira descolonização (iniciada no século XIX pelas colônias espanholas e seguida no século XX pelas colônias inglesas e francesas) foi incompleta, já que se limitou à independência jurídico-política das periferias. Em vez disso, a segunda descolonização – a qual nós aludimos com a categoria *decolonialidade* – terá que dirigir-se à heterarquia das múltiplas relações raciais, étnicas, sexuais, epistêmicas, econômicas e de gênero que a primeira descolonização deixou intactas. Como resultado, o mundo desde o começo do século XXI necessita de uma *decolonialidade que complemente a descolonização* realizada nos séculos XIX e XX. Ao contrário dessa descolonização, a decolonialidade é um processo de resignificação a longo prazo, que não se pode reduzir a um acontecimento jurídico-político (CASTRO-GÓMEZ e GROSFUGUEL, 2007, p. 17, grifos dos autores, tradução minha).

Diante de todos os entendimentos já apontados, compreende-se que é no contexto da modernidade/colonialidade que são criadas as condições de racialização do corpo negro, atribuindo-o como inferior para justificar a sua escravização. Como já citado com base em Quijano (2007), a classificação racial/étnica dos sujeitos é uma pedra angular, que constitui a base da dominação e exploração modernas, e está intrinsecamente relacionada à colonialidade do ser, a qual se refere “[...] à experiência vivida da colonização e seu impacto na linguagem” (MALDONADO-TORRES, 2007, p. 130).

De acordo com Almeida (2019), a noção de raça é ligada ao ato de estabelecer classificações. Ele afirma que o conceito de raça é relacional e histórico e por trás dele há conflito, poder e tomada de decisões. Através da criação das novas identidades e da classificação social hierárquica dos sujeitos desde o período colonial ocorre o que Maldonado-Torres (2007) vem a chamar de heterogeneidade colonial, ou seja, a adoção de diferentes formas de subalternização e desumanização com base na ideia de raça.

Conforme Maldonado-Torres (2007, p. 134), “[...] o bárbaro havia adquirido novas conotações na modernidade. O bárbaro era agora um sujeito racializado. E o que caracterizava esta racialização era um questionamento radical ou uma suspeita permanente sobre a humanidade do sujeito em questão”.

O conceito de raça foi sendo forjado desde meados do século XVI com a expansão econômica e mercantilista, que provocou o encontro de povos e culturas diferentes, passando pelo desenvolvimento da filosofia moderna impulsionada pelo projeto iluminista nos séculos XVII e XVIII, tendo o homem como principal objeto de estudo. Aqui, “[...] a classificação de seres humanos serviria, mais do que para o conhecimento filosófico, como uma das tecnologias do colonialismo europeu para a submissão e destruição de populações das Américas, da África, da Ásia e da Oceania” (ALMEIDA, 2019, p. 28).

A ciência positivista se insere nessa perspectiva transformando o homem em objeto científico. Surgem as ideias de determinismo biológico e determinismo geográfico, para as quais “[...] a pele não branca e o clima tropical favoreceriam o surgimento de *comportamentos imorais, lascivos e violentos*, além de indicarem *pouca inteligência*” (ALMEIDA, 2019, p. 29, grifos do autor), o que justificaria o racismo científico propagado com prestígio no século XIX, época em que ocorre o neocolonialismo, com a invasão e divisão do território africano.

“Ideologicamente, o neocolonialismo assentou-se no discurso da *inferioridade racial dos povos colonizados* que, segundo seus formuladores, estariam fadados à desorganização política e ao subdesenvolvimento” (ALMEIDA, 2019, p. 30, grifos do autor). Vemos, então, como a raça, mais do que um conceito biológico, é político.

Embora o significado de raça tenha mudado no decorrer dos séculos, se assemelha e predomina a ideia da raça com os graus de humanidade adotados sobre os sujeitos. Através do questionamento da humanidade dos sujeitos racializados, a escravidão foi naturalizada, justificada pela constituição biológica e ontológica de sujeitos e povos. A guerra, a conquista e o genocídio destes mesmos sujeitos e povos tornam-se um imperativo para que estes assumam a posição de escravos e servos – é a não-ética da guerra naturalizada e radicalizada que produziu o racismo moderno (MALDONADO-TORRES, 2007).

De acordo com Maldonado-Torres (2007, p. 140), “o racismo se trata, pois, fundamentalmente, de manter uma ordem regida por uma naturalização da não-ética da guerra, da conquista e da colonização”, que marca a experiência dos sujeitos racializados através da violência, da violação dos seus corpos e da morte.

Em um dos trechos de *Negro Drama* é dito que “pra quem vive na guerra, a paz nunca existiu”. Esse é um relato explícito da continuidade da violência das relações coloniais nos dias atuais, que reverbera no cotidiano e nos corpos dos sujeitos que a vivencia. Sobre isso, evoco a discussão provocada pelas epistemologias do Sul, tendo como porta-voz Santos (2018), quando refere que interessa a essas epistemologias três tipos de corpos: o corpo moribundo, o corpo sofredor e o corpo jubiloso. De acordo com o autor, “estes corpos explicam as principais condensações do impacto de relações sociais iníquas sobre corpos racializados, sexualizados e mercantilizados” (SANTOS, 2018, p. 162).

*O corpo moribundo* é o corpo do fim provisório da luta. Mas é igualmente, quase sempre, o corpo que continua a lutar noutro corpo vivo que luta. [...] O corpo moribundo pode estar directamente envolvido na luta ou pode, em vez disso, constituir uma das suas referências. [...] O *corpo sofredor* [...] se trata do corpo que sobrevive e persevera na luta apesar do sofrimento. As epistemologias do Sul referem-se a dois tipos de sofrimento: o sofrimento injusto causado pela opressão; o sofrimento auto-imposto (por exemplo, a greve de fome) integrado em actos de resistência e de luta na expectativa de pôr um fim ao sofrimento injusto (SANTOS, 2018, p. 162, grifos do autor).

Consigo identificar na música do *Negro Drama* estes dois corpos. O *Negro Drama* é por excelência o corpo vivo que agoniza, mas que luta trazendo consigo a força dos seus ancestrais e dos seus “truta de batalha”, reconhecendo a sua própria condição cultural e a veracidade da sua história, ao dizer que prefere contar uma história real e que “a alma guarda o que a mente tenta esquecer”.

O *Negro Drama* também é o corpo sofredor, que diz que carrega um trauma “pra não ser mais um preto fudido”, mencionando “o drama da cadeia e favela”, “túmulo, sangue, sirene, choros e velas”, mas mesmo assim persevera na luta sendo um “exemplo de vitórias, trajetos e glórias”, “renascendo das cinzas”, “firme e forte, guerreiro de fé”. Ao mesmo tempo, observo aspectos do corpo jubiloso no *Negro Drama*.

[...] o *corpo jubiloso* [...] se regozija com o prazer, a festa, o riso, a dança, o canto, o erotismo, tudo em celebração da alegria do corpo. As lutas sociais não são apenas morte e sofrimento, são também alegria e júbilo, felicidade com as vitórias, sejam grandes ou pequenas, durante as pausas para recuperar as forças, ou mesmo em momentos difíceis para revivificar o espírito e continuar a luta (SANTOS, 2018, p. 165, grifos do autor).

A própria música *Negro Drama* que utilizo como referência e com a qual dialogo neste capítulo é uma expressão do corpo jubiloso. Ao narrar uma realidade vivenciada, o drama do *Negro Drama*, o grupo Racionais MC's transforma o sofrimento em arte, em

canto, possibilitando que outros corpos possam se regozijar seja pela identificação com a letra ou com a felicidade de ver sujeitos negros fazendo sucesso ao ressignificar suas trajetórias. Sem sombra de dúvidas, essa música é não só uma forte denúncia, mas nos estimula e nos inspira a refletir sobre a sociedade.

Portanto, entender os conceitos apresentados ao longo desse tópico é fundamental para hoje compreendermos o nosso – e aqui eu me incluo – lugar no mundo enquanto corpos negros que, contrariando a colonialidade do ser e do saber, também somos importantes e produzimos conhecimento.

Ao considerarmos a história sob a nossa perspectiva, de forma decolonial, podemos adequar as nossas pesquisas acadêmicas para o nosso lugar de fala, escrevendo e reescrevendo nossas vivências, afinal, se é na linguagem que o racismo se constitui, é na linguagem que enfrentamos o racismo.

O *Negro Drama* não é apenas drama, sofrimento e tragédia, mas também sujeito da sua história, capaz de escrevê-la e reescrevê-la, carregando consigo afetos e sentimentos, ocupando espaços impensados por muitos de seus ancestrais e abrilhantando o mundo com saberes, cosmologias e grandes feitos.

## 1.2 A produção de conhecimentos pelo corpo negro

Problema com escola, eu tenho mil, mil fita  
 Inacreditável, mas seu filho me imita  
 No meio de vocês ele é o mais esperto  
 Ginga e fala gíria; gíria não, dialeto  
 (*Negro Drama*, Racionais MC's)

O corpo negro foi classificado, inferiorizado, desunamizado, escravizado e subalternizado através do processo de racialização na modernidade/colonialidade. Sob este corpo foram impostas condições de existência e não-existência marcadas pela dor e pelo trauma. A dor causada pela violência e a morte.

O trauma de jazer na posição de outridade em relação ao sujeito branco, o “[...] traumatizante contato com a violenta barbaridade do mundo *branco*, que é a irracionalidade do racismo que nos coloca sempre como a/o ‘*Outra/o*’, como diferente, como incompatível, como conflitante, como estranha/o e incomum” (KILOMBA, 2019, p. 40, grifos da autora). Ou como canta o *Negro Drama*, “a ferida, a chaga, à procura da cura”.

É na invenção do outro, na instauração da outridade pelos sujeitos brancos e europeus, que se firma o tripé da colonialidade. Do aspecto psicológico, Kilomba (2019) afirma que a branquitude se constrói em oposição e exploração da negritude como outridade, sendo a identidade branca dependente da forma como vê e percebe a identidade negra em relação com ela. É a criação do outro pela psique em antagonismo ao eu, ou seja, a projeção de si (o sujeito branco) sobre o outro (o sujeito negro). Dito de outra forma:

No mundo conceitual *branco*, o *sujeito negro* é identificado como o *objeto "ruim"*, incorporando os aspectos que a sociedade branca tem reprimido e transformando em tabu, isto é, agressividade e sexualidade. Por conseguinte, acabamos por coincidir com a ameaça, o perigo, o violento, o excitante e também o sujo, mas desejável – permitindo à branquitude olhar para si como moralmente ideal, decente, civilizada e majestosamente generosa, em controle total e livre da inquietude que sua história causa (KILOMBA, 2019, p. 37, grifos da autora).

Ao se colocar como referência normativa no mundo, “a civilização branca, a cultura europeia, impuseram ao negro um desvio existencial” (FANON, 2008, p. 30). Nesse sentido, Maldonado-Torres (2007) analisa a máxima cartesiana histórica e filosófica do “*cogito ergo sum*”, traduzido “penso, logo sou”, indicando que na colonialidade do ser enquanto o europeu conquistador pensa e é, considera que há outros que não pensam, logo não são ou estão desprovidos do ser, não deveriam existir.

A formulação cartesiana privilegia a epistemologia, que simultaneamente esconde, não só a pergunta sobre o ser (o “sou”), mas também a colonialidade do conhecimento (outros não pensam). *O privilégio do conhecimento na modernidade e a negação das faculdades cognitivas nos sujeitos racializados oferecem a base para a negação ontológica*. No contexto de um paradigma que privilegia o conhecimento, a desqualificação epistêmica se converte em um instrumento privilegiado da negação ontológica ou da subalternização. “Outros não pensão, logo não são”. *Não pensar se converte em sinal de não ser na modernidade* (MALDONADO-TORRES, 2007, p. 145, grifos meus, tradução minha).

Ao negar a epistemologia e ontologia dos sujeitos racializados, o sujeito branco passa a ter controle sobre o sujeito negro e seu corpo, sendo a boca o órgão da opressão por excelência. De acordo com Kilomba (2019, p. 33, grifos da autora), a máscara do silenciamento, tanto como instrumento concreto quanto ideológico, “[...] simboliza políticas sádicas de conquista e dominação e seus regimes brutais de silenciamento das/os chamadas/os ‘*Outras/os*’”, sendo a boca uma metáfora também para posse.

É importante observar que o silenciamento ocorre não apenas pela não fala do sujeito negro, mas também pela não escuta do sujeito branco, que se recusa a ouvir o sujeito

negro. Esta dialética entre falar e ouvir/silenciar é atravessada pelos diferentes mecanismos de defesa do ego, sendo a negação utilizada para “[...] manter e legitimar estruturas violentas de exclusão racial” (KILOMBA, 2019, p. 34), recusando-se a conhecer a verdade.

A negação dos pensamentos, experiências e sentimentos é impeditiva da fala dos sujeitos negros desde o regime colonial até os dias atuais, onde o racismo moderno é vigente de forma estrutural (ALMEIDA, 2019) e se desenvolve como processo psicológico que afeta sujeitos negros, como podemos apreender com Fanon (2008) e Kilomba (2019).

É por causa de tudo o que já foi dito que o trecho da música do *Negro Drama* citado no início desse tópico saltou diante dos meus olhos como ilustrativo desse processo de negação da produção de conhecimentos, subjetividades e modos de ser/viver do corpo negro. Ao referir-se à fala do corpo negro como “gíria” e a sua reprodução pelo corpo branco como “dialeto” percebe-se a dissociação da branquitude daquilo que é negro, além da tentativa de rebuscar o que foi produzido pelo corpo negro, como se nele precisasse imprimir uma marca superior (o processo civilizador em outros termos).

Ao se colocar como norma, como sujeito em primeira instância, detentor de saberes e poderes, o sujeito branco não se permite ter o mesmo *status* que o sujeito negro outrificado e despersonalizado. O sujeito branco precisa se colocar em evidência e como ser especial mesmo que esteja imitando o sujeito negro.

E é por isso que assistimos episódios de apropriação cultural de negros por brancos em que o produto originalmente negro é bem mais visto quando usado pelo sujeito branco, a exemplo de tranças e *dreads* no cabelo ou turbantes e acessórios tradicionais de culturas africanas. A branquitude os desmarginaliza, como quando passa a chamar a gíria do *Negro Drama* de dialeto. Do meu ponto de vista, isso é uma forma de subalternização.

Além disso, quando falamos sobre subalternização, silenciamento e negação, temos dois fenômenos extremamente importantes: o genocídio e o epistemicídio. Eu já havia apenas mencionado o primeiro termo, como este se entrelaça com a não-ética da guerra na dominação e exploração do corpo negro, mas não me aprofundi.

Nascimento (2016) se propõe a discutir o genocídio do negro brasileiro sob múltiplas faces e como este se configura em um processo de racismo mascarado. O autor inicia sua obra trazendo dois verbetes sobre o significado da palavra genocídio. Resumindo-os, genocídio é o extermínio deliberado e sistemático de um grupo racial, político ou cultural a partir da negação do direito de existir desse grupo.

Claro que o processo de genocídio e racismo contra o negro não ocorreu apenas no Brasil, mas em nosso território este processo assume um caráter muito particular, devido ao seu mascaramento pelo mito da democracia racial.

Devemos compreender “democracia racial” como significando a metáfora perfeita para designar o racismo estilo brasileiro: não tão óbvio como o racismo dos Estados Unidos e nem legalizado qual o *apartheid* da África do Sul, mas institucionalizado de forma eficaz nos níveis oficiais de governo, assim como difuso e profundamente penetrante no tecido social, psicológico, econômico, político e cultural da sociedade do país. Da classificação grosseira dos negros como selvagens e inferiores, ao enaltecimento das virtudes da mistura de sangue como tentativa de erradicação da “mancha negra”; da operatividade do “sincretismo” religioso à abolição legal da questão negra através da Lei de Segurança Nacional e da omissão censitária – manipulando todos esses métodos e recursos – a história não oficial do Brasil registra o longo e antigo genocídio que se vem perpetrando contra o afro-brasileiro (NASCIMENTO, 2016, p. 111).

Dito isto, é possível perceber que há diversas estratégias que podem ser usadas para alimentar o “[...] racismo arianista que se propunha erradicar o negro” (NASCIMENTO, 2016, p. 85), para além da violência mortífera escancarada. Afinal, o conceito de genocídio abrange mais do que assassinato e tem no processo de embranquecimento do povo brasileiro, através da miscigenação racial, uma das suas maiores armas.

A sociedade dominante no Brasil praticamente destruiu as populações indígenas que um dia foram majoritárias no país; essa mesma sociedade está às vésperas de completar o esmagamento dos descendentes africanos. As técnicas usadas têm sido diversas, conforme as circunstâncias, variando desde o mero uso das armas, às manipulações indiretas e sutis que uma hora se chama *assimilação*, outra hora *aculturação* ou miscigenação; outras vezes é o apelo à unidade nacional, à ação civilizadora, e assim por diante (NASCIMENTO, 2016, p. 131, grifos do autor).

Dentre estas armas de genocídio, surge um desdobramento: o epistemicídio – termo cunhado por Santos (2009), referindo-se à destruição de conhecimentos e culturas que foram colonizadas pelos brancos ocidentais. Este termo é caro à nossa discussão sobre a produção de conhecimentos pelo corpo negro, posto que na colonização e na colonialidade estes corpos são considerados inferiores, até mesmo não humanizados. De acordo com Santos (2009), o projeto homogeneizante da missão colonizadora sobre o mundo desperdiçou experiência social e reduziu a diversidade epistemológica, cultural e política.

Na medida em que sobreviveram, essas experiências e essa diversidade foram submetidas à norma epistemológica dominante: foram definidas (e, muitas vezes, acabaram-se auto-definindo) como saberes locais e contextuais apenas utilizáveis em duas circunstâncias: como matéria prima para o avanço do conhecimento científico; como instrumentos de governo indirecto, inculcando nos povos e

práticas dominadas a ilusão credível de serem auto-governados. A perda de uma auto-referência genuína não foi apenas uma perda gnoseológica, foi também, e sobretudo, uma perda ontológica: saberes inferiores próprios de seres inferiores (SANTOS, 2009, p. 10).

É intrínseca a articulação entre epistemologia e ontologia, configurando o epistemicídio como uma forma de racismo e também de assassinato simbólico e direto de corpos negros. A matéria escrita por Borges (2017) traz desde o seu título que epistemicídio é quando a morte começa antes do tiro, diante do apagamento de referenciais africanos e afro-brasileiros, constituindo assim um genocídio simbólico desses povos.

Borges (2017) menciona a fala de KL Jay, o DJ dos Racionais MC's, em uma entrevista na qual ele afirma que “a maioria dos negros assassinados não tiveram acesso ao ensino e têm baixa autoestima” e que “se a sua mente já está morta, o seu corpo ir embora é muito mais fácil”. Essa é uma das estratégias do epistemicídio: ao assegurar o monopólio de conhecimento aos homens brancos ocidentais, impede que homens e mulheres negras tenham acesso ao básico, desqualificando seus conhecimentos e vivências.

Na sociedade brasileira “[...] o fator racial determina a posição social e econômica” (NASCIMENTO, 2016, p. 101) a ponto de ser notável que “pobreza tem cor no Brasil” (CARNEIRO, 2011, p. 57) e essa cor é o tempo todo associada a coisas ruins e negativas, como estou apontando no decorrer do trabalho. Certamente é muito difícil ter autoestima, saúde mental ou qualidade de vida quando a todo o momento lhe reduzem a espaços e lugares de subordinação e inferioridade, seja pela sua aparência ou por quem você é.

Embora na modernidade/colonialidade o subalterno não possa falar, “[...] grupos subalternos – colonizados – não têm sido nem vítimas passivas nem tampouco cúmplices voluntárias/os da dominação” (KILOMBA, 2019, p. 49), as resistências existem e outras formas de conhecimento foram e são produzidas.

É importante lembrarmos que a produção de conhecimentos está diretamente relacionada à sua finalidade. Se o projeto de modernidade busca o controle da vida e da natureza, o conhecimento também serve a tal fim. Na inferiorização e racialização dos corpos negros, por exemplo, o saber é inerente ao ser e é utilizado como ferramenta desta dominação/exploração.

Mas se pensarmos em um dos pilares da produção de conhecimento socialmente legitimado, a universidade, o que verificaremos sobre suas relações com a modernidade/colonialidade? Ora, a universidade é o campo de produção do saber que é foco nesse trabalho, então me interessa saber como o conhecimento é hoje produzido pelas

universidades, onde estudam as sujeitas com quem pretendo pesquisar. Pode a/o subalterna/o falar nesse espaço? Como o corpo negro produz conhecimento na Academia?

O primeiro aspecto dessa discussão está relacionado à continuidade da reprodução da estrutura triangular da colonialidade (do ser, saber e poder), pois a universidade reitera a visão de mundo vigente, sendo isso o que Castro-Gómez (2007) denomina de “hybris do ponto zero”. Na modernidade, a legitimação do saber é vinculada à sua institucionalização na universidade, logo a universidade é um lugar privilegiado de produção de conhecimentos, ainda hoje reconhecida como tal.

A hybris do ponto zero diz respeito, portanto, a um modelo epistêmico desdobrado pela modernidade, reproduzido pelas universidades através do pensamento disciplinar e da sua estrutura arbórea que compreende não só a produção epistêmica como também a estrutura departamental dos seus programas (CASTRO-GÓMEZ, 2007).

A crítica que Castro-Gómez (2007) faz sobre o modelo epistêmico das universidades é muito pertinente para refletirmos sobre a produção de conhecimentos, e ainda mais especificamente sobre esta produção por sujeitos negros. O autor aponta para a fragmentação da realidade através das disciplinas, que enfatiza o estudo de uma só parte em detrimento da sua conexão com todas as partes.

Ao se traçar linhas fronteiriças entre os âmbitos do conhecimento, as disciplinas produzem suas próprias origens (pais fundadores e mitologias) e materializam seus cânones. “Os cânones são dispositivos de poder que servem para ‘fixar’ os conhecimentos em certos lugares, fazendo-los facilmente identificáveis e manipuláveis” (CASTRO-GÓMEZ, 2007, p. 84, tradução minha).

Além disso, a estrutura departamentalizada que existe na maioria das universidades (divisão em faculdades, departamentos e programas), converte essas faculdades em “[...] uma espécie de lares de refúgio para as epistemes” (CASTRO-GÓMEZ, 2007, p. 84, tradução minha), nas quais existem especialistas pertencentes a cada uma das disciplinas. Desta forma, segundo Castro-Gómez (2007), os professores são como prisioneiros de uma estrutura universitária essencialmente fraturada, sem poder ir de um departamento a outro.

Nesse mesmo escopo, no âmbito da globalização e da planetarização de uma economia capitalista, a universidade passa a fazer parte dos imperativos do mercado global, sendo o seu conhecimento produzido para o mercado. De acordo com Castro-Gómez (2007, p. 85, tradução minha), “[...] a universidade deixa de ser o âmbito no qual o conhecimento reflete sobre si mesmo”. Ainda segundo o autor:

[...] a universidade é ‘fatorada’, quer dizer, se converte em uma universidade corporativa, em uma empresa capitalista que já não serve mais ao progresso material da nação nem ao progresso moral da humanidade, mas sim à planetarização do capital. O conhecimento científico [...] já não é legitimado por sua utilidade para a nação nem para a humanidade, mas sim por sua *performatividade*, quer dizer, por sua capacidade de gerar determinados efeitos de poder. [...] Os professores universitários se veem forçados a investigar para gerar conhecimentos que podem ser úteis a *biopolítica global* na sociedade do conhecimento (CASTRO-GÓMEZ, 2007, p. 85, grifos do autor, tradução minha).

A análise de Castro-Gómez (2007) sobre as universidades indica exatamente que o ponto zero é “[...] a dimensão epistêmica do colonialismo, o qual não deve ser entendido como uma simples prolongação ideológica ou ‘superestrutural’ do mesmo [...], mas sim como um elemento pertencente a sua ‘infraestrutura’, quer dizer, como algo *constitutivo*” (CASTRO-GÓMEZ, 2007, p. 88, grifo do autor, tradução minha).

Dito isto, é importante que seja desmistificada a produção de conhecimentos pela Academia, pois se a mesma reproduz a colonialidade que ainda existe na realidade não pode falar de um conhecimento universal, objetivo e neutro, tal como pretende a Ciência Moderna e mesmo as Ciências Sociais no seu nascedouro.

Nesse sentido, Kilomba (2019) mostra que além da universalidade, objetividade e neutralidade serem mitos na produção acadêmica, estes mitos se entrelaçam com poder racial ao deslegitimar as narrativas de teóricas/os negras/os, mantendo hierarquias raciais e preservando a supremacia branca.

Quando elas/eles [sujeitos brancos] falam é científico, quando nós [sujeitos negros] falamos é acientífico.

universal / específico;  
 objetivo / subjetivo;  
 neutro / pessoal;  
 racional / emocional;  
 imparcial / parcial;  
 elas/eles têm fatos / nós temos opiniões;  
 elas/eles têm conhecimento / nós temos experiências (KILOMBA, 2019, p. 52).

Essas dicotomias hierarquizantes, portanto, opõem níveis de legitimidade entre o conhecimento produzido por brancos e negros. Os mitos da universalidade, objetividade e neutralidade são criados apenas para validar o conhecimento da branquitude, que sempre foi privilegiada na sua metanarrativa moderna, em detrimento da negritude, afinal:

[...] as estruturas de validação do conhecimento, que definem o que é erudição “de verdade” e “válida”, são controladas por acadêmicas/os brancas/os. Ambos, homens e mulheres, que declaram suas perspectivas como condições universais. Enquanto posições de autoridade e comando na academia forem negadas às

peças *negras* e às *People of Color* (PoC) a ideia sobre o que são ciência e erudição prevalece intacta, permanecendo “propriedade” exclusiva e inquestionável da branquitude. Portanto, o que encontramos na academia não é uma verdade objetiva científica, mas sim o resultado de relações desiguais de poder de “raça” (KILOMBA, 2019, p. 53, grifos da autora).

Além disso, não podemos esquecer o impacto que o racismo produz na realidade dos sujeitos negros, provocando-lhes experiências completamente diferentes dos sujeitos brancos. É através dessa diferença que os conhecimentos produzidos pelo corpo negro acerca da sua realidade podem ser deslegitimados, pois “os temas, paradigmas e metodologias utilizados para explicar tais realidades podem diferir dos temas, paradigmas e metodologias das/os dominantes. Essa ‘diferença’, no entanto, é distorcida do que conta como conhecido válido (KILOMBA, 2019, p. 54, grifos da autora).

Grosfoguel (2016, p. 28) também chama a atenção para o fato de que “as estruturas fundacionais do conhecimento das universidades ocidentalizadas são epistemicamente racistas e sexistas ao mesmo tempo”. Dessa forma, raça e gênero entrecruzam-se no epistemicídio da modernidade/colonialidade.

Em sua profunda investigação, Grosfoguel (2016) apresenta as raízes da formação das estruturas epistêmicas racistas e sexistas que configuram as universidades ocidentalizadas, identificando-as nos quatro genocídios/epistemicídios que ocorreram ao longo do século XVI:

1. contra os muçulmanos e judeus na conquista de Al-Andalus em nome da “pureza do sangue”;
2. contra os povos indígenas do continente americano, primeiro, e, depois, contra os aborígenes na Ásia;
3. contra africanos aprisionados em seu território e, posteriormente, escravizados no continente americano; e
4. contra as mulheres que praticavam e transmitiam o conhecimento indo-europeu na Europa, que foram queimadas vivas sob a acusação de serem bruxas. (GROSFOGUEL, 2016, p. 31)

Todos esses genocídios/epistemicídios tiveram como base a filosofia cartesiana e sua lógica do “*cogito ergo sum*” (sobre as quais já pontuei), ancoradas no cristianismo enquanto projeto ideológico dominante, o qual reproduzia um discurso de racismo religioso que opunha “povos com religião e com alma” *versus* “povos sem religião e sem alma” (GROSFOGUEL, 2016), dessa forma justificando a escravidão e o genocídio/epistemicídio. “A lógica da argumentação era a seguinte: 1. se você não tem uma religião, você não tem

um Deus; 2. se você não tem um Deus, você não tem uma alma; e, por fim, 3. se você não tem uma alma não é humano, mas animal” (GROSFOGUEL, 2016, p. 37).

O discurso biológico racista atualiza o discurso religioso, mantendo os sujeitos que estão sob sua mira em posição inferior ontológica e epistemicamente, incapacitando-os e invalidando-os como seres humanos e como produtores de conhecimento. Revisitando o genocídio/epistemicídio dos povos africanos que foram escravizados, estes:

[...] eram proibidos de pensar, rezar ou de praticar suas cosmologias, conhecimentos e visão de mundo. Estavam submetidos a um regime de racismo epistêmico que proibia a produção autônoma de conhecimento. A inferioridade epistêmica foi um argumento crucial, utilizado para proclamar uma inferioridade social biológica, abaixo da linha da humanidade. A ideia racista preponderante no século XVI era a de “falta de inteligência” dos negros, expressa no século XX como “os negros apresentam o mais baixo coeficiente de inteligência” (GROSFOGUEL, 2016, p. 41).

Já no caso do genocídio/epistemicídio de mulheres acusadas de bruxaria, destaco-o devido ao caráter de gênero da sua violência, que também aconteceu de diversas formas nos outros genocídios/epistemicídios, mas aqui se escancara enquanto um esforço direto e mortífero de silenciar o conhecimento produzido por mulheres, que era repassado de geração a geração, pela tradição oral (GROSFOGUEL, 2016).

Milhões de mulheres foram queimadas vivas, acusadas de bruxaria, ainda nos primórdios da Modernidade. Dadas as suas qualidades de autoridade e liderança, os ataques constituíram uma estratégia de consolidação do patriarcado centrado na cristandade, que também destruiu formas autônomas e comunais de relação com a terra. A Inquisição foi a vanguarda dos ataques. A acusação era um ataque a milhares de mulheres, cuja autonomia, liderança e conhecimento ameaçavam o poder da aristocracia, que se tornava a classe capitalista transnacional tanto nas colônias quanto na agricultura europeia (GROSFOGUEL, 2016, p. 42)

A investigação realizada por Grosfoguel (2016) nos permite compreender que foi esta postura autoproclamada superior do homem branco ocidental cristão, articulada ao processo de acumulação global capitalista, que produziu as condições dos quatro genocídios/epistemicídios, consolidando estruturas epistêmicas em escala mundial.

Quando, no século XVII, Descartes escreveu “penso, logo existo”, em Amsterdã, no “senso comum” de seu tempo, o “Eu” não poderia ser um africano, um indígena, um muçulmano, um judeu ou uma mulher (ocidental ou não ocidental). Todos estes sujeitos eram considerados “inferiores” ao longo da estrutura de poder global, racial e patriarcal e seu conhecimento considerado inferior, resultando nos quatro genocídios/epistemicídios do século XVI. O único ser dotado de uma *episteme* superior era o homem ocidental (GROSFOGUEL, 2016, p. 42-43).

Apesar das universidades ocidentalizadas internalizarem essas estruturas desde o início, tornando bem sucedido o projeto colonial ocidental de genocídio/epistemicídio, houve falhas em alguns espaços (GROSFOGUEL, 2016), constituindo rotas alternativas na produção de conhecimentos que seguem (r)existindo nas linhas e entrelinhas do “sistema-mundo” e da “economia-mundo” capitalista (WALLERSTEIN, 1999).

O pensamento de indígenas, muçulmanos, judeus, negros e mulheres críticos deste projeto continua vivo, ao lado do pensamento de outros críticos do Sul. Após 500 anos de colonização do saber, não existe qualquer tradição cultural ou epistêmica, em um sentido absoluto, que esteja fora da Modernidade eurocêntrica. Tudo foi afetado pela Modernidade eurocêntrica e muitos aspectos do eurocentrismo foram engessados nessas novas epistemologias. Entretanto, isto não significa que cada tradição está contida, em um sentido absoluto, e que não há uma saída da epistemologia ocidental. Ainda existem perspectivas epistêmicas não ocidentais, que guardam uma *exterioridade relativa* da Modernidade eurocêntrica. Elas foram afetadas pelo genocídio/epistemicídio, mas não foram completamente destruídas (GROSFOGUEL, 2016, p. 44, grifos do autor).

Quando desde a adolescência passei a me identificar com o feminismo, mesmo sem conhecê-lo teoricamente e suas múltiplas vertentes, sabia que muitas mulheres haviam lutado antes de mim para que eu pudesse chegar onde havia chegado, dentre elas minha própria mãe, que através da oralidade narrou sobre as histórias das nossas ancestrais.

“Somos as netas das bruxas que não conseguiram queimar”. Uma frase que, embora tenha se tornado clichê e slogan de camisetas colocadas à venda em lojas de departamento, apropriada pelo capitalismo como objeto de consumo, não perde a sua potência e também pode ser adaptada para refletir a realidade das netas das mulheres negras que conseguiram sobreviver à escravização de seus corpos. De qualquer forma, não conseguiram nos silenciar por completo. (R)existimos e seguimos passando nossa história, nossa luta, nossos saberes de geração a geração.

É por isso que insiro a minha subjetividade nesse texto, como forma de (r)existência ontológica e epistêmica. Além de tudo o que já foi dito, não pude deixar de ser tocada e inspirada pelas palavras de Kilomba (2019), referindo-se à própria escrita:

Meus escritos podem ser incorporados de emoção e de subjetividade, pois, contrariando o academicismo tradicional, as/os intelectuais *negras/os* se nomeiam, bem como seus locais de fala e de escrita, criando um novo discurso com uma nova linguagem. Eu, como mulher *negra*, escrevo com palavras que descrevem minha realidade, não com palavras que descrevam a realidade de um erudito *branco*, pois escrevemos de lugares diferentes. Escrevo da periferia, não do centro. Este é também o lugar de onde eu estou teorizando, pois coloco meu discurso dentro da minha própria realidade. O discurso das/os intelectuais

negras/os surge, então, frequentemente como um discurso lírico e teórico que transgride a linguagem do academicismo clássico. Um discurso que é tão político quanto pessoal e poético, como os escritos de Frantz Fanon ou os de bell hooks (KILOMBA, 2019, p. 59, grifos da autora).

As palavras de Kilomba (2019) foram decisivas para que eu me reconhecesse como uma intelectual negra. Também penso, também sou, também (r)existo. E enquanto produzo este trabalho vou descobrindo que a resistência acadêmica é possível, que há brechas para a decolonização do conhecimento e que só é possível enfrentar a estrutura vigente racista/sexista das universidades ocidentalizadas através daquilo que Mignolo (2008) chamou de “desobediência epistêmica”, o desprendimento dos paradigmas e vinculações da racionalidade moderna e eurocentrada.

### 1.3 A condição da mulher negra: interseccionando gênero, raça e classe

Daria um filme  
Uma negra e uma criança nos braços  
Solitária na floresta de concreto e aço  
Veja, olha outra vez o rosto na multidão  
A multidão é um monstro, sem rosto e coração  
(*Negro Drama*, Racionais MC's)

A colonialidade é um tripé estruturante de dominação que tem como base o racismo, mas não se encerra nessa opressão. As dimensões do gênero (aqui inclusa a sexualidade) e da classe também são formuladoras de padrões que constituem a nossa estrutura social, classificando sujeitos e definindo lugares com critérios hierárquicos e dicotômicos, são os demarcadores sociais do que é ser homem e do que é ser mulher, atrelados ao seu status socioeconômico no sistema de produção e exploração capitalista.

Nesse sentido, racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado<sup>7</sup> são simbióticos e articulados na produção de identidades, hierarquias e padrões de dominação. É a simbiose

---

<sup>7</sup> O patriarcado é um sistema de dominação masculina que modela a cultura e a sociedade, inferiorizando as mulheres em todos os âmbitos. Caracterizado pela família tradicional nuclear (pai, mãe e filhos) e reforçado pela religião, impõe a distinção entre homens e mulheres através de papéis sociais delimitados a partir do binarismo de gênero, informado pelos aspectos biológicos dos indivíduos. Nesse sentido, o padrão de homem/masculinidade e mulher/feminilidade aceitos são os que correspondem à cisgeneridade (identificação

entre essas três estruturas de poder que privilegiam o homem branco, rico, cisgênero e heterossexual, constituindo-o enquanto norma e referência dentro da sociedade.

Como afirma Akotirene (2019, p. 19), essa “inseparabilidade estrutural” produz “[...] avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais”. Tais estruturas são “[...] modeladores de experiências e subjetividades da colonização até os dias da colonialidade” (AKOTIRENE, 2019, p. 51).

Comecei este tópico sobre a condição da mulher negra na sociedade com mais um trecho de *Negro Drama*. No decorrer da música, a figura da mulher negra é mencionada, tomando como referência a mãe do *Negro Drama*, a qual é apontada, do ponto de vista da sociedade brasileira, como sendo a “mãe solteira de um promissor vagabundo”. Além de afrontar o conceito de família tradicional brasileira, apresentando uma realidade monoparental, infelizmente a perspectiva sobre seu filho é uma das faces da naturalização que existe sobre os corpos negros. A expectativa marginal desde o berço.

Mas a música também se refere a esta mãe como uma rainha e agradece a ela, penso eu que provavelmente por todos os sacrifícios realizados para que este “vagabundo nato” pudesse ser mais do que isso. Essa ideia me faz recordar que inúmeras mulheres, sobretudo as negras, são chamadas de guerreiras como elogio, quando na verdade este termo carrega consigo mais dores do que prazeres. Afinal, guerreira é um termo relacionado à guerra.

Enquanto mulher negra, ser uma guerreira é mais uma necessidade para (r)existir do que um esforço individual fruto de determinação ou mérito. É o instinto de sobrevivência passado por gerações diante de trajetórias que historicamente se forjaram na luta – física, psicológica e simbólica – pelas suas vidas, pela liberdade, pelo direito de ser tratada como gente diante da “multidão” (e aqui estou relacionando esse termo à multidão de brancos europeus que se colocaram como superiores na dominação colonial). Nas palavras de Santos (2018, p. 161), “[...] porque os corpos não podem deixar de acontecer e existir, as lutas continuam a abrir caminhos, muitas vezes sobre as ruínas de lutas passadas”.

Portanto, é a partir dessa breve reflexão, precedida de apontamentos teóricos, que inicio a discussão sobre a condição da mulher negra na sociedade<sup>8</sup> atual. Para compreender

---

com o gênero correspondente ao sexo biológico) e à heterossexualidade (atração e desejo sexual pelo sexo oposto ao seu), elementos tratados de forma natural e não construída na e pela cultura. Sendo assim, considero que o termo “cisheteropatriarcado” dê conta de melhor abarcar as opressões relacionadas ao gênero.

<sup>8</sup> Embora eu vá usar referências também de autoras/es de outros países, sobretudo dos Estados Unidos, quero deixar claro que a sociedade a qual me refiro para análise e estudo é a *sociedade brasileira*, da qual faço parte e compreendo que esta possui suas particularidades, a serem discutidas quando houver necessidade. No

tal condição, é preciso voltar ao período colonial, onde a escravidão do seu corpo produziu um legado que ainda permanece ativo. A análise de Davis (2016) sobre a condição da mulher negra é leitura clássica e indispensável para quem quer se aprofundar nessa questão.

O primeiro ponto a ser abordado é que no regime escravista os corpos negros não eram considerados humanos, mas sim objetos e propriedades. Já foi discutido no tópico anterior como a desumanização do sujeito negro tornou (e ainda torna) natural a sua inferiorização, subalternização e até genocídio. Logo, enquanto propriedades forçadas a trabalhar, a opressão entre homens e mulheres era idêntica. No entanto:

[...] as mulheres também sofriam de forma diferente, porque eram vítimas de abuso sexual e outros maus-tratos bárbaros que só poderiam ser infligidos a elas. A postura dos senhores em relação às escravas era regida pela conveniência: quando era lucrativo explorá-las como se fossem homens, eram vistas como desprovidas de gênero; mas, quando podiam ser exploradas, punidas e reprimidas de modos cabíveis apenas às mulheres, elas eram reduzidas exclusivamente à sua condição de fêmeas (DAVIS, 2016, p. 19).

O abuso sexual, especificamente o estupro, era um mecanismo de controle sobre os corpos das mulheres negras. “O estupro era uma arma de dominação, uma arma de repressão, cujo objetivo era aniquilar o desejo das escravas de resistir e, nesse processo, desmoralizar seus companheiros” (DAVIS, 2016, p. 36).

Além disso, outro aspecto que só poderia ser explorado pelo fato das escravizadas serem mulheres dizia respeito à sua fertilidade. Isso é interessante para começar a discutir as particularidades entre as mulheres brancas e negras, pois de acordo com Davis (2016) havia uma exaltação ideológica da maternidade, sobretudo no século XIX, que não se estendia às mulheres escravizadas.

Na verdade, aos olhos de seus proprietários, elas não eram realmente mães; eram apenas instrumentos que garantiam a ampliação da força de trabalho escrava. Elas eram “reprodutoras” – animais cujo valor monetário podia ser calculado com precisão a partir de sua capacidade de se multiplicar (DAVIS, 2016, p. 19)

Assim como essas mulheres não eram consideradas mães, suas crianças não eram seus filhos, mas também propriedades do escravista, mercadorias que poderiam ser vendidas ou trocadas, seres desumanizados desde o ventre da mãe. É o drama do *Negro Drama*, que desde esse período tem o seu nascimento marcado, selado por uma

---

entanto, alguns textos de autoras/es estrangeiros são indispensáveis para compreendermos a temática mais específica da condição da mulher negra.

predestinação. Antes enquanto posse escravizada para o trabalho, hoje um vagabundo nato. De qualquer forma, essas narrativas conduzem o corpo negro à ausência de possibilidade de construir sua própria história, colocando-os à sorte (melhor dizendo, azar) de terríveis expectativas ou total falta delas.

Outra ideologia muito forte era a da feminilidade, que separava mulheres do mundo do trabalho produtivo e também as inferiorizava, reduzindo-as ao espaço doméstico. É claro também, que nesse ponto, as negras escravizadas, cuja utilidade era voltada ao trabalho produtivo, também não eram vistas como mulheres, como femininas.

Na propaganda vigente, “mulher” se tornou sinônimo de “mãe” e de “dona de casa”, termos que carregavam a marca fatal da inferioridade. Mas, entre as mulheres negras escravas, esse vocabulário não se fazia presente. Os arranjos econômicos da escravidão contradiziam os papéis sexuais hierárquicos incorporados na nova ideologia. Em consequência disso, as relações homem-mulher no interior da comunidade escrava não podia corresponder aos padrões da ideologia dominante (DAVIS, 2016, p. 25).

Estas contradições provocavam não só a igualdade entre homens e mulheres escravizadas no que diz respeito ao emprego da sua força de trabalho, mas também à sua resistência. Davis (2016) afirma que as mulheres se afirmavam iguais de modo combativo, resistindo a assédios, defendendo sua família e participando de rebeliões, resistiam e desafiavam a escravidão o tempo todo. Mesmo assim, fora desse espectro, sob a dominação colonial do homem branco (e também da mulher branca), as desigualdades na forma do tratamento dos seus corpos se faziam presentes, assim como os castigos infligidos eram mais intensos do que os impostos aos homens.

Na primeira metade do século XIX, o movimento antiescravagista atraiu muitas mulheres brancas, tanto donas de casa de classe média como operárias da indústria, que por motivos diferentes (e não menos válidos) consideravam sua condição social semelhante a uma escravidão. Nesta mesma época se gesta um movimento embrionário de defesa dos direitos das mulheres, que também era apoiado pela população negra. Embora houvesse uma relação dialética entre as duas causas, de um lado as mulheres brancas lutavam por igualdade e do outro a população negra lutava por liberdade.

A Convenção de Seneca Falls, em julho de 1848, foi o primeiro evento sobre os direitos das mulheres nos Estados Unidos, resultando dele a importante Declaração de Seneca Falls, que expressa denúncias e reivindicações em relação à opressão sofrida pelas mulheres (da burguesia e das classes médias), sobretudo no que diz respeito à vida

doméstica e política. No entanto, este documento não considerou as opressões relacionadas à raça e classe no contexto social da época.

[...] enquanto consumação exata da consciência do dilema das mulheres brancas de classe média, a declaração ignorava totalmente a difícil situação das mulheres brancas da classe trabalhadora, bem como a condição das mulheres negras tanto do Sul quanto do Norte. Em outras palavras, a Declaração de Seneca Falls propunha uma análise da condição feminina sem considerar as circunstâncias das mulheres que não pertenciam à classe social das autoras do documento (DAVIS, 2016, p. 64).

A ausência de mulheres negras nesses espaços de luta pelos direitos das mulheres reforça o quanto eram invisibilizadas por sua classe e raça mesmo diante das mulheres brancas, que lutavam contra a supremacia masculina. Em 1851, Sojourner Truth, uma ex-escrava, era a única mulher negra a participar em uma convenção de mulheres em Akron, Ohio, e também foi a única que teve a ousadia de falar, com palavras impactantes que denunciavam o viés de classe e o racismo do novo movimento de mulheres. Seu célebre discurso “Eu não sou uma mulher?” reverbera até hoje. Caro/a leitor/a, confira-o abaixo:

Bem, minha gente, quando existe tamanha algazarra é que alguma coisa deve estar fora da ordem. Penso que espremidos entre os negros do sul e as mulheres do norte, todos eles falando sobre direitos, os homens brancos, muito em breve, ficarão em apuros. Mas em torno de que é toda esta falação?

Aquele homem ali diz que é preciso ajudar as mulheres a subir numa carruagem, é preciso carregar elas quando atravessam um lamaçal e elas devem ocupar sempre os melhores lugares. Nunca ninguém me ajuda a subir numa carruagem, a passar por cima da lama ou me cede o melhor lugar! E não sou uma mulher? Olhem para mim! Olhem para meu braço! Eu capinei, eu plantei, juntei palha nos celeiros e homem nenhum conseguiu me superar! E não sou uma mulher? Eu consegui trabalhar e comer tanto quanto um homem – quando tinha o que comer – e também aguentei as chicotadas! E não sou uma mulher? Pari cinco filhos e a maioria deles foi vendida como escravos. Quando manifestei minha dor de mãe, ninguém, a não ser Jesus, me ouviu! E não sou uma mulher?

E daí eles falam sobre aquela coisa que tem na cabeça, como é mesmo que chamam? (uma pessoa da platéia murmura: “intelecto”). É isto aí, meu bem. O que é que isto tem a ver com os direitos das mulheres ou os direitos dos negros? Se minha caneca não está cheia nem pela metade e se sua caneca está quase toda cheia, não seria mesquinho de sua parte não completar minha medida?

Então aquele homenzinho vestido de preto diz que as mulheres não podem ter tantos direitos quanto os homens porque Cristo não era mulher! Mas de onde é que vem seu Cristo? De onde foi que Cristo veio? De Deus e de uma mulher! O homem não teve nada a ver com Ele.

Se a primeira mulher que Deus criou foi suficientemente forte para, sozinha, virar o mundo de cabeça para baixo, então todas as mulheres, juntas, conseguirão mudar a situação e pôr novamente o mundo de cabeça para cima! E agora elas estão pedindo para fazer isto. É melhor que os homens não se metam.

Obrigada por me ouvir e agora a velha Sojourner não tem muito mais coisas para dizer.<sup>9</sup>

Outro aspecto evidenciado através do discurso de Sojourner Truth é o “[...] grande dilema que o feminismo hegemônico viria a enfrentar: a universalização da categoria mulher” (RIBEIRO, 2019, p. 20). Afinal, mesmo posterior ao fim da escravidão, seja nos Estados Unidos ou no Brasil ou em outro lugar do mundo que teve como base da sua constituição a desunamização de corpos negros, as mulheres negras continuaram restritas às margens, segregadas e invisibilizadas, ocupando postos de trabalho precários, sobretudo como empregadas domésticas, expostas a diversas formas de abuso e exploração.

A escravidão não acabou na sua abolição, mas se estendeu ganhando outros contornos e formatos, constituindo o imaginário social dos herdeiros coloniais. É a colonialidade do ser nua e crua, que através do racismo estrutural afeta homens e mulheres negros/as. Diversos são os estereótipos que existem em relação ao corpo negro, desde a sua aparência até o seu comportamento, formulados através de cadeias associativas discursivas que produzem a linguagem do racismo (KILOMBA, 2019). E essa linguagem, utilizada como forma de manutenção do poder colonial na atualidade, configura as práticas sociais.

No entanto, “[...] o impacto simultâneo da opressão ‘racial’ e de gênero leva a formas de racismo únicas que constituem experiências de mulheres *negras* e outras mulheres racializadas” (KILOMBA, 2019, p. 99, grifos da autora). Isso nos leva a outro ponto pertinente dessa discussão: embora racismo e sexismo sejam partes integrantes de uma mesma estrutura opressora, a equiparação entre ambos levou à invisibilização e ao silenciamento de mulheres negras no projeto feminista (KILOMBA, 2019).

Afinal, as mulheres feministas brancas não deixam de ter privilégios brancos, consequentemente tendo experiências diferentes das de pessoas negras, e também as mulheres negras experienciam o sexismo, mas não de forma universal. “A insistência em falar de mulheres como universais, não marcando as diferenças existentes, faz com que somente parte desse ser mulher seja visto” (RIBEIRO, 2019, p. 41).

Esse modelo de mundo dividido entre homens poderosos e mulheres subordinadas tem sido criticado fortemente por feministas *negras*. Primeiro, porque ele ignora estruturas raciais de poder entre mulheres diferentes; segundo, porque não consegue explicar por que homens *negros* não lucram com o patriarcado [branco]; terceiro, porque não considera que, devido ao racismo, o

---

<sup>9</sup> PORTAL GELEDÉS. **Sojourner Truth**. 2009. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/sojourner-truth/> Acesso em: 14 jan. 2021.

modo como o gênero é construído para mulheres *negras* difere das construções da feminilidade *branca*; e, por fim, porque esse modelo implica um universalismo entre mulheres, que localiza o gênero como foco primário e único de atenção e, desde de que “raça” e racismo não são contemplados, tal ideia relega as mulheres *negras* à invisibilidade (KILOMBA, 2019, p. 101, grifos da autora).

Enquanto mulheres *negras*, nós partimos de lugares diferentes, porque experienciamos gênero de forma diferente. O não reconhecimento disso “[...] leva à legitimação de um discurso excludente, pois não visibiliza outras formas de ser mulher no mundo” (RIBEIRO, 2019, p. 51).

Sendo assim, gênero não pode ser considerado o único ponto de partida da opressão contra mulheres *negras*, que “[...] não são somente oprimidas por homens – *brancos* e *negros* – e por formas institucionalizadas de sexismo, mas também pelo racismo – tanto de mulheres *brancas* quanto de homens *brancos* –, além de por formas institucionalizadas de racismo” (KILOMBA, 2019, p. 103).

É por isso que uma análise interseccional entre gênero, raça e classe se faz necessária para compreendermos as experiências de mulheres *negras* e periféricas diante do entrecruzamento das suas avenidas identitárias que não se sobrepõem, pois não há hierarquia de opressões.

A interseccionalidade é sobre a identidade da qual participa o racismo interceptado por outras estruturas. Trata-se de experiência racializada, de modo a requerer sairmos das caixinhas particulares que obstaculizam as lutas de modo global e vão servir às diretrizes heterogêneas do Ocidente, dando lugar à solidão política da mulher *negra*, pois que são grupos marcados pela sobreposição dinâmica identitária. É imprescindível, insisto, utilizar analiticamente todos os sentidos para compreendermos as mulheres *negras* e “mulheres de cor” na diversidade de gênero, sexualidade, classe, geografias corporificadas e marcações subjetivas (AKOTIRENE, 2019, p. 48).

Quando pensamos interseccionalmente sobre a sociedade brasileira não podemos deixar de considerar suas particularidades. Somos reconhecidos pela miscigenação – muitas vezes romantizada –, mas ela foi obtida através da violação dos corpos de mulheres *negras* no decorrer da escravidão, objetivando formar contingente populacional também usado como mão de obra escrava, ou nas palavras de Nascimento (2016, p. 76) “[...] a prostituição e o estupro sistemático e permanente da mulher africana e de seus descendentes no Brasil”, que se contradizem com toda e qualquer afirmação da existência de uma democracia racial.

A primeira edição do texto de Nascimento (2016), fazendo muitos apontamentos à realidade da época, data de 1977, ou seja, quase meio século atrás, mas o seu trabalho permanece tão atual que nos mostra que muita coisa não mudou (e até piorou). Dito isto, ao

falar sobre as interações sexuais na realidade social brasileira, ele se refere a um ditado popular (que continua se mantendo assim, atualizado com outras versões): “branca para casar, negra para trabalhar, mulata para fornicar”. De acordo com o autor:

[...] há o reconhecimento geral do povo de que a raça negra foi prostituída, e prostituição de baixo preço. Já que a existência da mulata significa o “produto” do prévio estupro da mulher africana, a implicação está em que após a brutal violação, a mulata tornou-se só objeto de fornicação, enquanto a mulher negra continuou relegada à sua função original, ou seja, o trabalho compulsório. Exploração econômica e lucro definem, ainda outra vez, seu papel social (NASCIMENTO, 2016, p. 75)

Ao expor a continuidade da estrutura colonial nas relações sociais, que relega a mulher negra a condições precárias de existência, e voltar-se para os corpos miscigenados apreendemos uma dimensão importante sobre os corpos negros no Brasil: a negação da sua negritude através da miscigenação e do embranquecimento populacional, que foi utilizado literalmente como estratégia política (e genocida) pelos governos pós-abolicionistas do final do século XIX e também do século XX.

Como já dito, a fuga da negritude através da miscigenação a desqualifica politicamente (CARNEIRO, 2011). A instituição das diferenças no interior da negritude com base nos tons de pele fragmenta ainda mais o movimento negro, mas em contrapartida, da minha perspectiva enquanto mulher negra de pele clara, isso revela a multiplicidade de experiências existentes inclusive entre as mulheres negras, não se pode negar.

Ou seja, não somos universais nem mesmo entre nós. É importante que essa diversidade, característica na sociedade brasileira, também seja visibilizada, não como mais um divisor, mas como uma forma de compreendermos as várias nuances que atravessam as experiências das mulheres negras.

#### **1.4 Pensando sobre corpos negros, lésbicos e periféricos**

Refleti bastante sobre manter ou não este tópico na minha discussão teórica sobre o corpo negro. Até me questioneei se não estava sendo egoísta ou orgulhosa por não querer desperdiçar meus esforços teóricos deixando estas reflexões de fora. Por fim, concluí que assim como “o que não mata, nos fortalece”, não há nenhum mal em usar desse espaço para pontuar aspectos específicos socialmente relevantes.

Este tópico faz parte do meu projeto de pesquisa original, quando o público-alvo definido para esta pesquisa era jovens estudantes da graduação da UFPI, que fossem

negras, periféricas e **lésbicas**. Eu queria me debruçar sobre os particularismos da categoria lesbianidade, considerando-a no entrecruzamento entre raça, gênero e classe, mas devido às condições objetivas da realidade não consegui alcançar estas sujeitas.

Sei que essas sujeitas existem e habitam o espaço acadêmico, assim como outra multiplicidade de expressões da sexualidade e do gênero, mas nosso encontro na pesquisa não aconteceu e precisei adaptar o meu projeto, retirando a categoria lesbianidade do centro da discussão e considerando a participação de jovens negras e periféricas independente da sua sexualidade para compor o nosso grupo-pesquisador.

Não tenho lugar de falar sobre como é ser uma mulher negra, lésbica e periférica na nossa sociedade, pois não compartilho das vivências relacionadas à lesbianidade. No entanto, compreendendo a simbiose das estruturas do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado, bem como vivendo sob essas mesmas estruturas, consigo ter algumas noções sobre as vivências das mulheres negras e lésbicas, inclusive rememorando as minhas próprias experiências com a educação heteronormativa.

Sendo assim, acredito que seja relevante acessarmos as particularidades dessas vivências, marcadas por mais uma avenida identitária que se entrecruza na experiência do corpo negro – a lesbianidade. Para demarcar o quão isso é relevante, preciso discutir um pouco sobre o peso que é dado à sexualidade na nossa sociedade, mais precisamente à heterossexualidade, que assume caráter compulsório.

A investigação da história da sexualidade, sobre a qual usarei como referência as obras dos historiadores Laqueur (2001) e Foucault (2012), nos revela como o sexo foi inventado e produzido com o passar dos séculos em conformidade a interesses culturais e políticos, ou seja, não se trata de um elemento meramente anatômico/biológico/natural.

Laqueur (2001) discorre em boa parte do seu livro, entre textos e ilustrações, sobre a construção do contraditório modelo de sexo único, que privilegia o corpo do homem em detrimento do corpo da mulher, considerado uma versão imperfeita do homem. É claro que tal modelo visava afirmar o domínio do patriarcado, utilizando afirmações retóricas relacionadas à diferença e desejo sexual.

De acordo com Laqueur (2001, p. 189), “em alguma época do século XVIII, o sexo que nós conhecemos foi inventado. Os órgãos reprodutivos passaram de pontos paradigmáticos para mostrar hierarquia ressonantes através do cosmo ao fundamento da diferença incomensurável”. Dessa forma, com a “descoberta dos sexos”, instaura-se um novo modelo de percepção sobre os corpos.

Os órgãos que tinham nomes associados – ovários e testículos – passaram a ser distinguidos em termos linguísticos. Os que não tinham nome específico – como a vagina – passaram a ter. As estruturas que eram consideradas comuns ao homem e à mulher – o esqueleto e o sistema nervoso – foram diferenciadas de modo que correspondessem ao homem e à mulher culturais. Quando o próprio corpo natural tornou-se o padrão de ouro do discurso social, o corpo da mulher tornou-se o campo de batalha para redefinir a relação social antiga, íntima e fundamental entre o homem e a mulher. O corpo reprodutivo da mulher na sua concretude corpórea cientificamente acessível, na própria natureza de seus ossos, nervos e principalmente órgãos reprodutivos, passou a ter um novo significado de grande importância. Os dois sexos, em outras palavras, foram inventados como um novo fundamento para o gênero (LAQUEUR, 2001, p. 189-190).

Essa passagem de um modelo de sexo único para dois sexos se deu não pelo advento do conhecimento científico, mas mais por uma revolução epistemológica e sociopolítica. O século XVIII e, sobretudo, o século XIX são marcados por lutas de poder e visibilidade na esfera pública. Recordemos, por exemplo, o embrionário movimento pelos direitos das mulheres que surgia nos Estados Unidos na primeira metade do século XIX.

Nesse sentido, Laqueur (2001, p. 192) indica que “a anatomia sexual distinta era criada para apoiar ou negar todas as formas de reivindicações em uma variedade de contextos sociais, econômicos, políticos, culturais ou eróticos. [...] Qualquer que fosse o assunto, o corpo tornou-se o ponto decisivo”.

Dessa forma, as “características dos corpos significadas como marcas pela cultura distinguem sujeitos e se constituem em marcas de poder” (LOURO, 2008, p. 76). “[...] a sexualidade passa a ganhar centralidade na compreensão e na organização da sociedade. (LOURO, 2008, p. 78). O corpo torna-se um território de lutas e poderes, uma “arena reprodutiva” (CONNELL e PEARSE, 2015).

Sobre o termo “arena reprodutiva”, este está inscrito na definição sobre gênero de Connell e Pearse (2015, p. 48), a qual diz que “o gênero é a estrutura de relações sociais que se centra sobre a arena reprodutiva e o conjunto de práticas que trazem as distinções reprodutivas sobre os corpos para o seio dos processos sociais”. Ou seja, é na arena reprodutiva que os corpos e suas práticas acontecem, passando por processos de “generificação corporal” e “corporificação social”.

Quero deixar claro que não compreendo gênero e sexualidade como estruturas apartadas. O gênero é uma estrutura social que traz consigo a dimensão da sexualidade e ambos os elementos fundamentam o cisheteropatriarcado. Connell e Pearse (2015) compreendem a sexualidade enquanto catexia, ou seja, as relações emocionais, os aspectos psicológicos e subjetivos dos indivíduos. Sexualidade não se reduz a gênero, mas é socialmente organizada com base nele.

Retornando à história da sexualidade, a contribuição de Foucault (2012) é indispensável. A sua análise sobre a sociedade ocidental moderna é reveladora de como ao mesmo tempo em que ocorria uma incitação e “[...] multiplicação dos discursos sobre o sexo no próprio campo do exercício do poder” (FOUCAULT, 2012, p. 24), através de dispositivos confessionais e institucionais, também havia uma “polícia do sexo”, a “[...] necessidade de regular o sexo por meio de discursos úteis e públicos e não pelo rigor de uma proibição” (FOUCAULT, 2012, p. 31).

Ou seja, o intento não é proibir os discursos e exercício da sexualidade, mas controlá-los, regulá-los e vigiá-los de modo a fazê-los cumprir as normas vigentes, enfaticamente uma sexualidade heterossexual monogâmica. Nesse mesmo contexto, Foucault (2012) afirma que ocorreu uma caça às sexualidades periféricas (por exemplo, a homossexualidade), que incorporou as perversões e especificou os indivíduos.

De acordo com Foucault (2012), a sexualidade se configura enquanto dispositivo histórico, atravessado por relações de poder-saber-prazer. No entanto, onde há poder, há resistência. Os corpos não são simplesmente dóceis, fabricados pelo discurso que emana do poder-saber. Se os corpos participam de regimes disciplinares é porque também são ativos no processo social (CONNELL e PEARSE, 2015).

Os discursos sobre sexualidade evidentemente continuam se modificando e se multiplicando. Outras respostas e resistências, novos tipos de intervenção social e política são inventados. Atualmente, renovam-se os apelos conservadores, buscando formas novas, sedutoras e eficientes de interpelar os sujeitos (especialmente a juventude) e engajá-los ativamente na recuperação de valores e de práticas tradicionais. Esses discursos não são, obviamente, absolutos nem únicos; muito pelo contrário, agora, mais do que antes, outros discursos emergem e buscam se impor; estabelecem-se controvérsias e contestações, afirmam-se, política e publicamente, identidades silenciadas e sexualmente marginalizadas. Aprendemos, todos, em meio a (e com) essas disputas (LOURO, 2019, p. 40).

Discorrerei agora mais especificamente, à luz de Rich (2010), Morais (2017) e Rubin (2017), sobre a heterossexualidade compulsória, que invisibiliza e oprime a existência lésbica no decorrer da história, em todos os âmbitos sociais. O primeiro aspecto a ser abordado é uma definição conceitual. Já é sabido que a heterossexualidade diz respeito à atração e desejo por pessoas do sexo oposto, mas é no processo de regulação dos corpos pela sociedade ocidental moderna, sobretudo sob a lógica do patriarcado, que ela se torna necessária enquanto dispositivo de controle corporal e subjetivo, em especial das mulheres.

De acordo com Rich (2010, p. 19), a heterossexualidade é “[...] uma instituição política que retira o poder das mulheres”. Essa retirada de poder só é possível ocorrer

justamente no contexto de dominação masculina, que “[...] se materializa nas relações afetivas e sexuais das mulheres que se relacionam com homens” (MORAIS, 2017, p. 84).

O poder masculino utiliza de muitas estratégias para subordinação, dentre elas, conforme Rich (2010) aponta: a negação da sexualidade das mulheres, a imposição à sexualidade dos homens, a exploração no trabalho e o controle na produção, o controle ou roubo de crianças, o confinamento físico e a privação dos movimentos, a objetificação em transações masculinas, a restrição de criatividade, a exclusão em áreas do conhecimento.

Nesse sentido, algumas expressões do poder masculino reforçam de forma mais óbvia a heterossexualidade compulsória, como “o cinto de castidade, o casamento infantil, o apagamento da existência lésbica (exceto quando vista como exótica ou perversa) na arte, na literatura e no cinema e a idealização do amor romântico e do casamento heterossexual” (RICH, 2010, p. 26). Nas palavras de Rubin (2017, p. 31), “no nível mais geral, a organização social do sexo é baseada no gênero, na heterossexualidade compulsória e na imposição de restrições à sexualidade feminina”.

É importante enfatizar que o poder masculino é exercido para além de formas físicas, simbolicamente. Vivemos em uma cultura fálica e falocêntrica, que atribui *status* simbólico/psicológico ao pênis, justificando a dominação masculina. Rubin (2017), em sua crítica feminista aos psicanalistas Freud e Lacan, entre outros autores, aponta como o falo é discutido por eles. Lacan “[...] faz uma distinção radical entre o pênis e o ‘falo’, entre o órgão e a informação. O falo é um conjunto de significações atribuídas ao pênis” (RUBIN, 2017, p. 41). Enquanto isso, na teoria do complexo da castração freudiana:

O falo é, por assim dizer, um traço distintivo que define “castrados” e “não castrados”. A presença ou ausência do falo acarreta diferenças entre dois status sexuais, “homem” e “mulher” [...]. Considerando que estes não são iguais, o falo também comporta um sentido de dominação dos homens sobre as mulheres, e pode-se inferir que a “inveja do pênis” é um reconhecimento disso. Além disso, como os homens têm direitos sobre as mulheres que estas não têm sobre si mesmas, o falo também comporta o sentido da diferença entre “aquele que troca” e “aquilo que é trocado”, entre o presente e aquele que o oferta. Finalmente, nem a teoria clássica freudiana do processo edípico nem sua reformulação lacaniana fazem sentido, a menos que esses aspectos das relações paleolíticas de sexualidade, no mínimo, ainda estejam entre nós. Nós continuamos a viver em uma cultura “fálica” (RUBIN, 2017, p. 42-43).

Os desdobramentos práticos da heterossexualidade compulsória sobre as mulheres em uma sociedade falocêntrica são, primeiramente, a idealização/romantização da necessidade de se relacionar com um homem para poder ser feliz e constituir uma família

dentro de um casamento heterossexual, a supervalorização da figura masculina na suas vidas, criando até mesmo uma dependência emocional e subjetiva de um relacionamento.

São exemplos de como esses mecanismos atuam os livros de romance (que costumam romantizar relacionamentos abusivos sob a máxima de que “o amor tudo supera”), as revistas femininas (que ensinam, acima de tudo, como conquistar, seduzir, prender um homem), as novelas, filmes e propagandas de televisão (que estabelecem padrões de beleza sempre voltados para a conquista e a sedução em uma relação preferencialmente heterossexual). Dessa forma, “todas as mulheres são vítimas da heterossexualidade compulsória, sejam elas lésbicas ou não, pois esse mecanismo se configura na falta de autonomia da mulher sobre o seu próprio corpo, ou seja, é a retirada do protagonismo feminino na própria vida afetiva e sexual” (MORAIS, 2017, p. 84).

Um segundo desdobramento está no questionamento de como ocorre a materialização de um relacionamento sexual lésbico diante da ausência do pênis, afinal, na nossa sociedade patriarcal e falocêntrica é somente do homem que emana prazer, sendo o falo e a penetração indispensáveis em uma verdadeira relação sexual (MORAIS, 2017).

Esse questionamento é ilustrado por alguns dos termos utilizados popularmente no Brasil para se referir a mulheres que se relacionam com outras mulheres, como por exemplo: *sapatão*, *tribadista*, *saboeira*, *fancha*, *roçadeira*, *maria macho*. Todos eles, de cunho originalmente pejorativo, deslegitimam as lesbiandades, seja associando a figura lésbica a um pseudohomem ou evidenciando a falta de penetração nas relações sexuais entre mulheres (MORAIS, 2017, p. 83, grifos da autora).

A prova dessa necessidade de se haver uma figura masculina em relação com uma figura feminina também reside na dicotomia “lésbica ativa” e “lésbica passiva”, termos que evocam a heteronormatização mesmo em um relacionamento entre duas mulheres. Além disso, a ativa seria a masculina e a passiva seria a feminina, realocando as duas sujeitas em questão para os ditames do binarismo de gênero que opõem homens e mulheres, circunscrevendo-os em hierarquias de superioridade (ativo) e inferioridade (passivo).

Da minha parte, afirmo que as categorias “lésbica passiva” e “lésbica ativa” não são orgânicas, e sim ecos da dinâmica que existe dentro do sistema heterossexual, baseadas na divisão arbitrária entre masculino e feminino, na qual o masculino é sempre valorizado e o feminino, subalternizado (BOURDIEU, 2012). Por sua vez, a tentativa de se apontar um “homem na relação” é, mais uma vez, o reflexo da ideia de que a felicidade e a satisfação afetiva-sexual das mulheres são dependentes da existência de um homem (MORAIS, 2017, p. 89).

A compulsoriedade da heterossexualidade revela o quanto esta não é inata aos indivíduos e funciona como um mecanismo de coerção, invisibilidade e silenciamento de mulheres lésbicas – e mesmo mulheres em processo de descoberta da sua sexualidade. Enfatizo também que embora os homens homossexuais também vivenciem a opressão da heterossexualidade compulsória, este processo ocorre de forma distinta (RICH, 2010; MORAIS, 2017), pois as lésbicas estão sob a égide do patriarcado, do machismo e da misoginia, que privilegia os homens e controla e reprime os corpos das mulheres em função dos desejos da dominação masculina. Logo, diante disso, é possível que afirmar que:

A existência lésbica inclui tanto a ruptura de um tabu quanto a rejeição de um modo compulsório de vida. É também um ataque direto e indireto ao direito masculino de ter acesso às mulheres. Mas é muito mais do que isso, de fato, embora possamos começar a percebê-la como uma forma de exprimir uma recusa ao patriarcado, um ato de resistência (RICH, 2010, p. 36).

E por falar em resistências na existência lésbica, destaco a importância das mulheres que se relacionam afetivo-sexualmente com outras mulheres de assumirem uma identidade lésbica enquanto estratégia de enfrentamento e visibilização.

[...] a identidade lésbica não serve apenas para dizer da orientação do desejo de uma mulher por outra, mas também da resistência dessas mulheres ao viver sua sexualidade de forma autônoma, denunciando os mecanismos sociais que procuram forjar a mulher como puro corpo para outrem. Quando assumem a identidade lésbica, as mulheres estão assumindo uma posição nas disputas de poder que envolvem a sexualidade, afirmando diante do sistema patriarcal seu direito de viver suas relações erótico-amorosas de forma que elas definem e em que seu prazer e satisfação sejam considerados (OLIVEIRA, 2019, p. 117).

É claro que também não podemos desconsiderar que “[...] a pobreza, o racismo, o pertencimento à uma família ou ambiente muito conservador dificultam para muitas lésbicas publicizar a vivência afetivo-sexual” (OLIVEIRA, 2019, p. 110). Nesse aspecto, notavelmente a interseccionalidade é um guia na compreensão das diversas vivências de lesbianidade, afinal, no que tange ao caráter político da sexualidade:

[...] resistimos de posições sociais diversas, com maior ou menos resistências, a partir de cruzamentos de opressões que podem fazer de cada luta uma tarefa ainda mais árdua. Em uma sociedade com diferentes tipos e níveis de desigualdades, é importante não esquecer que não há uma identidade única que nos une, já que cada forma de viver a sexualidade e o gênero depende da articulação de classe e raça, por exemplo” (OLIVEIRA, 2019, p. 115).

Tendo isso em mente, podemos compreender que muitas experiências e vivências de mulheres lésbicas sejam compartilhadas, mas outras ocorrerão em articulação da sua raça, classe e mesmo expressão de gênero, esta última entendida aqui como a forma com que o sujeito se apresenta socialmente sem estar relacionada necessariamente à sua identidade de gênero ou desejo sexual.

Por exemplo, mulheres cis e lésbicas que usam vestimentas consideradas masculinas ou adotam atitudes/posturas consideradas masculinas, a popular “lésbica caminhoneira”, mas que não é e nem quer ser um homem. Ainda sobre a relação entre masculinidade e feminilidade no corpo lésbico:

As marcas de masculinidade e feminilidade como signos corporais assumem, na cena lésbica, características multifacetadas: de um lado, podem ser compreendidas enquanto resistência na medida em que são a reivindicação do próprio corpo em uma recusa àquilo que lhes é imposto enquanto disciplina, configurando-se ainda como códigos de identificação e sociabilidade; de outro, a performance masculina demonstra que foi cruzada a fronteira entre a norma e o desviante: a pura presença do corpo passa, então, a expor as mulheres à violência (RIBEIRO e RAMALHO, 2019, p. 75).

No bojo dos silenciamentos e invisibilizações aos corpos lésbicos, a estratégia mais recorrente é o “armário”, que literalmente esconde ou pelo menos disfarça a sexualidade em questão. De acordo com Rich (2010, p. 20), “abrigar-se no semelhante – assimilação para aquelas que, assim, o conseguem – é a mais passiva e debilitante das respostas à repressão política, à insegurança econômica e à renovada ‘temporada de caça’ da diferença”.

Sedgwick (2007) refere-se à epistemologia do armário como produtora da cultura e da história do ocidente, sendo o armário um dispositivo de regulação dos corpos de gays e lésbicas no trânsito entre a esfera pública e a privada. A regulação incide na decisão do “revelar-se” homossexual, impondo um dilema opressivo na vida dos sujeitos em que, dependendo do contexto ou da relação com o outro, a saída do armário pode ocorrer ou não. Afinal, em alguns ambientes, por exemplo, estar dentro do armário significa sobreviver.

Estar escondida implica às lésbicas uma situação de anonimato e clandestinidade na vivência do seu afeto-desejo, forçando-as muitas vezes o dilema das “amigas-amantes”, uma relação em que na esfera pública as mulheres são amigas e na privada são amantes, assim como a restrição da afetividade lésbica a espaços específicos, uma estratégia de higienização nas cidades, que reflete também a premissa foucaultiana de vigiar e punir (LIMA, SILVA e MOURA, 2019).

Dessa forma, “[...] a situação de segredo permanente na vida de muitas lésbicas pode chegar a levá-las a constituir uma ideia de dupla identidade. Sendo esse comportamento ligado às inserções sociais e momentâneas de cada um” (LIMA, SILVA e MOURA, 2019, p. 57). Essa ideia de dupla identidade, assim como invisibiliza a identidade lésbica, também pode levar à deslegitimação e não reconhecimento da sujeita no exercício autônomo da sua sexualidade, ainda mais se a mulher em questão também se relaciona com homens (e gosta, o que invisibilizaria e deslegitimaria a bissexualidade).

O esconder-se também é muitas vezes uma condição de existência/sobrevivência diante das violências da lesbofobia e do lesbocídio. Sobre este último termo, o “Dossiê sobre lesbocídio no Brasil: de 2014 até 2017” (PERES, SOARES e DIAS, 2018), resultado do projeto de pesquisa “Lesbocídio – As histórias que ninguém conta”, é um passo inicial para compreendermos aspectos de uma realidade em que a morte de mulheres por serem lésbicas é uma crescente.

De acordo com o dossiê, os principais assassinos de lésbicas são homens e, embora este crime se assemelhe ao feminicídio (assassinato de mulheres por questões relacionadas ao seu gênero), suas práticas possuem especificidades.

As motivações que levam às práticas do feminicídio e do lesbocídio possuem especificidades. Ambos os tipos de assassinatos são motivados por misoginia, por preconceito contra as mulheres próprios de uma sociedade que dissemina o preconceito contra todas as mulheres. O lesbocídio, porém, ocorre quando determinados homens estão insatisfeitos com a existência de determinadas lésbicas ou da categoria como um todo, ou seja, mulheres com as quais eles não possuem, necessariamente, vínculos familiares, conjugais ou domésticos (PERES, SOARES e DIAS, 2018, p. 20).

O dossiê, que utiliza como fonte de pesquisa dados obtidos em redes sociais, sites, jornais eletrônicos e outros meios de comunicação, atesta o crescimento dos assassinatos de mulheres lésbicas. “Do ano 2000 até 2017, o aumento foi de 2700%, considerando que no ano 2000 foram registrados 2 casos de lésbicas assassinadas e no ano de 2017, 54 casos. [...] quando o número de casos registrados teve crescimento de 80%, saltando de 30 casos em 2016 para 54 em 2017” (PERES, SOARES e DIAS, 2018, p. 69).

Também foi identificado que em 42% dos registros, as lésbicas eram negras. Apesar de esse dado demonstrar que as lésbicas brancas são mais mortas do que as lésbicas negras, indígenas e mestiças, as autoras do dossiê referem-se a este dado como uma “representação conflituosa em relação aos dados oficiais de mortalidade da população indígena e negra no Brasil” (PERES, SOARES e DIAS, 2018, p. 78), o que abre margem para questionamentos.

O lesbocídio, portanto, é a forma de violência mais radical que ocorre contra mulheres lésbicas de forma particular devido não só ao caráter misógino da nossa sociedade, mas também à discriminação que existe sobre as mulheres que se relacionam afetivo-sexualmente com outras mulheres.

Reiterando o que já foi dito, “a marginalização da homossexualidade, a produção da mulher em uma sociedade patriarcal e a heterossexualidade compulsória como regime político, assim como a misoginia e a opressão de gênero, produzem a violência e lesbofobia” (CANCIANI e ROSA, 2019, p. 101).

É necessário frisar as particularidades disso porque no decorrer da história as vivências lésbicas vêm sendo apagadas e o foco recai sobre as vivências masculinas com a homossexualidade, inclusive no âmbito da produção acadêmica. Embora ambos os corpos estejam assentados no lastro da heterossexualidade compulsória, compartilhando da realidade discriminadora e violenta de múltiplas formas, as opressões entre gays e lésbicas são distintas, não podendo ser equiparadas como se uma fosse versão da outra.

As lésbicas têm sido historicamente destituídas de sua existência política através de sua ‘inclusão’ como versão feminina da homossexualidade masculina. Equacionar a existência lésbica com a homossexualidade masculina, por serem as duas estigmatizadas, é o mesmo que apagar a realidade feminina mais uma vez (RICH, 2010, p. 37).

Um breve exemplo disso é o que Canciani e Rosa (2019) apontam sobre o discurso médico ginecológico, pautado em valores morais e tradicionais, que por muito tempo negou a possibilidade de que mulheres lésbicas pudessem contrair doenças sexualmente transmissíveis e até mesmo AIDS. Historicamente, o foco das pesquisas sobre AIDS e HIV recaiu sobre os homens. Foi preciso que houvesse uma politização e organização dos movimentos lésbicos para que pensassem nas lésbicas como vulneráveis.

O reconhecimento da vulnerabilidade e também, da precariedade dos mecanismos de proteção de saúde da mulher lésbica é percebido a partir da politização do espaço ocupado, essa afirmação decorre da tensão entre prática sexual e identidade, já que, em uma sociedade falocêntrica que nega o sexo entre mulheres e invisibiliza essa prática, o modo de ser reconhecida é a afirmação (CANCIANI e ROSA, 2019, p. 107).

No que diz respeito especificamente à visibilidade lésbica, não é ao acaso a criação do Dia da Visibilidade Lésbica (29 de agosto), em referência ao primeiro Seminário Nacional de Lésbicas (Senale, atual Senalesbi), ocorrido em 1996, para tratar das violências

e invisibilidades sofridas por mulheres lésbicas. “Isso significa lutar para que suas experiências afetivas não sejam apagadas e que, quando reconhecidas, não terminem em episódios de violência lesbofóbica” (FETAMCE, 2019).

Além disso, apesar da luta por respeito e visibilidade junto ao movimento LGBTQIA+, muitas mulheres são discriminadas por homens dentro do próprio movimento. A realidade nos mostra que dentro do movimento gay, as lésbicas são alvo de machismo e misoginia, tendo suas pautas relegadas no movimento LGBTQIA+, assim como no movimento feminista, as lésbicas são alvo de lesbofobia (FETAMCE, 2019). Se formos nos referir às lésbicas negras e periféricas, estas praticamente não têm espaço no campo de luta.

Diante desses aspectos sobre a condição da mulher lésbica na nossa sociedade, ao ser feita uma análise interseccional, pensando na condição da mulher negra, lésbica e periférica, surgem outros desdobramentos, que são atravessados pela simbiose das estruturas do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado. Conseqüentemente:

A resistência interseccional ao racismo, ao sexismo e à lesbofobia justifica-se porque uma mulher negra lésbica representa, ao mesmo tempo, uma abominação e um perigo na lógica racista patriarcal. Um corpo negro feminino que ousou apropriar-se de si, do próprio desejo e romper com as normas raciais, sexuais e de gênero escancara a possibilidade de rompimento com a dominação masculina, branca e heterossexual (OLIVEIRA, 2019, p. 117).

Mesmo sem compartilhar da minha sexualidade com mulheres negras, lésbicas e periféricas, essas questões me atravessam porque compartilho de outras avenidas identitárias com elas. No fim das contas, me coloco em posição de ter como dever combater essas discriminações, afinal, como bem afirma sobre sua experiência Audre Lorde, escritora caribenha-estadunidense, autodescrita negra, lésbica e feminista:

Entre as mulheres lésbicas, eu sou negra; e entre as pessoas negras, eu sou lésbica. Qualquer ataque contra as pessoas negras é um problema para lésbicas e gays, porque eu e milhares de outras mulheres negras somos parte da comunidade lésbica. Qualquer ataque contra lésbicas e gays é um problema para pessoas negras, porque milhares de lésbicas e homens gays são negros. Não existe hierarquia de opressões (LORDE, 2019b, p. 236).

Portanto, para conhecer e transformar a condição da mulher negra na nossa sociedade atual, nós temos que afrontar e derrubar todos os níveis que compõem a estrutura do cisheteropatriarcado, do racismo e do capitalismo com a mesma força de uma mulher negra, lésbica e periférica, que desafia ordens e arranjos em um sistema que é prejudicial a todas às mulheres, mesmo que em graus variados, independente da sua raça e classe.

## CAPÍTULO 2

### PESQUISADORA-FOLHA, PESQUISA-FURACÃO



**Figura 02** – Janela quebrada na Medical Center.  
**Fonte:** Arquivo Pessoal, 2019.

a janela da minha alma está quebrada  
 para dar passagem aos raios de um belo pôr-do-sol  
 eu me aqueço pelas frestas  
 eu me insolo entre as grades  
 eu vejo beleza nos estilhaços  
 faço arte com a destruição  
 é por isso que a janela da minha alma  
 está sempre quebrada  
 não tem volta  
 o caos dá vida à criação

(Poema de minha autoria)

### 2.1 Rodopiando pela montanha sociopoética em tempos de Covid-19

No dia 01 de novembro de 2019 participei da Oficina “Sociopoética e Pretagogia nas Pesquisas em Educação”, tendo a Prof<sup>a</sup>. Dra. Rebeca Alcântara (UNILAB/CE) como nossa facilitadora. Naquela ocasião, diante da experiência que nos propunha pensar a nossa pesquisa como se fosse um ritual, foi indagado como seria esse ritual se ele fosse um dos quatro elementos da natureza. Associei a minha pesquisa ao ar e constatei que ela era como um furacão. E nessa pesquisa-furacão eu era uma pesquisadora-folha que rodopiava pela montanha sociopoética<sup>10</sup>.

Então, como uma leve folha, não pela leveza de ser, mas por às vezes me sentir perdida e sem direção, eu rodopiava pelo ar. Ora sendo engolida e destroçada por esse

---

<sup>10</sup> A referência à sociopoética como uma montanha é uma alusão ao texto “Trilhando a vertente filosófica da montanha sociopoética – a criação coletiva de confetos e conceitos”, de Jacques Gauthier (2005).

furacão, ora alçando voos para longe e descobrindo que podia fazer coisas que estavam além da minha imaginação graças a ele.

Tal como a Dorothy, do livro “O Mágico de Oz”, eu fui arrancada das minhas zonas de conforto e levada para outro universo enquanto sentia meu corpo e tudo ao meu redor ser desestabilizado. Fui desterritorializada de mim mesma. Mas nessa história a única inimiga, a única Bruxa Má do Oeste, era eu mesma, que duvidei da minha própria capacidade. Ao passar pelos desafios da pesquisa – que parece que não acabam nem ficam poucos – fui sendo transformada por esse processo árduo, mas muito potente e bonito.

No entanto, para além dos desafios esperados, que fazem parte do percurso, ocorreu algo totalmente inesperado. A realidade ao meu redor – e de todas as pessoas do planeta – foi transformada de uma forma avassaladora. O mundo virou de pernas para o ar. Eu nem me lembro exatamente quando anunciaram, no começo de 2020, que a pandemia provocada por um novo tipo de coronavírus havia se arrastado até o Brasil.

E em pouco tempo o terrível vírus estava no meu estado, na minha cidade, no meu bairro, mostrando que a Covid-19 era uma doença não só infecciosa, mas extremamente cruel porque nos força a nos distanciar daqueles que amamos para tentar protegê-los e vivenciar esse distanciamento de forma mais isolada possível.

Diante do adoecimento mental provocado pela necessidade de isolamento social e distanciamento físico das pessoas, diante dos meses repletos de ansiedade causada pela possibilidade da contaminação e o medo de perder os entes queridos, eu me vi como uma folha amassada no chão, arrasada por um vento tão forte que me soterrou. Eu fui enterrada e perdi totalmente as minhas perspectivas.

É impossível falar sobre o meu processo de pesquisa sem falar sobre a pandemia, que infelizmente ainda está vigente e perdura sob a ajuda do próprio governo federal e sua postura negacionista. A pandemia afetou diretamente esta pesquisa, não só nos seus aspectos metodológicos, que serão discutidos mais a frente, mas também no meu pesquisar, porque eu não conseguia fazer nada a não ser ter um enorme medo paralisante por meses.

Inclusive comecei a escrever sobre isso ano passado, enquanto tentava produzir qualquer coisa para a minha dissertação. Mas o medo era tão grande, como se as palavras que eu escrevia pudessem interferir no destino de forma trágica, que eu desisti. Foram várias as crises existenciais em pouco tempo até começar a renascer, lentamente... Como uma fênix ressurgindo das cinzas. Para ilustrar esse processo, compartilho com as/os minhas/meus leitoras/es uma fotografia e um texto que publiquei em uma rede social.



**Figura 03** – A fênix quer (re)nascer das cinzas  
**Fonte:** Arquivo pessoal do meu *Instagram*, 2020.

Olá, pessoal. Sumi por aqui. E em muitos dias fora daqui também sumi presa dentro de mim, no medo, na tristeza e na ansiedade.

A arte da imagem fiz na parede do meu quarto em um dia que estava muito ansiosa e deprimida. Olhei para a parede, já calejada de outras crises, e pensei ter visto um pássaro. Não me considero uma desenhista, mas quis rabiscar esse pássaro. Quando percebi, havia uma fênix triste na parede. Ela estava queimada, sofrendo. No seu peito havia apenas um buraco negro crescente de tristeza, raiva, culpa e dor. “A fênix quer (re)nascer das cinzas” – essa foi a minha primeira percepção dela. Naquele dia, ela não sabia como fazer isso. Na verdade, ela ainda está (re)nascendo. Um dia de cada vez. Ainda sem saber o que fazer, ainda sem conseguir estabelecer uma rotina, ainda sem cumprir as obrigações que não param porque o mundo está de pernas para o ar.

O momento atual da pandemia é compartilhado por todos e ter saúde mental/emocional não está sendo nada fácil. Por mais que eu esteja fazendo a minha parte e também não queira pensar demais nisso, cotidianamente sou bombardeada por informações, em uma conjuntura sócio-política desanimadora.

A cada dia os casos confirmados e as mortes aumentam. É inevitável pensar se vai acontecer na minha família, na minha casa, com meus amigos, comigo mesma.

Bom, esse post não é uma mensagem motivacional. Apenas compartilho meus sentimentos com vocês e espero que aqueles que também estão queimados consigam (re)nascer das suas cinzas. Também peço desculpas pelas ausências e mensagens não respondidas. Não é nada pessoal. É só que está sendo difícil encarar a realidade no último mês e parece que qualquer esforço apenas para falar dói, arde, queima.

#SendoFênixEmTemposDeCoronavírus #AFênixQuerRenascerDasCinzas  
 #SentimentosNaParede #ArteÉTransformaDor

(Arquivo Pessoal do meu *Instagram*, 24 de abril de 2020.)

Depois disso, a fênix ainda se arrastou para sair das suas cinzas de (re)nascimento, até que alçou voos novamente, mas indo em outras direções, que não foram as da pesquisa. Descobri uma nova paixão ao acaso, que finalmente me desparalisou, levando para longe a minha ansiedade: o artesanato. Mais especificamente, o macramê – uma técnica de tecelagem manual com o uso de nós.

Mas eu não embarquei nessa aventura artesanal sozinha. Convoquei a minha mãe, Maria de Fátima, para juntas criarmos algo novo. E assim nasceu, em junho de 2020, com muito significado e afeto, o Artesanato das Marias, um empreendimento de mãe e filha onde cada uma contribui com a sua arte: ela no crochê, eu no macramê.



**Figura 04** – Mamãe e o Girassol  
**Fonte:** *Instagram* @artesanatodasmariasthe  
 Arquivo Pessoal, novembro de 2020.



**Figura 05** – Macramê da Maria  
**Fonte:** *Instagram* @artesanatodasmariasthe  
 Arquivo Pessoal, setembro de 2020.

Diante desse processo de reinvenção de si, através da arte, consegui perceber que por maior que fossem as minhas aspirações sobre o futuro, o meu desejo de concluir o mestrado, a minha paixão – naquele momento em suspensão – pela pesquisa, eu havia perdido coisas importantes pelo caminho, que infelizmente se não fosse a maldita pandemia eu nem teria me dado conta.

Quando fui arrancada da minha rotina acadêmica habitual e desestabilizada até o último fio de cabelo, enclausurada em casa e com medo até da minha sombra, comecei a perceber alguns estranhamentos no meu próprio lar. Escrevi um diário sobre isso.

No dia “sei lá quando” da pandemia ouvi a minha mãe dar uma gargalha. Aquelas gargalhadas bem gostosas, que a gente não dá à toa. Imediatamente fui tomada por uma sensação quase que insuportável de estranhamento. Na segunda ou terceira vez que tornei a reparar seu riso, no decorrer dos dias, me permiti tentar entender esse estranhamento. Que som esquisito era aquele? Era a gargalhada da minha mãe. Mas como assim?! Era como se eu nunca o tivesse ouvido. E no fim foi isso que me incomodou mais: não reconhecer o riso da minha própria mãe. Que raios de universo era aquele em que eu sou a filha da minha mãe há quase vinte e quatro anos e eu não conhecia o seu riso?

Na verdade não era uma questão de conhecimento, mas de convívio. Embora eu fosse parecida o suficiente com a minha mãe, a ponto de ter percebido isso somente na psicoterapia, não estava mais habituada ao seu riso. A minha rotina de entra e sai, corre e quase voa, para praticamente só para dormir em casa, me privou de compartilhar da intimidade tão sutil de um autêntico sorriso. E eu nem sabia que estava privada disso!

Olha que coisa doída... Não o riso solto da minha mãe (o qual já ouço sem estranhamento), mas essa rotina que a gente é (ou era) inserida e nos faz perder coisas que nem sabemos que gostaríamos de ter, sentir, viver. Como um riso. Um riso que se não fosse o fato do mundo ter virado do avesso eu teria perdido.

E foi aí, após muito sofrimento e surtadas, que eu descobri que o avesso é o lado certo, porque é o lado de dentro, o lado do coração. Foi quando eu me volvei para dentro, não só da minha casa e da minha família, mas também de mim, que descobri aspectos que eu não sabia ter, encontrei novas facetas do meu ser e das pessoas que amo.

Foi nesse momento em que eu fui mais criativa e inventiva, me permiti renascer das cinzas ao obter um novo fôlego através do artesanato. E não demorou a surgir o Artesanato das Marias, onde mãe e filha – minha mãe e eu – tecem fios e afetos. A gente se reaproximou e as nossas trocas ataram mais ainda os nossos laços, outrora enfraquecidos. Os laços viraram nós, tão apertados quanto os do meu macramê e tão caprichados como cada ponto do crochê dela. A ancestralidade e a intergeracionalidade da nossa relação fluiu tão solta e tão amigavelmente como nunca. Um algo em comum tão forte e tão único.

(Diário de Emoções. Arquivo Pessoal, 03 de setembro de 2020, 21h31min.)

Às vezes a gente pensa que “fez um giro e faz um giral”. Cresci ouvindo minha mãe dizer isso. E basicamente, a minha pesquisa-furacão fez giros e girais enquanto eu ia aprendendo um pouco mais sobre mim mesma e as coisas que importavam. Eu sempre quis acreditar que mesmo as pausas e desamores da pesquisa seriam valiosos para a sua realização. E não é que eu estava certa? Mesmo quando eu parecia não fazer nada, algo dentro de mim amadurecia e aprendia com esse nada.

Isso faz com que eu me lembre das falas da professora Shara Jane que me marcaram bastante durante um experimento *online* com o tema-gerador convivência, em 28 de abril de 2020, quando pensávamos as possibilidades de se fazer sociopoética nos moldes que a pandemia nos obrigou. Na ocasião, ela disse que a vida não para pra termos o controle da situação e que o acontecimento na oficina é o que não está no planejamento. Temos que viver a emergência e o imprevisto para alcançar o inusitado.

Pensando nisso, o acontecimento é a vida incontrolável de todos os dias: é a pessoa que entra de repente no quarto durante uma chamada de vídeo importante; é não conseguir me concentrar para produzir o que tanto desejo; é sentir o corpo tão cansado e enjoado que sequer tenho ânimo para me mover quando a situação exige que eu corra.

A vida é o acontecimento. E se nosso corpo é vida, ele só pode florescer no seu substrato mais fértil, que é no próprio acontecimento. O corpo pode sim florescer independente do caos, pois o caos também é acontecimento, também é vida, assim como o nada, o vazio, a brecha, a falha, a janela quebrada... Eu só pude aprender a valorizar isso com a sociopoética, que me mostrou que podemos produzir conhecimento com esses elementos improváveis, com o corpo todo, com a arte, com o espírito.

Ao criar outras formas de se fazer ciência, que não é uma Ciência com letras maiúsculas, legítima e universal, atrelada a um modelo hegemônico de dominação masculina, branca e ocidental na produção do conhecimento (LOURO, 2014), a sociopoética e os seus dispositivos produzem singularidades, em um processo que “[...] leva à construção de novos modos de sensibilidade, modos de criatividade e de relação com o outro” (SILVEIRA, 2005, p. 154).

Portanto, a produção de acontecimentos, a promoção de rupturas e a multiplicação de sentidos (SILVEIRA, 2005) provocada pela sociopoética, do meu ponto de vista, são revolucionárias para a forma como fazemos nossas pesquisas. É como se não houvesse barreiras sobre nós mesmos e sobre como vemos os outros.

Enquanto pesquisador/a, você se permite sair de uma posição de tutela sobre uma coleta de dados e de um paternalismo hierárquico sobre um objeto de pesquisa, passando a se perceber como igual aos sujeitos da pesquisa e podendo aprender com eles na produção coletiva de dados, porque nenhum conhecimento é encerrado, unilateral ou indiscutível.

Quando eu estava na graduação em Serviço Social na UFPI, a única abordagem teórico-metodológica possível era a análise crítico-dialética. Não é segredo para ninguém que na nossa formação somos inclinadas a nos tornarmos marxistas. Lembro-me vagamente de uma aula em que a discussão estava contrapondo o materialismo histórico e a fenomenologia. Foi dito que a fenomenologia não era válida para as nossas pesquisas porque as pessoas tratavam como verdade o que elas queriam que fosse, de acordo com a sua subjetividade, não o que a verdade realmente era.

Na época eu concordei e de cara já desenvolvi um preconceito com a fenomenologia, estudei-a superficialmente e nem tive interesse em conhecê-la um pouco mais para formar minha própria opinião. Qualquer coisa que se opusesse ao “pensamento

crítico” seria rechaçada por mim. Olhando para trás, agradeço por ter tido a oportunidade de voltar à UFPI através do mestrado e me desconstruir daquilo que dogmatizei.

Afinal, o que é verdade? Como podemos dizer que a experiência encarnada de um sujeito não é uma forma de verdade? Como temos coragem de nos autorizar a dizer o que é verdade com base no nosso senso crítico? E aí fazemos uma formação, nos enchemos de teorias “absolutas” e se a Dona Maria disser que cura o soluço do neto dela com uma folha santa nós dizemos que não é verdade, porque isso não é Ciência – foca no “c” maiúsculo.

Então, minhas caras e meus caros, para mim foi uma revolução ontológica e epistemológica ter conhecido a sociopoética, os estudos decoloniais, o feminismo negro e tudo aquilo que afronta os pilares do ser-poder-saber da sociedade ocidental moderna. Sei que mesmo no dia em que defender a minha dissertação a viagem pela montanha ainda estará longe de acabar e o furacão continuará rodando, porque eu não quero voltar para aquele território de onde fui arrancada.

Essa pesquisadora-folha quer continuar rodopiando no olho do furacão, aprendendo modos de produzir conhecimentos, sensibilidades e estranhamentos tão necessários para construir no acontecimento condições de (r)existência e de resiliência possíveis.

## 2.2 Reflexões sobre a UFPI: a que será que se destina?



**Figura 06** – Entrada do Campus Ministro Petrônio Portella, UFPI, Teresina-PI  
**Fonte:** Lucas Dias/GP1, 2020.

A Universidade Federal do Piauí (UFPI) completou 50 anos em 2021. Com sede em Teresina-PI, foi autorizada através da Lei 5528/68, que permitiu o seu funcionamento, mas somente em 1º de março de 1971 a instituição de ensino superior público foi oficialmente instalada (UFPI, 2017). Com o passar dos anos, a universidade foi se expandindo e atualmente existem campus nas cidades de Parnaíba, Picos, Floriano e Bom Jesus. De acordo com os dados de 2018, do Catálogo de Cursos da Graduação:

[...] a UFPI conta com 14 unidades acadêmicas, mais de 170 cursos e mais de 35.000 alunos ativos, habilitando nos graus bacharelado e licenciatura (graduação), mestrado e doutorado, assim como médio e profissionalizante. Os cursos de graduação são oferecidos na modalidade presencial e, alguns (15), na modalidade à distância (UFPI, PREG, 2018).

Em relação à pós-graduação, são 45 programas, divididos entre mestrado e doutorado, totalizando 53 cursos. Dentre eles, há 4 programas com nota 5 na Avaliação Quadrienal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), o que é de grande importância para se conseguir recursos e aprovar projetos (UFPI, 2018).

No ano de 2019, segundo o Ranking Universitário Folha (RUF), que mede o desempenho de universidades brasileiras desde 2012, a partir dos indicadores de ensino, pesquisa, inovação, mercado e internacionalização, a Universidade Federal do Piauí ocupa a 52ª posição entre 197 universidades brasileiras, públicas e privadas (FOLHA DE S.PAULO, 2019). Em anos anteriores a UFPI esteve até em melhores posições, como em 2016, que ocupou a 41ª posição (FOLHA DE S.PAULO, 2016).

Há inúmeras histórias de sucesso relacionadas à UFPI, que é uma das melhores universidades do Nordeste e a maior do Piauí. Em meio século de história, comecei a fazer parte dela somente em 2014, através da graduação em Serviço Social, e me orgulho bastante de ter habitado esse espaço ao longo de quatro anos, retornando para o mesmo em 2019 a fim de cursar o mestrado em Sociologia.

Diversas foram as minhas experiências e desafios, atravessados ora sozinha ora acompanhada, mas sem sombra de dúvidas uma vivência rica em aprendizados e transformações de quem eu era/sou e de quem eu queria/quero ser. Outro aspecto que marca essa travessia é a coletividade de afetos envolvidos, afinal, ter ingressado na universidade e obtido êxito na formação foi e é uma enorme realização pessoal e familiar. Eu não teria conseguido se não tivesse tido o suporte da minha família, com seus inúmeros sacrifícios em prol da minha permanência e de tornar a rotina menos difícil. Ilustro o meu sentimento de gratidão através da fotografia a seguir, registrada na minha formatura.



**Figura 07** – Conquista em família  
**Fonte:** Arquivo Pessoal, 2018.

No entanto, a minha vivência na universidade não é isenta de críticas e reflexões, o que me levaram à proposta de observar o espaço acadêmico enquanto pesquisadora das relações que ocorrem no seu seio, dando palco para as (r)existências de estudantes negras e periféricas. Nas *Implicações Iniciais* pontuei que o meu interesse em pesquisar com sujeitas da graduação nasce da minha própria experiência. Então quero aprofundar essa implicação neste tópico e relatar alguns pontos da minha trajetória acadêmica que me conduziram ao questionamento “a que será que se destina<sup>11</sup> a UFPI?”.

Primeiramente, considero importante falar sobre o período anterior ao meu ingresso na universidade, pois ele foi cercado de expectativas e pressões, algo que acredito ser compartilhado entre quase todos os estudantes. Afinal, a universidade muitas vezes é vista como uma etapa importante ou até mesmo a principal na construção da nossa vida adulta. Para muitas pessoas entrar na universidade é a melhor opção para ascender socialmente e apesar de eu falar que isso é uma opção não são todos que têm acesso a ela.

A desvalorização da educação e dos seus profissionais pelo poder público em todas as esferas ainda é uma realidade no Brasil. Entra governo, sai governo e o problema persiste. Sempre faltam recursos para a política de educação em todos os níveis, provocando a precarização e o sucateamento de escolas e universidades, prejudicando a qualidade do ensino público e gratuito. Deste modo, a educação, que deveria ser um direito

---

<sup>11</sup> Mais uma vez faço referência ao título “Rexistirmos: a que será que se destina?” da 15ª Semana do Orgulho de Ser, em Teresina-PI.

social garantido pela Constituição Federal, torna-se um privilégio para aqueles que podem pagar pelo ensino em instituições privadas.

No Brasil, em 2019, havia 11 milhões de pessoas com 15 anos ou mais de idade analfabetas, correspondendo a uma taxa de analfabetismo de 6,6%. Esse dado é da Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílio Contínua (PNAD Contínua), que também revela que os maiores índices de analfabetismo estão na região Nordeste (13,9%) e que há uma enorme diferença na taxa de analfabetismo entre pessoas brancas (3,6%) e pretas ou pardas (8,9%) (IBGE, PNAD Contínua, 2020).

Outro dado também importante sobre a educação no Brasil tem a ver com o analfabetismo funcional. De acordo com o Indicador de Analfabetismo Funcional – Inaf, os analfabetos funcionais equivalem, em 2018, a cerca de 3 em cada 10 brasileiros. De acordo com esse índice, 29% da população de jovens e adultos entre 15 e 64 anos têm dificuldades de escrita, leitura, interpretação de texto e realização de operações matemáticas no cotidiano (INAF, 2018).

Ressalto que o Inaf não adota a noção binária de alfabetizado x não-alfabetizado na composição dos seus dados, mas percebe a alfabetização como um “[...] um processo gradativo de aquisição e consolidação de habilidades” e busca compreender o analfabetismo “[...] tanto na dimensão das habilidades cognitivas quanto das práticas sociais nos diversos contextos de vivência” (INAF, 2018, p. 4).

Trouxe esses dados para ilustrar o quanto a educação ainda precisa avançar no Brasil enquanto política pública de qualidade e também para superar as disparidades regionais, de raça e classe. Logo, isso também me faz pensar no valor social que muitas pessoas atribuem ao ensino superior. Em muitas famílias, ainda há pessoas que estão sendo a primeira de gerações a alcançar esse ensino e quanto maior o sacrifício mais isso é romantizado pelas mídias; ainda há uma ideia de que universidade é coisa de rico e que pobre tem é que trabalhar, não estudar; ainda há a atribuição de um status de superioridade para aqueles que estão na universidade ou se formaram, sobretudo em cursos elitistas como Direito, Medicina, Engenharia Civil, entre outros<sup>12</sup>.

---

<sup>12</sup> Enquanto eu escrevia isso me lembrei de várias coisas, dentre elas um caso polêmico noticiado que aconteceu em 2020, no Rio de Janeiro, quando um casal agrediu fiscais da vigilância sanitária durante uma aglomeração em um bar. Quando um fiscal chamou o homem de cidadão, a sua esposa rebateu dizendo “cidadão não, engenheiro civil, formado, melhor do que você”. Isso repercutiu nas redes sociais, virou memes e gerou críticas, mas é só um de vários casos que demonstram essa mentalidade e são comumente traduzidos na prática da “carteirada”, que é quando alguém busca vantagem ou privilégio à custa da sua profissão, cargo ou condição sócio-econômica, o famoso “você sabe com quem está falando?”. A notícia mencionada está

Então, diante da realidade social, quando eu ainda estava no ensino médio havia muitas expectativas fantasiosas sobre ingressar em uma universidade pública, sobre como isso seria um caminho para obter um emprego e independência financeira. A universidade era um meio para um fim de sucesso. Por outro lado, também havia receios e nervosismo sobre adentrar o espaço desconhecido da universidade, por ele ser tão mal falado pelos meus professores da escola, que eram ex-alunos de universidades federais e estaduais.

A frase mais marcante de todas foi que “a universidade é cobra comendo cobra” e eu tinha tanto medo disso, porque vivi anos de *bullying* na escola e esperava finalmente me libertar daquilo caso passasse no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Queria aprender coisas novas, me formar para ter uma profissão, mas também fazer amigos. Que terrível seria se eu me visse cercada por cobras (mais uma vez). Portanto, eu tinha medo dessa promessa de animosidade, competitividade e até inimizade.

Além disso, também havia as histórias sobre professor de universidade não dar aula e as greves que atrasavam os cursos em anos – discursos comumente utilizados no senso comum para criticar o ensino público. Eu nunca havia estudado em escola pública, mas sabia que apesar desses discursos eu precisava entrar em uma universidade pública por uma questão econômica. Já era sacrifício demais da minha mãe pagar as mensalidades da escola (periférica, no bairro vizinho) mesmo sendo uma aluna quase sempre bolsista (eu fazia teste seletivo anualmente para concorrer a bolsas de no máximo 50% de desconto).

Saí do ensino médio para o ensino superior aos 17 anos. Era uma adolescente da zona Sul que nunca havia pegado um ônibus para a zona Leste (vulgo “zona nobre”) e só estive na UFPI uma vez em uma aula passeio da escola durante o 2º ano. Após entrar no Centro de Ciências Humanas e Letras (CCHL) acompanhada da minha mãe para fazer a matrícula institucional nós simplesmente nos perdemos. O mapa do centro nos deixou muito confusas, saímos pedindo informações a um e outro, no fim deu tudo certo.

Gosto de lembrar isso porque depois desse dia eu me perdi várias vezes no CCHL antes de aprender a conhecê-lo como se fosse a palma da minha mão – e olha que de vez em quando ainda descubro um lugar novo e inexplorado, assim como no restante da UFPI que não conheço nem metade do seu espaço. É uma aventura que não se acaba!

Não me lembro quando exatamente comecei a chamar a UFPI de minha segunda casa, afinal houve dias em que eu passava mais tempo na universidade do que na minha

própria residência, mas este foi o sentimento que se criou ao longo da graduação. A UFPI se tornou uma morada, mesmo que temporária, por isso falo de habitar o seu espaço em vez de apenas passar por ele.

E nessa morada fiz e desfiz amizades; aprendi coisas novas e também desaprendi coisas velhas, me desconstruindo ao máximo de preconceitos enraizados; estudei para inúmeras provas complicadas e apresentei trabalhos desafiantes; fui bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) e na monitoria, tendo minhas primeiras experiências com pesquisa e docência, respectivamente; fiz dois estágios (um obrigatório vinculado à UFPI e outro não obrigatório, mediante prova seletiva, no Tribunal de Justiça do Piauí) e sobrevivi a um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), do qual carrego traumas até hoje. Nem sei de onde tirei forças e sanidade para encarar o mestrado!

Dentre outras experiências desagradáveis, sofri assédio sexual e moral por parte de professores, dos quais não soube me defender; senti medo e ao mesmo tempo coragem ao trafegar solitária pelos corredores ora desertos ora lotados da UFPI; senti a insegurança por não poder contar com os seguranças da universidade, já que eles estão ali para proteger patrimônios, não pessoas, e houve muitas situações em que isso ficou óbvio.

Apesar dos apesares, foi essa casa – a UFPI – na figura de professores, colegas e funcionários, que forjou quem eu sou hoje. O acesso à educação foi transformador epistêmica e ontologicamente, mesmo com seus altos e baixos, dias de luta e dias de glória. Mas em toda essa trajetória teve algo que sempre chamou a minha atenção desde a graduação. Embora na minha turma não fôssemos “cobra comendo cobra”, a competição e a disputa em torno do Índice de Rendimento Acadêmico (IRA) era tangível.

Quanto mais nos aproximávamos do estágio obrigatório, mais os burburinhos aumentavam. Muitas alunas estavam se sentindo injustiçadas porque a escolha do campo de estágio seria de acordo com o IRA. Tais sentimentos extravasaram a ponto de que a aluna com maior IRA da turma teve a sua pontuação contestada e foi acusada de obter boas notas de modo fraudulento, gerando uma situação muito conflituosa. Eu já sabia que a estrutura de ensino da universidade nos coloca em posição de competir uns com os outros, mas nesse dia foi a primeira vez que eu percebi que os resultados disso podiam ser tóxicos.

Nunca tive problemas com as minhas notas e nunca fiquei de prova final porque era obcecada pela pontuação. Eu me orgulhava do meu histórico e poderia ser considerada uma aluna modelo. Mas quando olho para trás e penso nessa época vejo uma jovem presa, que entre os seus 17 e 21 anos não experimentou outras possibilidades de vivência na universidade que não fosse a de estudar. Nunca ia às calouradas (festas de alunos) nem saía

com as amigas depois das aulas ou nos finais de semana. Não se divertia para além das conversas nos intervalos das aulas, sempre presa à rotina de estudos.

Durante a graduação meu foco era ser uma das melhores da turma (e eu estava entre as cinco melhores) como se quem eu sou pudesse ser expresso em números – o que é uma ironia para quem é de humanas. Isso era tão importante para mim que quando eu tirava 8,0 já achava o meu desempenho ruim. Uma nota menor que isso era uma tragédia shakespeariana. A minha obsessão com a nota foi motivo de adoecimento mental por diversas vezes. Recordar isso hoje me faz pensar que a universidade nos adoce mesmo e ainda nos culpa pelo nosso adoecimento, afinal, a responsabilidade por qualquer coisa sempre é da/do aluna/o que quer ou não quer estudar, como se tudo fosse uma questão de “querer é poder” no estilo mais *coach* possível.

A meritocracia reina nas salas e nos corredores. Quanto menor a sua nota, não interessa por que infernos pessoais você esteja passando, mais você será chamado de irresponsável e sempre haverá alguém que merece aquela bolsa do PIBIC mais do que você, afinal o problema é seu e nunca da falta de recursos para que todos tenham acesso a condições iguais de ensino e aprendizagem ou dessa estrutura de ensino que mede o conhecimento em números.

Para manter o padrão, muitos alunos realmente utilizam de estratégias diversas para “colar” na prova ou decoram o máximo que podem o conteúdo. No Serviço Social por inúmeras vezes eu me vi obrigada a não só decorar o máximo que podia, mas também a escrever laudas na prova para comprovar o meu aprendizado. A propósito, se você me perguntar hoje o que eu tanto escrevi naquela avaliação de Política Social I, no 3º período da graduação, não faço ideia. A única recordação é que eu precisei fazer fisioterapia no punho após quase desenvolver uma lesão por esforço repetitivo de tanto escrever.

Isso me leva a um ponto interessante a ser refletido: a universidade, para além de reproduzir uma estrutura colonial de poder-saber, também reproduz uma “educação bancária” nos moldes do que Paulo Freire nos apresenta na sua Pedagogia do Oprimido. Estudantes são tratados como meros receptáculos de informações de seus professores, os quais ocupam a posição de transmitir essas informações em uma formação totalmente voltada para a inserção no mercado de trabalho.

Pelo que eu observei durante a minha experiência acadêmica e em contato com alunos de outros cursos, a maioria dos estudantes não são formados para terem senso crítico e sensibilidade sobre a sociedade e suas questões sociais, ou até mesmo para saber lidar com as pessoas no seu exercício profissional. Não é uma formação para a vida adulta. O

foco é a transmissão de conteúdo e o quanto o estudante pode absorver dele, como se fosse uma esponja. De acordo com Freire (2019), seja na escola ou fora dela, a relação educador-educandos é marcada pela narração de conteúdos. Dessa forma, no ato de educar:

[...] o educador aparece como seu indiscutível agente, como seu real sujeito, cuja tarefa indeclinável é “encher” os educandos dos conteúdos de sua narração. Conteúdos que são retalhos da realidade desconectados da totalidade em que se engendram e em cuja visão ganhariam significação. A palavra, nestas dissertações, se esvazia da dimensão concreta que devia ter ou se transforma em palavra oca, em verbosidade alienada e alienante (FREIRE, 2019, p. 79-80).

Portanto, essa narração transforma os educandos/estudantes em vasilhas a serem preenchidas pelos educadores/professores, tornando a “memorização mecânica do conteúdo narrado” (FREIRE, 2019, p. 80) o principal parâmetro de avaliação que existe hoje em dia desde a educação básica até o ensino superior.

Dessa forma, a universidade se assemelha mais a uma extensão da escola do que a uma nova etapa de ensino, em que continuam valendo as mesmas regras. “Quanto mais vá ‘enchendo’ os recipientes com seus ‘depósitos’, tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente ‘encher’, tanto melhores educandos serão” (FREIRE, 2019, p. 80).

Percebendo isso, considero difícil falar de produção de conhecimentos na universidade quando em inúmeros casos o que está acontecendo é uma reprodução de conhecimentos. Não me admira que tantos professores reclamem que os trabalhos parecem todos iguais, como se fossem cópias/plágios uns dos outros, afinal usam as mesmas referências e abrem pouco espaço para que os estudantes expressem o que pensam sobre aquilo. Ouvi esses comentários a graduação inteira e continuei ouvindo na pós-graduação. Os estudantes nem sempre são incentivados a romperem com a mesmice.

Eu me lembro que ficava muito irritada por ter um raciocínio sobre determinado assunto e quando escrevia o que eu pensava com as minhas próprias palavras exigiam que eu colocasse uma referência, como se eu não pudesse pensar sozinha ou como se eu não pudesse chegar à mesma conclusão de determinados autores sem nunca tê-los lido. O mesmo acontecia se eu desejava criticar algum autor, pois eu precisava usar outro como embasamento para a minha crítica. Poxa, eu não posso discordar com os meus próprios argumentos? Não tenho direito a usar a fonte “vozes da minha cabeça”? (risos).

Entendo que a comunidade científica seja formada por inúmeros pensadores legitimados, que existem consensos e divergências em andamento dentro dos blocos de saber, que há bases comuns e necessárias na formação de futuros profissionais, mas ter

sempre que me reportar a um conhecimento anterior para embasar o meu próprio é um tanto limitante. É como se dissessem, por exemplo, “pense apenas como Marx” e eu torno Marx o meu guia de pensamento, não conseguindo sequer criticá-lo porque ele é a minha base e não fui ensinada a ver de outra forma.

Outra face da limitação na produção de conhecimentos fica clara quando os alunos estão prestes a escrever o TCC. Conheço casos de estudantes que tiveram seu conhecimento podado porque o tema que queriam pesquisar no seu TCC, mesmo com todas as justificativas e embasamentos plausíveis, não era o que o seu professor/orientador queria. Então o aluno foi obrigado a fazer uma pesquisa indesejada ou com o tema inicial adaptado apenas para tirar uma nota e concluir o curso.

Isso também ocorre nas seleções para pós-graduação, quando o estudante precisa adaptar o seu interesse de estudo para encaixar nas linhas de pesquisa do programa. Acredito que também possam acontecer algumas podas nesse sentido no processo de pesquisa para escrever teses e dissertações, o que felizmente não é o meu caso e eu me sinto muito privilegiada por isso.

Freire (2019, p. 81) afirma que “na visão ‘bancária’ da educação, o ‘saber’ é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão – a absolutização da ignorância [...]”. Infelizmente, a maioria dos docentes no ensino superior se porta dessa maneira perante seus alunos, criando uma dicotomia fixa no saber: de um lado o educador que sabe e do outro o educando que não sabe. De acordo com Freire (2019, p. 81), “a rigidez destas posições nega a educação e o conhecimento como processos de busca”.

Dessa forma, convertidos em objetos pela concepção bancária de educação, nós educandos não temos direito à voz, à liberdade de expressão, a fazer escolhas sobre o nosso processo. Somos vistos como seres da adaptação, do ajustamento, acomodados a decisões que foram tomadas exteriores a nós, pois delas não fazemos parte. “Quanto mais se exercitem os educandos no arquivamento dos depósitos que lhes são feitos, tanto menos desenvolverão em si a consciência crítica de que resultaria a sua inserção no mundo, como transformadores dele. Como sujeitos” (FREIRE, 2019, p. 83).

Somos tratados como se não pudéssemos pensar por si próprios ou exercer a nossa criatividade em busca de fazer produções inovadoras ou mesmo daquilo que queremos. Enquanto estudantes nós estamos sempre reféns da aprovação dos nossos professores e o medo de contestar as regras é real. Eu tinha muito medo de contestar meus professores na graduação, então aguntei muita coisa calada, até quando deixei de aguentar e fui punida

em todas as vezes que contestei aquilo que me incomodava. Isso é prejudicial não só no contexto acadêmico, mas também fora dele, porque continuamos reféns de outras pessoas em posição superior nos nossos estágios, empregos, sindicatos, etc.

Para Freire (2019), a concepção bancária de educação serve apenas para satisfazer os interesses dos opressores, que preservam os seus benefícios ao não estimular a transformação do mundo através da não conscientização dos oprimidos. A domesticação dos educandos e da realidade ao seu redor é instrumento de negação da vocação ontológica de ser mais, de negação da vocação de humanizar-se.

Além disso, a realidade social é multifacetada, cheia de nuances e disparidades. Tendemos a agir conforme os marcadores sociais que nos atravessam e é comum que as pessoas usem a sua própria vivência como filtro e referência para ver a vivência do outro. Se uma pessoa acha que tudo é igual em todos os lugares conforme o que ela vive na sua experiência, essa pessoa está fadada a tratar os outros de modo desigual e injusto.

Aplicando isso ao contexto acadêmico superior público, nós temos a UFPI, que é uma instituição localizada em um estado marginalizado dentro da construção político-geográfica do Brasil. Comparada a outros estados, ainda somos uma criança. A Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, por exemplo, tem 101 anos. Além disso, o Piauí tem características próprias da sua realidade que não podem ser vistas pelos filtros das outras regiões, conseqüentemente, com as teorias e práticas das outras regiões. Não dá para uniformizar a educação sem considerar o chão que os estudantes e futuros profissionais pisam, logo não dá para reproduzir teoria universal.

Isso me faz recordar uma aula na primeira metade da graduação em que uma professora convidou assistentes sociais para irem a algumas aulas a fim de falarem sobre a prática profissional delas. Até então a gente não fazia ideia de como era o exercício profissional do Serviço Social, apenas líamos as bases históricas, teóricas e metodológicas da profissão. Lembro-me como se fosse ontem a professora imersa em sua teoria discutindo com a assistente social sobre a sua prática. A professora não entendia que as condições objetivas da realidade não propiciavam a materialização das lindas teorias que líamos. Na prática a teoria era outra – não porque era subvertida, mas porque mesmo que a profissional aplicasse o melhor da teoria ainda assim dependia de outros elementos não-teóricos.

Isso ficou mais evidente para mim quando entrei nos campos de estágio. Eu queria usar a minha linda e perfeita teoria, mas não era bem assim que as coisas funcionavam. Tive uma formação que incentivou o meu senso crítico, devido ao viés marxista do meu curso, então reconheço que a teoria fornece bases para compreensão e desvelamento da

realidade, mas ela por si só com seus pés longe da realidade local perde o seu sentido, pois se torna uma abstração vazia de concretude. É preciso criticar e buscar melhorias na prática, lutar pelas transformações, mas entendendo isso dentro das possibilidades do chão que pisa.

Trouxe essa questão porque me preocupa que a intelectualidade e a produção de conhecimento na universidade, enfaticamente a UFPI, estejam voltadas a atender interesses que fogem da nossa realidade ou que só podem existir no plano das ideias. Até que ponto os estudantes estão sendo formados para servir, por exemplo, o nosso estado, a nossa cidade, as pessoas do seu bairro? Até que ponto os estudantes compreendem as limitações da realidade e estão dispostos a lutar para transformá-la?

As discussões, seminários, palestras, entre outros eventos que acontecem na universidade realmente vão influenciar na atuação profissional ou são apenas um meio para preencher o histórico universitário ou o currículo *lattes* com atividades extracurriculares? Os programas de extensão da universidade estão realmente alcançando a comunidade não acadêmica ou estamos interagindo apenas com nós mesmos? Os grupos e movimentos estudantis estão conseguindo modificar a forma como o conhecimento está sendo discutido e produzido dentro da universidade ou são apenas formas de isolar o conhecimento em redomas as quais somente esses grupos têm acesso?

É verdade que há coisas entre o céu e a terra do que podemos sonhar. A realidade é dialética. São inúmeros os movimentos e as contradições que nos rodeiam. Um dia nós estamos em cima, no outro nós estamos embaixo. Há avanços e retrocessos por todos os lados. As multifaces, os fragmentos, os pontos de vista, as sensações corpóreas, as novidades, os retornos. Desta forma, apesar de todas as críticas e questionamentos que fiz à estrutura de produção/reprodução de conhecimentos na universidade, reconheço e vivencio os escapes, as linhas de fuga de pensamento, as resistências. Há focos de resistência na universidade lutando contra a mesmice, contra os padrões, contra a educação bancária, contra os universalismos. Esta pesquisa, esta dissertação é um deles.

Ao escrever em primeira pessoa e narrar as minhas vivências, escapo do universalismo, da objetividade e da pretensa neutralidade científica, penso por conta própria e uso o chão da minha realidade como referência. Ao utilizar a sociopoética como abordagem metodológica é possível “desbancarizar” a universidade bancária, quebrar as correntes da pedagogia do oprimido, romper com os padrões de racionalidade, produzir um conhecimento coletivo e decolonial que valoriza dimensões consideradas não científicas, como o sentimento, a espiritualidade, o não consciente, entre outras.

São esses focos de resistência, carregados da subjetividade e sensibilidade daqueles que se recusam a ceder às amarras, que permitem transformações, não só no contexto da universidade, mas também fora dela, afinal os sujeitos que habitam o espaço acadêmico também habitam outros espaços de proliferação de saberes.

Embora o título desse tópico seja uma pergunta, não pretendo responder a que se destina a UFPI. Nem tenho uma resposta pronta para isso. A UFPI não tem um futuro fixo e predestinado. Tal como a dialética da realidade, a universidade também tem seus movimentos e contradições. Este tópico é um exercício de reflexão sobre essas contradições existentes no espaço acadêmico e sobre como elas interagem com os corpos sociais.

Acredito que a pergunta “*a que se destina a UFPI?*” é uma questão-potência para pensarmos sobre que universidade nós queremos construir, experienciar e habitar. Ao percebermos as contradições, somos levados a mais e mais questionamentos. Se tudo que é sólido pode derreter não há respostas definitivas, então devemos encontrar nossas próprias respostas para construir o nosso destino dentro e fora da universidade.

## CAPÍTULO 3

### CONEXÕES VIRTUAIS NO ISOLAMENTO SOCIAL

#### 3.1 A sociopoética e o grupo-pesquisador

Quanto mais eu penso nisso, mais tenho certeza que esta pesquisa não poderia ter tido um método diferente de pesquisa, que não fosse a sociopoética, pois na medida em que fui conhecendo-a pude observar que ela anda em consonância com o meu desejo de ouvir, reconhecer e valorizar o lugar de fala das sujeitas participantes da pesquisa.

A sociopoética possui cinco princípios orientadores e foi lendo sobre eles que me encantei de vez: a instituição do grupo-pesquisador; a valorização das culturas dominadas e de resistência; pesquisar com o corpo todo; pesquisar utilizando técnicas e dispositivos artísticos; a importância da responsabilidade ética, política, noética e espiritual do grupo-pesquisador (GAUTHIER, 2012; ADAD, 2014).

De acordo com Gauthier (2014), a sociopoética é uma crítica às entrevistas enquanto dispositivo de poder. Este método inventivo rompe as relações de poder entre pesquisador-pesquisado, tendo como objetivo “tornar a pesquisa uma obra de inspiração libertária, coletiva e cooperativa do grupo-pesquisador inteiro, ao dar a cada um dos seus membros a mesma potência cognitiva, qualquer que seja a diferença [...] técnica e não hierárquica, dos facilitadores acadêmicos” (GAUTHIER, 2014, p. 13).

As pesquisas sociopoéticas são voltadas para a desestabilização e a transformação do mundo acadêmico e das relações de dominação entre os conhecimentos de mundo, assim como da maneira de se produzir conhecimento (GAUTHIER, 2012; 2014). Ela valoriza e reconhece as experiências daqueles que foram colonizados, dando “[...] vez e voz aos oprimidos e marginalizados, não somente como produtores de dados cuja experiência da vida e prática social merecem todo nosso cuidado, e sim *como atores e atrizes na aventura científica*” (GAUTHIER, 2012, p. 75, grifos do autor).

A ideia fundamental é de produzir ciência a partir das epistemologias que foram colonizadas num movimento de negação *ainda vivo* de parte da humanidade pela Europa conquistadora, não apenas fisicamente pela escravidão e pelo extermínio físico, mas também, pelo desprezo e silenciamento dos seus modos de pensar e criar conhecimentos novos: fala-se de genocídio epistêmico (GAUTHIER e ADAD, p. 263, 2020, grifos dos autores).

Além disso, a sociopoética tem como proposta uma epistemologia decolonial e contracolonial (GAUTHIER e ADAD, 2020). Como já foi dito, o giro decolonial é um movimento de resistência teórico e prático, político e epistemológico (BALLESTRIN, 2013). Gauthier e Adad (2020), no entanto, trazem uma nova perspectiva ao conceberem o método sociopoético como contracolonial.

Contracolonizar é radicalizar a atitude epistêmica decolonial: significa que partimos diretamente das tradições indígenas e afrobrasileiras nas práticas de pesquisa e ensino. Quem precisa decolonizar é a instituição acadêmica, e quem fala ou escreve a partir do interior dela. Os colonizados têm nada a decolonizar, e sim, podem se contrapor ao instituído, “contracolonizando” (GAUTHIER e ADAD, p. 263-264, 2020).

Esse é o bojo epistêmico no qual esta pesquisa se insere: onde a produção de conhecimentos reconhece e critica as relações de colonialidade do saber, do poder e do ser, assim como valoriza as teorias *desde* o nosso lugar geopolítico e de fala, sobretudo na figura do grupo-pesquisador – sobre o qual falarei com mais detalhes mais a frente.

No que diz respeito à execução de uma pesquisa sociopoética, conforme nos descreve Petit (2014), esta se inicia com uma negociação para constituição do grupo-pesquisador e definição do tema-gerador. De acordo com Adad (2014), o grupo-pesquisador tem bases em Paulo Freire, sendo formado por facilitador e copesquisadores, pois como os membros são iguais em direitos e deveres, a postura da pesquisa é de diálogo e troca entre saberes intelectuais e populares.

O grupo-pesquisador é autor da pesquisa, e não o facilitador acadêmico que apenas é guardião do tempo, da igualdade entre todos no direito de se expressar, da ausência de qualquer forma de julgamento sobre o outro e, obviamente, aquele que fornece as técnicas de produção de dados (às vezes com a colaboração de sábios das culturas de resistência), assim como os resultados do estudo “em casa” dos dados da pesquisa. As hierarquias de poder-saber são subvertidas pelo grupo-pesquisador (GAUTHIER e ADAD, p. 270, 2020)

Portanto, uma pesquisa sociopoética não pode existir sem o grupo-pesquisador, que também é um filósofo coletivo co-responsável pelos dados produzidos. Enquanto isso, o tema-gerador é o que será discutido pelo grupo-pesquisador, sendo ideal que o grupo-alvo convidado para a pesquisa escolha o tema durante a negociação.

No caso desta pesquisa, o tema-gerador foi proposto às participantes com bases nas minhas implicações e projeto de pesquisa, até mesmo devido à delimitação do tema da pesquisa ainda ser uma exigência prévia da universidade. Propus que discutíssemos as

(r)existências de jovens mulheres negras e periféricas na universidade, atravessadas pela questionamento “o que pode o corpo negro e periférico?”.

Para a formação do grupo-pesquisador, foram delimitados os seguintes critérios: que as participantes fossem mulheres jovens, entre 18 e 29 anos de idade, autoidentificadas como negras, estudantes de cursos da graduação no campus Ministro Petrônio Portella da Universidade Federal do Piauí (UFPI), localizado em Teresina-PI, que elas também se considerassem periféricas (considerando aquilo que foi dito sobre periferia não ser apenas e geografia) e residissem na periferia teresinense. Além disso, foi pensada uma quantidade de seis a oito mulheres para formarem o grupo.

Devido à pandemia, as copesquisadoras foram convocadas a participarem voluntariamente da pesquisa através da divulgação de um convite padronizado no *Instagram* e em grupos de *WhatsApp* e também mediante o uso do esquema “bola de neve”, uma técnica de amostragem não probabilística que se dá em cadeias de referência onde indivíduos participantes da pesquisa convidam novos participantes da sua rede de amigos e conhecidos (BALDIN e MUNHOZ, 2011).

Esse processo, embora pareça fácil devido ao alcance proporcionado pelas redes sociais, teve uma realidade diferente nesta pesquisa. Apesar de ter compartilhado o convite amplamente, até mesmo para perfis de Centros Acadêmicos e grupos de pesquisa da UFPI, com o passar do tempo não obtive nenhum retorno espontâneo. Por conta disso decidi convidar diretamente as possíveis participantes da pesquisa.

Aquelas que eu convidei eram jovens conhecidas de vista e através de redes sociais, indicadas por amigas/os ou que tive algum convívio, mas sem estabelecer vínculos profundos. Fiquei muito feliz porque a maioria convidada aceitou prontamente participar da pesquisa, demonstrando interesse no tema e disponibilizando seu tempo.

Além disso, é importante ressaltar que precisei fazer ajustes no público-alvo, como já foi relatado, modificando a ideia do projeto que tinha como foco a categoria lesbianidade e a experiência de mulheres negras, lésbicas e periféricas. Retirei a ênfase na categoria lesbianidade e modifiquei os critérios de formação do grupo para mulheres negras e periféricas, independente da sua sexualidade.

Até que eu tomasse essa decisão, de abrir mão do projeto inicial, também levou algum tempo e houve até mesmo divulgação de convite para formação de um grupo-pesquisador, mas sem retornos. Modificar o grupo de “última hora”, inclusive enquanto o projeto de pesquisa já transitava em busca da sua aprovação no Comitê de Ética em

Pesquisa (CEP) da UFPI, me causou bastante ansiedade, mas foi totalmente necessário para que esta pesquisa finalmente pudesse acontecer.

Por causa disso, gostaria de destacar também sobre esse processo de formação do grupo-pesquisador os sentimentos de insegurança e medo que me assolaram enquanto pesquisadora. Sempre soube que seria difícil, mas cada dia sem encontrar possíveis participantes da pesquisa e os convites sem resposta, às vezes até prometendo confirmar depois, quase me paralisou novamente.

Houve momentos em que eu tinha muito receio de falar com as pessoas, com medo de receber mais um não. Além disso, houve uma desistência após ter reunido as voluntárias no grupo do *WhatsApp* destinado à pesquisa, quando estávamos marcando a data para o nosso primeiro encontro virtual – a oficina de negociação. Isso me deixou receosa, preocupada que mais pessoas desistissem, mas felizmente não houve mais desistências.

Também tive uma experiência muito interessante antes de conversar com a última participante que convidei para compor o grupo-pesquisador. Eu não fazia mais ideia de quem convidar e nem para onde compartilhar o convite. Estava já há alguns dias muito angustiada com essa situação, pois queria formar um grupo com pelo menos sete pessoas, caso houvesse alguma desistência – como de fato ocorreu depois. E de repente, enquanto dormia, no meio da madrugada sonhei com uma pessoa: era a jovem que no dia seguinte eu convidei para fazer parte da pesquisa e recebi um caloroso sim.

Estou relatando sobre isso porque achei interessante o ocorrido. Eu estava tão emocionalmente envolvida e preocupada com a formação do grupo-pesquisador que de alguma forma busquei com o meu não consciente por participantes em potencial. Essa experiência surreal na composição da pesquisa é totalmente o contrário do que propõe a ciência moderna e é totalmente decolonial e sociopoético. Enquanto me mantive acordada e angustiada não vi possibilidades, mas em estado não consciente, dormindo, encontrei uma resposta para um problema concreto.

E foi assim, durante cerca de dois meses entrecruzando razão, emoção e intuição, que compus o grupo-pesquisador. Após os ajustes necessários, reuni seis jovens, cada uma de um curso da graduação, abrangendo três centros diferentes. Inclusive, uma das minhas era formar um grupo-pesquisador que fosse o mais heterogêneo possível, buscando propositadamente estudantes de cursos e centros diferentes.

Afinal, de acordo com Gauthier (2012, p. 86), “[...] a sociopoética enfatiza as diferenças e nunca busca nem os pensamentos mais frequentes nem o consenso, ainda menos a homogeneização. Pelo contrário, ela trabalha no sentido de acabar com a

dominação das ideias gerais e majoritárias”. Confira o quadro abaixo, organizado com os nomes dos cursos e seus respectivos centros no quais as copesquisadoras se inserem.

CURSO	CENTRO DE ENSINO
Ciências Biológicas	Centro de Ciências da Natureza (CCN)
Ciências Econômicas	Centro de Ciências Humanas e Letras (CCHL)
Ciências Sociais	Centro de Ciências Humanas e Letras (CCHL)
Serviço Social	Centro de Ciências Humanas e Letras (CCHL)
Comunicação Social – Jornalismo	Centro de Ciências da Educação (CCE)
Pedagogia	Centro de Ciências da Educação (CCE)

**Quadro 01** – Cursos e Centros de Ensino do grupo-pesquisador na UFPI

**Fonte:** Dados da pesquisa.

A pesquisa propriamente dita acontece em oficinas sociopoéticas, que são encontros de corpos que produzem coletivamente os dados mediante a aplicação de técnicas artísticas, que são concebidas como dispositivos. “Os dispositivos são montagens ou artifícios que propiciam o surgimento de inovações, de diferenças, de singularidades” (SILVEIRA, 2005, p. 154). O uso de dispositivos pretende, portanto, a produção de acontecimentos, a promoção de rupturas e a multiplicação de sentidos (SILVEIRA, 2005).

“[...] para a Sociopoética, as técnicas escolhidas, o local, a hora, os objetos, o material artístico e tudo o mais são dispositivos capazes de aflorar a produção dos dados por meio da profusão de oralidade, de sentimentos, de emoções, de imagens, de ritmos, de sons e de movimentos corporais, que tais mecanismos, quando acionados, despertam nos participantes” (ADAD, 2014, p. 54)

As técnicas, portanto, são escolhidas pelo/a facilitador/a e devem contar com a sua atenção durante a aplicação, visto que “[...] devem, em primeiro lugar, *provocar o estranhamento*, fazer suscitar no grupo outras respostas que não estejam ainda tão mecanizadas e nos permitir sair da repetição vazia, característica das formações de subjetividade capitalísticas” (SILVEIRA, 2005, p. 160, grifos meus).

Na sociopoética, mediante a instituição do grupo-pesquisador, o grupo também se torna um dispositivo, sendo potência criativa na produção de conhecimentos. De acordo com Silveira (2005), quando o grupo-pesquisador valoriza a heterogeneidade e a multiplicação das diferenças, constrói novas configurações de território do eu e em contato com o outro, rompendo com a pretensão de totalidade.

No entanto, embora haja um objetivo ético-político de provocar acontecimentos e promover devires, o uso dos dispositivos na sociopoética não visa promover uma

transformação conscientizadora ou direcionada, pois é imprevisível o que cada pessoa fará com eles (SILVEIRA, 2005).

Em relação aos *devires*, que são promovidos pela sociopoética, é importante compreender seu importante conceito, que tem bases na filosofia de Deleuze e Guattari. “O *devir* é uma fuga fora dos engessamentos instituídos, no sentido de criar elos instituintes, muitas vezes inesperados e ‘impensáveis’, constituindo assim novas formas de desejar, se alegrar, se expressar, em dispositivos compostos por dimensões heterogêneas” (GAUTHIER e ADAD, p. 265, 2020, grifo dos autores).

Viver um devir é escapar de classificações, rótulos e estereótipos que aprisionam os corpos em caixinhas. Nesse sentido, eu posso ser uma mulher adulta e viver um devir-criança, onde experimento ser uma criança sem ser. “O devir é, então, uma linha de fuga, algo que escapa à categorização socialmente produzida” (PETIT, 2014, p. 25), evocando a nossa heterogeneidade enquanto sujeitos e rompendo as essencializações que nos reduzem a uma figura única, como se pudéssemos ser uma só coisa e não várias.

Dentro da pesquisa sociopoética, a criação de devires é pura potência do corpo. “Somos rachados e rachadas, sim, nem sempre o barro deu certo certíssimo, mas andamos como somos, porque não estamos um, e sim estamos em devir. Devires múltiplos, nem sempre compatíveis, quase sempre imprevisíveis” (GAUTHIER, 2014, p. 11). Cabe, portanto, à sociopoética intensificar estes devires através das técnicas.

Acerca da multiplicidade de pensamentos nas pesquisas sociopoéticas, estas devem ocorrer de modo efetivo nas produções artísticas, visto que “a Sociopoética utiliza a arte para produção de conceitos heterogêneos, polifônicos, polissêmicos, metafóricos e mesmo inusitados sobre um tema gerador (GAUTHIER e ADAD, p. 273-274, 2020).

Não só nas produções artísticas, mas também nos relatos orais que compõem os dados da pesquisa, as técnicas devem ser elaboradas de modo a incentivar a heterogeneidade de ideias que permite a criação de *confetos*, *problemas* e *personagens conceituais*. A propósito, são estes três elementos destacados que são considerados os produtos da sociopoética.

Antes de explicar estes elementos, adianto que eles só são percebidos mediante a análise dos dados – individual, pelo/a facilitador/a, e coletiva, pelo grupo-pesquisador. Essa análise tem em vista a identificação das linhas de pensamento do grupo-pesquisador. “O objetivo da Sociopoética é a descoberta da estrutura do pensamento do grupo na sua heterogeneidade e não a realização de análises individualizadas” (PETIT, 2014, p. 35).

A análise individual do/a facilitador/a, portanto, não é tomada como uma verdade absoluta e inquestionável, mas sim como uma percepção acurada sobre os processos da pesquisa, que após o exercício de minuciosas investigações desvela o pensamento do grupo-pesquisador, sendo capaz de apontar suas linhas.

Os facilitadores não produzem dados. Seu papel é de cuidar do dispositivo de pesquisa [...] e de fazer [...] um estudo atento, rigoroso e preciso, na solidão, de como se organizam os dados de pesquisa. Sempre lidamos com a hipótese de que o grupo-pesquisador é um ser só, um filósofo. Não se trata apenas de descobrir *o que* pensa esse filósofo, mas *como* ele pensa. Realizar um mapa desse cérebro! (GAUTHIER, 2012, p. 92, grifos do autor).

A produção de conhecimento e pensamento do grupo-pesquisador ocorre na relação entre os planos de imanência (pensar, filosofar, elucidar problemas) e consistência (criação e crítica de conceitos) (PETIT e ADAD, 2018). Dessa forma, os *problemas* são produtos da pesquisa por serem traduções e reflexões das realidades do grupo-pesquisador, inerentes ao seu cotidiano, podendo ser percebidos ou não diretamente, afinal a sociopoética:

[...] permite elucidar problemas que fazem parte da experiência vivida ou implícita/herdada no inconsciente coletivo de um povo/grupo/categoria. Pretendemos, pois, problematizar a vida com o grupo-pesquisador, o que supõe descobrir rachaduras, divergências, diferenças que mobilizam este grupo mediante postura (auto)crítica. (PETIT e ADAD, 2018, p. 137).

Além da produção de problemas, os *confetos* (conceitos atravessados por afetos) se constituem como um dos diferenciais da sociopoética, recriando a própria noção de conceito ao atribuir sentidos e emoções a ele em um processo que se materializa com uma transformação metafórica da linguagem usual e acadêmica, possibilitando novas percepções sobre a realidade ou ampliando as definições já existentes.

Os conceitos criados na Sociopoética são sempre perpassados de afetos, resultado das intensidades que percorrem os corpos e da fusão entre arte e filosofia. São, portanto, um misto de emoção, razão, sensação, intuição, não consciente [...]. Dessa forma, os confetos são mais do que enunciados intelectuais, são a expressão de experiências coletivas que implicam o corpo sensível, portanto, uma forma potente de pensamento que não se limita à razão. Os conceitos, portanto, podem ser poéticos e/ou metafóricos, miscigenados, interferenciais. Geralmente, anarquizam referências prévias (PETIT e ADAD, 2018, p. 142-143).

Como sugerido, os confetos não são dados explícitos dentro da pesquisa. “Em regra geral, os confetos aparecem somente no momento em que os facilitadores estudam o pensamento do grupo-pesquisador como se fosse obra de um só cérebro, pois é preciso

realizar oposições e ligações entre dados para elaborar um confeto original” (GAUTHIER, 2012, p. 77). Portanto, a existência de um confeto é um ato de criação pós-analítica pelo/a facilitador/a, que através da sua sensibilidade percebe “[...] planos de afetos advindos de conceitos desterritorializados” (PETIT e ADAD, 2018, p. 155). Os confetos “[...] são efeitos de um pensamento híbrido que afirma a multiplicidade em fusão do grupo-pesquisador e a sua produção de devires” (PETIT e ADAD, 2018, p. 155).

Em relação ao *personagem conceitual* (ou filosófico), este surge enquanto personagem original que corresponde ao modo de pensar do grupo na criação dos confetos: é o heterônimo ou pseudônimo do grupo-pesquisador, que também é um grupo filosófico (GAUTHIER, 2012; PETIT e ADAD, 2018).

Apresento agora, brevemente, como esta pesquisa sociopoética em particular foi pensada e estruturada. Inicialmente, a realização da oficina de negociação, para instituição do grupo-pesquisador e da confirmação (ou não) do tema-gerador. Posteriormente, foi planejado o acontecimento de duas oficinas de produção de dados. Na primeira delas aconteceria a técnica principal (“os obstáculos do bicho-(r)existir”) e na segunda seria o desdobramento dessa técnica, com o seu aprofundamento. Por fim, uma oficina de contra-análise para que as copesquisadoras confrontassem os dados após a sua análise por mim.

Ressalto que cada oficina teve planejamento prévio roteirizado com técnicas e dispositivos próprios relacionados aos objetivos da pesquisa, com exceção da contra-análise, que não seguiu nenhum roteiro. No entanto, considerando a grande quantidade de materiais produzidos nas oficinas de produção de dados e o tempo disponível para esta pesquisa, foram analisados somente os materiais da primeira oficina de produção.

Constarão, portanto, nesta dissertação, as descrições sobre a oficina de negociação, a primeira oficina de produção de dados, as análises plástica, classificatória e transversal e a contra-análise dos dados pelas copesquisadoras.

### **3.2 Preparativos para a formação do grupo-pesquisador**

Eu já relatei um pouco sobre os meus atravessamentos e dificuldades relacionadas à formação do grupo-pesquisador, mas trago neste tópico mais detalhes sobre esse processo. Devido à pandemia, esta pesquisa foi pensada para ter caráter híbrido, utilizando desde recursos tecnológicos de comunicação virtual (grupo privado no *WhatsApp* e chamada de vídeo em teleconferência no *Google Meet*) até a realização das oficinas em encontros presenciais, se assim fosse acordado junto ao grupo-pesquisador.

Caso fosse decidido que as oficinas poderiam ocorrer de forma presencial, as recomendações sanitárias de segurança e distanciamento social seriam obedecidas através do uso de máscaras descartáveis para proteção individual, álcool em gel e líquido para higienização das mãos e objetos, bem como disponibilização de sabonete líquido em um local com acesso para lavar as mãos. As reuniões aconteceriam em espaço aberto e ventilado, mantendo o distanciamento mínimo de 2 metros entre as pessoas, como recomenda os órgãos públicos de saúde.

No entanto, antes mesmo de conversarmos sobre qualquer possibilidade, ocorreu a inviabilidade de as oficinas serem presenciais devido não só a uma piora no contexto da pandemia, mas também ao fato de que uma das copesquisadoras não estava residindo em Teresina, tendo retornado à sua cidade de origem, onde morava antes de estudar na UFPI, cidade esta inclusive em outro estado.

Esse ocorrido não foi motivo para levar à dispensa da participação dessa copesquisadora e nem forçar o seu deslocamento para um encontro presencial. Eu já havia me preparado psicologicamente para lidar com a realidade do distanciamento social na pesquisa e planejei as oficinas desde o início para ocorrerem no ambiente virtual.

Inclusive, produzir pesquisas sociopoéticas virtualmente é um acontecimento novo, propiciado pelo contexto da pandemia desde 2020. As pesquisas não podiam parar e foi exigido do nosso corpo-pesquisador-sociopoeta adaptações à realidade, produzindo algo inovador. Não foi fácil para nós, mas seguimos com nossos propósitos.

Dessa forma, foi preciso apenas fazer mais alguns ajustes dentro do planejamento, como, por exemplo, organizar a aquisição dos materiais das oficinas para serem entregues nas casas das copesquisadoras sem que elas tivessem custo. No caso da participante que estava em outra cidade, foi acordado que ela obtivesse o material e o seu custo também fosse coberto por mim sem prejuízos financeiros da sua parte.

Em relação ao material das oficinas, a lista dos itens utilizados pode ser conferida no “APÊNDICE A” da dissertação. Para além do “kit artístico” a ser usado nas oficinas de produção, eu quis entregar para as participantes um “kit afetos à distância” como agradecimento pela disponibilidade e também como uma forma de afeto nesses tempos tão difíceis, acrescentando a esse material alguns chocolates para adoçarem a vida e também itens de proteção individual contra a Covid-19, como álcool em gel e máscaras descartáveis, que são usados cotidianamente nos últimos tempos.



**Figura 08** – Organização dos kits para oficinas  
**Fonte:** Arquivo Pessoal, 2021.



**Figura 09** – Cuidados pós-pandêmicos  
**Fonte:** Arquivo Pessoal, 2021.

Na “Figura 08” é possível perceber um “diário de itinerância” dentre os materiais da pesquisa. Geralmente esse diário, nas pesquisas sociopoéticas, é de uso coletivo. Devido ao isolamento social e ao caráter virtual desta pesquisa, o diário foi adaptado para ser de uso individual, mas incentivado a ser compartilhado nas oficinas.

O diário de itinerância (ou diário itinerante ou diário coletivo) é um importante “[...] espaço onde os integrantes do grupo-pesquisador têm a liberdade de escrever, desenhar, colar tudo o que desejarem” (SILVEIRA, 2005, p. 160). Não se reduzindo a um simples registro dos acontecimentos, “[...] a importância do diário vai além desse ‘baú de memórias’ onde depositamos pedaços do real e passa a ser, por si mesmo, um produtor de real” (SILVEIRA, 2005, p. 160). Ele também “é um espaço onde os afetos podem ser expressos, onde se pode devanear e poetizar o real” (SILVEIRA, 2005, p. 160).

A ideia de um “diário de itinerância” propriamente dito também está relacionada aos seus movimentos, à possibilidade de ser utilizado fora do espaço da oficina e até mesmo de ser levado para outros lugares. Outra possibilidade de uso para o diário é “[...] como uma ferramenta para a análise das implicações do(a) facilitador(a) e do grupo-pesquisador com relação ao tema da pesquisa” (SILVEIRA, 2005, p. 160). O diário se constitui ainda como dispositivo e pode ser incorporado ao texto da dissertação.

### 3.3 A oficina de negociação

Após algumas semanas conturbadas, em que eu passava por problemas em casa e também não me sentia confiante para a negociação, confirmei na véspera o horário da realização do primeiro encontro com as voluntárias da pesquisa. Então, no dia seguinte, na tarde de 15 de maio de 2021, um sábado, das 14h00min às 16h40min, aconteceu a oficina de negociação em ambiente virtual, por videoconferência no *Google Meet*.

Preferi não mais adiar esse momento porque queria tentar levar o máximo possível da pesquisa de campo para o exame de qualificação, que já estava agendado para o início de junho. Então, apesar de me sentir um pouco desorganizada e insegura, me esforcei para realizar o que já vinha sendo planejado com muito zelo, afeto e dedicação. Aceitei que os atropelos e incertezas fazem parte do pesquisar.

Eu estive sozinha na condução da oficina de negociação, pois não consegui combinar com antecedência com algum/a cofacilitador/a experiente e a professora Rosângela, minha orientadora, também não pôde estar presente nesse encontro. Devido ao caráter coletivo da pesquisa sociopoética, o ideal é que até mesmo nos momentos de condução das oficinas o/a facilitador/a esteja acompanhado/a.

Foi uma situação desafiante, mas que não poderia mais ser adiada. Apesar da ansiedade e do nervosismo, iniciei a oficina com um pouco de confiança, pois havia me preparado previamente e planejado cada detalhe. O roteiro da oficina, que pode ser lido no “APPÊNDICE B”, estava pronto há semanas. Na medida em que as futuras copesquisadoras iam entrando na sala virtual, eu também ia me sentindo mais calma e segura de que tudo ia dar certo.

A oficina de negociação é um momento importante e que acontece em toda pesquisa sociopoética, pois é nela que o grupo-pesquisador é formado e o tema-gerador é decidido, como já mencionado anteriormente. Tendo isso em mente, planejei as atividades do nosso encontro com os objetivos de: 1) me apresentar e apresentar entre si as participantes; 2) falar sobre a proposta da pesquisa e a abordagem sociopoética; 3) negociar o tema-gerador e as datas das próximas oficinas; e 4) confirmar a participação das sujeitas na pesquisa, instituindo o grupo-pesquisador.

Agora vou relatar como aconteceu cada momento da oficina. Primeiramente, recebi as seis voluntárias de modo acolhedor, orientando que deixassem as câmeras abertas para que todas pudessemos nos ver. Depois, para que nos apresentássemos de forma diferente e divertida, executei uma dinâmica “quebra-gelo”, onde cada uma falou o nome, a idade, que

curso estuda e fez um gesto que gosta ou se identifica. A próxima a se apresentar repetia o gesto da pessoa que falou antes dela e assim sucessivamente, até que a última pessoa se apresentasse e repetisse os gestos de todas. Foi um momento descontraído, que garantiu algumas risadas e pudemos nos conhecer rapidamente.

Após essa dinâmica, utilizei slides do *Power Point* como ferramenta ilustrativa para apresentar a pesquisa em linhas gerais. Falei das minhas implicações, das justificativas, do objetivo geral e da metodologia a ser utilizada. Sobre esta última, conceituei brevemente a sociopoética e falei dos seus princípios, deixando claro que o mais importante não era que entendessem o que é a sociopoética, mas que experimentassem, vivenciassem e sentissem.

Também pedi para que uma das copesquisadoras, que já tem contato com a sociopoética no curso de Pedagogia, contasse um pouco da sua experiência com a abordagem metodológica. Após o seu relato empolgado, apresentei a proposta de tema-gerador – **(r)existências na UFPI** – e deixei a discussão em aberto para retomarmos após as vivências que foram preparadas para a oficina, de modo a aproximá-las um pouco do lado artístico da sociopoética.

Para esse momento, me inspirei na negociação realizada por Costa (2019) em sua pesquisa sociopoética de mestrado sobre o ser jovem em meio à heteronormatividade com estudantes de uma escola pública de Teresina, adaptando o seu dispositivo “*Inventário de Mim*” e a sua técnica “*Máscara de Si*” para esta pesquisa.

Pedi que as participantes respondessem o questionário “*Inventário de Mim*”, que pode ser conferido no “APÊNDICE C”. Esse questionário tinha como objetivo levantar um perfil individual das participantes feito por elas mesmas destacando suas características e singularidades através de perguntas diversas.

Em seguida conduzi um relaxamento – cuja prática comumente acontece no início das oficinas sociopoéticas e é fundamental para o seu desenvolvimento, especialmente para a produção de dados. Afinal, “[...] o relaxamento favorece que não se trabalhe somente com o lado racional e que se abra para fontes mais amplas de crítica e criatividade (no caso, a *intuição* – pouco usada em pesquisas eurodescendentes – vem complementar a análise racional)” (GAUTHIER, 2012, p. 81, grifo do autor).

Para que as copesquisadoras se voltassem para si mesmas e entrassem em um estado mais propício à meditação e à intuição, utilizei uma música instrumental de fundo com sons da natureza e flauta indígena e as guiei através da voz, induzindo o estado de relaxamento. “O importante está aqui: que as pessoas parem de racionalizar tudo, se entreguem

totalmente à pesquisa e deixem surgir os conteúdos sem censura, sem ter tempo para refletir, avaliar, ‘melhorar’ o que vai surgindo” (GAUTHIER, 2012, p. 81-82).

Eu estava preocupada de que as copesquisadoras não conseguissem relaxar, devido a algum problema no som (já que escolhi fazer o relaxamento com a música de fundo e ela estava sendo reproduzida na minha casa, sendo ouvida pelas copesquisadoras através da chamada de vídeo) ou falha de conexão da internet que cortasse a minha voz.

Também me perguntava se a música estava muito alta ou muito baixa, se meu tom de voz também podia ser ouvido ou se eu estava falando muito rápido. Era a minha primeira vez conduzindo um relaxamento, afinal, e ainda por cima em ambiente virtual. Felizmente depois me surpreendi com os seus relatos sobre a experiência na avaliação da oficina e até mesmo com a minha capacidade de ter conduzido o relaxamento.

Posterior a esse exercício meditativo, realizei a técnica “*Ressignificando a Máscara*”, que como foi sugerido é uma adaptação de outra técnica, “*Máscara de Si*”, feita na pesquisa de Costa (2019). Essa técnica foi adaptada tendo como inspiração a introdução do primeiro capítulo do livro de Grada Kilomba, citado a seguir:

Há uma máscara da qual eu ouvi falar muitas vezes durante minha infância. A máscara que *Anastácia* era obrigada a usar. Os vários relatos e descrições minuciosas pareciam me advertir que aqueles não eram meramente fatos do passado, mas memórias vivas enterradas em nossa psique, prontas para serem contadas. Hoje quero recontá-las. Quero falar sobre a *máscara do silenciamento*. Tal máscara foi uma peça muito concreta, um instrumento real que se tornou parte do projeto colonial europeu por mais de trezentos anos. Ela era composta por um pedaço de metal colocado no interior da boca do *sujeito negro*, instalado entre a língua e o maxilar e fixado por detrás da cabeça por duas cordas, uma em torno do queixo e a outra em torno do nariz e da testa. Oficialmente, a máscara era usada pelos senhores *brancos* para evitar que africanas/os escravizadas/os comessem cana-de-açúcar ou cacau enquanto trabalhavam nas plantações, mas sua principal função era implementar um senso de mudez e de medo, visto que a boca era um lugar de silenciamento e de tortura” (KILOMBA, 2019, p. 33, grifos da autora).

Li esse parágrafo repetidas vezes, atravessada pela sua descrição horripilante de um instrumento cruel de silenciamento usado durante o colonialismo e pensando que essa máscara de fato se modificou com o passar dos séculos, adquirindo outros formatos que ainda nos silencia enquanto corpo negro sob a colonialidade do ser, do saber e do poder.

Pensando nisso, escrevi uma curta história, sobre uma garotinha que usava uma máscara do silenciamento durante muito tempo até que um dia a arrancou. O dispositivo textual buscava provocar as futuras copesquisadoras para que elas pudessem perceber as máscaras que usavam, trazendo à tona aquilo que as atravessam e era silenciado nos seus

corpos. Além disso, havia a proposta de ressignificação da máscara do silenciamento, como uma ferramenta para a fala e a expressão das copesquisadoras sobre si próprias e suas trajetórias enquanto jovens mulheres, negras, periféricas e acadêmicas.

Quero deixar claro também que tentei ao máximo não provocar induções nas copesquisadoras através dessa técnica, afinal o objetivo da sociopoética é criar novos conceitos e produzir novos sentidos. O texto que escrevi pode ser lido abaixo:

### **TEXTO PARA TÉCNICA DA MÁSCARA**

Era uma vez uma garotinha. Apesar de ser curiosa e ter muita vontade de desbravar o mundo, ela passava o tempo todo usando uma máscara. Essa máscara impedia que a garotinha falasse. Às vezes a impedia até de comer. Havia dias em que a máscara parecia fazer parte do seu corpo e outros dias em que ela não passava de um acessório inconveniente, sem graça, torturante. Mesmo assim, ela não tirava a máscara. Então um dia, outra menina, incomodada por ver a situação da garotinha, começou a investigar as razões de aquilo acontecer até descobrir que ela não podia tirar a máscara. Havia alguém impedindo que isso acontecesse, alguém que considerava que a garotinha era sua propriedade e por conta disso podia fazer o que quisesse com o seu corpo.

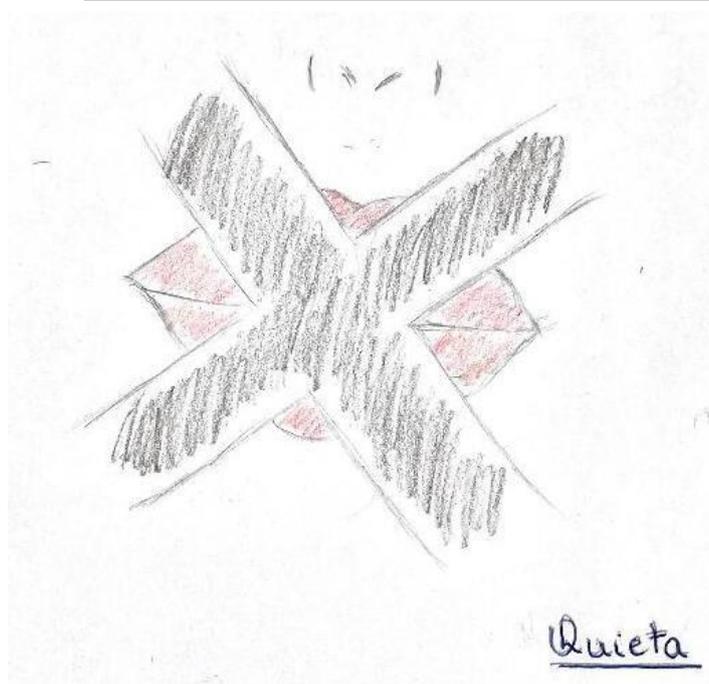
Os dias se passaram, se transformando em semanas, meses, anos, séculos... E a garotinha continuava a usar a máscara. Mas certo dia, houve um momento em que ela se cansou daquilo, arrancou a máscara e finalmente falou para todos ouvirem. O que vocês acham que ela falou? O que aconteceu quando ela falou? O que as pessoas ao seu redor sentiram quando ouviram a sua voz? O que nós podemos falar sobre isso?

Após a leitura do texto, pedi que cada participante da oficina ressignificasse a máscara da história, produzindo a sua própria máscara com a qual gostaria de se apresentar para as outras participantes, uma máscara que falasse sobre a história de vida individual, trazendo as marcas pessoais e fazendo a sujeita se sentir representada.

Cada máscara deveria ser nomeada com um pseudônimo escolhido pela participante. Esses pseudônimos também foram utilizados para nomeá-las enquanto copesquisadoras, de modo a preservar suas identidades e privacidades.

Depois foi proposto que cada uma se apresentasse novamente utilizando a máscara ressignificada e o seu pseudônimo para contar de si. Também foram usadas algumas perguntas norteadoras: “O que a máscara fala sobre você?”; “Você costuma usar essa máscara (ou outra) no dia a dia?”; “Há algum momento em que você deixa de usar essa máscara?”. O resultado deste momento pode ser conferido a seguir, junto às respostas do *Inventário de Mim* e o relato oral das copesquisadoras. As fotografias das máscaras foram registradas individualmente por cada participante em sua própria casa.

## COPESQUISADORA QUIETA



### INVENTÁRIO DE MIM

Tenho 22 anos, sou heterossexual, solteira e católica. Curso o 8º período de Economia. Minha maior qualidade é ser amiga e meu pior defeito é a teimosia. Tenho medo de morrer e se tivesse super poderes eu gostaria de me teletransportar. Tenho raiva de quando me contrariam e o que mais gosto de fazer é ficar sozinha e comer. Eu mudaria em mim a minha teimosia e mudaria no mundo a maldade das pessoas.

**Figura 10** – Máscara Quieta

**Fonte:** Dados da pesquisa

Eu nomeei a minha máscara de **Quieta**, que é uma coisa que, a partir da história [que foi lida]... Com a história seria até um dos lugares que eu tenho trabalhado em terapia e aí eu me coloquei dentro da história como se eu fosse a garotinha. E aí “quieta” é sempre um adjetivo que colocam em mim, que eu sou uma pessoa quietinha, no meu lugar, assim. E a máscara que eu fiz [...] é uma boca, a máscara é um “x” em cima da boca. E aí eu quis fazer que desse pra ver a boca porque ainda seria possível movimentar, ainda seria possível eu tentar me expressar apesar da máscara e... Isso vem desde a infância, no que eu pensei, que às vezes quando você vai tentar se expressar e aí o seu pensamento é invalidado, esse tipo de coisa, e você vai se colocando dentro de uma caixinha sempre e aí quando você vê que já tá, já adquiriu varias coisas do seu meio, das pessoas do seu convívio, você incorpora essa máscara. Então às vezes você nem percebe que essa máscara tá em você. Isso tanto em escola, desde o fundamental, quando você não tem coragem de perguntar, você não tem coragem de [se] expressar e aí durante o ensino médio a mesma coisa e no ensino superior principalmente. E eu enquanto... Eu faço um curso que ele, a maioria das pessoas são homens e aí quando você se coloca, tipo, geralmente, é, essas pessoas desde o ensino médio, principalmente em escola particular, que foi onde eu estudei, você pega aquela ideia de que homem é bom em exatas e mulher nem tanto, e aí quando você chega no ensino superior que você vê aquela sala lotada de homens, todo mundo fera, craque em exatas, e aí você na hora de se expressar você simplesmente se retrai. Já até, tipo, fui chamada a atenção às vezes por não conseguir me expressar e tudo mais, mas isso vem desde antes, quando a gente tenta e é invalidada. Mas essa máscara eu quis fazer de uma forma que ela fosse, que desse pra sair, porque ao longo dessa vivência há tentativas de não usar máscara e tudo mais, mas ela tá lá. E aí quando as pessoas, é, te adjetivam de quieta e tudo mais, elas reforçam essa máscara, e aí foi mais ou menos isso que eu tentei colocar aqui baseado na experiência própria.

Quantos silêncios e dores existem por trás de uma Máscara **Quieta**? Diante da máscara e do relato acima foi impossível não me lembrar de que desde a infância tendemos a ser comparados conforme nossos comportamentos: as crianças mais agitadas, curiosas e espertas são chamadas de danadas, que é uma característica ruim, costumam ser censuradas

e reprimidas; as crianças contidas, retraídas e tímidas são elogiadas por serem comportadas e se tornam exemplo a ser seguido.

Eu fui uma criança danada, daquelas que mexiam em tudo, queriam saber de tudo e não levava desaforo para casa – uma das três piores da minha geração, sem querer me gabar (risos). Nas reuniões de pais e mestres da escola meus professores elogiavam as minhas notas, mas sempre reclamavam para os meus pais que eu conversava demais. Na medida em que fui crescendo me tornei menos comunicativa e com medo de me expressar em público. É como no relato da copesquisadora **Quieta**: você incorpora uma máscara, adquirida do convívio com outros, o que não quer dizer que essa máscara, as características que ela traz sejam suas. Ser quem somos não é algo natural.

A copesquisadora **Quieta** nos relata a força coercitiva que a educação e a socialização impõem aos nossos corpos. Ela é uma pessoa quietinha, no seu lugar, dentro de uma caixinha. Há limites e censuras demarcadas pelo “x” que cobre a boca. A coragem de se expressar desaparece através da invalidação do pensamento. Primeiro no ensino fundamental, depois no ensino médio e principalmente no ensino superior. A sensação que tenho é que quanto mais complexo for o meio que a copesquisadora se insere mais ocorre a corporificação do ser quieta, mais o corpo se retrai com medo da reprovação do meio.

Ela nos traz ainda uma questão importante: as relações de gênero na universidade, quando homens e mulheres são comparados e reduzidos a capacidades supostamente naturais. A dicotomia entre humanas e exatas também é uma dicotomia entre sexos. Quando uma mulher se insere em um curso majoritariamente masculino, onde são requeridas habilidades com números, cálculos e maior uso de uma racionalidade matemática, ela tende a ser vista como inferior.

Apesar da corporificação da máscara com todas as suas censuras e limitações, com todos os comparativos e restrições, ainda há movimentos. A copesquisadora **Quieta** ainda consegue se expressar apesar da máscara. Sua boca e seu corpo (r)existem.

## COPESQUISADORA **NEGRA**



**Figura 11** – Máscara Negra  
**Fonte:** Dados da pesquisa

### INVENTÁRIO DE MIM

Tenho 21 anos, sou hétero, solteira e minha religião é o candomblé. Curso o 7º período de Serviço Social. Minha maior qualidade é determinação e o meu pior defeito é impaciência. Tenho medo de não alcançar meus objetivos e se tivesse super poderes eu gostaria de ter super velocidade e teletransporte. Tenho raiva de injustiça, desrespeito e desigualdade. O que mais gosto de fazer é ter momentos só para mim, como assistir filmes e séries. Eu mudaria em mim a impaciência, também poder ouvir mais e falar menos. E mudaria no mundo a desigualdade de raça, classe e gênero.

Eu tentei colocar alguns elementos nessa máscara, né? Eu tentei fazer... O nome da minha máscara, né, que seria o meu pseudônimo, é **Negra**. Negra no sentido de... Negra mesmo no feminino, né, digamos assim. E aí essa máscara traz as correntes que representam a questão da ancestralidade, de pensar nos povos africanos que foram sequestrados nesse processo mesmo histórico de escravidão e da população negra aqui no Brasil, que também fala sobre quem eu sou hoje, sobre a história do povo negro hoje, né, sobre a nossa realidade, mas ela também, essas correntes, elas também trazem consigo não só essa parte, digamos que dolorosa da história, né, mas acho que as correntes representam também a quebra, o rompimento. É muito simbólico pra mim quando eu vejo algumas imagens, sabe? Que representam pessoas que foram escravizadas com esse rompimento das correntes. Então por isso que eu quis trazer essas correntes que dão suporte, que prendem essa máscara, que tampam principalmente o nariz e a boca, que é por onde nós respiramos e vivemos, e a boca por onde nós falamos, nos expressamos e também vivemos para o mundo, né? Eu gosto muito quando a bell hooks fala que falar é existir. Então por isso que principalmente outro elemento que eu trago é essa flor aqui no meio, que pra mim simboliza um pouco dessa questão do feminino, né, de ser mulher, é... E não no sentido de uma flor frágil, mas do quanto uma planta pode ser resistente. E aí essa flor tá caída bem onde seria a região da boca porque a máscara tampa, então a gente não consegue falar, a gente não consegue se expressar. E eu quis trazer esse elemento do preto aqui, pra simbolizar mesmo essa questão de raça e etnia e de ser preta, porque eu acho que quando... Principalmente eu, né, que tenho essa questão dos fenótipos, né? Que algumas pessoas chamam de negroides, mais esse fenótipo mesmo de mulher negra. Então, a minha pele é um pouco mais retinta, o meu nariz é maior, os meus lábios são grossos, o meu cabelo é crespo. Então a sociedade, as pessoas me veem enquanto uma mulher negra, né? Eu não tenho essa opção de me camuflar. As pessoas já me taxam como negra assim que elas me veem, então isso ao mesmo tempo em que é uma máscara, porque as pessoas vêm com inúmeros estereótipos em cima de mim [que foram] construídos historicamente, né, nesse país que é racista, nesse país que é extremamente preconceituoso, desigual. Mas eu quis trazer esse aspecto porque quando você tira a minha máscara eu continuo sendo negra, mas eu continuo sendo negra com a minha intelectualidade, continuo sendo negra com os meus afetos, eu continuo sendo negra com o meu jeito, com a minha particularidade, com a minha inteligência, com a minha ancestralidade, então de diversas formas. Eu trago esse negro no sentido em que as pessoas me colocam nessa posição, mas eu também trago esse negro no sentido de ter muito orgulho, né? E dessa construção do negro que eu sou, né? E que eu entendo. Então por isso que eu trago esse negro e essa foi a minha máscara.

A máscara e o relato da copesquisadora **Negra** são altamente conscientes sobre de onde ela veio e quem ela é. Seu corpo não tem a opção de se camuflar porque as pessoas a

veem exatamente como ela é: negra. No entanto, ela não se percebe com uma negritude estereotipada, mas com uma negritude que resgata a ancestralidade dos povos africanos, quebra as correntes da escravidão, destaca a feminilidade da mulher negra e exprime a existência através da fala.

A copesquisadora **Negra** revela que ser negra não é apenas a dor da violência desumana e histórica contra o corpo negro, mas também o orgulho por ser quem é com a sua pele retinta, seus cabelos crespos, seu nariz grande, seus lábios grossos. É também ter um jeito próprio de ser, com características particulares. É construção de ser negra apesar da posição que os outros a colocam, fugindo do que se espera dos estereótipos do corpo negro. A copesquisadora rompe e ressignifica a própria Máscara **Negra** que criam para ela com base na sua aparência, mostrando que ela é muito mais do que se vê.

## COPESQUISADORA ÁUREA



**Figura 12** – Máscara Áurea  
**Fonte:** Dados da pesquisa

### INVENTÁRIO DE MIM

Tenho 26 anos, sou heterossexual, estou em um relacionamento estável e não possuo religião. Curso o 6º período de Ciências Sociais. Minha maior qualidade é o altruísmo e meu pior defeito é a impaciência. Tenho medo de não cumprir minhas metas e se tivesse super poderes eu gostaria de controlar emoções. Tenho raiva de pessoas inconsequentes e o que mais gosto de fazer é ler. Se pudesse mudar algo em mim seria uma pessoa mais “aberta”. O que eu mudaria no mundo é a política em geral.

Na verdade eu acho que fiz uma máscara de mim mesma, vamos dizer assim. Que é uma coisa que também representa uma parte minha, que é a **Áurea**. [...] É uma máscara que eu passei a existir a partir do momento que eu passei a performar a minha negritude. Não tem aquela coisa de saber que é negra. Ah, você sabe que você não é branca! Mas a partir do momento que você escolhe performar essa negritude as coisas mudam. [...] E assim, eu coloquei ela aqui [a máscara] toda pintada, de batom, com *piercing*, porque assim, foi um momento em que eu achei muito a minha feminilidade, que eu achei, assim, a minha vaidade. Por exemplo, essas tranças que eu tô aqui a minha mãe fazia quando eu era criança e eu odiava, odiava! Hoje em dia eu não me sinto bem sem elas, sabe? Então eu acho que também coloquei esse nome de Áurea nela por conta dessa ligação minha com a liberdade. Porque por mais que, digamos assim, a gente traduza essa palavra de performance, essa performance não deixa de ser uma parte da nossa vida de fato e uma forma da gente ocupar nossos espaços, da gente tá aqui com uma trança, a gente põe um fio de ouro na trança, a gente compra o cabelo pra colocar, uma forma de valorizar também a nossa cultura, a gente se sentir bonita com os nossos próprios padrões, né, de fugir dos estereótipos sociais, dessas caixinhas que a gente tem que entrar. Uma coisa que eu senti muito também quando eu entrei na graduação, que foi um momento que eu também tive que me reafirmar negra o tempo todo porque até mesmo, [é] relativo, você pode até não sentir diretamente, mas indiretamente você percebe olhares, você percebe comportamentos, você percebe mudanças. Então assim, eu coloquei também esse ouro, esse brilho nela porque a performance da negritude escapa só daquela coisa de lutar contra a opressão, mas de mostrar a negritude como um lado bom, um lado que eu me orgulho. E aí durante a leitura da história eu pensei logo em máscaras, e a vivência já de máscaras africanas também, que eu sei que é um negócio inspirando aqui na negritude mesmo. E é isso.

O relato da copesquisadora **Áurea** dialoga em muitos aspectos com o relato da copesquisadora **Negra**. A **Máscara Áurea** evoca a liberdade de escolher ser quem é. Através dessa liberdade a copesquisadora performa a negritude rompendo com os estereótipos associados a ela, resgata a estética negra ao qual somos ensinados a odiar e se

sente bem e bonita com os seus próprios padrões. A Máscara **Áurea** não é só lutar contra a opressão, mas sentir orgulho de quem é. Com muito brilho a copesquisadora existe fora da caixa que lhe impuseram e se liberta dos padrões sendo ela mesma, porque ser ela mesma é bom.

Eu me senti muito tocada por essa máscara e pelo relato sobre as tranças porque eu também odiava minhas tranças na infância. Aos dez anos de idade comecei a “relaxar” o cabelo e nisso foram doze anos de química. Depois que parei de alisar o cabelo em 2018 e voltei a usá-lo de forma natural, com seus cachos crespos, tive muita vontade de fazer trança, mas também muito medo.

Tomei uma decisão definitiva sobre fazer as tranças durante uma oficina sociopoética sobre afrodescendência na escola, em 2019. Durante a viagem imaginária na oficina chorei bastante, me lembrando de todas as dores que eu senti no passado por causa das minhas tranças, os apelidos maldosos na escola, a baixa autoestima com a estética natural, o receio de ser julgada e infantilizada por usar tranças novamente. Foi um momento de cura e de fazer as pazes com quem eu sou, resgatando e valorizando as minhas raízes.

Outro ponto interessante que a copesquisadora **Áurea** traz em seu relato é como essa performance da negritude se traduz na ocupação dos nossos espaços, ou seja, dos espaços das pessoas negras. Fiquei me perguntando: “quais espaços são os nossos?”.

## COPEQUISADORA MÁSCARA DA FORÇA

---



### INVENTÁRIO DE MIM

Tenho 22 anos, sou bissexual, solteira e candomblecista. Curso o 7º período de Jornalismo. Minha maior qualidade é a compreensão e meu pior defeito é ser muito prática e impaciente. Tenho medo de sangue e se tivesse super poderes eu gostaria de voar. Tenho raiva de mentira e o que mais gosto de fazer é ouvir música. Se pudesse mudar algo em mim seria minha autoestima. O que eu mudaria no mundo é a desigualdade social, de classe.

**Figura 13** – Máscara da Força

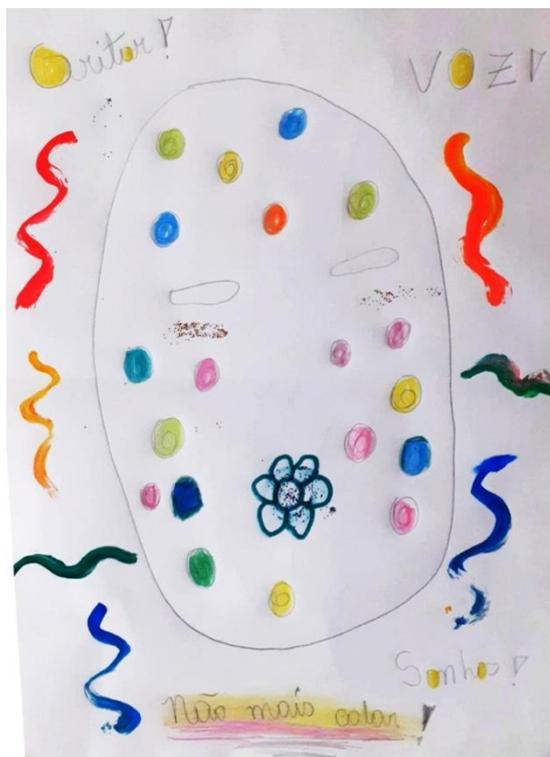
**Fonte:** Dados da pesquisa

A minha máscara, ela é um pouquinho... Vou explicar. Aqui é o espaço de respirar e essa parte aqui fica livre, né, pra poder movimentar a boca e tudo mais. E aqui eu esqueci de marcar os olhos, mas aqui é espaço dos olhos. Então, ela é azul, dessa cor aqui, na verdade é porque ela fica transparente. Ela é como se fosse uma máscara de super poderes, sabe? Que na verdade você usa, né, a **Máscara da Força**, o nome [é] Máscara da Força. Você usa ela pra ficar resguardada e protegida, só que conforme o dia vai passando, é... Ela vai ficando transparente, revelando o seu rosto. E aí ficando nesse impasse, né, nessa questão de você é forte mesmo ou é só uma máscara? E é isso que eu quis representar aqui nessa bela imagem, refletir um pouco.

“Forte ou frágil?” – a copesquisadora **Máscara da Força** pergunta acerca da sua máscara, propondo uma reflexão. Acredito que todos podem ser as duas coisas, fortes e frágeis, conforme a circunstância. No entanto, historicamente é imposto ao corpo negro que este tenha mais força, é um corpo que deve aguentar mais que os outros, algo proveniente do processo histórico de escravização e racialização do corpo negro.

Após séculos, essa ideia foi absorvida na nossa sociedade e ser forte é visto como uma característica natural. Quando a copesquisadora questiona “você é forte mesmo ou é só uma máscara?” quebra a ideia naturalizante e denuncia a imposição que se faz ao corpo negro de ser forte, uma imposição que foi corporificada em máscara usada no dia a dia.

## COPESQUISADORA NÃO MAIS CALAR



**Figura 14** – Máscara Não Mais Calar

Fonte: Dados da pesquisa

### INVENTÁRIO DE MIM

Tenho 27 anos, sou bissexual, solteira e católica. Curso o 7º período de Pedagogia. Minha maior qualidade é a lealdade e meu pior defeito é a teimosia. Tenho medo de altura e de cobras. Se eu tivesse super poderes gostaria de ler mentes. Tenho raiva de injustiças e de maus tratos a animais. O que mais gosto de fazer é ler, dormir, assistir (animes/doramas) e ouvir música. O que eu mudaria em mim é a minha timidez, às vezes demoro a me soltar. E mudaria no mundo as desigualdades, injustiças, racismo, LGBTQ+fobias e maus tratos a animais.

Eu pensei mesmo naquilo de máscara, só que eu fiz a minha máscara com várias cores, porque eu pensei muito nessa multiplicidade que me representa. Eu pensei que eu gosto muito dessa diversidade, eu gosto de ser várias coisas ao mesmo tempo, eu não gosto de tá sempre presa numa coisa só e eu me reinvento todos os dias. Aí a minha máscara, eu nomeei ela de **Não Mais Calar**, porque eu pensei muito quando eu tava ouvindo a história, eu me identifiquei muito porque por muito tempo eu preni essa voz, eu não falava o que eu sentia, eu tentava ser quem as pessoas queriam que eu fosse por questões familiares que acabaram intervindo muito nisso em mim. E eu pensei, coloquei voz, gritar, sonhos, porque eu... Depois que eu entrei na universidade eu consegui romper um pouco com isso, eu consegui ser mais eu mesma, eu consegui falar o que eu pensava. Eu ouvi muito o que a **Quieta** tava falando e eu pensando muito isso. Eu era muito quietinha, sendo que eu gosto muito de falar, eu adoro falar, as pessoas têm que pedir pra eu parar porque eu falo demais, mas eu não tinha essa coragem de falar, eu não tinha coragem de dizer quem eu era, de falar o que eu pensava. Eu ficava sempre pensando “mas o que será que eles vão pensar de mim?”, “Será se sou aceita nesse espaço?”, “Eu tenho que ficar mais quieta?”. Eu sempre pensava muito nisso, no que as pessoas iam me aceitar ou não. E eu também coloquei alguns brilhos, algumas coisas aqui nela [na máscara]. Uma coisa que aconteceu quando eu entrei na universidade foi porque eu mudei da minha cidade, que é uma cidade pequena, pra Teresina que eu tinha mais possibilidades, eu podia explorar mais o meu jeito, me vestir como eu queria sem ter tantos olhares. E eu comecei a ir pras calouradas. Só que eu percebi que mesmo nesse espaço algumas pessoas ainda me olhavam quando eu tava, chegava na minha turma cheia de brilho, com o meu cabelo do jeito que eu queria, as roupas que eu tinha vontade. Algumas pessoas ainda começavam a falar e eu percebia que por mais que eu tivesse no espaço acadêmico eles ainda tinham esse estereótipo, no que eles pensariam no que eu tinha que ser. E eu falei um dia que: chega, gente! Não importa, podem falar o que quiser, eu não quero mais saber. E eu também tem uma coisa que eu me expresso muito pelas minhas roupas, pelo meu cabelo, por quem eu sou. E quando começou a pandemia eu acabei tendo alguns problemas, acabei ganhando peso e algumas pessoas da minha família começaram a falar muito sobre. “Você ainda vai usar essa roupa?”, “Mas essa roupa não fica mais legal no seu corpo” ou “Você não vai perder peso?”. E um dia eu cheguei e falei: basta! Eu não me importo, eu quero. Eu percebi que eu tinha essa força. Às vezes quando eles falam, eles falam que eu sou muito agressiva quando eu vou dar as respostas. Eu falo, mas é porque por muito tempo eu calei essa voz e agora eu não consigo mais. Se alguém falar alguma coisa eu vou falar pra ela, eu vou falar “não, eu não vou mudar minha roupa”, “eu vou desse jeito que eu quero, eu vou com o cabelo do jeito que eu quero”. Eu pinte

meu cabelo, eu cortei meu cabelo e eu me expressei, eu comecei a ser eu mesma. E eu falei que a minha máscara vai ser justamente isso, Não Mais Calar. Eu não vou mais me importar tanto com esses estereótipos, o que eles esperam de mim. Eu vou ser apenas eu mesma. Pensar na minha felicidade. E foi isso.

---

A Máscara **Não Mais Calar** deixa claro que não só fala como também grita e corre atrás dos seus sonhos, corre atrás de ser quem ela é. É a máscara de quem decidiu que não vai mais se calar diante das coerções, censuras e tentativas de controle sobre o seu corpo, o seu jeito de agir e ser. Ela já passou muito tempo com a voz presa, sem conseguir falar o que sentia preocupada com a aceitação dos outros, sendo aquilo que as pessoas queriam que ela fosse. A copesquisadora **Não Mais Calar** retoma a questão da copesquisadora **Quieta**, quando a educação e a socialização interferem no corpo, impedindo-a de ser quem é.

Mas a Máscara **Não Mais Calar** deixa de se importar com o que dizem e pensam dela, deixa de buscar a aceitação dos outros. Ela descobre que tem força para resistir às críticas e que pode se expressar de várias formas, falar, sentir e ser ela mesma. Então ela usa as roupas que quer, corta e pinta o cabelo como deseja, rompe com os estereótipos que esperam dela e prioriza a sua felicidade.

É interessante quando a copesquisadora **Não Mais Calar** fala que as pessoas a chamam de agressiva diante da sua resposta às críticas que fazem a ela. Aquele que tenta controlar o seu corpo não só não se sente satisfeito por não exercer tal controle como também se sente ofendido por ter sua força coercitiva questionada.

O relato da copesquisadora evidencia as múltiplas resistências e limites que precisamos estabelecer diariamente em todos os lugares apenas para ser quem somos, mostrando que isso não é fácil, pois sempre estamos sob o jugo de padrões e estereótipos.

## COPEQUISADORA **AGRESSIVA**

---



**Figura 15** – Máscara Agressiva

Fonte: Dados da pesquisa

### **INVENTÁRIO DE MIM**

Tenho 18 anos, sou bissexual, solteira e não tenho uma religião definida. Curso o 2º período de Ciências Biológicas. Minha maior qualidade é ser prestativa e leal e meu pior defeito é duvidar de mim mesma. Tenho medo de perder e afastar as pessoas que amo. Se tivesse super poderes eu gostaria que fosse super velocidade. Tenho raiva de falsidade e deslealdade e o que mais gosto de fazer é passar tempo com as pessoas que amo. Eu mudaria em mim a minha altura e mudaria no mundo a ideia de superioridade humana.

Eu fiz a minha máscara pensando muito no que eu já vivi, né? Eu não considero que seja muita coisa comparado a vocês que são meninas incríveis e mais velhas, não sei se vocês vão se ofender claro. Enfim, eu fiz essa máscara. [...] Tá bem colorida, eu gosto muito de desenhar e eu gosto muito de me expressar desenhando. Fiz algo meio abstrato, então, eu usei tudo, coleção, giz de cera, tinta, tudo. E essa máscara me representa porque eu sou bem brincalhona, sou muito divertida, e eu acho que a quantidade de cores que tem nela representa isso. É... Eu não coloquei boca porque eu trouxe ela mais como... Contando a quantidade de anos que eu já tenho, é, grande parte deles eu meio que fui calada, assim... E ao mesmo tempo fui agressiva, porque eu geralmente sou vista como uma pessoa agressiva, insensível, durona, só que na verdade quem me conhece sabe que isso é uma máscara, de verdade. Por isso o nome da máscara é **Agressiva**. Eu coloquei as rachaduras porque às vezes essas rachaduras, porque às vezes eu não uso ela [a máscara], é como se eu tentasse não usar mais, mas ela ainda não se rompeu, então eu uso ela bastante. Hum, não sei, eu tô nervosa. Por hora é isso que ela representa.

---

Embora a Máscara **Agressiva** não tenha boca, suas cores e rachaduras contam as histórias de (r)existência que a atravessam. Fiquei pensando que as características “agressiva”, “insensível” e “durona” têm a ver com força – talvez uma forma de se proteger, assim como a **Máscara da Força**. Mas aqueles que realmente conhecem a copesquisadora **Agressiva** sabem que isso é uma máscara, ou seja, ela não é esse conjunto de características, mesmo que o use bastante.

É interessante que há uma tentativa de não usar essa máscara, o que provoca as rachaduras. Talvez o conflito entre ser o que realmente é e ser o que precisa parecer para resistir às intempéries. Há também momentos em que a máscara não é utilizada. Quais seriam esses momentos? Quando e onde é possível não ser uma Máscara **Agressiva**?

Eu tenho muita afinidade com a Máscara **Agressiva** porque em diversas ocasiões precisei me proteger de forma rude daqueles que me maltratavam de alguma forma. Precisei ser ríspida, intolerante e demarcar agressivamente os meus limites, o meu espaço. Muitas pessoas não entenderam porque eu agia assim. Ainda hoje sou julgada por conhecidos e desconhecidos em situações críticas.

Muita gente não entende uma Máscara **Agressiva** que precisa ser insensível e durona nas relações com os outros. Por mais durona que pareça, não quer dizer que não haja dores. Talvez quanto maior a dor, mais rígida a máscara seja. Apesar disso, há outros sentimentos envolvidos e linhas de fuga para a dor, outros modos de ser e viver, outras possibilidades de relação que possibilitam a criação de rachaduras na máscara. Também fiquei pensando na copesquisadora **Não Mais Calar**, que foi chamada de agressiva. Seria a Máscara **Não Mais Calar** também uma Máscara **Agressiva** aos olhos dos outros?

Embora sejam máscaras tão diferentes com múltiplos sentidos, percebi diante do relato das copesquisadoras como as suas máscaras dialogam entre si. Embora tenham trajetórias de vida distintas, ao estarem sob os mesmos demarcadores sociais acabam se cruzando em muitos aspectos. Elas preservam suas particularidades, mas trazem pontos em comum. Essa técnica foi muito especial para conhecer o grupo-pesquisador e também podermos nos aproximar de questões muitas vezes dolorosas do (r)existir de mulheres negras e periféricas que compartilham o chão da universidade.

Após os relatos orais, apresentei o recurso do diário de itinerância e expliquei a sua importância para a pesquisa. Depois pedi que as copesquisadoras inaugurassem seus diários, escrevendo uma avaliação sobre a oficina. Como eu não iria mais realizar nenhuma atividade, faltava apenas que decidíssemos qual seria o tema-gerador bem como confirmar a participação de cada voluntária na pesquisa, perguntei se elas gostariam de escrever no diário naquele momento ou apenas no final. Elas optaram por escrever depois.

Então retomei a discussão sobre o tema-gerador, indagando o que elas tinham achado da minha proposta sobre pesquisarmos as suas (r)existências na universidade, não apenas no sentido de resistência, mas também de existência: como as participantes habitam, sentem, vivenciam e exploram o espaço da universidade.

Como forma de valorizar as falas e os sentimentos das copesquisadoras sobre o tema-gerador proposto, que foi confirmado por elas como sendo o que iria ser trabalhado, vou mostrar o que cada uma disse, destacando em negrito alguns aspectos que chamaram a minha atenção e tecendo alguns comentários.

Eu gostei dessa dinâmica, dessa forma aqui de tá trabalhando, né, com a sociopoética. Como a gente até falou, quando você veio me chamar pra fazer parte da pesquisa. **É muito legal você ter um espaço pra conversar e debater com outras pessoas a negritude, que não seja só um espaço de enfrentamento, que tem que tá brigando, falando alto e um cartaz**, não sei o quê, porque enfim. É muito bom falar, por mais que a gente esteja aqui ressignificando e trazendo as nossas vivências, que nem sempre são boas ou prazerosas, **é muito bom você poder falar de uma forma mais, é, tranquila, uma roda de conversa, ou com esse tipo de experiência que a gente tá tendo, uma atividade, digamos assim, mais lúdica, assim, um momento mesmo dedicado à resistência e à existência, né? Não só estritamente a luta.** Eu achei bem bacana essa tua abordagem. (Áurea)

A copesquisadora **Áurea** destaca, assim como no relato sobre a sua máscara, a importância de trazer para o centro da discussão não só os aspectos ruins sobre a negritude, ou seja, não só as lutas, os enfrentamentos, as dores, as tristezas. Ser um corpo negro é mais

do que dores, também é importante falar sobre as alegrias. Além disso, ela destacou como a abordagem metodológica tornou mais agradável o compartilhamento das experiências.

Eu também acho muito interessante, eu gostei muito. Eu já tinha trabalhado com a sociopoética, então fiquei familiarizada, tive um pouco de segurança. E eu tava pensando muito nisso que vocês tavam falando, sobre falar sobre mulheres pretas, mulheres negras, mas sendo mulheres negras falando, porque **historicamente eram homens que escreviam sobre as mulheres negras, escreviam sobre as nossas vivências e é tão bom tá aqui no meio de tantas mulheres, conversar e ouvir a voz de vocês.** Foi muito bom, foram vários atravessamentos, a gente tá produzindo afecções, produzindo afetos e isso é fantástico. E realmente é (r)existir, em existir a gente já tá resistindo, a nossa própria vivência já traz isso. **(Não Mais Calar)**

A copesquisadora **Não Mais Calar** apontou para um aspecto que sempre foi a minha maior preocupação nessa dissertação: produzir uma pesquisa com as mulheres do grupo-pesquisador em que elas falassem sobre as suas vivências em primeira pessoa, valorizando as suas histórias e proporcionando a troca de experiências. Eu fiquei muito feliz com o diálogo que fluiu entre as sujeitas do grupo-pesquisador, às vezes uma retomando e mencionando a fala da outra e se identificando.

Eu gostei bastante. **Eu acho que poder produzir esses conhecimentos, poder se expressar através de métodos não convencionais, né, sem aquela coisa meio quadrada, meio só escrever ou só digitar ou só preencher um formulário (risos) no Google Formulários, isso acho que torna tudo mais leve, porque nem sempre é fácil trazer as nossas vivências, né, trabalhar com as nossas realidades.** E eu também fiquei, assim, muito animada quando eu vi várias coisas, tinta, coleção, então isso com certeza acho que instiga a gente e torna tudo mais tranquilo e mais leve pra que a gente sintasse até mais à vontade de se expressar. Então eu gostei bastante, eu gostei muito da oficina de hoje, eu acho que foi, assim, um exercício também de autoconhecimento, se autoperceber. Então acho que foi um momento bem interessante, bem legal, eu gostei bastante. E eu acho que esse tema-norteador, ele é muito significativo, eu particularmente adorei, né? Desde quando eu fiquei sabendo do tema [da pesquisa] foi uma grande das motivações pra aceitar participar, então eu acho bem bacana mesmo, eu gostei bastante. **(Negra)**

A copesquisadora **Negra** destacou a importância da abordagem metodológica para uma produção de conhecimentos mais leve. Ao fugir de métodos convencionais, foi mais fácil falar sobre questões difíceis. Acredito que esse formato de pesquisa, além de horizontalizar os conhecimentos produzidos, também torna a experiência muito acolhedora, porque todas do grupo podem falar e serem ouvidas, nenhuma experiência é mais ou menos válida que a outra. O diálogo aberto cria identificações e isso torna o relato mais fluido, a sujeita se sente mais segura para falar sem receios de ser julgada ou má compreendida.

Eu também gostei bastante da maneira que foi colocado pra gente responder, né, os questionamentos propostos. E a questão também do kit que a gente recebeu também me deixou bastante animada, o rolê da massinha, giz de cera, eu gosto dessas coisas. Também fica mais fácil pra gente poder se expressar, porque assim, é... **Foi muito recente que a gente, é, teve local, né, pra poder falar. E não é só falando ou escrevendo que a gente pode se expressar e dizer, é, sobre os nossos incômodos e sobre as nossas dores, enfim. Colocar pra gente responder isso pintando ou respirando, enfim, qualquer maneira de expressão além da fala e da escrita eu acho que já vale** e eu acho que, é, eu gostei bastante, de verdade. (**Máscara da Força**)

A copesquisadora **Máscara da Força** também destacou alguns aspectos que tornam a abordagem metodológica escolhida um diferencial. A possibilidade de se expressar em outros formatos que não a fala e a escrita facilita a produção de conhecimentos, mesmo que sobre dores e incômodos. Pintar ou respirar, enfim, se expressar com o corpo todo foi um dos motivos que me fez escolher a sociopoética para esta pesquisa, afinal, o nosso corpo é capaz de expressar coisas inimagináveis se for estimulado de outras formas.

Eu gostei muito, principalmente, é, de ouvir vocês. Também porque eu, faz pouco tempo que eu comecei a parar de usar essa máscara, né, parar, e de me **reconhecer como mulher negra**, até por conta da minha pele clara e também por eu tentar apagar alguns traços, é, nunca soltar o meu cabelo, é... Tentando sempre, enfim, né, apagar, esconder mesmo. E, eu, ainda é muito recente esse meu descobrimento, ainda tô me, digamos que me construindo e às vezes eu ainda me pego, é... Questionando quem eu sou, se eu realmente sou essa mulher. Então eu **acho muito interessante esse espaço pra gente ouvir outras mulheres e também ser ouvida**. E eu acho que se reconhecer é um pouco doloroso, porque você acha que “ah, então eu nunca fui, eu nunca fui aquela pessoa que eu achava que eu era?”, “então os meus pontos fortes não existem?” Então é um processo bem, pode ser até que doloroso, né, gente? Mas que é muito gostoso também. (**Agressiva**)

A copesquisadora **Agressiva** além de apontar para a questão de ouvir e ser ouvida por semelhantes nesse formato de pesquisa também compartilhou um pouco do seu recente processo de descobrimento, reconhecimento e construção como mulher negra. Já discuti sobre como a miscigenação afeta a subjetividade e o processo de identificação de sujeitos negros de pele mais clara, por isso não vou comentar sobre isso novamente. Mas é interessante esse relato porque ele ressalta a multiplicidade de sujeitas dentro do grupo, tanto no que diz respeito ao tom da pele como no nível de consciência sobre sua negritude.

Eu também gostei muito [do tema proposto] e principalmente porque **dá margem pra vários outros, vários âmbitos da questão, tanto da questão da invisibilidade também, aí vai lá até o reconhecimento**, que é uma coisa que a copesquisadora Agressiva tava falando e é uma coisa eu tô vivendo também. E pra ter uma ideia eu comecei a me reconhecer, assim, como negra do final do meu ensino médio, quando eu entrei na universidade. Tem o quê? Uns quatro anos que eu tô nisso. E é, é muito, muito bizarro isso que acontece porque é uma história de invisibilizar mesmo. Porque durante a minha formação, é, ensino fundamental,

ensino médio não era pauta, então, tipo, simplesmente era esquecido. **Então a questão de você resistir, você ainda tem que reconhecer a sua existência.** E aí eu isso colabora muito e eu gostei de verdade, e **eu tô gostando porque tá fazendo parte do meu processo também de reconhecimento, é mais um modo de me afirmar como negra.** (Quieta)

A copesquisadora **Quieta**, assim como a copesquisadora **Agressiva**, também relata um processo de reconhecimento da sua negritude, trazendo a percepção de que para resistir enquanto mulher negra também é preciso reconhecer que existe enquanto mulher negra. Eu fiquei toda arrepiada quando ela disse que participar desta pesquisa é mais um modo de se afirmar como negra, pois também me sinto assim. Fico muito emocionada por fazer parte desse processo e contribuir para a visibilização das nossas (r)existências.

Por fim, antes de encerrar a oficina de negociação, li o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que pode ser conferido no “APÊNDICE D”, e pedi que cada voluntária confirmasse a sua participação. Considerando também o contexto da pandemia e as possibilidades da era digital, pedi que os termos fossem assinados digitalmente, mas as participantes também receberam uma cópia física assinada em caneta por mim.

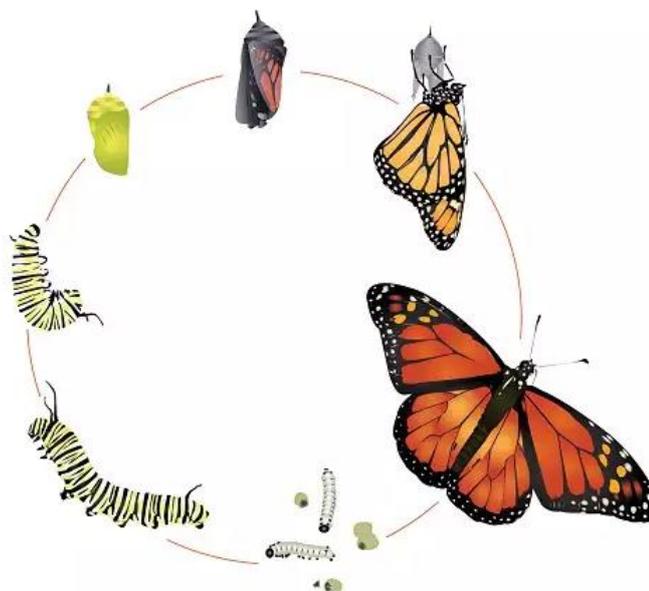
Todas as voluntárias presentes na oficina de negociação confirmaram a sua participação e dessa forma o grupo-pesquisador foi instituído, tendo como tema-gerador “(r)existir na UFPI”. Antes de finalizar o encontro, elas também fizeram uma rápida avaliação oral e escreveram em seus diários de itinerância.

## CAPÍTULO 4

### CORPOS EM METAMORFOSE

#### 4.1 Produção de dados: a técnica “os obstáculos do bicho-(r)existir”

Em uma rápida pesquisa no dicionário lemos que “metamorfose” significa mudança, transformação, transmutação. É uma alteração na forma ou estrutura de algo ou alguém. Na biologia, a metamorfose está relacionada à transformação que alguns animais e insetos sofrem no decorrer da sua vida, a passagem à fase adulta. A borboleta, por exemplo, passa por quatro estágios em sua vida: ovo, larva (lagarta), pupa e vida adulta (borboleta). Na fase da pupa é quando a lagarta tece o seu casulo e ali ocorre a metamorfose propriamente dita.



**Figura 16** – A metamorfose da borboleta  
**Fonte:** estudopratico.com.br

No entanto, se pensarmos em um sentido figurado, nós podemos concluir que os seres humanos também passam por algumas metamorfoses no decorrer da sua vida, seja ela as passagens de uma fase a outra (infância, adolescência, velhice, etc.) ou as mudanças de pensamento, como canta Raul Seixas em sua música “Metamorfose Ambulante”. O fato é que tudo está em constante transformação. Citando uma frase de outra música, “Como Uma Onda”, do Lulu Santos, “nada do que foi será de novo do jeito que já foi um dia”.

Na sociopoética se busca a criação de novos conceitos, mas atravessados por afetos, os confetos. O estranhamento é fundamental para fraturarmos as formas convencionais de pensamento e criarmos algo novo, inusitado. Uma parte da técnica proposta para a

produção de dados está diretamente relacionada a uma metamorfose: a transformação da copesquisadora em um *bicho-(r)existir*. Um *devir-bicho*. Uma mutação no plano das ideias, dando espaço a outras percepções sobre o corpo negro e periférico na universidade.

Eu não tinha noção do que iria acontecer na oficina, mas estava ansiosa para ver os resultados. Que bichos iriam surgir dos recônditos do não consciente das copesquisadoras? Que novas formas os seus corpos tomariam enquanto se aventurassem pela imaginação? Que esculturas seriam produzidas encarnando estes bichos, que na verdade eram elas? Como seria a travessia destes bichos pelos obstáculos dos seus caminhos?

Antes da metamorfose, a preparação. Uma borboleta não rompe o seu casulo da noite para o dia, assim como uma oficina não pode ser feita de uma hora para outra. Houve uma trajetória, também com obstáculos, que exigiram transformações e adaptações, até que na manhã de 29 de maio de 2021, um sábado, das 08h20min às 12h00min, aconteceu a primeira oficina de produção de dados.

Essa oficina já havia sido remarçada e eu não sabia se conseguiria ter ânimo para facilitar naquele sábado, pois a semana havia sido conturbada e dolorosa. Na minha casa estávamos enfrentando há alguns meses o adoecimento progressivo do nosso animal de estimação de quase 16 anos, meu cachorro Benji Silva, um irmão de quatro patas com quem convivi desde a minha infância.

Foram muitos dias estressantes e muitas noites sem dormir direito, consultas semanais na clínica veterinária, fazendo o que podíamos e não podíamos para prolongar a vida do nosso animal. Dois dias antes da oficina, Benji virou estrelinha – uma grande dor, mas também um alívio por não vê-lo mais sofrer. Fiquei sem chão, muito triste e irritada, pensei em remarcar a oficina, já que ainda nem havia confirmado novamente com o grupo-pesquisador o nosso encontro.

No entanto, na véspera da oficina decidi levar adiante e fazer desse momento uma forma de me fortalecer emocionalmente através desta pesquisa que é tão visceral para mim e já me fez vivenciar tantos altos e baixos. A vida tem que seguir, afinal, mesmo com suas dores e tragédias. E quanto ao Benji, ele sempre será uma parte de mim, um pedaço do meu coração, uma criatura da qual carrego felizes recordações e até cicatrizes de mordida. Obrigada por deixar tantas marcas em mim, meu irmão. Você conseguiu virar até mesmo uma parte inesperada nesta dissertação. Te amarei eternamente.

Então, no dia da oficina de produção eu me senti mais calma e confiante do que no último encontro. Havia esperado ansiosamente pela execução da técnica e estava empolgada para ver o que as copesquisadoras iriam criar a partir das suas metamorfoses.

Além disso, também pude contar com a participação da professora Rosângela como cofacilitadora. Sua presença abrilhantou ainda mais o nosso encontro, proporcionando outros caminhos e possibilidades antes impensadas dentro da oficina.

Irei relatar os acontecimentos conforme a ordem das atividades planejadas no roteiro da oficina, que pode ser conferido com mais detalhes no “APÊNDICE E”. Primeiramente, iniciei a oficina com o acolhimento das participantes e a leitura dos diários de itinerância do encontro passado, a negociação. Foi um momento agradável para rememorar a última experiência e os sentimentos que a atravessaram.

A oficina de produção de dados estava centrada na técnica “os obstáculos do bicho-(r)existir”, que teve como base o tema-gerador da pesquisa – (r)existir na UFPI. Os objetivos da técnica eram identificar o que as participantes compreendem por (r)existir enquanto jovens negras e periféricas na universidade e perceber quais são os obstáculos enfrentados nas suas trajetórias.

Com essa técnica eu esperava também que elas respondessem aos objetivos específicos da pesquisa. Relembrando-os: identificar a compreensão das sujeitas sobre as suas trajetórias do (r)existir; verificar se elas se consideram invisíveis ou invisibilizadas no espaço acadêmico e como se sentem em relação a isso; e perceber se existem e quais são as estratégias de (r)existência no enfrentamento aos possíveis preconceitos e discriminações no ambiente acadêmico.

Sobre a técnica utilizada, ela foi criada e adaptada para esta pesquisa tendo como base outras duas técnicas que serviram de inspiração: 1) a técnica “lugares geomíticos”, do criador da sociopoética Jacques Gauthier, que é utilizada em muitas pesquisas por favorecer a criação de confetos; 2) a técnica “o bicho do corpo”, tendo como referência o roteiro de uma oficina facilitada pela professora Shara Jane em 2007, em uma pesquisa com artistas do Teatro João Paulo II, em Teresina-PI.

Ambas as técnicas me capturaram de um jeito que eu não consegui abrir mão de nenhuma, decidindo por uni-las e experimentando diretamente a poiésis da sociopoética que tanto me encantou. Foi incrível construir a técnica, pensar em cada detalhe e imaginar a sua potência criativa. Foi desafiante e ao mesmo tempo extasiante.

A técnica “os obstáculos do bicho-(r)existir” foi dividida em três momentos: 1) uma viagem imaginária a fim de que as copesquisadoras se metamorfoseassem em bicho e atravessassem seis obstáculos geomíticos (buraco, labirinto, cume, rio, túnel e ponte) dentro do contexto da universidade; 2) a produção plástica dos bichos através de esculturas de

massinha de modelar; e 3) a cartografia dos obstáculos, com o desenho e pintura de mapas para retratar a viagem imaginária e a experiência dos bichos com os obstáculos.

Antes de iniciar a técnica fiz um relaxamento com as copesquisadoras, para que elas entrassem em estado meditativo e se conectassem consigo mesmas. Logo em seguida, ainda sob o som da mesma música, conduzi a viagem imaginária fazendo a leitura do texto abaixo, que foi escrito para esse momento.

### TEXTO PARA VIAGEM IMAGINÁRIA

Ainda de olhos fechados, siga respirando profundamente. Sinta o ar entrando e saindo dos pulmões. Procure se concentrar enquanto seu corpo vai ficando mais leve. Inspire e solte o ar devagar. Agora se imagine num lugar deserto. Você está caminhando com os pés descalços pelo chão. Sinta esse contato com a terra... O vento nos cabelos... Olhe o espaço ao seu redor. De repente, você vê uma grande bolha transparente se aproximando. Você entra na bolha e se sente protegido por ela, como se ela te abraçasse. (silêncio) A bolha começa a se movimentar. Então você sente como se tivessem se tornado uma só. Você começa a se transformar em outro ser. E vai se transformando em um bicho. **Você agora é um bicho.** Como é esse bicho? Como você se sente sendo esse bicho? (silêncio) De repente, a bolha transparente começa a se mover, a sair do lugar, voando pelo ar, conduzindo o bicho em uma **viagem pela imaginação.** No trajeto você, que é o bicho, vai enfrentar obstáculos. Há muitas cores e sons por onde você passa. Você presta muita atenção em tudo a sua volta. De repente, a bolha fura, começa a secar e você cai dentro de um **BURACO.** Como o bicho se sente? O que ele vê no buraco em que está? Respirando profundamente, o bicho se potencializa e sai do buraco. Como ele sai do buraco? Continuando a viagem, o bicho se depara com um **LABIRINTO.** Como é estar nesse labirinto? Você se perde? É fácil ou difícil sair do labirinto? Após se livrar do labirinto, o bicho começa a correr e percebe que está subindo para um lugar cada vez mais alto. Você está subindo até o **CUME** de uma montanha. Como é essa subida? Quais as dificuldades encontradas? O bicho chega ao cume da montanha. Como se sente após a subida? O que o bicho encontra no cume da montanha? Quais as sensações que o bicho vive? De repente, o bicho vê um **RIO.** Como é esse rio? Você entra nele? Você toma banho no rio? Como é o seu contato com o rio? O que sente? O que encontra no rio? Depois disso, você começa a caminhar sem destino até que entra em um **TÚNEL.** Como é estar dentro desse túnel? Que sensações ele te desperta? Como o bicho passa pelo túnel? Ao sair do túnel, o que o bicho vê? Fora do túnel, os obstáculos continuam e o bicho dá de frente com uma **PONTE.** Como é essa ponte? O bicho começa a atravessar a ponte. Como é essa travessia? Quais são os sentimentos de atravessar a ponte? O que o bicho espera encontrar do outro lado da ponte? Após atravessar a ponte, finalmente o bicho começa a retornar da viagem imaginária, mexendo os pés, as mãos, respirando fundo e abrindo os olhos. O bicho vai voltando e aos poucos começa a se mexer, a se espreguiçar, a se movimentar. Pergunto: **Como é ser um corpo de uma mulher negra e periférica na universidade?**

Após a viagem imaginária pedi que as copesquisadoras escrevessem um roteiro sobre como foram os seus percursos, a fim de ajudá-las nas atividades seguintes. Depois disso, cada uma produziu e nomeou uma escultura de massa de modelar sobre o seu bicho-(r)existir e desenhou uma cartografia dos obstáculos que foram enfrentados pelos bichos.

Sobre a cartografia, esta parte da técnica foi pensada tendo algumas aproximações com a geofilosofia e o pensamento rizomático de Deleuze e Guattari (1992; 1995). O mapa é utilizado aqui para traçar não somente lugares (e obstáculos, tal como propus), mas também percursos, movimentos e afetos.

“Os mapas são mapas de intensidades, a geografia não é menos mental e corporal quanto física em movimento” (DELEUZE e PARNET, 1998, p. 31). Através das linhas do mapa também percebemos as linhas de pensamento, que se constituem e se movem sobre as territorializações, desterritorializações e reterritorializações.

Em seguida foi o momento de relatos orais sobre a experiência, onde as copesquisadoras apresentaram seus devires-bichos, materializados nas esculturas de bicho-(r)existir, e também suas cartografias, falando da sua relação com o devir-bicho e com os obstáculos que foram cartografados.

**COPESQUISADORA MÁSCARA DA FORÇA**

---



**Figura 17** – Escultura Pássaro Sem Nome  
**Fonte:** Dados da pesquisa



**Figura 18** – Cartografia do Pássaro Sem Nome  
**Fonte:** Dados da pesquisa

A anotação que eu fiz, sobre o meu roteiro, foi o seguinte: a imersão trouxe muitas metáforas, até aí foi fácil ilustrar como seria ser um bicho no qual no nosso interior já sabemos qual é. A jornada que perpassa vários locais diferentes e viver esse bicho sempre em uma nova performance. A minha experiência com os lugares, foram confortáveis, como abraçar algumas limitações. O meu bicho é... Eu já de cara escolhi a cor marrom,

que é a cor mais semelhante assim, à minha pele. E tinha um corpinho verde, que é geralmente as cores dos pássaros. Eu imaginei de cara um pássaro. Não vai ficar muito lindo, um pássaro, porque enfim, é uma escultura, mas dá pra entender. Então, tem duas asinhas aqui e tudo, só que ele também tem algumas limitações, que ele não pode tá voando 24 horas. Então por isso eu coloquei aqui no meu mapa, que começa com o lar dele, que é em cima de uma árvore. E aí ele vai ter aqui o caminho e aqui tem um buraco, né? Esse buraco é a única coisa que tem no meio do caminho sempre, pra qualquer lugar que ele for passar ele vai ter que passar por esse buraco. E aí tem aqui o labirinto e outro caminho que é mais fácil pra chegar até a ponte, que é a ponte que leva pra cima do cume. E nesse cume, que é o final da jornada, é onde ele pode apreciar os pássaros, o rio e o sol aqui também, que eu fiz o sol. Aí eu coloquei aqui no fundo algumas cores, né? Que é pra ele se dar melhor a sensação. Aqui nessa parte, tá vermelha, é onde tem o buraco de sempre, que ele vai ter que passar por esse buraco de sempre, e onde tem o labirinto. E o resto é mais verdinho, que é onde ele mora, onde é a casa dele. E aqui com a parte mais azul é onde ele vai conseguir ficar pleno no final da tarde (risos). Ele é um bicho que ele, teoricamente, ele é bem livre. Ele pode fazer o que quer, né? Porque ele voa, ele pode ir pra qualquer lugar, mas como ele vive num lugar onde tem um obstáculo, que seria esse poço, esse buraco, e têm diversos outros labirintos no qual ele tem que passar todos os dias, ele acaba ficando um tanto quanto limitado, porque tal hora ele vai cair no buraco, outra hora ele vai ter um caminho que ele não sabe, porque ele também não voa tão alto, não vai conseguir enxergar todos os caminhos que ele precisa. No final da jornada dele aqui, no final desses caminhos que ele pode perpassar, vai ter uma coisinha boa, vai ter um sol pra ele enxergar, uma paisagem bem legal. E em relação à minha pessoa, é... Eu acho que é um tanto quanto semelhante. Porque, querendo ou não, a gente, teoricamente, a gente consegue fazer tudo, a gente pode fazer tudo, né? A gente é livre perante a Constituição e tudo o mais, mas na realidade a gente tem que lidar com vários entraves, várias situações do dia a dia que, querendo ou não, a gente vai ter que passar, porque parece que tá selado no nosso destino enquanto pessoa preta ter que passar por certas situações. E, só que, conforme a gente vai vivendo e vai passando, quem consegue, né, passar por isso e chegar vivo no final, consegue uma plenitude. Eu acho que é isso. No final quem consegue passar por todo o caminho pode ter uma vista até que boa da vida, do futuro. [Na universidade] são os obstáculos, no caso são os caminhos desconhecidos no qual o bicho, no qual eu não pertencço. Que eu vejo a universidade mais como um lugar onde eu não pertencço. Um lugar onde eu tô, mas não foi feito pra mim, não foi feito pros meus, não foi feito pra gente tá lá, a gente tá lá por teimosia, né? A gente tem que passar por lá, a gente participa das coisas, mas não foi um lugar feito pra gente. É um lugar no qual a gente está, que a gente se insere, mas acaba se tornando um pouco dificultoso a nossa estadia nesse ambiente onde tem vários percalços e a gente tem que saber lidar com eles pra gente conseguir tá, ocupar o espaço, porque tem muito disso da gente tá ocupando os espaços. Eu sei que o meu corpo manifesta várias emoções, né? Mas a tradução dele em sentimentos é... Que ele vai me dar ao longo dos dias, geralmente é transformado em... Desconforto na hora de se portar, de falar, de se sentir. Eu não consigo... Estar à vontade... Eu não sei como é que eu coloco minhas mãos, como é que eu falo com as pessoas direito, a não ser quando eu tô com os meus amigos, né? Se eu tiver com os meus amigos aí é tranquilo, mas fora isso, eu estando sozinha, acaba sendo um pouco... É, não sei se vergonha, não sei. Não consigo. [Sobre os lugares na universidade] vários [causam desconforto]. No meu próprio centro, no CCE, que deveria ser o local onde eu me sinto mais à vontade, tanto pelas pessoas, a questão das pessoas serem mais semelhantes a mim ali naquele espaço, mas eu sinto uma grande vontade de higienização do espaço ali. São muitos professores, muitas pessoas da pós-graduação, é... Eu não consigo dizer muito bem assim, mas na parte onde ficam os professores, onde fica o pessoal que tem mais condição financeira talvez. Até porque também meu curso (Comunicação Social/Jornalismo) é um curso muito, não parece, gente, mas é muito elitizado. Muita gente, assim, que tem condição mesmo, financeira, tá lá. E fora os outros centros, o Centro de Tecnologia, o Centro de Ciências Naturais ali... Enfim. Quando a gente precisa ficar todo mundo junto como na fila do RU (Restaurante Universitário), quando a gente tem que tá mesmo nesse espaço todo mundo acaba sendo um pouco, é... Me poda um pouco.

---

**COPESQUISADORA NÃO MAIS CALAR**



**Figura 19** – Escultura Bicho da Resistência  
**Fonte:** Dados da pesquisa



**Figura 20** – Cartografia do Bicho da Resistência  
**Fonte:** Dados da pesquisa



**Figura 21** – O Bicho da Resistência na cartografia  
**Fonte:** Dados da pesquisa

Eu tinha escrito um pouquinho como tinha sido essa experiência. Eu coloquei que ao longo da viagem, no caminho, eu me senti muito relaxada naquele primeiro momento, foi muito bom, e eu pude pensar um pouquinho nessa experiência, como é que seria pra mim. Só que ao me deparar com o bicho, quando eu tive aquele momento de pensar no bicho, eu tive uma ligação muito forte, eu era um bicho, um bicho estranho, um pouco confuso e aprendendo a viver nesse corpo. Ao subir a montanha foi difícil para o bicho, bicho eu. Tive dificuldades, se cansou e pensou em desistir, mas perseverou e pode cumprir a missão da escalada. Quando olhou aos arredores foi gratificante e sentiu que valeu todo o esforço, porém percebeu que ainda tinha mais a percorrer, não era o fim da jornada. Por isso respirou fundo e continuou. Aí eu acabei fazendo aqui o meu bichinho. Eu nomeei ele de bicho da diferença. Ele é uma grande mistura. Até tinha pensado inicialmente também num pássaro, que esse bicho seria um pássaro, mas também ele tem elementos de um felino. Ele é um bicho bem diferente também, bem múltiplo, cheio de cores. Como eu falei, esse corpo estranho, esse corpo da não-pertença, que ele não tem um lugar certo. E eu pensei muito também na minha própria experiência ao entrar na universidade. Eu sentia muita estranheza ao percorrer os corredores, ao olhar pro meu próprio curso (Pedagogia), ao ver que tinha muita gente. Era sempre aquela velha história, você tava num espaço que você era a única garota negra lá e você não via nenhum corpo parecido com o seu, alguém com quem conversar, alguém com quem você sentisse certa semelhança. Eu tive muito isso até que eu consegui encontrar uma amiga, que eu até falo que a gente tá junta até agora, porque a gente, nós acabamos sendo esse corpo estranho que acabou se encontrando, e a gente tá, às vezes até as pessoas confundiam a gente e eu falava “gente, mas nós somos duas garotas negras, mas nós somos diferentes também, não é a mesma pessoa”. Mas como nós éramos as únicas duas meninas negras na sala parece que era uma pessoa só. Eles viam como uma caricatura, uma coisa que não tinha distinção e eu ficava “mas como assim?” E é até uma coisa muito forte isso, porque quando a gente pensa que o seu corpo não tem voz, não tem vez naquele lugar. Você tá lá, mas não é o seu lugar. A gente sentia muito isso. Aí sobre o percurso eu acabei fazendo aqui... Tem o buraco, tinha os passinhos que ele vai percorrendo, depois o labirinto, aí o cume, o rio e a ponte. Não ficou muito, assim, bonito porque eu não sou tão artística, tenho um pouquinho de dificuldade pra desenhar. Mas pensando que esse meu pássaro, que também é um gato, um felino, ele enfrenta tudo isso, todos esses obstáculos que tão nesse caminho e também tão nos caminhos da universidade. Todo dia é um obstáculo, todo dia surge alguma coisa pra esse pássaro, gato pular ou voar por isso, atravessar esse obstáculo. E por mais que ele se canse, ele sinte que ele quer desistir, que ele não consegue mais fazer isso, ele tem que respirar, pensar, porque isso é até uma coisa que foi imposta pra esse corpo. Por mais que esse lugar não seja o dele, ele sempre ouviu o que ele tinha que fazer e se esforçar mais do que os outros pra tá naquele lugar. É como se tivesse uma carga, por isso ele se sente tão cansado às vezes, porque é difícil, sempre teve isso de “não, mas você tem que fazer mais”. Você já tem todos esses recortes, esses marcadores, e esse pássaro continua. Às vezes ele precisa de um momento pra descansar, às vezes ele precisa de alguém pra se apoiar, mas ele é um corpo que não consegue ser fraco nesse lugar, sempre foi imposto que ele tem que ser forte, mas ele tá nessa jornada ainda e percorrendo o caminho. Tiveram alguns momentos específicos que esse corpo teve mais dificuldade, que algumas coisas que aconteceram foram coisas que até fizeram esse corpo sofrer exatamente, teve alguns momentos que eu até, que o corpo chorou, o corpo não aguentou. E teve até alguns embates com os próprios professores durante esse percurso, principalmente no começo da caminhada, naquele iníciozinho do primeiro período, como era aquele lugar estranho, como o corpo não sabia o que fazer e o corpo tava sozinho ainda, não tinha conseguido encontrar alguma igual, uma semelhante pra se apoiar. Eu tive muitos problemas com o início do meu curso, até embates com alguns professores também pela questão socioeconômica, porque às vezes eu não tinha condição de comprar as xérox. No início era bem complicado, porque eu tive todo um processo de deslocamento da minha cidade pra Teresina e pagar aluguel, pagar transporte. E eu ainda não tinha conseguido bolsa, nem como me sustentar, então às vezes eu não conseguia ler todos os textos, às vezes eu tinha que pegar com algum colega. Era muito essa questão socioeconômica, e alguns professores não tiveram essa compreensão, de que era mais difícil pra esse corpo tá esse espaço. E também teve alguns momentos de própria pertença, por exemplo, ao entrar em lugares como a **Máscara da Força** tinha acabado de falar, da pós-graduação. Algumas vezes nós já fomos pedidos para nos retirarmos quando estávamos naquele espaço, porque não era o nosso [espaço]. Ou teve alguns outros momentos que o meu corpo, ele queria ser livre, ele queria tá nos lugares e queria passear e ouviu que isso não era o tipo de postura para um aluno do curso, que você não deveria se portar desse jeito nesse espaço. Por exemplo, o meu corpo não podia dançar na universidade. Nós temos muito isso de tá, às vezes dançando no Centro Acadêmico (CA), a gente coloca música, a gente aproveita, mas disseram que não era o espaço pra isso, sendo que é uma forma do meu corpo se manifestar, mas não era o certo pra um aluno do curso fazer isso naquele lugar.

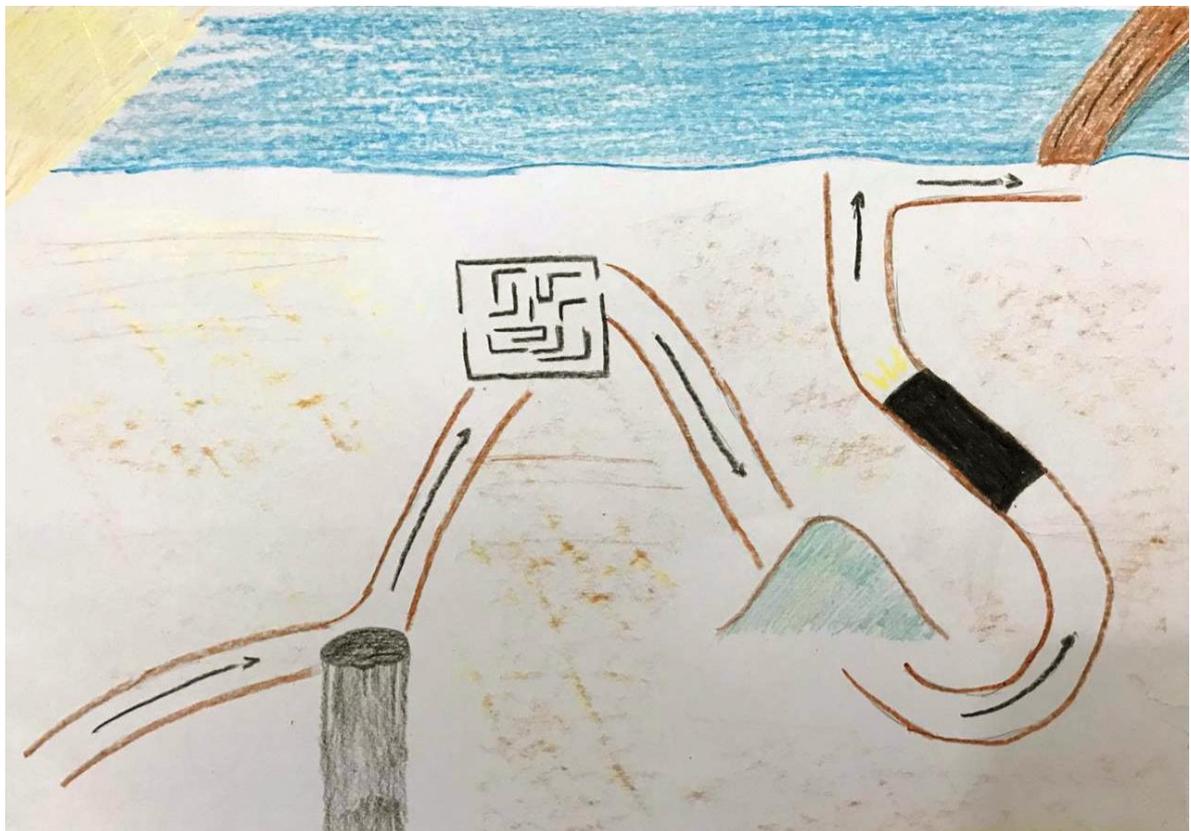
---

**COPESQUISADORA QUIETA**

---



**Figura 22** – Escultura Tigresa Ravena, a ponte e o rio  
**Fonte:** Dados da pesquisa



**Figura 23** – Cartografia da Tigresa Ravena  
**Fonte:** Dados da pesquisa

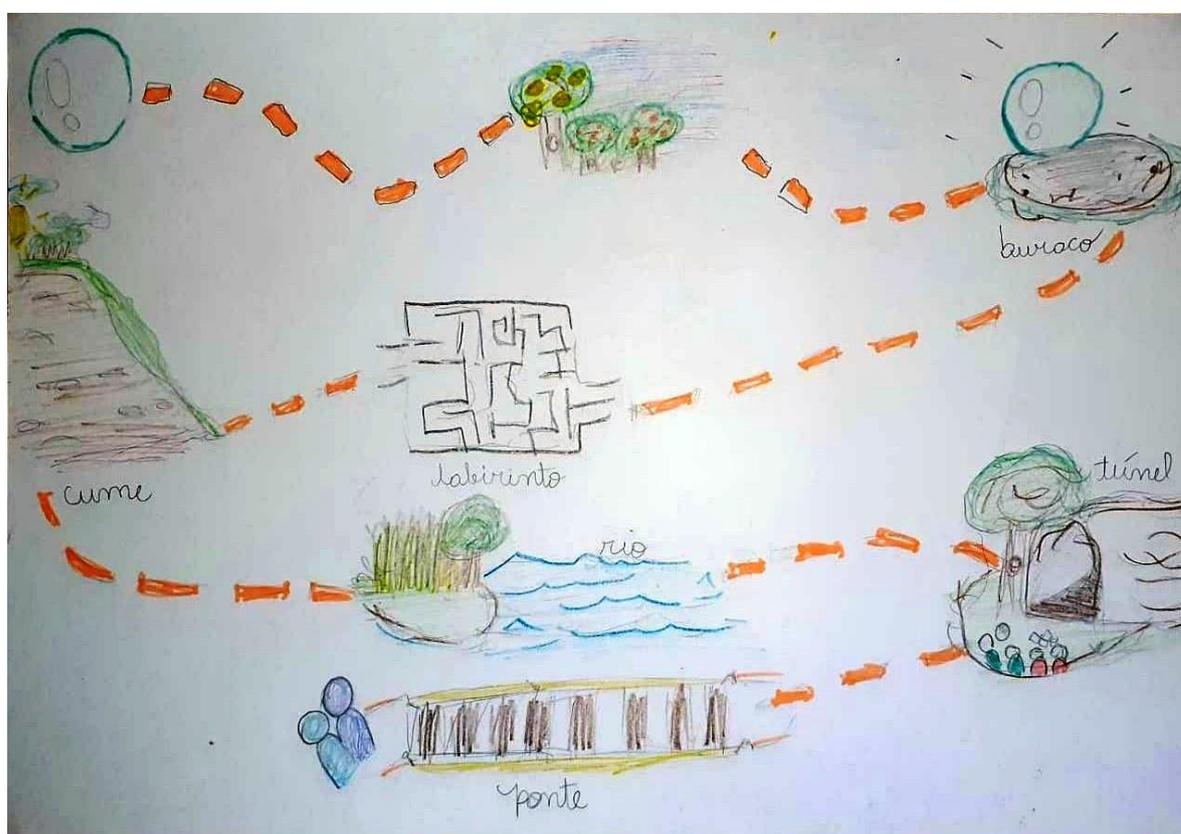
Primeiro em relação à dinâmica do relaxamento, eu tô virando uma amante da prática (risos), porque pra mim é muito bom fazer isso antes de iniciar. Não é minha praia, aí acho que flui melhor depois que eu tô relaxada. E aí o que eu anotei em relação ao que, do percurso e do ser o bicho, foi assim: quando me transformei em um bicho logo me senti uma tigresa. Foi de cara assim, não tive dúvida. Eu era corajosa e sempre queria seguir em frente. O meu nome [do bicho] é Ravena. Ravena porque me lembrou muito a minha gata, a minha primeira gata, uma das primeiras gatas, na verdade (risos). E ela no início, ela era... Primeiro ela era muito medrosa e aí depois ela, tipo, é muito corajosa, nunca vi uma gata ser tão pra frente assim que nem a minha (risos). Aí eu logo lembrei dela e era uma tigresa com o nome de Ravena. Aí na medida em que foram surgindo os obstáculos a coragem foi se dissipando e no lugar dela veio o receio e a vontade de sempre querer saber sobre o próximo obstáculo pra me preparar pro que ia aparecer, né? E, apesar disso, a vontade de ultrapassar era enorme. Sempre eu queria [ultrapassar] e sempre queria ter alguma forma de passar por aquilo logo pra eu não ficar no sentimento do obstáculo, porque pra mim era horrível. Por isso não foi difícil sair do buraco. Tive um momento, quando na hora que você tava falando, tinha um momento que parecia difícil, mas teve um *start* que “foi”! E aí depois daquilo eu consegui passar pelos obstáculos de forma, tentando sempre contorná-los e... Passar por aquilo logo. E aí o que mais marcou foi o buraco, o rio e a ponte. E aí o buraco por isso, né, por esse momento do *insight* de poder sair. E aí o rio foi um lugar reconfortante e acolhedor, porque foi onde eu consegui beber água e foi onde eu consegui tipo vislumbrar uma coisa nova... E onde eu conseguia descansar e me sentir protegida. E a ponte pareceu uma nova etapa que iria seguir, que eu iria seguir, mas com aquele medo, o receio do que teria depois da ponte, mas com a sensação de que eu teria maior manejo pra poder passar pelas adversidades por conta do que eu passei nesse processo. Sobre o mapa, aqui tem o buraco e aí eu consigo sair. Aí vem o labirinto e quando [você] tava explicando a sensação que eu tive é de que eu entrei no labirinto, me perdi e eu subi nas paredes e eu consegui passar vendo as coisas por cima. Aí eu vim pra montanha. A montanha também, estar no cume da montanha era algo bom pra mim, porque eu conseguia ter visão ampla e ver o que tava, o que aconteceria, né? Tipo, era sempre na tentativa de saber o que tava me esperando. E aí tem o túnel, no túnel eu lembro muito de ver uma luz. E aí era o gás que eu tinha pra poder ir passar por ele. O rio, ele tá presente sempre, tipo, eu vou sempre conseguir visualizar o rio, porque era o lugar que me fazia bem e parece que eu sempre tava à procura desse rio. E aí eu chego nele [no rio] e aqui é a ponte. E a ponte eu não sei pra onde vai. E aí tem aquele receio, mas aquela vontade de ir, sabendo que eu me preparei pra poder ir. E a escultura foi assim... Foi engraçado, porque na hora que você pediu pra desenhar [o mapa] eu já tinha colocado ela aqui, porque foi o que mais me marcou, foi o rio e a ponte. E aí aqui é a tigresa e ela tem coragem, mas, tipo, parece que sempre tem aquela poda e aí você vai tendo os receios e aí você tem que tirar, tipo, de você mesmo aquele manejo pra poder passar. E aí o rio é um lugar acolhedor e a ponte dá medo, mas eu quero seguir. E aí em relação a isso com a universidade parece que tem muito *link* pra mim, principalmente no buraco. No buraco me lembrou a situação de quando eu entrei [na universidade], foi no primeiro período, tinha um professor meu de uma matéria lá que agora eu não vou lembrar (risos), mas eu lembro muito dele. E aí ele falando de como era difícil as pessoas terem acesso à universidade, né? E aí ele foi falar que pra gente, ele era negro também, e ele falou que pra gente é mais difícil ainda, temos mais obstáculos no nosso caminho. E aí ele foi apontar cada um que tinha na sala que era negro, né? E aí ele apontou pra mim e eu tava num processo de me reconhecer enquanto pessoa negra, então parece que aquilo foi um divisor de águas pra mim, que eu consegui me inserir dentro do espaço enquanto pessoa negra. E aí foi tipo a sensação do buraco, quando eu tive aquele negócio, “não eu vou sair daqui”, e aí tudo que fui encontrando na universidade parece que eu tenho que ter aquele manejo pra poder sair da situação, porque parece que nunca é fácil pra gente (risos) e aí a gente tem que criar os nossos próprios mecanismos. E isso é triste porque a gente devia ter isso já assegurado, né? E aí me lembrou muito no curso de Economia. A gente tem, pelo menos a minha sensação é de sempre tá com aquela questão [do questionamento] da sua capacidade, né? Principalmente quando vai te comparar, aquela questão homem-mulher, principalmente em relação a cálculo, sempre tem isso. E aí você, você tipo, parece que o obstáculo você incorpora, você se torna um obstáculo também. Tipo, não é você, mas você acaba se sentindo, parece que você é o obstáculo e aí ter que entender que você é capaz, que você também consegue, que você vai conseguir vislumbrar, que você pode passar, atravessar aquela ponte é um processo. E aí é em relação a isso que me toca. E também é ver os meus também conseguindo, porque é difícil. Às vezes você pensa assim, por tá na universidade vai ter diversidade e tudo o mais, não é bem assim. E aí quando esse professor fez aquilo, tipo, apontou mesmo as pessoas [negras], parece que eu encontrei, me encontrei e encontrei as pessoas que eram iguais a mim. E aí foi, tipo, eu tentei seguir com essa linha ao longo do curso, tô conseguindo, mas tem que ter um manejozinho pra poder tá lá. [Sobre o rio, que me dá conforto, eu o encontro na universidade] em professores como esse que eu falei, professores acolhedores e que entendem as diferenças das pessoas, né? E em amigos. Tipo, às vezes não é local pra mim, é com quem eu estou no local, meus amigos e essas pessoas, né? E aí também tem amigos de outros cursos que me fazem me sentir melhor. Porque a universidade pra mim, eu até brinco assim, que eu nunca gostava de tá lá, até porque é muito maçante pra mim. Eu ia pra universidade 8 da manhã e saía 10 da noite. Eu chegava, eu dormia em casa, né? Vivía na universidade e

dormia em casa. Então era um lugar que [quando] eu me lembrava, “meu Deus, tenho que ir pra aquele lugar!”. E aí eu gostava muito de tá com os meus amigos, nas aulas de tais professores, né? Porque também tem professores e professores, e aí a gente tem que passar [por eles], né? É o obstáculo, e aí é o jeito. E um lugar que eu gostava era quando eu tava sozinha, né? Porque eu sempre gostei muito de tá sozinha. Não é uma coisa ruim pra mim. E aí lá na... Eu lembro muito, naquela biblioteca entre o CCHL e o CT, era um lugar muito bom pra mim, que eu conseguia estudar, eu conseguia parar e descansar, e lembrar que eu tô ali, não sou um robô e tudo mais. E aí era nessas situações. Às vezes eu não consigo nomear um lugar em si, mas se fosse pra dizer era aquela biblioteca e lá na PA (praça de alimentação) nova, por trás da PA nova tinha um banco que eu sempre tava lá, acho que toda vez que passasse eu tava lá, era um lugar que eu... Parece que também lá eu não tinha muito contato com as pessoas do meu convívio, aí parecia que eu conseguia, tipo, parar, me reconectar, porque eu via coisas diferentes e aí eu conseguia entender o que tava acontecendo comigo e aquele lugar era ótimo, eu não tava nem lembrando mais da sensação de tá lá (risos), era muito bom. Esse recurso que eu enxerguei no labirinto [de subir nas paredes] é basicamente sempre assim quando eu encontro alguma coisa, porque eu acho muito, muito ruim a sensação de tá no obstáculo, né? Ou seja, quando colocam em xeque a minha capacidade, quando me comparam a um homem na universidade, como se eu não pudesse também e quando eu me enxergo enquanto minoria, né? Quando você para e pensa “só tem eu aqui” e aí ao longo do curso isso vai afunilando muito porque a gente vê muito, tipo, muitos dos nossos indo embora, ficando pelo caminho e você tendo que seguir, né? E aí nessas situações, pra mim, eu sempre tenho que ter a coragem de... De sair daquilo, de que eu quero seguir em frente, mas eu tenho muito, tipo, principalmente isso, agora aqui parando pra pensar é ao longo da minha vida, eu nunca gosto de tá numa situação afunilante assim, sabe? E aí o meu negócio é querer sair daquilo logo. Aí a coragem vem daí. Não que eu não tenha medo, mas é querer sair daquela situação logo. E aí eu tô lembrando muito em relação a isso nos períodos iniciais, quando a gente tem muito cálculo, e eu por momentos achei que eu não conseguiria mesmo, “não, não é pra mim, acho que eu não consigo”. E aí é [em] amigos, é onde eu encontro [apoio], né? Que aí vai com você, que... Você ter essa rede de apoio é muito importante, porque eu fico imaginando quem não tem deve ser, tipo, a vontade de desistir deve ser enorme. E aí o que eu lembro muito é disso e situações, tipo... Me desculpa a palavra, mas de professores meio escrotos, assim, tanto de dar em cima de você quanto de, tipo assim, querer te lascar numa prova, tipo, de graça, não tem motivo, e aí você tem que passar por isso. E aí eu sempre gosto de pensar, é, durante a universidade em questão temporal e aí eu fico assim “não, semana que vem isso já vai ter passado, final do período isso vai ter passado” e aí eu quero que sempre passe logo e aí é disso, mais ou menos assim, que eu consigo fazer o *link* entre as coisas.

---



**Figura 24** – Escultura Loba Moona  
**Fonte:** Dados da pesquisa



**Figura 25** – Cartografia da Loba Moona  
**Fonte:** Dados da pesquisa

Agora eu vou mostrar para vocês [a minha escultura], é a Moona. Eu acho que na hora que tu falou pra gente se imaginar como um animal, [um lobo] foi o primeiro que veio na minha mente, e foi uma loba marrom (risos). Quando eu me imaginei como ela, eu me senti segura, sabe? Foi estranhamente como eu imaginava em uma forma que seria diferente, porém... Foi, como é que eu posso dizer, foi uma sensação boa, foi uma sensação, digamos assim, de conhecimento, sabe? De se conhecer. O mapa eu fiz, até a bolha eu coloquei, fiz uma descriçõzinha das imagens que eu imaginei vendo com a passagem. Pra mim esses obstáculos representaram mais sentimentos do que situações na universidade. É... Quando a gente imaginou de cair no buraco, foi um momento assim, que, [você] perguntou “o que é que tem dentro do buraco, o que é que você vê lá?” E assim, pra mim foi, eu vi, era vazio, sabe? E analisando isso, é... Eu compreendi que pra mim era a questão da solidão na universidade, porque pra mim um dos grandes problemas foi essa questão da solidão. Porque além de ser mulher negra e periférica, ainda sou uma mulher fora dos padrões estéticos, tenho um filho que ainda dificulta mais essa questão da socialização. É... Mas quando eu me transformei nesse animal eu me senti segura enquanto corpo, sabe? Foi assim... É um paralelo de quando eu me identifiquei enquanto pessoa negra, de quando me tornei mãe também porque isso faz de você ser uma leoa, né? (risos) Um bicho que tem força pra tudo, e a gente desconhece nosso poder. É... A passagem pelo labirinto pra mim também foi um momento que na verdade eu senti como se fosse aventura, eu não sentia medo de fazer essa passagem. Sabe, pra mim o labirinto representou, na verdade, a cobrança de conteúdo prévio que muitas vezes a gente tem na universidade e que às vezes você tá assistindo aula lá nas iniciações e aí os professores “ah, mas isso aqui vocês já viram no ensino médio”, “isso aqui vocês já conhecem” e eu ficava assim “não!”. Eu tive um ano de filosofia, um ano de sociologia e só durante o meu ensino médio inteiro. E assim, eu estudava à noite, no Centro de Jovens e Adultos, então eram aquelas aulas do básico do básico do básico. Então, assim, pra mim foi um enfrentamento essa parte, de ter que correr atrás pra poder acompanhar o que basicamente todo mundo ali já tinha entrado nessa parte, porque a maioria da minha turma é formada de pessoas com a classe mais alta, uma coisa que eu não esperava no curso de Ciências Sociais, mas a grande maioria eram pessoas de uma classe mais alta, vieram de colégios particulares, fizeram cursinho [pré-vestibular], enfim. Eu vim da escola pública e ainda por cima no turno da noite, que pra quem não sabe é um turno extremamente, assim, deixado de lado. Você praticamente não tem aula, é muito por conta do aluno. É... Após o labirinto vem a subida na montanha. Pra mim também foi novamente uma questão de um pouco de aventura e de esforço, sabe? Foi um pouco difícil subir, mas eu me senti satisfeita por ter conseguido subir. A chegada no rio pra mim me inspirou respeito. Eu não entro na água, eu não faço nada, só observo. E pra mim eu acho que isso foi um momento que eu parei e fui olhar pra mim, fui olhar pros meus sentimentos dentro da universidade, dentro daquele ambiente. O túnel não foi um lugar assustador, foi um lugar que novamente me lembrou a solidão dentro do curso. Foi um local que não foi fácil de passar, mas eu consegui. Depois quando, é... Quando eu chego na... É... A parte da ponte pra mim é... Foi, assim, foi pra mim, acho que a parte mais longa, porque pra mim acho que simboliza essa travessia total do curso, sabe? Do começo ao fim. E quem eu vi do outro lado da ponte foi a minha família (risos) É... Aí, tipo, eu vou chorar um pouquinho (risos e choro). É... São pessoas que foram muito fundamentais no meu descobrimento como negra, me apoiando a tá dentro da universidade. É... Essa solidão que eu falo no meu curso, até mesmo assim, em relação a... É solidão mesmo, sabe? Eu tinha duas amigas no curso. Uma que agora já tá no mestrado e outra que se afastou. Então assim, é muito complicado você ser praticamente, totalmente sozinha na universidade, sabe? É... Ainda tem o fato de ter um filho, então assim, é complicado. Eu já tive que fazer prova com meu filho perto. É... Já cheguei, vários professores virou logo a cara pro meu filho e eu... (choro) Tenho essa sensação de estar sozinha ali, não pertencer. E por mais que você mereça estar ali, você não é bem vinda. E é como a **Quieta** falou e eu me identifiquei nisso. Pra mim os lugares confortáveis [na universidade] não são lugares, são pessoas. Então às vezes eu tava lá sozinha, sentada lá na pracinha e era um dos lugares que eu mais gostava de ficar porque, ironicamente meio que eu era invisível lá (risos) e eu sempre tava com um livro ou tava falando com alguma das minhas amigas que tavam lá, sabe? É... Pra mim a universidade é muito marcada por isso, pela solidão. E quando eu vejo a minha família ali no finalzinho da ponte, eu acho que assim, sabe, é o momento que eu tô chegando em casa, que eu vou poder reclamar do que aconteceu, como é que foi meu dia (risos). Assim, o meu noivo tem um papel muito importante nisso também, porque ele me ajudou muito, né, no descobrimento da identidade, em me achar bonita e em me ensinar a me amar, sabe? Ele assim, é... Eu sou a deusa (risos), a deusa africana dele, sabe? Eu acho que foram pessoas, são pessoas extremamente importantes nessa caminhada. [Sobre a postura da universidade em relação ao corpo-mãe] eu acho que a universidade como um todo é difícil dizer. Enquanto instituição se a gente parar pra olhar, por exemplo, aos auxílios que são destinados às mães, o auxílio creche, essas coisas, [a universidade] deixa muito a desejar. A gente vê que [o critério] é uma idade muito pequena [para a criança], é muito pouco, uma bolsa que não se estende pra todo mundo, que é uma coisa que ajudaria a gente a formar mais cedo. Mas assim, a universidade no ambiente acadêmico, acho que isso varia muito de professor pra professor. Uma coisa que eu me lembro e eu ainda até hoje tenho, foi uma reunião que nós tivemos, se eu não me engano do PIBID. E eu levei meu filho e ele pediu o carrinho que a senhora tinha, de madeira, (ela está se referindo à professora Rosângela, co-facilitadora na

oficina), e [a senhora] deu pra ele (choro). Até hoje eu tenho esse carrinho (risos e choro). Mas, assim por outro lado, como eu falei, eu já entrei em sala de aula e a professora fez cara feia pra mim e pra ele, tipo, uma criancinha que fica lá sentado, mexendo no celular. Se eu for analisar, assim, 70 a 80% dos professores viram a cara, fazem cara feia. Porque... Além de ter assim, principalmente com os homens a gente sente aquela coisa do machismo ali, de “olha só, você aqui com seu filho, você não devia nem tá aqui com essa criança, não vai atrapalhar minha aula”. Do lado das mulheres a gente até que tem um pouco mais de acolhimento, como a professora Verônica, de Antropologia, também, ela me acolheu muito. Nossa, ela colocava meu filho até pra participar [da aula] e tal. Então assim, eu acho que é uma coisa muito individual, mas no todo, é, a universidade dificulta bastante o corpo da mulher quanto mãe, porque não tem espaços pra criança, a gente não tem, é, preparação, sabe, da parte dos professores pra lidar com isso. E, além de ser uma sobrecarga que já é por conta da universidade em si, você ainda tem mais esses obstáculos, que tem que tá lutando ali diariamente contra isso, porque a gente tem que tá se justificando todo dia. Às vezes parece que a gente é muito minimizada enquanto mãe, nosso papel de mãe é muito minimizado. É um papel que, eu senti muitas vezes isso, assim, que os professores queriam que eu não exercesse aquele papel, principalmente ali dentro. Pra mim o que mais me... Como é que eu posso dizer, assim, mexeu comigo foi o fato de exatamente tá dentro do curso de Ciências Sociais e ver, existem esses movimentos, inúmeros movimentos dentro da universidade. Só que esses movimentos são bolhas, sabe? São pessoas do mesmo círculo que estão ali falando pra si mesmas. É... Muitas vezes até pode a gente ter... Ah, o movimento de estudos negros, não sei o quê, mas você vai ver não tem o recorte socioeconômico, ele não tem determinados recortes específicos, então, assim, se você não fizer parte daquela bolha, se você não conhecer determinados assuntos, se você não tiver até mesmo certo status socioeconômico você não consegue fazer parte daquilo. É, uma grande dificuldade que eu tive foi muito, foi isso, a questão socioeconômica, porque tinha grupos. Claro que as pessoas falavam comigo e ninguém virava as costas pra mim, só que na hora de “ah, vamos sair pra tal lugar conversar, não sei o quê”, eram lugares aos quais eu não tinha acesso, vamos dizer assim, é, possibilidade econômica. Eu poderia ir, mas ficaria muito complicado pra mim depois. Então assim, é... Foi um pouco triste e decepcionante ver esses grupos funcionarem lá dentro, mas funcionarem pra si mesmos, sabe? Até quando a gente vê a questão do Centro Acadêmico, a galera do CA. A galera do CA é uma bolha, eles falam pra eles mesmos. Você vai ver, ah, o movimento estudantil, não sei o quê. Você vai ver que são, quando tem recortes eles são ou extremamente específicos ou eles são poucos, eles deixam a desejar e muitas vezes fica no discurso lindo, maravilhoso, mas, assim, cadê a ação? Eu até tava conversando com essa minha amiga, que ela faz Ciências Sociais também, sobre isso, né, que a gente vê muitos movimentos, muita coisa, muito debate, muita roda, mas e a ação, gente, cadê? O que é que vocês tão fazendo de verdade? É... Colocando mesmo de projeto pra acontecer? Quem é que vocês tão ouvindo? Com quem é que vocês tão falando? Eu acho que isso é o que mais, o que mais me falta, porque, principalmente no movimento negro quando você tá falando de negritude não tem como você deixar de falar de status socioeconômico, porque a gente sabe que aquilo ali influi ainda mais no fato de você ser excluído, né? É muito complicado essa questão desses movimentos, eu acho.

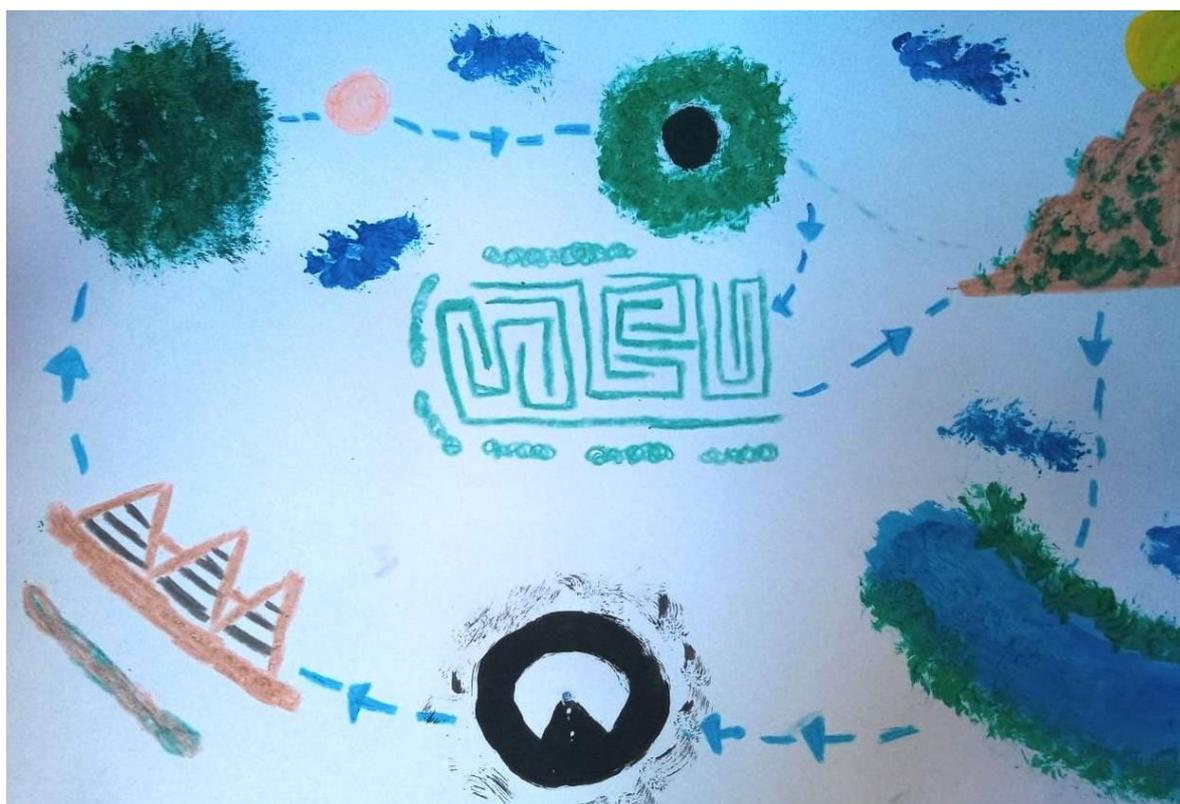
---

**COPESQUISADORA AGRESSIVA**

---



**Figura 26** – Escultura Onça-pintada  
**Fonte:** Dados da pesquisa



**Figura 27** – Cartografia da Onça-pintada  
**Fonte:** Dados da pesquisa

Eu vou mostrar a minha [escultura]. Eu fiz, era pra parecer um tigre, um tigre não, desculpa, uma onça pintada. Eu gosto muito desse animal, mas tá um pouquinho diferente. Eu escrevi algumas coisas sobre o roteiro [da viagem imaginária]. Durante todo o percurso eu sempre imaginava, assim, em todos os lugares que eu tava, sempre tinha alguma árvore, alguma planta, mesmo no túnel. Logo de início, quando a gente

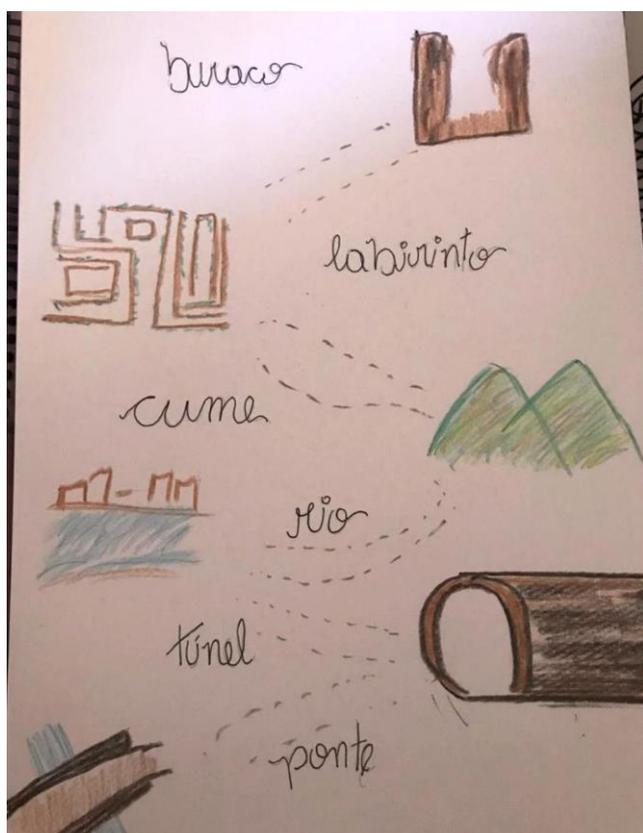
começou o relaxamento, eu sempre imaginei que eu tava na floresta, tava relaxada e depois que você falou pra gente visualizar um animal, se transformar em um animal, eu me transformei numa onça. Eu acho que é porque ela representa força e essa dureza que a mulher negra tem que ter, que eu penso, né? E depois eu fui... Deixa eu mostrar aqui o mapa, né? Aqui é o início, que é a floresta, quando eu comecei no relaxamento. Eu desenhei a bolha também. E aqui é o buraco. No buraco, é, ele também é na floresta, então a saída dele saía também na floresta, mas eu senti que ele era frio, que ele era molhado, escuro e que eu precisava de força pra sair. Depois dele a gente tem o labirinto. No labirinto eu não senti certa dificuldade. Na verdade, é... Eu meio que senti... Eu achei ele bonito e que ele não ia ser uma coisa tão difícil de sair se eu me esforçasse. Depois do labirinto a gente vai pra montanha e a montanha pra mim é uma das melhores partes, porque eu consigo visualizar todo esse ambiente e não é tão desconfortável porque tem toda a questão que em todo lugar tem uma árvore e eu gosto muito. E eu desenhei um sol pra representar a luz e eu gosto muito do dia, e de dia se tem muito sol. Depois a gente tem o rio. No rio eu achei uma coisa muito interessante porque eu era a onça, mas quando eu vi o rio eu mergulhei nele, ele era calmo e eu me, é como se eu tivesse por um momento, é, voltado à minha forma humana, não sei por que, foi bem espontâneo, e eu me senti calma. E depois dele [o rio] a gente tem o túnel. Pra mim o túnel foi a pior parte porque eu não me senti bem. Ele aparecia um lugar, era um lugar escuro, que o ar era, eu não sei por que, mas tinha uma impressão que o ar tinha um cheiro ruim, também não sei o motivo. Tinha uma luz no fundo, na saída, e parecia ser longo e um pouco, acho que apertado. Depois eu vou pra ponte. É, na ponte eu imaginei uma ponte um pouco estreita. Aqui embaixo tinha certo rio, só que um rio mais lamacento. E que ela [a ponte] era não tão grande, mas era, tinha essa questão de ser estreita e dava pra eu ver o chão e era bem alto. Depois eu retorno à minha floresta, que eu gosto muito. É isso. Sobre o que cada lugar representou, eu acho que o poço, o buraco, ele representa quando eu entrei na universidade, é, não faz muito tempo, e eu tive essa imagem de que ia ser uma coisa diferente, que eu ia encontrar pessoas diferentes, só que quando eu entrei no meu curso (Ciências Biológicas) eu achei pessoas que eram iguais e muito diferentes de mim. Eu vim, é, antes de eu começar as aulas eu tive um encontro com algumas mulheres de uma... Mulheres que muitas delas eram negras e do curso de... Meu Deus qual era o curso? Do CCHL. E [uma delas] me disse uma frase que eu não tinha entendido, assim, na hora, mas quando eu entrei no curso eu entendi. Ela disse “nossa você vai fazer biologia? Que bom, uma mulher negra pro CCN”. E eu não entendi, mas quando eu fui lá, eu percebi que é muitas pessoas brancas, de padrão social alto. Encontrei muitas pessoas de escola particular, pouquíssimas de escola pública. É... Ou então muitas pessoas que tiveram histórico de escola pública, mas grande parte foi escola particular. É... As vivências, achei um pouco diferente, e a forma como as pessoas me viam, porque teve... Tinha uma colega minha, que ela era branca, cabelo liso, todo um padrão, e tinha eu, né? Aí um veterano falou assim “nossa, eu achei ela tão fofa, eu achei ela tão simpática” e comigo ele disse que me achou que eu era um pouco, como é que eu posso dizer... Direta. Meio que poderia parecer que eu era um pouco ignorante pro jeito que eu me comportava, mas eu acho que é porque eu criei realmente essa capa de, como é que eu posso dizer, de uma maneira de me comportar em certos locais. Tanto que quando eu tava com meus amigos, lá no coreto, eu parecia, assim, outra pessoa, né? E eles eram de outros cursos. E quando eu tava com as pessoas que eu conheci no meu curso, era um pouco... Parecia que não era eu, eu tinha que me meio que vestir uma pessoa que não era totalmente eu. No labirinto, é como eu disse, eu gostei dele, achei ele bonito e não achei tão difícil de sair. Eu acho que é a questão dos assuntos que muitas vezes eu me deparo com assuntos que as pessoas sabem muito, pessoas que tão no mesmo período, enfim, e que eu não sei, mas eu gosto dessa questão do obstáculo, de ter que aprender coisas novas. Acho que a montanha representa justamente, é, quando eu consigo superar, aprender um assunto que eu não sabia e que eu deveria saber, conseguir fazer essa assimilação. O rio eu acho que ele representa os momentos que eu tô sozinha ou com as pessoas que eu gosto muito. Eu gosto muito de ficar sozinha também, assim como a **Quieta** falou, né? Eu não acho uma coisa ruim, mas eu também gosto muito de tá acompanhada. E... É uma coisa muito interessante porque apesar de eu não ter achado muitas pessoas semelhantes, eu tenho facilidade de me comunicar com as pessoas, mas não significa que eu esteja sendo eu mesma. No túnel... Eu não sei, eu acho que ele me representou incerteza nessa caminhada de você entrar na universidade, porque você não sabe o que você vai encontrar, você encontra pessoas muitos diferentes, você começa um novo ciclo que você não sabe se você vai encontrar pessoas que vão te acolher, pessoas que vão te fazer cair, né, não vão te dar a mão. Tem a questão também dos professores, eu ouvi muito boatos, e você tem aquele certo medo e aí o túnel representa isso. A ponte, eu acho que a ponte, como eu disse, ela não era tão longa, mas era um pouco estreita e eu acho que essa parte dela representa justamente essa coisa de você ter que se adequar ao local que você começa a conviver, porque você vê pessoas diferentes, pessoas que falam diferente, pessoas que pensam diferente, o que não é uma coisa ruim, só que muitas vezes você tem que se comportar de uma maneira que você não costuma pra você conseguir fazer parte daquilo. E aí eu retorno de novo ao local, à minha floresta, né, que eu gosto muito, que eu acho que é quando eu tô com meus amigos, com a minha mãe, eu gosto muito dela, e só, e quando eu tô só também. [Sobre os espaços de adequação na universidade] eu acho que em sala de aula, tanto virtualmente quanto quando era presencial, porque o professor começa um assunto, né, e aí aquelas pessoas que vieram de, digamos, de uma realidade

diferente da sua, teve uma educação diferente da sua, elas começam a dialogar sobre o tema de uma forma tão articulada que você se sente excluído, não por eles te excluírem, né, não por não te dar um momento de falar, mas porque você realmente não sente que consegue falar sobre aquilo por ser um tema tão fora do que você tava acostumada. E eu acho que na sala de aula foi um deles. No laboratório... Eu não faço parte de um laboratório, não cheguei a fazer parte, mas a gente visitou, e eu sentia isso quando eles explicavam, porque tinha as pessoas que já eram inseridas no laboratório, né, que trabalhavam lá, que, enfim, já eram daquele laboratório, e [tinha] os alunos que tavam comigo, calouros, que articulavam muito bem, falavam daquilo e eu ficava “gente, não faço a mínima ideia, não tô conseguindo acompanhar”, mas eu tentava sempre, “nossa, humrum”, só que eu não tava entendendo muitas vezes, mas a gente tem que passar essa de “ah não, se você entrou na universidade é porque você sabe disso, é porque você tem que fazer jus a essa sua entrada”, sendo que muitas vezes a gente entra na universidade como meio de tentar aprender mais e isso acaba meio que deixando a gente até um pouco de fora. Sobre onde eu senti adequação, um pouco no laboratório, né, quando a gente tem que até meio que tentar pensar sobre aquele assunto e inúmeras coisas que você não sabe, e... Acho que no início, em conversas de grupo, quando a gente tava se conhecendo, né, tem sempre aquele grupão, todo mudo se reúne pra conversar, os calouros. E eu sentia, tipo, eles começavam a falar de assuntos que pras eles eram tão naturais, era natural a forma que eles falavam, a maneira como eles puxavam, dialogam, distendiam o assunto inteiro e aquilo pra mim parecia que eu tava iniciando uma aula, tipo, eu não sabia do que eles tavam falando, ou por mais que eu soubesse eu não conseguia discutir tão bem quanto eles e aí as vezes eu tentava falar, tentava participar, mas não, não fazia parte, digamos, de mim, eu não sabia realmente como entrar naquilo, mas eu sempre tentava. Eu não tive muito tempo [de aula] no presencial, mas eu já tinha uns lugares que eu gostava muito de ficar, mesmo por pouco tempo, que era no coreto em frente ao Centro de Biologia. Eu gostava muito de ficar lá, inclusive com amigos de outros cursos, amigos que vieram do ensino médio comigo, e era bom porque eles vieram já de uma realidade próxima à minha e a gente conseguia conversar, era um momento, como eu disse, que eu parecia outra pessoa, eu conseguia falar, eu conseguia me sentir bem. Outro local... Eu acho que só esse, por enquanto... Eu gostava de ficar na praça do meu centro, mas eu não me sentia tão confortável, porque apesar de ter as árvores e eu gostar muito, é... Eu percebia que parecia que sempre tavam, não sei, te observando, não sei explicar, se é porque eu era caloura, né, e tava meio nervosa, mas era isso. Acho que o local que eu mais gostava era no coreto em frente ao Centro de Biologia. Eu acho que a questão da socialização com as pessoas [é uma dificuldade na pandemia], porque eu criei laços com algumas pessoas, assim, amigas, mas não tive tempo de concretizar, de “ah, é minha amiga, vou confiar”. E agora no online eu criei novos laços, mas eu ainda tenho esse receio. Eu acho que [isso] sempre me acompanha em toda minha vida, acho que desde sempre. Eu sempre tenho esse receio de confiar nas pessoas. No online esse distanciamento que a gente tem, é... Aumenta essa minha dificuldade de confiar, de me relacionar, de me expressar e... Eu também, deixa eu ver, uma coisa, eu gosto muito de falar, mesmo estando em locais, assim, que eu não me sinto tão bem, eu sempre tento conversar, não sou muito introvertida, sou bem extrovertida até, mas esse online me deixou bem ansiosa. Eu não sei bem, assim, o motivo, acho que é porque você não tá vendo a pessoa, você não tá vendo como que ela tá reagindo à sua fala, você não vê como ela tá, é, se movimentando e aí isso me deixou bastante ansiosa sobre o como as pessoas reagem quando eu falava e me deixou bastante insegura, inclusive sobre, tanto sobre assuntos de aula quanto, é... O próprio estudo mesmo. Eu tinha muito medo de estudar, tinha muito medo, primeiro que eu fugia. Eu até comecei a perceber, que foi até bom perceber, porque eu comecei a tentar quebrar isso, eu comecei a tentar não, é, pensar sobre o estudo, porque eu tinha medo de não saber assuntos e achar que eu tava meio que ficando pra trás. Então isso mexeu muito com a minha questão da minha intelectualidade, eu me sentia um pouco burra por não saber de muitos assuntos e essa questão do afastamento.

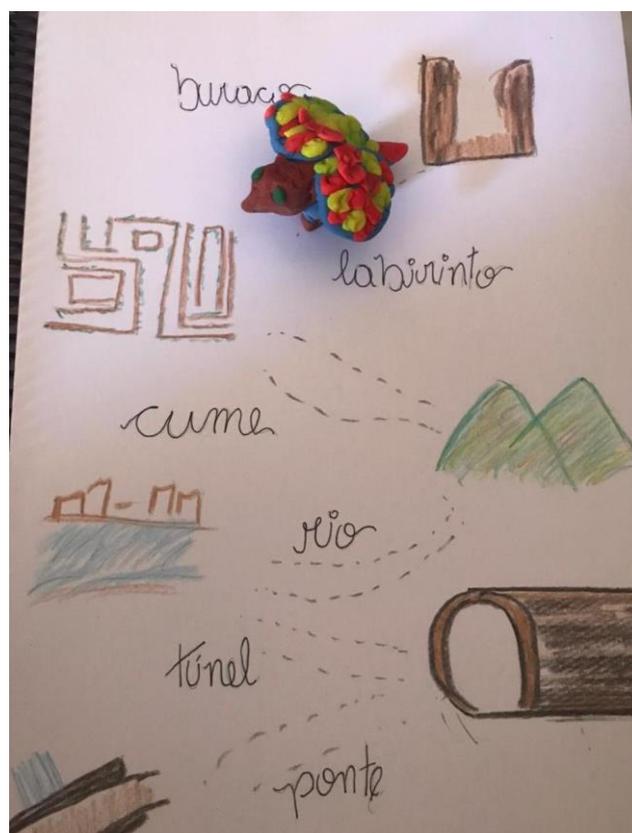
---



**Figura 28** – Escultura Bicho da Resiliência  
**Fonte:** Dados da pesquisa



**Figura 29** – Cartografia do Bicho da Resiliência  
**Fonte:** Dados da pesquisa



**Figura 30** – O Bicho da Resiliência na cartografia  
**Fonte:** Dados da pesquisa

Bom, o bicho que eu fiz foi um pássaro. Assim como a **Máscara da Força** disse, foi o primeiro bicho que eu imaginei. Eu tentei trazer ele bem colorido pra remeter a uma arara, que é um dos pássaros que eu acho mais bonitos, assim. Esse bicho se chama bicho da resiliência. Aí agora vou trazer um pouco da minha cartografia, né? Eu retratei o buraco como um espaço apertado, bem sujo, com muita terra e fundo. O labirinto eu tentei retratar como um labirinto mesmo daqueles filmes, porque foi o que me veio na cabeça, sabe, aquele labirinto cheio, como se fosse um jardim, cheio de folhas e plantas. O cume eu retratei como se fosse algumas montanhas, que também foi o que veio na minha memória, né, dessa parte mais aqui densa. Aí a gente vem pro rio. O rio eu retratei com uma cidade aqui na outra margem, porque a memória que eu tenho de rio é assim, e a água corrente. O túnel eu retratei como sendo algo bem grande, sabe? A memória que eu tenho de túnel, que eu acho que foi a primeira vez que eu passei realmente dentro de um túnel, foi quando eu fui pro Rio de Janeiro, e eu não sei se vocês já tiveram essa experiência de passar dentro de um túnel, né? A primeira vez parece que você não vai chegar no fim, porque chega numa parte do túnel que você não consegue enxergar a outra ponta, então o túnel eu tentei retratar assim, como algo bem grande. Inclusive, eu acho que eu coloquei tanta intensidade que eu quebrei o giz de cera (risos) quando eu tava fazendo [o desenho]. E a ponte eu coloquei uma ponte pequenininha, né, assim, e o rio passando, eu acho que eu não diria que era nem o rio, assim, só um pouquinho de água mesmo passando embaixo e a ponte menor. As sensações que eu fui sentindo, assim, no decorrer dessa vivência em cada espaço... O buraco, ele me deu um sentimento de solidão, né? E como as meninas já falaram, como a **Agressiva** acabou de falar, acho que todas as outras trouxeram um pouco disso, né, desse sentimento de você se sentir sozinha na universidade, se sentir sozinha naquele espaço e esse foi um dos sentimentos que eu senti bastante, principalmente no primeiro período, né? Eu quando cheguei na universidade, eu imaginava que fosse um ambiente mais plural, digamos assim, mais amplo e mais diverso. E quando eu cheguei ali eu percebi que não era tão plural (risos) como eu imaginava. Então eu vi uma mesma estrutura sendo reproduzida. Eu via muitas pessoas brancas, muitas pessoas de elite. E eu me sentia muito sozinha, muito sozinha mesmo. Eu lembro de um dia que, assim, foi o dia (risos) mais, um dos dias mais alegres do meu primeiro período, que uma menina preta de [cabelo] *black [power]* passou por mim no corredor e sorriu pra mim e aquilo pra mim foi, assim, sabe, ela se identificou comigo apenas por me ver ali, por saber que eu também era outra jovem negra dentro da universidade, então aquilo foi muito acolhedor, porque dificilmente eu via pessoas que sorriam pra mim, que me acolhiam daquela forma. Então, é, o buraco foi esse sentimento, assim, mais de solidão. O labirinto eu enxerguei como um desafio, né? Algo desafiador, assim como a gente encontra na universidade desafios, mas eu escolhi o pássaro por essa capacidade de voar, então, é, o labirinto, apesar de desafiador pro pássaro, é... Não é que não seja difícil, mas ele tem essa capacidade de resiliência, né? Ele tem essa capacidade de enxergar esse desafio e voar e sobressair desse labirinto. O cume eu enxerguei como algo cansativo, porque é como se você tivesse subindo, subindo, subindo, subindo, subindo e apesar que o pássaro consiga voar é muito cansativo pra esse pássaro ter que voar, voar, voar, voar, voar, voar, voar, voar, né? Então apesar de que nós tenhamos todas as capacidades e a nossa intelectualidade e estejamos no ambiente da universidade, né, tenhamos conseguido estar naquele ambiente é cansativo. É cansativo, a universidade em si é cansativa, o curso de graduação superior é cansativo, estar em uma estrutura racista é cansativo, então o cume remeteu a essa, a essa situação e também uma situação de engrandecimento, assim, de capacitação e formação, né, à medida que você chega no topo você consegue ter uma visão melhor do que tá acontecendo. Então, é, se o primeiro período foi tão, é, solitário pra mim nesse sentido, o segundo período, ele já não era mais tão solitário, apesar de que esse sentimento, ele não acaba, né, essa solidão, mas digamos que eu já tinha conseguido fazer outras relações e assim como no cume que ele vai crescendo, quando você chega no alto você consegue ter uma visão melhor. Então acho que esse cume, ele também traz um sentimento, assim, de construção. O rio pra mim foi uma sensação muito boa quando eu tava de olhos fechados, porque quando eu imaginei o rio eu imaginei esse pássaro banhando nesse rio e aí conseqüentemente me veio assim “mas por que que eu escolhi um pássaro e não um peixe?” (risos). E aí eu acho que, é... Mesmo que tenha sido inconscientemente, é, isso traz muito uma sensação que a gente vive no dia a dia. E aí quando você chega nesse rio e que você tá bem, que você tem aquela sensação, assim, de banhar e de refrescância, assim como a **Quieta** falou, né, de poder se revigorar e tudo, você fica se questionando se você realmente é digna daquilo, assim como na universidade. Quando você se vê em um espaço privilegiado você começa a se questionar, né, sobre você estar ali naquele ambiente, sobre você gozar daquilo, sobre você aproveitar aquele ambiente, então acho que o rio, ele nesse pensamento inconsciente, assim, quando eu tava de olhos fechados, de pensar “poxa, por que que eu não escolhi um bicho que fosse aquático?” e aí logo depois que eu me forço a imaginar esse pássaro entrando nesse rio, eu entendo que sendo um pássaro eu também posso aproveitar daquele rio, eu também posso gozar daquele rio, então foi isso. O túnel, é, me deu uma sensação muito... De me sentir pequena, sabe, quando eu imaginei o túnel. Eu imaginei o túnel como algo muito grande e me senti pequena dentro daquilo e como eu disse pra vocês eu demorei a enxergar o final do túnel, a luz no fim do túnel, mas ainda assim eu enxerguei (risos) a luz no final do túnel, eu acho que remete muito a esse processo de que a graduação, ela é um caminho longo, sabe? São quatro, cinco anos e que você vai vivenciar aquilo, mas que no final, como a **Áurea** disse, que ela disse que viu a

família dela no final do túnel. Então eu acho que eu não consegui visualizar alguém, mas eu consegui visualizar uma luz no final do túnel, eu acho que é isso. Apesar de ser um processo longo, né, um processo cansativo, tem algo no final que nos impulsiona até lá e isso remete muito à questão da resiliência, que foi o nome do bicho que eu escolhi. E no final eu acho que eu já... A ponte, né? A ponte eu pensei numa pontezinha pequenininha e como algo tranquilo. Eu não imaginei a ponte como algo difícil, mas a ponte como algo tranquilo porque eu acho que ela, ela traz pra mim esse sentido de transição, de saber que eu vou chegar em algum outro lugar quando eu atravessar essa ponte, né, que ela me leva até outro lugar. Então isso me trouxe segurança, assim, sabe? E é isso (risos). Eu tinha muito essa visão, né, sobre o meu curso. Eu tinha essa expectativa, né, de que quando eu chegasse, pelo pouco que eu conhecia do Serviço Social, que quando eu chegasse no Serviço Social ia ser esse espaço mais tranquilo e diverso e aberto às discussões, né, sobre raça e etnia. Enfim, que o curso fosse disposto, né? Mas acontece que... (risos) Quando eu me deparei com o curso, primeiro que de todas as professoras do curso só tinha uma professora negra e que eu já vim ter aula com ela no final do meu curso, né, e ela precisa se aposentar. Além disso, quando você vai estudar as disciplinas, você vai se deparar com autores brancos, autores que são (risos), que retratam sobre essa estrutura, né? Que não trazem essa pauta da raça e etnia. E apesar de ser um curso, é, que não é tão elitista, né, mas a maioria dos alunos eram alunos que vinham de escolas de elite, escolas do Centro de Teresina. Eu sempre estudei em escola particular, mas é escola de bairro, escola menor. É muito isso que a **Agressiva** falou, deles [os professores] falarem assim “ah, mas vocês já viram isso”, né, tipo, sobre [Karl] Marx, sobre [Michel] Foucault. Eu tinha visto, assim, por sorte no pré-vestibular, mas sem me aprofundar muito e eu vim de uma escola particular, então pra vocês terem noção eu nunca tinha, assim, parado em uma aula pro professor explorar as obras de Marx, de Foucault, então eu não tinha noção e eu via as outras pessoas falando “ah, sim, professora, eu vi isso no ensino médio” e eu ficava, assim, eu tive essa mesma sensação da **Agressiva**, sabe? De me sentir muito (risos) perdida e apesar da ABEPSS, que é a Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social, ela colocar que a raça e etnia precisa aparecer nas disciplinas, então isso é uma orientação da ABEPSS, a raça e etnia não aparece, ela não aparece. A ABEPSS coloca que a raça e etnia deve aparecer obrigatoriamente, mas ela não coloca como obrigatório uma disciplina específica sobre raça e etnia, então isso fica à mercê da escolha das professoras em abordar ou não. E aí vocês imaginam uma formação de Serviço Social que não perpassa pela formação sócio-histórica brasileira, né? Perpassa, mas com uma disciplina, né? Com uma disciplina que a gente tem sobre história do Piauí e história do Brasil, mas em si o Serviço Social sobre raça e etnia a gente não tem, e em outros, é, cursos pelo Brasil você tem essa disciplina, mas isso precisa partir da iniciativa das professoras, a iniciativa do Departamento de Serviço Social. Então eu sentia muita falta disso e aí eu fui conhecer a primeira assistente social negra só no quarto período do curso, sabe? Quando uma professora em uma das suas aulas trouxe o texto de Ivone Lara. Então, eu senti, você sente isso, assim, você sente que, é, enquanto mulher negra você não tem representatividade no ambiente acadêmico através das profissionais, dos profissionais, e você sente que enquanto mulher negra dentro do seu curso de graduação você não tem representatividade sequer nos assuntos abordados. Então a todo momento eu sentia muito isso, Verônica, no curso, né? Apesar de ser um curso que traz ali nas suas entranhas, no seu Código de Ética da profissão, nas ações profissionais que é preciso trazer raça e etnia, eu senti que isso não aparece. Eu poderia citar inúmeras situações [em que meu corpo foi resiliente] (risos), mas uma que eu acho que talvez seja a mais emblemática, né, de quando agora, né, que eu fui me encaminhar para o Trabalho de Conclusão de Curso, que nos ainda estávamos em modalidade presencial, nós fomos escolher as temáticas e eu queria muito falar sobre mulheres negras na universidade, né? De como isso implica a situação das mulheres negras tanto na inserção como na permanência, e esse foi o tema que eu propus. Esse tema, [na escolha da orientação], ele junto com todos os outros temas, ele vai pra uma roda e as professoras que mais se identificam acabam ficando com esses temas, né? E, assim, nenhuma professora se identificou com o meu tema, nenhuma professora se manifestou com interesse pra ser minha orientadora em relação a esse tema e... Isso pra mim foi muito emblemático, assim, sabe? De que, porque todo esse meu processo de construção política, de militância, de movimento estudantil, militância no movimento negro, incumbia na minha vivência acadêmica poder falar sobre raça e eu queria muito poder falar sobre isso, né? Ainda mais sabendo da potência do Serviço Social em relação a isso. E aí o meu tema ficou com uma das professoras que não estava na reunião, então ele meio que (risos) foi jogado pra essa professora e ela aceitou. E eu mudei o meu tema, né? Eu mudei o meu tema, mas não abri mão da raça, mudei o meu tema pra política de assistência e antirracismo, né, e levando em conta o meu estágio. E mudando o meu tema, eu mudei de professora, uma professora que entrou recentemente na universidade e que é negra, que tinha entrado, que não estava presente na reunião, né? E eu mudei o meu tema e fui atrás e fui falar com essa professora, mandei um email, mandei um trabalho que eu já tinha produzido sobre esse tema, disse “professora, eu queria muito poder trabalhar com a senhora, eu sei da sua potência em relação à política de assistência social e eu queria trazer esse lado da raça, do antirracismo, é um debate emergente, tem pouquíssimas coisas produzidas sobre isso e aqui em Teresina não tem nada produzido sobre política de assistência e antirracismo, vamos lá”. Falei com a coordenadora do curso pra poder mudar minha professora, é, minha orientadora. A professora aceitou e aí fui pro departamento, fui pra

coordenação e consegui mudar. E, assim, é um tema que me instiga muito, não abri mão de poder falar sobre raça e isso pra mim foi (risos), foi, assim, é, um dos momentos que eu me senti muito resiliente, né? De não desistir mesmo, sabe? De não abrir mão de algo que eu acredito, porque de alguma forma a universidade quis me impedir, esse sistema.

---

Enquanto as copesquisadoras falavam, na ordem que foi disposta nas páginas anteriores, logo após o relato oral da copesquisadora **Agressiva**, a copesquisadora **Quieta** pediu para falar novamente. Esse foi o seu relato:

### **COPESQUISADORA QUIETA**

---

Só uma coisa, é... Eu precisava muito falar, rapidinho... Eu só preciso dizer que nossa, eu me identifico muito com a **Agressiva**, desde a outra oficina as coisas que ela fala parece que ela tá, parece que sou eu falando e aí eu queria muito dizer isso pra ela, que ela tá vendo (risos) e tá vivendo também, que eu me identifico muito. E na hora que ela falou da questão de adaptação, foi até uma coisa que eu acho que eu não falei isso aqui, mas eu sentia muito e aí a sensação de que eu tenho é de que parece que o meu corpo é gelatinoso, tipo, sempre vai ter a forma de onde eu estou. E aí essas coisas que eu falei, que conseguia sair das situações, eu acho que vem muito disso, porque você meio que vai ter que se adaptar e aí quando ela falou disso eu “nossa, era essa a palavra que eu precisava” e aí eu precisava muito falar isso para **Agressiva**.

---

Após todos os relatos orais sobre as produções da oficina, a professora Rosângela e eu instigamos as copesquisadoras a falar um pouco mais, seja para esclarecer pequenas dúvidas sobre o que elas haviam dito ou para que elas dessem mais informações sobre algo que mencionaram no seu relato, sendo interessante um pouco de aprofundamento, caso as copesquisadoras se sentissem confortáveis para falar.

Foi um momento que fugiu um pouco do planejamento, mas que rendeu novas questões. Resultou que a conversa deu pano de sobra para manga, mas foi muito incrível esse momento de fala e escuta. Algumas das informações complementares já foram inseridas nos relatos acima transcritos, mas vou trazer aqui o relato das novas questões que surgiram nesse momento de instigação, devido à sua importância.

### **COPESQUISADORA NEGRA**

---

Eu queria falar uma coisa que, se não me engano foi a **Áurea** que falou, né, em relação à chegada até a universidade, que era muito cansativo. [...] Ah, foi a **Não Mais Calar**, que ela disse que é do interior e que tinha toda a questão de pagar aluguel e tudo. E eu tive uma época na universidade que eu, aliás, desde quando, a partir do segundo período eu sempre trabalhei e estudei, né, então era bem cansativo, assim, bem... E uma das coisas que me remeteu também ao túnel, eu não sei se eu já falei isso pra vocês, mas sobre a própria localização da universidade, né? De que ela fica na zona Leste de Teresina. Então, pra quem mora na periferia, pra quem mora, no meu caso na zona sul de Teresina, eu tinha duas opções: ou pegava o Circular ou eu pegava dois ônibus, um até o Centro e outro até a universidade. E, assim, só duas opções pra conseguir chegar à universidade. Olha o quão a zona Sul de Teresina é grande, quantas pessoas da periferia que estudam

na universidade! Então, assim, eu tinha que atravessar literalmente a cidade, passar uma hora e meia, duas horas dentro do Circular lotado pra conseguir chegar até a universidade. Então, assim, até a localização da universidade me dizia que ali não era o meu espaço, sabe? Até conseguir acessar, chegar até a universidade era difícil. E eu não sei se vocês também, acho que quase todas são da periferia de Teresina, conseguem, é, vivenciaram isso dessa dificuldade com o transporte público pra conseguir chegar dentro da universidade.

## **COPESQUISADORA QUIETA**

---

Não, a mesma coisa, que eu também pegava o Circular pra vir [pra universidade] e eu tinha essa rotina de... De manhã cedíssimo, né, então eu tinha que sair, o quê? Umás 6 horas de casa pra poder chegar 8 horas lá e aí você sai 10 horas da noite [da universidade] e passar mais duas horas [no ônibus], tipo, eu chegava em casa meia noite. Nossa, era muito estressante. Tanto é que quando começou online... Você começa a achar assim, “não, vai ser, vai ser um pouquinho melhor”, porque só esse tempo que a gente tem de ir, se deslocar até a universidade já tira toda uma produtividade que você poderia ter, você já chega sem saco e aí [isso] torna aquele lugar muito maçante, tipo, parece que ali não é o seu lugar, parece que ali... E tipo, ele se faz pra você como uma coisa muito difícil, então é muito ruim você permanecer ali dentro, eu acho bem complicado pra gente. Aí eu tava lembrando disso. Aí quando vem o online e aí eu penso que vai ser um pouco reconfortante, aí começa aqueles problemas de tecnologia e tudo o mais. Aí você vê o quanto o acesso de qualquer forma é difícil.

---

A professora Rosângela perguntou às copesquisadoras sobre o acesso a bolsas estudantis, seja através da assistência estudantil da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e Comunitários (PRAEC) ou outros formatos. Embora este não seja o foco da pesquisa, esse questionamento e as suas respostas foram importantes para ilustrar a importância do acesso a bolsas na universidade para promover a permanência na graduação.

Considerando que os cursos na UFPI em sua maioria são integrais e impossibilitam uma dupla jornada de estudo e trabalho caso o estudante queira se formar em tempo hábil, as bolsas surgem como uma necessidade que infelizmente nem todos têm acesso, devido ao seu número reduzido. Mesmo a universidade sendo pública e gratuita, poder se dedicar única e exclusivamente aos estudos não é a realidade de todos, mas sim um privilégio.

## **COPESQUISADORA ÁUREA**

---

Pra mim a única bolsa, auxílio que eu recebi da universidade foi o PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), que infelizmente eu não consegui continuar, permanecer, porque foi uma época muito complicada da minha vida, que o meu filho tava... O meu filho tem déficit de atenção e hiperatividade e ele tava sofrendo muito *bullying* na escola. Então, assim, de manhã toda semana eu tava lá no colégio, toda semana era reunião, toda semana era uma coisa, e eu acabei não conseguindo permanecer no PIBID. Mas fora isso eu me inscrevi inúmeras vezes pra tentar receber a BAE (Bolsa de Apoio Estudantil), a bolsa de auxílio, pouco auxílio. Não entendo porque, é... Tenho pessoas próximas aqui que também estudam na universidade e tem uma condição bem melhor do que a minha e conseguiram receber a bolsa, mas eu não consegui. E tem um auxílio que, em teoria, é pras mães, que é o auxílio-creche, só que a última vez que eu vi, acredito que ainda permaneça o mesmo, é, só era pra criança, pra mães com crianças de até 2 anos, que eu lembro que eu até brinquei “depois de 2 anos a criança faz o que, ela vai trabalhar, ela arruma um emprego?” Porque... (risos) Ela continua precisando de cuidados, você tem que pagar alguém, porque, por exemplo, aqui em casa todo mundo trabalha, minha mãe, meu marido trabalha, eu estudo, então não tenho com quem deixar. Ou eu

levo [pra universidade] ou eu falto [a aula] ou eu vou precisar pagar alguém, o que também já não é fácil você encontrar uma pessoa pra ficar com o seu filho de confiança, questão de valores, enfim. É muito difícil a permanência na universidade sem nenhum tipo de auxílio. Até porque eu penso na questão da estrutura da universidade, poderia ter uma creche, ter um espaço dedicado às crianças, que acho que não seria uma coisa muito complicada de fazer, é... Acredito que poderia até incluir os alunos, por exemplo, da Pedagogia, em algum tipo de projeto, assim, mas... Não. O único projeto mesmo que eu consegui participar foi o do PIBID, que infelizmente não consegui permanecer.

## **COPESQUISADORA NÃO MAIS CALAR**

---

Assim, no meu caso, desde o início eu já tentei logo conseguir uma bolsa, por toda essa questão socioeconômica quando eu entrei, por não querer pedir, depender tanto dos meus pais, por já me sentir um pouquinho culpada por eles tarem pagando o aluguel, pagando tudo isso. Tentei também conseguir um emprego. Aí a partir do segundo período eu consegui a bolsa da BAE e consegui o PIBID, que eu consegui me inscrever, aí eu tinha essas duas bolsas que foi, assim, um alívio, que eu não precisei mais pedir dinheiro pra eles [meus pais], nem me preocupar mais, consegui comprar minhas xérox, pagar tudo. Mas eu também guardei um pouco, porque eu falei assim “eu não sei quando vai acabar, se vai ter, se vou conseguir”, mas aí consegui. Terminei o PIBID, aí agora quando eu terminei o PIBID eu entrei na Residência, que era aquela coisa que eu sou muito dependente ainda da bolsa, porque é muito complicado também. Porque quando eu comecei a trabalhar era muito difícil conciliar os dois, trabalhar e tá no espaço acadêmico, tá estudando, me mantendo. Só que a bolsa da RP (Residência Pedagógica) me ajudou bastante, aí acabei deixando o meu emprego, porque eu comecei a escrever meu TCC também, aí tá sendo uma demanda muito grande, um pouco difícil. Aí quando a **Áurea** falou, eu fiquei pensando muito no curso de Pedagogia, que é o que eu faço, porque a gente tem uma brinquedoteca, que é um espaço que deveria ser voltado pras mães do nosso curso e as outras mães também, mas é um espaço que é fechado. A gente precisava de uma disciplina, que era Recursos Didáticos, e a gente tinha que entrar nesse espaço, mas pra gente entrar lá a professora teve que passar duas semanas pra conseguir a chave pra abrir o lugar e agente abriu lá tava tudo empoeirado, tudo jogado e a gente pensou “meu Deus, que desperdício!”, porque esse lugar deveria ser voltado pras pessoas que tão precisando, só que não [é voltado]. É uma burocracia, é muito difícil. E a gente, até quando eu entrei no Centro Acadêmico foi uma das demandas que a gente tinha muito sobre essa brinquedoteca, porque tem muitas mães também no curso de Pedagogia e a demanda é altíssima, só que a gente teve vários entraves até pra conseguir falar com a professora sobre isso, sobre abrir a brinquedoteca, passamos por várias pessoas, é um processo imenso e que até hoje a gente corre com os documentos pra poder tentar abrir esse lugar, mas não [consegue], é muito difícil. Eu pensei “gente, mas como assim, o lugar deveria ser usado, deveria ser pra isso”, mas não é. Tinha até uma proposta sobre as próprias alunas do curso de Pedagogia tarem estagiando nesse espaço, serem, tarem ajudando em tudo, só que até isso tá sendo difícil de conseguir pela questão da burocracia. Sobre as falas, eu também ia falar que eu tinha me identificado muito, até com a sua **Agressiva**, quando você falou sobre essa questão dos conteúdos, porque a gente não tinha, eu não tinha muito esse costume de fazer a leitura do texto e de me aprofundar tanto, era muito diferente quando eu tava no ensino médio ou quando eu tava no outro curso. Agora os professores, eles tinham outras demandas pras nossas leituras, porque eu acho que meu curso é muito, assim, é muita produção de conhecimento, aí você tem que tá lendo, mas você tem que ter uma crítica, uma coisa sobre isso, que é uma coisa que eu não tinha costume. A gente lia o texto pra aprender um conteúdo, mas a gente não pensava acerca disso, problematizar, essas coisas e tudo... Eu tive um pouco de dificuldade também, eu até me sentia às vezes um pouquinho assim, no caso eu tinha um pouco de medo de falar, eu ficava assim “meu Deus, eu vou falar alguma coisa, tá tudo errado aqui, eu não sei”, mas foi uma coisa que a gente foi trabalhando muito ao longo [do curso], nossa a gente fala muito sobre isso no curso de Pedagogia, assim, sempre falando. Mas é assim mesmo, a gente tem esse momento de ter um pouco de receio de não tá entendendo o conteúdo, de não tá sabendo se expressar no meio dos outros alunos do curso.

## **COPESQUISADORA AGRESSIVA**

---

Eu acho que isso tem a ver até com a linguagem, que a gente se depara com uma linguagem muito diferente do que já tava acostumada. Eu sempre estudei em escola pública e aí tem essa questão da criticidade, eu não tinha muito, era tudo igual à **Não Mais Calar** também. E a questão da linguagem mesmo, você começa a ler um texto, que não é grande, mas você não consegue extrair a ideia, você fica maçando e “meu Deus, o que ele

tá querendo dizer?” E sobre a bolsa, eu peguei a bolsa agora, é, modalidade... Nem lembro o nome, que é a bolsa de internet, porque aqui em casa não tinha como botar internet, principalmente com a pandemia, né, que a minha mãe é empregada doméstica, ela teve que ficar em casa, meu pai é autônomo. E aí com a bolsa eu consegui instalar internet, estudar, pagar algumas matérias, inclusive. E sobre, acho que foi, não lembro se foi a **Negra** que disse, sobre o deslocamento da universidade. É, eu moro aqui na zona Norte de Teresina, [região do] Santa Maria, e essa questão do deslocamento, ela afeta não só quando você estuda na universidade, mas quando você ainda é de fora porque, é... Amigos meus, assim, que eram assim de escolas diferentes ou pessoas que eu conheci na universidade já tinham, calouros também como eu, tinham certo... Gente, qual é a palavra? Me fugiu agora... É, proximidade. Eles já conheciam a universidade, já sabiam como era os projetos, frequentavam as feiras, simpósios, e eu não. Quando eu entrei na universidade foi muito novo, conhecer todos os centros. Eu não conhecia o Centro de Biologia, que era o centro que eu queria fazer, eu nunca tinha visto, era a primeira vez. Hã... Acho que o único centro que eu já tinha ido era o de História, que é o CCHL, e eles tinham muita, muita... Como posso dizer? Eles se sentiam pertencentes e eu ainda tava ali me descobrindo, então é isso. Acho que a questão do deslocamento também, eu demoro acho que duas horas pra chegar em casa e são três ônibus pra ir e três pra voltar, então isso deixa a gente muito cansada.

### **COPESQUISADORA NEGRA**

---

Minha gente, isso que a **Agressiva** falou, olha, no meu primeiro dia na universidade eu peguei o ônibus, eu parei fora da universidade, porque eu não sabia que ele fazia a volta e entrava. Eu pensava que era só uma volta, então eu parei fora da universidade. Vocês conhecem, né, o CCHL? Eu parei ali depois do RU do CCN. Então, tipo assim, eu fui caminhando, aí eu tive que atravessar todo o centro lá do CCN, do pessoal lá de exatas, Matemática, não sei o que, pra poder chegar no CCHL. É exatamente isso, **Agressiva**, até sobre a localização, sobre se sentir parte do ambiente (risos), muito isso. Eu tinha que relatar isso pra vocês (risos).

### **COPESQUISADORA AGRESSIVA**

---

Isso me lembrou, é, também quando eu fui fazer a matrícula com a minha mãe, né? Fui pra banca fazer minha declaração e eu lembro que a gente teve que descer na primeira parada, porque eu falei “mãe, eu não faço a mínima ideia pra onde que esse ônibus vai, então se a gente descer e for aqui caminhando é mais fácil a gente chegar lá e saber também a localização das coisas, né”. Eu lembro que no primeiro dia de aula mesmo, que eu peguei o ônibus, eu “não, vou descer em tal parada”. Eu... O ônibus dava a volta e eu me perdia, tipo, eu não sabia mais onde que eu tava, eu tinha que ler as placas do setor, porque se não eu me perdia total, eu ia chegar, sei lá, no CCE, CCS (risos). Acho que o funcionamento da universidade é muito difícil.

### **COPESQUISADORA NÃO MAIS CALAR**

---

Nossa, isso acontece muito, eu acho (risos), porque eu também me perdi quando fui fazer minha matrícula e eu ficava perguntando pra todo mundo, eu acho que as pessoas ficavam assim “meu Deus, essa menina não sabe de nada”, mas eu parei todo mundo pra perguntar, porque eu descí num lugar e era pra eu fazer a matrícula no centro, e eu descí lá na Reitoria e eu não sabia onde era nada e saí andando super perdida, mas... Eu acho que é uma coisa que ocorre com todo mundo, por a gente não conhecer mesmo, por ser um espaço que acaba sendo tão isolado que a gente não tem noção de como funciona lá, e se perder dentro do próprio centro também é uma coisa que aconteceu muito quando eu entrei no curso, pra encontrar as salas, pra encontrar tudo era muito difícil.

---

O relato a seguir foi feito no momento da avaliação da oficina, quando algumas copesquisadoras acrescentaram outras informações aos seus relatos. Considerei importante trazer esta fala da copesquisadora **Áurea** para esta exposição de relatos orais, pois, assim

como as outras falas, é reveladora sobre a sua experiência de (r)existir na universidade enquanto uma mulher negra e periférica.

## COPESQUISADORA ÁUREA

---

Eu acho que, assim, até mesmo respondendo também a pergunta geradora da oficina de hoje, quando a gente fala do corpo negro na universidade, pra mim são duas palavras que vem imediatamente na mente que é resistência e, especificamente pra mim, a solidão. E também vem uma terceira, que é a (r)existência, sabe, como a nossa primeira atividade com as máscaras que nós desenhamos o que... Uma projeção de nós mesmas, vamos dizer assim. [...] Eu só queria falar uma coisinha aqui também, que a **Agressiva** falou, que eu me senti muito representada, que [foi] aquela coisa de se sentir observado. Eu me sinto muito assim em determinados espaços, e eu acho que por essa coisa da adequação, é como ela falou, às vezes você tem que adequar até o modo de falar em determinados espaços a determinadas pessoas e, assim, a gente se sente tão negado lá dentro que a gente acaba mesmo se sentindo um impostor, a gente acaba mesmo não se sentindo pertencente àquele espaço. E ainda dentro dessa coisa da adequação, que era uma coisa que eu queria falar na minha vez, só que eu esqueci, que... Assim, uma das minhas grandes amigas, ela é negra, só que ela tem a pele bem clara, tem aquela coisa da passabilidade. E eu percebi muito que quando eu tava com ela nos lugares, é... As pessoas se aproximavam muito mais por conta dela estar lá. E eu sofria muito ainda com esse estereótipo da mulher ignorante, com a cara de zangada, que fala muito direta, aquela coisa, a mulher negra raivosa, né? E, assim, a gente até tinha uma brincadeira entre nós, que a gente se chamava de Chris e Greg, do Todo Mundo Odeia o Chris, porque onde ela tava todo mundo perguntava por mim ou então onde eu tava “cadê a Fulana?”. Era sempre assim. Você sempre tem que ter uma amiga negra, então vocês sempre estão juntas, porque todas as pessoas negras são amigas e se conhecem (risos). É muito complicado isso. E, assim, só mais um comentáriozinho aqui, que as meninas estavam falando sobre trabalhar e, assim, eu fiquei pensando em como a universidade é cruel pra quem trabalha e estuda, né? É muito pesado só estar na universidade, e você trabalhar e estudar então. E, assim, normalmente, falando dos professores, mas a gente não tem a compreensão nem dos professores. Eu passei por situações, assim, que eu tava trabalhando, e saía do trabalho e eu vinha direto pra universidade, assim, eu pegava o Rodoviária e passava na frente da minha casa e eu não podia descer, eu tinha que descer na universidade. E assim, eu saía de casa 6 e pouco da manhã e chegava 10 horas da noite, passava o dia inteiro fora. E eu sempre chegava um pouquinho atrasada na aula por conta do meu horário de trabalho e eu cheguei a conversar com um professor específico dessa disciplina, expliquei o motivo dos atrasos, era assim coisinha de 20 minutos no máximo, estourando. E assim, esse professor dificultou muito, muito a minha vida na universidade. Sempre que ele podia ele colocava falta, ele só não me reprovou mesmo, assim, porque eu tinha nota. Porque ele me colocou, assim, no limite de faltas por conta dos atrasos, não era porque eu faltava, mesmo eles estando justificados. Então assim, pra gente essa questão do auxílio, das bolsas é muito difícil conseguir e se manter na universidade, ainda mais nos cursos aqui que a gente faz principalmente, que quase todos os cursos, né, são praticamente integral, eles exigem nem que você esteja lá de manhã, de tarde, de noite e estuda e tem toda a carga horária e trabalhos e você ainda tem que trabalhar e você ainda tem que cuidar da sua casa, pra mim que ainda eu sou mãe. Agora, no online, às vezes eu tô aqui assistindo aula e fazendo tarefa com meu filho, com arroz no fogo e a minha mãe aqui do lado pedindo ajuda, sabe? É muito complicado essa parte.

---

Embora esta parte da dissertação tenha se prolongado e eu tivesse até pensado em resumir algumas falas ou mesmo não trazer algumas, senti que não poderia dispensá-las, já que meu compromisso ético com esta pesquisa é dar voz às mulheres negras e periféricas através da experiência do (r)existir de estudantes da graduação da UFPI que compuseram o grupo-pesquisador. Logo, ao reduzir este tópico eu estaria silenciando suas tantas falas tão carregadas de emoção, denúncias e também liberdade.

No dia da oficina, após todas as falas sobre a técnica e um tempinho para avaliação, tivemos um momento de embalo individual, onde foi pedido que cada copesquisadora fechasse seus olhos, respirasse fundo e abraçasse o próprio corpo, balançando-o de um lado para o outro lentamente, se embalando e se afagando. A ideia era tentar recriar o embalo coletivo na imaginação, como se todas estivessem juntas, movendo-se umas com as outras. Depois nos despedimos e encerramos o encontro.

Mais uma vez agradeço às mulheres que aceitaram participar desta pesquisa e tão abertamente compartilharam suas vivências ora dolorosas ora revigorantes. Esta pesquisa é com vocês e de vocês. As suas falas são o coração deste trabalho e elas pulsam firme em cada palavra aqui escrita, logo nenhuma vírgula poderia ser dispensada.

#### **4.2 Análise plástica: um olhar imaginativo sobre a (r)existência de devires-bichos**

A análise plástica é uma rica possibilidade nas pesquisas sociopoéticas devido à sua atuação direta sobre as produções artísticas e sua proposição mais imaginativa. É um modo de análise que não se resume à descrição das imagens, porque vai além propiciando produção de sentidos a partir da arte naquele que analisa.

Uma forma de se fazer a análise plástica – não há regras definidas sobre esse momento – é colocar todas as imagens, esculturas, enfim, as produções artísticas materiais lado a lado, sob o mesmo panorama, compondo uma cena. Esse formato permite visualizá-las em conjunto, como um todo. Devido ao caráter virtual desta pesquisa, eu não tive acesso físico aos materiais produzidos na oficina de produção, mas depois pude vê-los através das fotografias enviadas pelas copesquisadoras. Para fazer a análise plástica, eu imprimi as imagens e as organizei sobre uma mesa.

Com o arranjo montado, é hora de seguir a intuição e exercitar a imaginação sobre o que se vê, observando a cena como se quem analisa fosse quem tivesse produzido as artes, independente dessa percepção ser o que as copesquisadoras quiseram passar. É nisso que reside esse aspecto inventivo da análise: olhando para as produções e confrontando-as com o tema-gerador, que possibilidades não descobertas existem?

Na análise plástica precisei me debruçar sobre as esculturas dos bichos e as cartografias dos obstáculos. Esse momento foi particularmente difícil para mim, pois devido eu ter facilitado as oficinas estava completamente implicada sobre os significados de cada produto, tendo em mente as apresentações das copesquisadoras. Logo, por exemplo, quando a professora Shara, que me orientou sobre esse processo, assim como nas

demais análises, disse que estava vendo um leãozinho em uma das esculturas eu ficava pensando “não, mas isso não é um leão, é uma loba”.

Algum tempo depois, achei esse momento engraçado. Eu estava tão endurecida que me recusava a ver algo além do que as copesquisadoras haviam dito. Havia me apegado às suas falas, que ressoavam nos meus ouvidos e haviam encarnado em mim. Eu simplesmente queria defendê-las, afinal eram as produções delas, as suas vivências, os seus corpos, os seus devires-bichos que foram materializados naquelas esculturas.

Mas eu queria seguir com a análise plástica, devido à sua potência de produção de sentidos. Além disso, ainda viriam outras análises e contra-análises, onde as próprias copesquisadoras dariam um retorno sobre o que analisei. No fim das contas, esse momento se tornou um dos melhores para o meu aprendizado enquanto pesquisadora, sobretudo dentro da sociopoética, porque pude aprender a desapegar dos processos em construção.

Muitas vezes, consciente ou não, o/a pesquisador/a se apega demais aos produtos da pesquisa, tomando-os até mesmo como verdades absolutas e inalteradas, o que dificulta a existência de um senso crítico e autocrítico na análise. Essa não é a perspectiva da sociopoética, pois como discorre Silveira (2005) a pesquisa sociopoética rompe com a busca pela verdade. A própria noção de verdade percebida por ela possui múltiplos sentidos. O real é construção e produção de verdades plurais. Logo, nesse sentido, pesquisar é criar, é ação produtora do real, que produz conhecimentos, dúvidas, relatórios e documentos, produz pensamento.

De qualquer forma, tudo que eu vivenciei no mestrado me serviu como formação e transformação não só de saberes, mas também do ser, de quem eu sou, um processo ontológico mesmo. E por esta pesquisa ter um caráter tão coletivo as coisas não poderiam ser diferentes. Precisei aprender a lidar inclusive com meus próprios sentimentos: com meu orgulho e minha vaidade, com meu senso de autonomia, com minhas dificuldades de pedir ajuda, com meus medos e ansiedades, com meus traumas do passado na monografia, com minha tendência a ser controladora, com meu perfeccionismo que muitas vezes me amarra.

Uma forma de tornar a pesquisa mais leve é compartilhá-la com os outros e não falo só do grupo-pesquisador. Por isso que me foi tão importante ter a co-orientação da professora Shara, especialista da área no que diz respeito à sociopoética. Foi somente depois das suas orientações que percebi as potencialidades da análise plástica ao trazer novos e válidos significados. Então mergulhei de cabeça no mundo das imagens.

A professora Shara também pediu que eu mostrasse as imagens das esculturas e das cartografias a outras pessoas sem relação com a pesquisa, a fim de que elas também

pudessem analisar o que estavam vendo e relatassem suas percepções não implicadas. Convidei meus pais, meu namorado e uma amiga da graduação, a Marina, para fazer parte desse divertido processo analítico.

Mostrei as imagens a eles e falei que o tema gerador da minha pesquisa era (r)existir na UFPI. Falei também que as copesquisadoras eram estudantes negras e periféricas. Não sei se interferi na subjetividade deles com essas informações (que na verdade eles até já sabiam), mas achei importante contextualizar mesmo assim.

Os meus pais não são inseridos no cotidiano da UFPI, mas acompanham minhas vivências indiretamente há anos. Isso não parece ter tido algum peso sobre a análise deles. Minha mãe fez uma análise mais descritiva sobre as imagens, subvertendo completamente os significados de cada produção das copesquisadoras. O meu pai descreveu as imagens e tentou atribuir sentidos, fazendo até mesmo interpretações que para mim, enquanto mulher negra e periférica também estudante da UFPI, fizeram muito sentido. Era até como se ele tivesse vivido alguns aspectos da universidade, pois os pontuou muito bem.

Minha amiga e meu namorado já fizeram parte do cotidiano da UFPI como estudantes, cada um com suas particularidades. Percebi que minha amiga levou um pouco da vivência dela para a análise, fazendo também reflexões, mas trouxe interessantes percepções imaginativas muito diferentes do que as copesquisadoras disseram. O meu namorado fez uma análise mais direta, com algumas palavras sobre cada imagem, tentando descrevê-las mais visualmente do que simbolicamente.

Além deles, enquanto me orientava a professora Shara também fez a sua análise, foi até mesmo a primeira pessoa a analisar plasticamente as produções artísticas. Depois de tantos olhares diferentes e semelhantes em alguns pontos, fiz minhas próprias observações plásticas tentando me afastar das minhas implicações. No fim das contas, juntei tudo e escrevi um “texto bricolado” como resultado da análise. Ele ficou muito extenso e a professora Shara me orientou a enxugá-lo, sugerindo a criação de uma poesia – que era algo que eu desejava fazer desde o início, mas faltou a criatividade.

Após algum tempo distante desse material – e até mesmo sofrendo por causa disso – retornei a ele e consegui parir o poema, mas não sem a ajuda da professora Shara e da professora Rosângela, que fizeram alterações até que nós três nos contentássemos com o texto produzido e a sua potência. O poema foi disposto na próxima página e também conta com a exibição das esculturas dos bichos.

**(R)existir**

De cima, uma floresta em caixinhas  
 Entre blocos, a natureza cresce colorida  
 Há encruzilhadas – altos e baixos  
 Curvas em ziguezagues  
 Desafios e obstáculos  
 De mulheres negras e periféricas

**(R)existir**

Sobre complexas linhas  
 Exige do corpo deslocamentos  
 Transformações a cada esquina  
 Fluidez e metamorfose  
 Devir-mulher-mãe-bicho  
 Está dentro e fora dos padrões estabelecidos?

**(R)existir**

É ser mulher-bicho de muitos jeitos  
 Uma já são muitas?  
 Um dia leoa idosa, vigorosa  
 N'outro leoa zinha brincante  
 Ora borboleta que um dia foi casulo  
 Ora borboleta-gata que salta o muro  
 Que pode o corpo negro e periférico?

**(R)existir**

Desafia possibilidades e capacidades  
 Alguns obstáculos são mais difíceis e pesados  
 Está enquadrada, amarrada, presa, sufocada?  
 Mulher-bicho negra tem asas  
 Mas é impedida de voar  
 Numa mistura, se metamorfoseia  
 Mulher-bicho negra se reconhece, ocupa espaços  
 Mulher-tartaruga luta pelo seu habitat!

**(R)existir**

Mulheres-bichos negras e periféricas  
 Potências das metamorfoses do corpo?  
 Escapam das caixas, rompem os blocos  
 Criam linhas de fuga, entrelugares, não-lugares  
 Atravessam águas, sobem montanhas, saltam traços  
 Alteram ciclos, furam cercas, reinventam ruas

**(R)existir**

Mesmo perdidas em labirintos  
 Mulheres-bichos se encontram  
 São sementes, são expulsas  
 Sobre a terra germinam afetos e lutas  
 Que nos faz pensar:  
 A quem se destina a universidade?



### 4.3 Contra-análise plástica: as mulheres-bichos ocupam a UFPI

A contra-análise na pesquisa sociopoética é um momento muito dialético entre a/o facilitador/a e o grupo-pesquisador. Sendo uma pesquisa coletiva e em grupo, sendo as copesquisadoras também responsáveis pela pesquisa, nada mais justo que elas também participem das análises dos materiais produzidos. Em muitas pesquisas sociopoéticas acontecem oficinas de análise dos dados, onde os materiais desde o início são analisados juntos entre facilitador/o e grupo-pesquisador, antes desses dados terem a sua análise individual, que é quando o/a facilitador/a irá se debruçar sobre outras formas de análise como a classificatória, a transversal, a filosófica, entre outras.

Por conta do tempo disponível para esta pesquisa foi priorizada apenas as oficinas de negociação, de produção e de contra-análise (que é o último momento). Eu nem sequer sabia se conseguiria fazer alguma oficina de contra-análise, mas sempre houve um desejo muito grande de que esse encontro tão importante acontecesse. Afinal, a contra-análise:

É o momento em que o grupo-pesquisador estuda criticamente as hipóteses dos facilitadores sobre seu pensamento (sobre o inconsciente do seu pensamento!), hipóteses pelas quais os facilitadores propõem problemas e confetos. É um momento dialógico, onde não se trata de saber quem tem razão no caso de divergência entre copesquisadores e facilitadores, e sim de ampliar as visões, introduzindo mais diferenciação, mais heterogeneidade, numa palavra só: mais complexidade. Na contra-análise podem surgir novos problemas, novos confetos e novos personagens conceituais (GAUTHIER, p. 7, 2010).

Ou seja, esse momento não se trata de uma avaliação final ou de uma simples socialização de resultados com o grupo-pesquisador. Na ocasião da contra-análise os resultados da pesquisa ainda estão até mesmo indefinidos, pois podem sofrer alterações conforme os novos posicionamentos do coletivo. “[...] a contra-análise tem força política, uma vez que permite que as copesquisadoras e os copesquisadores conheçam, confirmem, corrijam e, principalmente, contraponham-se às ideias da facilitadora tornando, assim, suas reflexões mais concisas” (COSTA, 2019, p. 106).

Reitero que a pesquisa é com e do grupo-pesquisador. O/a pesquisador/a acadêmico/a é apenas um facilitador que organiza o pensamento coletivo do filósofo, tornando mais claros os seus problemas e recriando suas afetações através dos confetos. Logo, tão importante quanto a nossa leitura do pensamento do grupo-pesquisador, é o seu próprio pensamento, afinal, todos somos iguais em saberes e direitos.

Dito tudo isto, houve contra-análises nesta pesquisa. Elas não ocorreram da forma mais preparada possível, afinal houve vários percalços durante o processo de análise dos dados e a

escrita da dissertação, os prazos finais dos preparativos para a defesa estavam muito próximos e o tempo disponível muito curto. Ainda assim, e em caráter de urgência, consegui propor ao grupo-pesquisador que fizessem a contra-análise tanto da análise plástica quanto do estudo transversal, que será discutida no próximo capítulo. As duas análises ocorreram na mesma noite, em 11 de novembro de 2021, perto das 22h00min, quase seis meses depois da oficina de produção que deu origem às análises, em ambiente virtual.

As copesquisadoras estavam tão aperreadas com os prazos e atividades acadêmicas quanto eu, pois também estavam finalizando o período letivo na UFPI, algumas até mesmo escrevendo o TCC. Considerando a realidade, um único encontro era mais viável e o horário mais em comum com a maioria era à noite. Na data e horário combinado nem todas puderam participar do nosso momento. Estavam presentes na contra-análise apenas as copesquisadoras **Quieta, Não Mais Calar, Negra e Máscara da Força**.

Não sei se posso chamar o nosso encontro de oficina. Foi tudo muito improvisado, de última hora. Na véspera de nos reunirmos enviei os textos das análises para o nosso grupo no *WhatsApp*, a fim de que as copesquisadoras fizessem leituras individuais previamente e marcassem as partes dos textos que mais chamaram a sua atenção, fizessem também anotações. Seria uma forma de adiantar uma das tarefas da contra-análise.

Devido à falta de tempo, nem todas as participantes conseguiram ler as análises com antecedência e tiveram seu primeiro contato na reunião virtual, durante a leitura para o grupo. Antes disso, na noite do nosso encontro, eu busquei refrescar a memória das copesquisadoras sobre a oficina de produção, fazendo uma exibição no *Power Point* das suas produções artísticas, afinal, já fazia muito tempo que elas tinham tido contato com a vivência.



**Figura 31** – Exposição das fotografias dos bichos e cartografias  
**Fonte:** Dados da pesquisa, 2021

Enquanto refrescava suas memórias também expliquei brevemente sobre o processo de cada análise até chegar naquele ponto em que eu apresentava um resultado a elas. Depois disso, por conta do horário, a gente acabou fazer um percurso inverso. Começamos pela contra-análise do texto transversal, que achei melhor priorizar devido à sua extensão e a apresentação dos problemas levantados e confetos criados.

Se não estivesse tão tarde quando o grupo terminasse e elas concordassem, a contra-análise do poema seria feita. Deu tempo das duas acontecerem e é por isso que esse capítulo foi escrito, sendo contado primeiro o processo da contra-análise plástica. Então, após a leitura do poema foi pedido que as copesquisadoras se expressassem sobre ele.

De modo geral, o grupo-pesquisador gostou do poema. Ele sentiu-se acolhido com o texto, que considerou potente e sensível, mas também houve estranhamento pela sua dimensão imaginativa e subjetiva, que embora tenha sido feito com base nas produções do grupo ressoaram um pouco diferente do que ele havia de fato criado e falado na oficina.

O maior dispositivo mobilizador na contra-análise plástica foi a pergunta no último verso do poema: “a quem se destina a universidade?”. O grupo-pesquisador sentiu-se muito atravessado por esse questionamento, produzindo desde o não saber como responder a essa pergunta até mesmo dissensos dentro do pensamento coletivo, o que levou a uma pertinente discussão e reflexão sobre o pertencimento e o direito de acesso à universidade:

[...] [o poema foi] uma reflexão muito válida no final, né? Porque joga tudo isso, as emoções, as vivências e tal e no final [pergunta] “a quem pertence, a quem se destina a universidade?”. E para mim eu penso que, para mim, né, ainda não se destina a mim, não diz respeito à minha pessoa, não fala sobre mim. Eu acredito que tudo é um processo, mas eu não acredito que vá ser nesse lugar que eu vá encontrar o que eu procuro, o pertencimento que eu mereça. (**Máscara da Força**)

Se afastando um pouco da ideia de que a universidade não se destina e não proporciona pertencimento às mulheres negras e periféricas, surgiu uma ideia divergente no pensamento do grupo-pesquisador:

A universidade é para mim (risos) O espaço ainda é muito branco e elitista, mas ainda assim **é um espaço por direito meu**. Ele pode não ter sido feito pensado em mim enquanto mulher negra, mas é um espaço por direito meu e eu ainda assim **insisto em ocupar esse espaço**. Eu espero que algum dia essa universidade possa ser pensada e feita para mulheres negras. Mas ainda assim insisto em (r)existir dentro desse espaço universitário, porque já nos tiram tantas coisas e às vezes eu fico me questionando. Uma vez eu vi uma pessoa falando que por estar dentro da universidade sendo um jovem negro sentia-se privilegiado e eu fiquei me questionando. Eu não consigo me sentir privilegiada ainda por estar dentro da universidade, mas eu diria que quase isso. Tem uma responsabilidade muito grande enquanto mulher negra **poder ocupar esse espaço**, poder ter tido acesso à

educação, poder ter tido a oportunidade de estar dentro daquele espaço, diferente de praticamente toda a minha família. Minha mãe foi a primeira pessoa da minha família a se formar em uma universidade pública e eu sou a primeira neta da minha avó, que hoje não é mais viva, a estar se formando em uma universidade pública. Então tem aquela música do Emicida que eu não sei se vocês já ouviram e eu também não vou me lembrar nitidamente, mas ela diz uma parte sobre nunca voltar de mãos ou mente vazias para sua comunidade e eu penso muito nisso, sabe? Eu penso muito nisso. Eu não estou ali na universidade só por estar na universidade ou por ganhar um título. Quando eu entro na universidade eu carrego comigo toda uma história, toda uma galera que vem junto comigo. Então **por mais que esse espaço não tenha sido feito para mim ou pensado para mim, eu tenho direito de ocupar aquele espaço.** A universidade infelizmente ainda não se destina a todas as pessoas, mas ela precisa estar acessível, a gente precisa ver isso como uma perspectiva real. Eu fico muito, muito inquieta quando eu vejo que isso não é uma perspectiva, porque sempre foi para mim uma perspectiva. Minha mãe, meu pai, minhas tias sempre me falaram “olha, é esse o caminho, é estudar, não tem outra saída”. Não tem outra saída. Então eu sempre pensava muito em universidade. E aí quando eu converso com outros jovens, com outras jovens, com outros jovens negros, outras jovens negras, quando eu estou no campo de estágio e eu lido com infantes, adolescentes [vejo que] eles não têm essa perspectiva, isso não é uma realidade. Isso não é uma realidade para muita gente, é algo inalcançável. Eu me lembro muito que uma vez eu falei para uma menina no meu campo de estágio que eu estudava na UFPI. Ela perguntou de onde é que eu era. Eu disse “eu sou da UFPI” e ela ficou assim “nossa, mas da UFPI?”, muito impressionada. Então o fato de estar na universidade também inspira outras pessoas, outras crianças negras, outros jovens negros. A gente tem um papel muito importante só em estar, só em viver, só em ser, enquanto mulheres negras, só em produzir, como a Verônica que está produzindo sobre isso, sobre a gente. Isso é muito importante. **(Negra)**

[...] nesse ponto de ser a primeira mulher da família dela, de ser a primeira neta, eu me lembrei muito da minha própria história, que eu também sou a primeira neta da minha avó [a estar se formando] e é uma coisa que estava bem longe, uma perspectiva muito distante para a minha família em alguns pontos, por alguns lados da minha família não, mas para outros isso é uma coisa que estava muito distante, até para algumas amigas também. Eu sinto muito isso de que algumas pessoas também têm estranheza quando eu falo que eu saí de casa, que eu fui para outra cidade para cursar a universidade e foi bem difícil mesmo pela questão socioeconômica, que eu acho que é uma coisa que passou para todas nós também. Mas para algumas pessoas, quando às vezes eu volto para a minha cidade, para conversar com algumas amigas, eu vejo que para elas ainda é uma coisa muito distante, é uma coisa inalcançável, para muitas meninas negras também. Porque esse espaço que a gente está, a gente está realmente (r)existindo, a gente está criando, assim, basicamente, atravessando essas fronteiras, criando os entrelugares, é uma coisa muito forte. Realmente é um processo, porque quando eu entrei lá [na universidade] às vezes eu não me sentia pertencente, às vezes você **tem uma luta para estar naquele lugar** e você tem “n” atravessamentos, “n” obstáculos para **ocupar aquele espaço** e às vezes é difícil, mas a gente está sempre lá. [...] E eu gostei muito dessa frase também, dessa última, que pergunta “a quem se destina a universidade?”. Eu realmente também não sei responder, porque às vezes parece que é para mim, mas outras vezes parece que não é, é até um paradoxo às vezes. **(Não Mais Calar)**

Destaquei as ideias sobre **direito, luta e ocupar o espaço** porque elas se complementam dentro de uma mesma narrativa sobre as dificuldades que o corpo negro tem de acesso à formação em uma universidade pública que não foi feita nem pensada para

ele e a inserção desse corpo na universidade se torna uma ocupação. A ideia de ocupar a universidade já havia sido percebida nos relatos orais da oficina de produção de dados e também foi inserida no poema da análise plástica quando diz que “Mulher-bicho negra se reconhece, ocupa espaços”.

No Brasil, a ideia da ocupação está mais comumente relacionada às práticas de dois grandes movimentos sociais que lutam, basicamente, pelo direito ao território e à moradia, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST). Inclusive, em pesquisa rápida a um dicionário online, um dos significados de “ocupação” é ato de apoderar-se de algo ou invadir uma propriedade.

Em 2016, no Brasil, também ocorreu uma mobilização estudantil em série, onde havia manifestações e ocupações físicas de escolas do ensino básico e universidades pelos estudantes, principalmente do ensino médio, como forma de protestar contra o governo pelo modo como estava lidando com a educação.

Embora as ocupações tenham se concentrado mais em São Paulo, elas ocorreram em diversos estados revelando uma insatisfação geral. A própria UFPI também foi palco dessas ocupações, sob a coordenação do Movimento Ocupa UFPI. Na época, eu ainda estava na graduação e a minha turma até mesmo participou de uma greve discente.

Bem, o foco aqui não é discutir nenhum desses movimentos ou mobilizações sociais, mas contextualizar o termo “ocupação” para podermos pensar que o corpo negro e periférico precisa ocupar a universidade para conseguir se inserir. Essa ideia dá vazão à criação de um novo confeto, para além dos que haviam sido criados: o **corpo-ocupante-da-encruzilhada**, pois percebemos que o corpo negro além de estar de fora, ainda força a sua estadia na UFPI, apropriando-se desse espaço não-pertencente e do que ele oferta.

O **corpo-ocupante-da-encruzilhada** é um corpo que invade o espaço, causando estranhamento e surpresa nas pessoas, como se fosse uma situação absurda que ele esteja ali. É um corpo que vive uma situação paradoxal, como o grupo-pesquisador apontou: às vezes a universidade se destina ao seu corpo pelo direito que existe de estar nesse espaço, mas às vezes não se destina porque continua não sendo pensado para ele e ainda causa situações de não-pertença, onde o corpo não consegue se sentir inserido de forma alguma e afirma que “a universidade não é para mim, não diz respeito a mim, não fala por mim”.

Outro aspecto que a contra-análise me fez refletir é que historicamente os nossos direitos – sociais, humanos, políticos, etc. – não são conquistados sem luta. Mas para o corpo negro, mesmo que ele tenha conquistado o direito de estar na universidade, de ter acesso ao ensino superior público, de ter acesso à política de cotas raciais, a luta não se

encerra com o direito adquirido. Permanecer é uma luta contínua, um ato de ocupar constante. E é por isso que é tão mais difícil e tão mais cansativo para um **corpo-ocupante-da-encruzilhada**, viver onde ele não cabe e precisa se esforçar mais que os outros.

Por outro lado, há muita potência nessa ocupação, como foi revelado pelo grupo-pesquisador. É uma forma de inspirar outros corpos negros, de devolver o aprendizado para a comunidade, de representar os antepassados que não tiveram oportunidades, de alcançar lugares onde outros semelhantes não puderam e não podem alcançar.

Acrescento que eu não percebo isso como uma perspectiva evolucionista, como se a universidade fosse o topo da pirâmide, mas percebo a universidade – atravessada pelas falas do grupo-pesquisador – como uma possibilidade real de se inserir em um espaço que deveria pertencer a esse corpo. O conhecimento é para todos e todos podem produzir conhecimento, independente das suas origens, formação, classe, gênero, raça, etc.

No entanto, a universidade ainda detém um dos monopólios da produção científica legítima. Enquanto isso for uma realidade, cabe ao **corpo-ocupante-da-encruzilhada** ocupar cada vez mais esse espaço e se multiplicar ali dentro, não para que seja alienado e ceda às regras do jogo, mas para que possa tentar dismantelar a estrutura de dentro para fora e refazer as regras. Ocupação também é mecanismo de transformação social.

Encerro o relato da contra-análise plástica citando novamente uma das falas do grupo-pesquisador: “a gente tem um papel muito importante só em estar, só em viver, só em ser, enquanto mulheres negras, só em produzir, como a Verônica que está produzindo sobre isso, sobre a gente. Isso é muito importante”. Mulheres-bichos negras e periféricas ocupam a UFPI e (r)existem na luta pela validade dos seus direitos de habitar e pertencer.

#### **4.4 Análise classificatória: categorizando as ideias do grupo-pesquisador**

Quero começar esse tópico dizendo que essa análise (assim como a transversal) pode ser considerada uma das coisas mais difíceis e desafiantes que já fiz na minha vida. Nunca fui fã de aventuras radicais, mas devo dizer que entrei em uma sem nem perceber. Houve momentos em que eu olhava para as frases escritas no Word e pensava “que diabo é isso?”, sentindo muito estranhamento. Depois saía correndo da frente do computador, a cabeça dando tantas voltas e nós que o pensamento ficava amarrado, sem conseguir produzir mais nada, o que me levava a ciclos de ansiedade paralisante e procrastinação. A construção dos confetos, então, foi uma das coisas mais doidas e incríveis que já vivenciei!

Também houve momentos de muito prazer e arrepios, de frio na barriga e borboletas no estômago, em que eu fiquei muito emocionada por ver esta pesquisa tomando forma. Era e é tudo tão visceral para mim que eu me sentia parte do que escrevia e cada palavra me tocava profundamente. Cada minuto de análise e as percepções que iam surgindo me arrebatavam, eu me via voando pelos ares sem acreditar que tais formas de pensar e sentir eram possíveis de existir, mas estavam existindo aqui, nesta pesquisa.

Dito tudo isto, trago aqui a análise classificatória dos dados. Para que esta análise fosse realizada precisei fazer a transcrição dos relatos orais produzidos a partir da técnica “os obstáculos do bicho-(r)existir” e organizá-los por categorias. Esse processo de categorização tem como objetivo mapear as ideias, de modo que posteriormente também seja feito o cruzamento de ideias dentro e entre as categorias, revelando as linhas de pensamento do grupo-pesquisador, bem como sua heterogeneidade.

Um dos pontos que mais me marcou nesse processo é a liberdade que temos para organizar os dados. A professora Shara sempre me dizia que não existe certo ou errado nas análises. Tenho o hábito de me cobrar em tudo que faço e sou muito perfeccionista, então esse foi o momento que mais senti medo e insegurança durante toda a pesquisa, já que era a minha primeira vez tendo contato com os bastidores analíticos da sociopoética, com a sua veia mais complexa e que mais exige dos nossos sentidos – pelo menos foi assim que percebi na minha experiência.

O momento da análise classificatória foi definitivamente o mais estressante e emocionante, porque eu fui tomada por um misto de sentimentos que iam desde impotência até a descoberta de capacidades que eu nem sabia que podia ter. A sociopoética mexeu muito com o meu emocional, bem mais do que eu imaginava que iria acontecer. Pensei que estaria na minha zona de conforto, mas me vi nua, completamente fora dela. Foi bom e foi ruim e depois foi bom de novo. Dias de luta onde eu só queria que tudo desaparecesse da minha frente. Dias de glória onde eu queria que aquele trabalho não tivesse fim.

Precisei ler e reler os relatos orais transcritos inúmeras vezes, classificando-os várias vezes até sentir que estivessem onde deviam estar. Afinal, nesta etapa as ideias são enumeradas e colocadas nas categorias as quais correspondem seguindo critérios de semelhança de ideias e sentidos, ideias repetidas ou próximas, entre outros elementos em comum nos relatos que pudessem ser cobertos pelo mesmo guarda-chuva.

Além disso, a categorização também foi organizada conforme os objetivos desta pesquisa, que também orientaram a oficina de produção de dados. No “APÊNDICE F” mostro um pouco desse processo por meio de um quadro ilustrativo analisando o relato de

uma das copesquisadoras. Observem que também é usada uma cor para cada categoria de modo a facilitar a organização dos dados.

Devido ao grupo-pesquisador ser considerado um único filósofo, os relatos orais foram misturados e perderam a sua individualidade, reunindo as falas sob uma só voz: a da **mulher-bicho negra e periférica**, com todas as suas multifaces e devires-bichos. No quadro a seguir constam as categorias que foram identificadas no pensamento coletivo durante a oficina de produção:

TÉCNICA	CATEGORIAS
Os obstáculos do bicho-(r)existir	1. Confetos da mulher-bicho negra e periférica
	2. Experiências com os obstáculos pelos lugares da UFPI
	3. Características da mulher-bicho negra e periférica
	4. Potências da mulher-bicho negra e periférica
	5. Emoções e sentimentos da mulher-bicho negra e periférica diante dos lugares e obstáculos na UFPI
	6. Pontos e redes de apoio da mulher-bicho negra e periférica na UFPI

**Quadro 02** – Categorias identificadas no pensamento do grupo-pesquisador.

**Fonte:** Dados da pesquisa.

Após a categorização dos relatos, onde as ideias foram enumeradas, acontece o cruzamento dessas ideias no interior de cada categoria, a fim de observar as complementaridades, divergências, oposições e ambiguidades no pensamento do grupo-pesquisador. No “APÊNDICE G” demonstro um pouco desse processo através de um quadro ilustrativo analisando a primeira categoria encontrada e as ideias pertencentes a ela.

É importante ressaltar que essa forma de análise é um exercício muito rigoroso de classificação que não se confunde com interpretação, ou seja, como pesquisadora eu não devo atribuir significados ao que as copesquisadoras disseram, mas organizar o que foi dito de modo compreensível a quem estiver lendo, observando nesse momento os confetos em potencial e problemas que surgirem nas falas transcritas.

Após a análise classificatória e o cruzamento de ideias dentro das categorias, acontece o estudo transversal, onde as ideias são cruzadas entre as categorias e transversalizadas, ou seja, postas em diálogo e comparação a fim de se observar as linhas de pensamento do grupo-pesquisador. Abordo isso no próximo capítulo.

## CAPÍTULO 5

### IDENTIDADE E PERTENCIMENTO NA ENCRUZILHADA

#### 5.1 Estudo transversal: as linhas de pensamento do grupo-pesquisador

O estudo transversal é um aprofundamento da análise classificatória, exigindo ainda mais do/a pesquisador/a. Aqui as categorias são entrecruzadas, provocando a transversalidade entre as ideias e revelando as linhas ou dimensões do pensamento do grupo-pesquisador em relação ao tema-gerador. Na sociopoética o grupo-pesquisador enquanto filósofo coletivo é potencializado para pensar de forma heterogênea e singular.

[...] os “copesquisadores”, são pesquisadores de si, através da potência do grupo acolhedor das angústias, desejos e prazeres de cada um/a, sem julgamento nem preconceito. Os/as copesquisadores/as aprendem [...] a sonhar com o outro, a devanear juntos. O grupo-pesquisador marca (insistimos sobre o hífen na palavra composta) que ele não é apenas constituído pela adição de pessoas, mas se define como personagem singular, intelectual coletivo, filósofo original criador de *problemas* inéditos, de *confetos* e *intuicetos*, de *personagens conceituais*. Tomando forma de sujeito em processo de individuação, ele é percorrido de fluxos diversos, heterogêneos, de contradições ou conflitos, assumindo paradoxos e incertezas: seu pensamento é um *devoir* e um filósofo coletivo, porta-voz do personagem conceitual (GAUTHIER e ADAD, p. 264-265, 2020).

A transversalização também é uma forma de desterritorialização dos conceitos produzidos, pois possibilita a criação de novos elos entre eles (PETIT e ADAD, 2018). A partir de tantos estranhamentos e multiplicidades em fusão, diante da mobilização dos problemas pelas copesquisadoras, é possível alcançar a singularidade que caracteriza o pensamento do grupo-pesquisador.

Na sociopoética, o grupo-pesquisador vivencia um “devoir-filósofo”: sua potência crítica para com as dominações sofridas e internalizadas é maior daquela de um membro isolado, e essa potência crítica é atualizada em produções de tipo artístico: a crítica é o lado cara da moeda, a criação, o lado coroa (GAUTHIER e ADAD, p. 265, 2020).

Durante o estudo transversal foi possível observar várias dimensões de pensamento do grupo-pesquisador que poderiam ser tratadas de modo aprofundado devido à sua importância. No entanto, foi necessário destacar algumas ideias em detrimento de outras, devido à necessidade de responder aos objetivos da pesquisa e também considerando a falta de tempo na reta final do mestrado para a análise dos dados e a escrita da dissertação, impossibilitando a ampliação da discussão.

Mas a seleção das ideias em destaque não foi feita de modo arbitrário. Durante o estudo do pensamento do grupo-pesquisador houve duas linhas que se mostraram predominantes e também relevantes aos objetivos desta pesquisa, que busca compreender as trajetórias e estratégias do (r)existir de mulheres negras e periféricas na UFPI.

TÉCNICA	LINHAS DE PENSAMENTO
Os obstáculos do bicho-(r)existir	1. Os problemas da identidade das mulheres negras e periféricas
	2. Os sentidos de pertencimento na UFPI

**Quadro 03** – Linhas de pensamento predominantes no grupo-pesquisador.

**Fonte:** Dados da pesquisa.

A partir do estudo destas duas linhas de pensamento foi possível criar algumas conclusões hipotéticas. Gauthier (2012) afirma que é nossa responsabilidade, enquanto estudiosos do pensamento não-consciente do grupo-pesquisador, criar hipóteses e levá-las para discussão – momento da contra-análise.

O autor chama essas hipóteses de “conclusões hipotéticas” para manter a ética da sociopoética, impedir jogos instituídos de poder dentro do grupo e reforçar a dialogicidade. “As conclusões hipotéticas são orientadas pela busca da elaboração coletiva de problemas inovadores e pela criação de confetos ainda desconhecidos” (GAUTHIER, 2012, p. 94).

Sobre a confecção dos confetos, estes conceitos atravessados por afetos não são dados prontos da análise. Como já dito, são criados a partir da sensibilidade do/a facilitador/a tendo como base o pensamento do grupo-pesquisador, que é um devir-filósofo.

Nessa interação entre o coletivo e o singular fluem os conhecimentos como ondas energéticas. A fala, nas civilizações da Ancestralidade, é uma potência, ela é “pragmática” e criadora, ela é um devir. Assim, certas falas-conhecimentos-energias me atravessam, como atravessam, por exemplo, três outros membros do grupo-pesquisador: elas são *infra-individuais*. Elas mostram a existência desses outros em mim, e de mim neles. E no mesmo tempo, elas podem se opor à fala de dois outros copesquisadores, e combinar com a fala de um outro abrindo novas perspectivas. Assim, essas falas íntimas tomam seu pleno sentido no grupo inteiro, na estrutura complexa do filósofo coletivo que somos: os *confetos* são geralmente grupais, transversais. (GAUTHIER e ADAD, p. 269, 2020, grifos dos autores)

Dessa forma, o estudo transversal da técnica “os obstáculos do bicho-(r)existir” me conduziu à formulação de conclusões hipotéticas sobre os problemas da identidade de mulheres negras e periféricas e os sentidos de pertencimento na UFPI embasadas em problemas e confetos do grupo-pesquisador, estes últimos registrados no quadro a seguir.

TÉCNICA	CONFETOS
Os obstáculos do bicho-(r)existir	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Mulher-pássaro-tigresa-Ravena-sem-nome</li> <li>2. Mulher-pássaro-sem-nome</li> <li>3. Mulher-tigresa-Ravena</li> <li>4. Mulher-bicho-da-diferença;</li> <li>5. Mulher-loba-Moona-mãe</li> <li>6. Mulher-onça-pintada</li> <li>7. Mulher-bicho-da-resiliência</li> <li>8. Corpo-capa-gelatinoso;</li> <li>9. Corpo-forasteiro-da-encruzilhada;</li> <li>10. Corpo-estranho-que-se-encontra;</li> <li>11. Corpo-caricatura;</li> <li>12. Ponte-início-meio-fim;</li> <li>13. Poço-buraco-estranheza;</li> <li>14. Buraco-vazio-solidão;</li> <li>15. Buraco-de-sempre;</li> <li>16. Labirintos-desafios;</li> <li>17. Rio-espaço-privilegiado;</li> <li>18. Obstáculos-caminhos-desconhecidos;</li> </ol>

**Quadro 04** – Confetos do grupo-pesquisador.

**Fonte:** Dados da pesquisa.

Após o estudo transversal escrevi um texto transversal para levar as minhas conclusões hipotéticas para discuti-las com o grupo-pesquisador. Esse tipo de texto costuma ser mais longo e em formato literário. Nele constam os confetos e os problemas levantados pelas copesquisadoras durante a técnica “os obstáculos do bicho-(r)existir” na oficina de produção de dados. Apresento a seguir o texto transversal.

#### **AS MULHERES-BICHOS NEGRAS E PERIFÉRICAS SE ENCONTRAM NO BAILE DE MÁSCARAS DA ENCRUZILHADA**

O mês era maio. Ano 2021. Naquela calorosa manhã de sábado acontecia um carnaval fora de época na encruzilhada. Os bichos decidiram fazer um baile de máscaras para comemorar a festividade. As mulheres-bichos negras e periféricas logo ficaram animadas com a ideia de fazerem suas próprias máscaras. Iriam criar uma nova fantasia? Ou talvez fazerem um retrato de si mesmas? A viagem pela imaginação era livre. E assim foram nascendo as máscaras-identidades... Quieta, Negra, Áurea, Máscara da Força, Não Mais Calar, Agressiva.

As máscaras-identidades surgem com vários sentidos nesse baile carnavalesco. Uma máscara foi criada por outra pessoa, baseada em estereótipos, e se fixa na mulher-bicho impedindo-a de ser quem realmente é. Outra máscara não esconde quem a mulher-bicho é, pelo contrário exalta a sua natureza, a sua história de vida, a sua ancestralidade. Uma máscara recria os padrões de beleza e negritude, mostra que a mulher-bicho também pode brilhar sendo ela mesma. Outra máscara é ferramenta de defesa e proteção, uma forma de (r)existir contra as intempéries. Uma máscara afronta e subverte as normas, denunciando dores e incômodos sem se calar. Outra máscara é zona de conforto, um esconderijo dos preconceitos, onde somente bichos amigos conhecem a verdadeira criatura por trás da máscara. São máscaras de dor e de festa.

Algumas dessas mulheres, por trás das máscaras, como **mulher-pássaro-tigresa-Ravena-sem-nome**, é bicho que no seu interior já sabe qual é, sem ter dúvidas do que é. Outras é bicho estranho, um

pouco confuso e aprendendo a viver nesse corpo, como **mulher-bicho-da-diferença**. Dentre elas tem **mulher-loba-Moona-mãe**, aquelas que além de ser negra e periférica também é mulher fora dos padrões estéticos e tem um filho, o que dificulta a sua socialização. Há ainda mulheres que tem a força e a dureza que a mulher negra tem que ter, é **mulher-onça-pintada**, contrapondo-se à **mulher-bicho-da-resiliência**, aquelas mulheres com capacidade de voar e ser resiliente.

Durante o encontro de corpos e intensidades no baile, eufóricas com a animada música e a dança libertadora, as mulheres-bichos negras e periféricas deixaram suas máscaras caírem e contaram os segredos que habitavam na encruzilhada. “Para conseguir fazer parte daqui é preciso se adequar!”, uma mulher-bicho gritou em tom de denúncia e as outras concordaram.

No entanto, se adequar já fazia parte do cotidiano das mulheres-bichos negras e periféricas na encruzilhada. Seus corpos eram **corpo-capa-gelatinoso** que sempre vai ter a forma de onde elas estão, se adaptando às situações de obstáculo e criando maneiras de se comportar, como se vestissem uma capa maleável que muda de aparência conforme o local e o bicho com quem se encontram. Elas vivem as suas máscaras-identidades em múltiplos devires e novas performances a cada baile.

A passagem pela encruzilhada é uma **ponte-início-meio-fim**, onde as máscaras-identidades se transformam conforme os lugares ocupados, os sentimentos de pertencimento e os encontros com os outros bichos. O início da ponte é quando ocorre a entrada na encruzilhada. Há uma expectativa de que a encruzilhada seja um ambiente mais plural, mais amplo e mais diverso. Por outro lado, há sentimentos de medo, receio e incerteza porque a mulher-bicho negra e periférica não sabe o que vai encontrar. Serão bichos que vão lhe acolher? Ou bichos que vão lhe fazer cair, não vão lhe dar a mão? Também há muitos boatos sobre os professores, o que causa mais medo. É como entrar sozinha em um túnel escuro, longo e apertado, em que parece não ter fim por não conseguir enxergar a saída até que surja alguma luz.

Ao entrar na encruzilhada pela primeira vez as mulheres-bichos negras e periféricas se deparam com um mundo novo e inexplorado. Há um choque e um sentimento de não-pertencimento em comparação aos bichos veteranos, que ali já vivem e parecem familiarizados com o local. Mulher-bicho negra e periférica se sente em uma situação afunilante, sem saber como pertencer ao espaço. É assustador e ela sente medo, mas não quer estar em uma situação afunilante. Daí vem a coragem e ela molda o seu **corpo-capa-gelatinoso** para se adequar aos desafios e obstáculos que são impostos.

Até a localização da encruzilhada, isolada e distante da periferia, diz que aquele lugar não é o espaço das mulheres-bichos negras e periféricas. Elas precisam se deslocar em dois, três ônibus durante muitas horas para literalmente atravessarem a cidade e conseguirem chegar à encruzilhada e depois pegam outros ônibus para retornarem às suas casas, o que as deixam muito cansadas e estressadas, reduzindo a produtividade e tornando a encruzilhada um lugar maçante e ruim de permanecer.

Essa necessidade de deslocamento implica também que a mulher-bicho negra e periférica além de ter mais dificuldades de acesso é um bicho de fora, um **corpo-forasteiro-da-encruzilhada**, que quando chega até ela descobre que outros bichos também recém-chegados já a conheciam e tinham certa proximidade, pois já frequentavam suas feiras e simpósios, enquanto ela não. É uma experiência inédita.

A encruzilhada é cheia de buracos onde as mulheres-bichos caem. Logo na entrada tem o **poço-buraco-estranheza**. Dentro dele a encruzilhada é aquele lugar estranho, onde o corpo da mulher-bicho negra e periférica não sabe o que fazer e ainda está sozinho, não conseguiu encontrar alguma igual, uma semelhante para se apoiar. As pessoas que encontra são muito diferentes dela, com vivências também diferentes. Além disso, a forma como elas lhe veem lhe causa incômodo. Um bicho veterano até disse que **mulher-onça-pintada** era um pouco direta e ignorante em comparação à sua colega branca e dentro do padrão de beleza, a quem chamou de fofa e simpática.

Dentro do **poço-buraco-estranheza** as mulheres-bichos negras e periféricas manifestam várias emoções e sentimentos: estranheza ao percorrer os corredores e ver muita gente; desconforto na hora de se portar, de falar, de se sentir; medo de falar e estar tudo errado; receio de não estar entendendo os conteúdos discutidos; receio de não estar sabendo se expressar no meio dos outros bichos devido à dificuldade em usar uma linguagem muito diferente da que estava acostumada; desconforto por se sentir observada; vergonha por estar sozinha naquele espaço; dificuldade de confiar, de se relacionar, de se expressar; ansiedade e insegurança com a reação dos outros bichos; medo de estudar, de não saber certos assuntos e ficar para trás; sentir-se um pouco burra; sentir-se excluída e de fora; sensação de higienização contra o seu corpo por parte da encruzilhada; pensar que o seu corpo não tem vez nem voz; não se sentir pertencente.

A mulher-bicho também pode cair no **buraco-vazio-solidão**, um espaço apertado, bem sujo, com muita terra e fundo, um lugar solitário na encruzilhada. É quando a mulher-bicho se sente bastante sozinha por ser negra e periférica em um espaço com muitos bichos brancos, de elite e que estudaram em escola particular, diferentes dela. É complicado ser sozinha na encruzilhada.

**Mulher-loba-Moona-mãe** tinha apenas duas amigas. Com o fato de ter um filho se sente ainda mais sozinha, pois tem a sensação de não pertencer. Por mais que mereça estar na encruzilhada, não é bem vinda e percebe isso pela forma como é tratada, ao virarem o rosto desgostando da presença dela com o seu filho, tendo seu papel de mãe minimizado na encruzilhada como se ela tivesse que escolher entre ser mãe ou estudante, não podendo ser as duas coisas. Afinal, a estrutura da encruzilhada não foi feita para o corpo-mãe, tornando a sua passagem pela **ponte-início-meio-fim** mais difícil.

A solidão na encruzilhada também anda de mãos dadas com a invisibilidade: a mulher-bicho negra e periférica está em um local público, mas as pessoas não a veem ou não se importam com ela. Essa situação opõe-se à percepção de se sentir observada justamente por ser um corpo diferente ou um **corpo-forasteiro-na-encruzilhada**. Ora o corpo recebe muita atenção, ora o corpo passa despercebido.

Cair no **buraco-de-sempre** é inevitável, pois é a única coisa que tem sempre no caminho da mulher-bicho para qualquer lugar que ela for passar dentro da encruzilhada. Até mesmo uma mulher com asas, como **mulher-pássaro-sem-nome**, que é teoricamente livre e pode fazer o que quer e ir para qualquer lugar porque voa, cai no **buraco-de-sempre**, afinal ela não pode estar voando 24 horas ou tão alto.

Viver em um lugar onde tem um **buraco-de-sempre** e outros **poços-buracos-estranhezas** que têm que passar todos os dias acaba limitando as mulheres-bichos negras e periféricas. No entanto, mesmo fora da encruzilhada o **buraco-de-sempre** está selado no destino dos bichos pretos, obrigando-os a passar por certas situações no dia a dia e terem que lidar com vários entraves.

A encruzilhada tem vários **labirintos-desafios** que mulher-bicho negra e periférica precisa passar por eles todos os dias e onde é fácil se perder. Aliás, perder-se é uma coisa que acontece muito ao chegar à encruzilhada e se deparar com a sua arquitetura labiríntica, devido às mulheres-bichos não conhecerem o local e não terem noção de como ele funciona. Quando chegam precisam perguntar para os outros bichos que caminhos seguir e ler as placas, que nem sempre são claras.

Uma das maiores dificuldades relacionadas aos **labirintos-desafios** é a cobrança de conteúdo prévio dos bichos que ali entram, como se todos tivessem percorrido o mesmo caminho antes de entrar na encruzilhada e já soubessem as respostas que conduzem à saída do labirinto.

As mulheres-bichos negras e periféricas têm trajetórias diferentes dos bichos para quem a encruzilhada foi feita. É um enfrentamento ter que correr atrás para poder acompanhar o que os outros bichos já sabem. Mas apesar de se sentirem perdidas, atravessar esse obstáculo não as intimida. Os **labirintos-desafios** também podem ser um lugar bonito e um momento de aventura, onde mulheres-bichos sentem que não vai ser uma coisa tão difícil de sair se elas se esforçarem. Além disso, elas também gostam do obstáculo de ter que aprender coisas novas.

A encruzilhada tem diversas montanhas, onde é possível subir com muita dificuldade, esforço e perseverança. É cansativo e dá vontade de desistir de subir, mas é gratificante quando as mulheres-bichos negras e periféricas podem cumprir a missão da escalada e chegam ao cume. Estar no cume da montanha também pode evocar sentimentos ambíguos. Por um lado, é uma situação cansativa ter que chegar até ele e estar ali diariamente. Na verdade, a própria estrutura da encruzilhada é cansativa e racista, independente das capacidades das mulheres-bichos negras e periféricas.

Por outro lado, chegar até o cume é uma situação de engrandecimento, de capacitação e formação, que também traz um sentimento de construção. No cume as mulheres-bichos conseguem ter uma visão melhor do que está acontecendo, uma visão ampla que também permite visualizar o que pode acontecer no futuro. Para **mulher-onça-pintada** chegar ao cume é superar os **labirintos-desafios** e assimilar os conteúdos da encruzilhada. Porém, o cume da montanha não é o fim da jornada e ainda há mais caminhos a percorrer.

A encruzilhada tem um **rio-espaço-privilegiado** destinado a bichos aquáticos, brancos e de elite. Muitas mulheres-bichos negras e periféricas não têm acesso a ele ou quando conseguem entrar tem problemas devido à questão socioeconômica, que dificulta a sua estadia. Ao entrar nesse rio **mulher-bicho-da-resiliência** pensou “por que sou um pássaro e não um peixe?”, “por que não sou um bicho aquático?”. Ela se questionou sobre ser digna de estar ali, aproveitando e gozando daquelas águas refrescantes, mas depois entendeu que mesmo sendo um pássaro também pode aproveitar e gozar desse **rio-espaço-privilegiado**.

Existem também outros braços do **rio-espaço-privilegiado** que levam a caminhos onde estar na água não é um obstáculo. Para **mulher-tigresa-Ravena** o rio é um lugar reconfortante e acolhedor, onde ela consegue beber água e vislumbrar uma coisa nova, descansar e se sentir protegida, é um lugar que lhe faz bem e ela sempre está à procura desse rio. Para **mulher-loba-Moona-mãe** chegar ao rio lhe inspira respeito. Ela não entra na água, não faz nada, só observa. É quando ela para e olha para si, olha para os seus sentimentos dentro da encruzilhada. **Mulher-onça-pintada** mergulha no rio, que é calmo, e volta à

sua forma humana de modo espontâneo. O rio pode ser um lugar para ela ser ela mesma e desmontar o seu **corpo-capa-gelatinoso**, que foi feito para parecer uma onça-pintada, mas é um pouquinho diferente.

O corpo da mulher-bicho negra e periférica é muitas vezes lido como um corpo estranho, não-pertencente à encruzilhada. **Mulher-bicho-da-diferença** via que na encruzilhada era sempre aquela velha história de estar num espaço em que era a única mulher-bicho negra e não via nenhum corpo parecido com o seu, alguém com quem conversar, alguém com quem sentisse semelhança. Teve muito isso até conseguir encontrar uma amiga semelhante e se tornarem um **corpo-estranho-que-se-encontra**.

O encontro entre dois corpos estranhos é um momento jubiloso e de festa. **Mulher-bicho-da-resiliência** se lembra de um dia que foi um dos mais alegres do seu primeiro período na encruzilhada, em que uma mulher-bicho preta de cabelo *black power* passou por ela no corredor e sorriu para ela, se identificou com ela apenas por vê-la ali, por saber que ela também era outra mulher-bicho jovem e negra dentro da encruzilhada. Foi uma experiência muito acolhedora, porque dificilmente **mulher-bicho-da-resiliência** via bichos que sorriam para ela, que lhe acolhiam daquela forma.

O encontro entre dois corpos estranhos é a reafirmação de uma identidade minoritária, onde o reconhecimento entre semelhantes provoca não só alegria como também é uma forma de sair do **poço-buraco-estranheza** ou do **buraco-vazio-solidão**. Quando **mulher-tigresa-Ravena** entrou na encruzilhada, teve um professor negro que falava sobre como era difícil os bichos negros terem acesso à universidade, porque eles têm mais obstáculos no caminho. O professor apontou cada bicho negro que tinha na sala, incluindo **mulher-tigresa-Ravena**, que estava num processo de se reconhecer enquanto negra. A partir desse momento, ela se sentiu inserida no espaço enquanto bicho negro. Ao se encontrar e se reconhecer, também encontrou e reconheceu os bichos que eram iguais a ela.

Algumas vezes, no entanto, o **corpo-estranho-que-se-encontra** é confundido com um **corpo-caricatura**, ou seja, sujeitos sem distinção, onde a individualidade de cada corpo negro não é reconhecida. Quando **mulher-bicho-da-diferença** e sua amiga negra eram vistas como um **corpo-caricatura** ela falava “gente, mas nós somos duas garotas negras, nós somos diferentes também, não é a mesma pessoa”. Mas por serem as únicas negras na sala, os outros bichos as viam como uma só criatura, uma caricatura.

A encruzilhada é um lugar no qual as mulheres-bichos negras e periféricas se inserem, mas têm uma estadia dificultosa com vários percalços que elas têm que saber lidar para conseguir ocupar o espaço. Diariamente são impostos muitos **obstáculos-caminhos-desconhecidos** sobre os quais as mulheres-bichos têm que pular ou voar, atravessar esses obstáculos. Passar pelo meio da ponte não é nada fácil. Muitas vezes mulher-bicho negra e periférica incorpora os obstáculos do caminho, se sente e se torna um obstáculo também. É todo um processo até ela entender que é capaz de poder atravessar a ponte.

A encruzilhada não foi feita para mulheres-bichos negras e periféricas, é um lugar onde estão por teimosia e precisam se esforçar mais do que os outros bichos para estar lá. Choram, sofrem e às vezes não aguentam. Sentem-se cansadas e às vezes querem desistir, mas param, respiram, pensam e continuam. Precisam de um momento para descansar ou alguém para se apoiar. Seus corpos não conseguem ser fracos na encruzilhada, pois sempre foi imposto que eles têm que ser fortes.

Dessa forma, o corpo da mulher-bicho negra e periférica (r)existe através de suas múltiplas potências: a potência-manejo, criando seus próprios mecanismos para sair das situações de obstáculo; a potência-dança, se manifestando através do movimento corporal, rompendo com as regras da encruzilhada; a potência-subir-nas-paredes, uma forma de passar pelos **labirintos-desafios** vendo as coisas por cima, driblando as dificuldades; a potência-resiliência, que impulsiona até o final do caminho e faz com que mulher-bicho não abra mão de algo que acredita porque de alguma forma o sistema da encruzilhada quis lhe impedir de falar sobre isso; a potência do **corpo-estranho-que-se-encontra**, onde o encontro entre dois ou mais semelhantes é festa, fortalecimento, fuga do **poço-buraco-estranheza** e do **buraco-vazio-solidão**. Existem até mesmo potências desconhecidas, que quando surgem revelam força e poder.

A própria capacidade de se moldar, através do **corpo-capa-gelatinoso**, mesmo que para assimilar normas e padrões, também é uma potência para (r)existir à passagem pela **ponte-início-meio-fim**. O **corpo-capa-gelatinoso** é não apenas uma forma de adaptação ao meio, mas também uma camuflagem que protege o ser da mulher-bicho negra e periférica, configurando-se como uma espécie de máscara que recria continuamente a identidade conforme a necessidade.

Nesse sentido, as mulheres-bichos negras e periféricas podem ter facilidade para se comunicar com os outros que são diferentes delas, mas não significa que elas estejam sendo elas mesmas. A maleabilidade identitária funciona como uma estratégia de inclusão nos grupos de bichos que não afeta o sentimento de pertencimento na encruzilhada, pois mulher-bicho negra e periférica continua não se sentindo parte daquilo e embora não esteja sendo ela mesma também não anula quem realmente é.

O fim da ponte é quando o bicho sai da encruzilhada. Ao concluir a travessia total por um caminho longo, após quatro, cinco anos, surge uma nova etapa onde a mulher-bicho negra e periférica tem medo e receio do que terá depois, mas tem vontade de ir e quer seguir, com a sensação de que terá maior manejo para poder passar pelas adversidades por conta do que passou no processo, sabendo que se preparou para ir.

Dessa forma, a transição que acontece no final do processo pode ser tranquila, não é algo difícil, pois a mulher-bicho negra e periférica sabe que vai chegar a algum outro lugar e se sente segura. Só quem consegue passar por todo o caminho da encruzilhada e chegar vivo no final, consegue uma plenitude, uma vista boa da vida, do futuro. No final da jornada dos caminhos vai ter uma coisinha boa, vai ter um sol para enxergar, uma paisagem bem legal. Quando o baile termina, é possível festejar em outros lugares, dançar outras marchinhas e usar outras máscaras ou nenhuma.

## 5.2 Contra-análise transversal: mulheres negras (r)existem na UFPI

Como já foi dito, a contra-análise do texto transversal aconteceu no mesmo encontro onde foi feita a contra-análise plástica, com quatro copesquisadoras: **Quieta**, **Não Mais Calar**, **Negra** e **Máscara da Força**. Algumas copesquisadoras já haviam lido o texto e outras não, tendo o seu primeiro contato somente durante a sua leitura para o coletivo, momento que dividi com a copesquisadora **Quieta**.

Após a leitura, o grupo-pesquisador apontou os seus sentimentos sobre o texto transversal. Afirmaram se identificar com a história narrada e se reconhecerem dentro do texto, não apresentando discordâncias sobre as conclusões hipotéticas:

Primeiro, eu achei muito legal [o texto] quando eu estava lendo. É muito interessante perceber ir se identificando aos poucos e como tudo faz parte de um todo. Com esse texto aqui a gente percebe como está inserida num processo muito parecido, apesar de cada uma ter suas particularidades. (**Quieta**)

E é bem o que a gente falou que é um grupo muito misto, mas ao mesmo tempo o texto [transversal] não é só de uma pessoa, é o texto do grupo todo, entrecorta todas as nossas vivências, fala de todas nós. Então quando eu fui lendo o texto, até quando citava outro bicho [que não era eu] ou alguma coisa assim, não era uma coisa distante, era uma coisa que passava por mim, um atravessamento. Eu achei isso muito forte, muito potente. (**Não Mais Calar**)

Eu achei que o texto foi muito fiel ao que nós trouxemos durante as oficinas e eu gostei muito de poder me reconhecer dentro desse texto ao ponto que vocês iam lendo. Eu ia lembrando não só do que eu tinha trago nas oficinas, mas mesmo do meu cotidiano, dessa vida, e poder associar isso a essa trajetória acadêmica. Então eu gostei bastante. Eu acho que ele foi bem fidedigno, sabe? Apesar de ele trazer essa coisa mais metafórica mesmo, essa analogia, acho que ele pode retratar muito bem o que nós queríamos trazer através das nossas falas e eu acredito de uma maneira até mais leve a forma com que foi trago. (**Negra**)

E foi muito interessante encontrar os personagens, que somos nós, as participantes [...] Muito engraçado também é que por mais que a gente não tenha combinado nenhuma tarefa ou história ou qualquer coisa, a gente se encontrou. Todos os nossos incômodos nos atravessaram de uma maneira que uniu a gente na história que a gente criou. (**Máscara da Força**)

O grupo-pesquisador também chamou a atenção para alguns confetos, ampliando a discussão e trazendo novos significados a ele. O primeiro confeto que teve destaque foi **corpo-capa-gelatinoso**:

No entanto, se adequar já fazia parte do cotidiano das mulheres-bichos negras e periféricas na encruzilhada. Seus corpos eram **corpo-capa-gelatinoso** que sempre vai ter a forma de onde elas estão, se adaptando às situações de obstáculo e criando maneiras de se comportar, como se vestissem uma capa maleável que muda de aparência conforme o local e o bicho com quem se encontram. Elas vivem as suas máscaras-identidades em múltiplos devires e novas performances a cada baile. (Texto Transversal)

E eu achei muito, muito legal falar sobre a questão de ser maleável, de se adaptar às situações, porque isso, pra mim, a meu ver, pode até colaborar para esse problema de identidade. Como você vai se moldando conforme o espaço, você vai se perdendo aos poucos de quem você é e aí eu acho que isso pode ser um dos fatores que colaboram para essa dificuldade de identidade. (**Quieta**)

O grupo-pesquisador também disse que o **corpo-capa-gelatinoso** é múltiplo e ultrapassa todas as suas vivências. Portanto, esse corpo adaptável (r)existe não apenas no contexto da universidade, mas na vida de mulheres negras e periféricas nos diversos lugares onde esse corpo passa. Não é uma característica inata da identidade, mas uma capacidade de uso constante que também pode gerar problemas no processo de reconhecimento na medida em que a adaptação provoca o distanciamento de si. Na contra-análise também foi apontado o cansaço que existe nesse corpo devido aos diversos enfrentamentos pelo qual ele passa em sua (r)existência:

Tem um ponto que fala sobre o corpo cansado, né? Porque eu acho que a gente foi falando e a gente foi percebendo esse corpo cansado, que nem foi uma coisa que veio, assim, pronta, foi uma coisa que surgiu nas nossas falas mesmo que a gente foi percebendo, porque realmente é isso. O nosso corpo está lá, a gente está lutando, em todas essas vivências o nosso corpo acaba se cansando e por vezes a gente não pode nem viver esse cansaço também porque sempre há um enfrentamento. Passou o enfrentamento e já tem outro, a gente não tem nem aquela pausa e aquele corpo ainda (r)existe. É realmente (r)existir, é você estar lutando para existir naquele espaço. Eu achei bem interessante, eu não tinha percebido isso no início, mas quando a gente vai fazendo a leitura eu fui me lembrando desse corpo, também pensando nesses desafios que a gente falou, que a gente tenta driblar esses desafios e tudo isso. (**Não Mais Calar**)

O segundo confeto realçado pelo grupo-pesquisador foi **rio-espaço-privilegiado**:

A encruzilhada tem um **rio-espaço-privilegiado** destinado a bichos aquáticos, brancos e de elite. Muitas mulheres-bichos negras e periféricas não têm acesso a ele ou quando conseguem entrar tem problemas devido à questão socioeconômica, que dificulta a sua estadia. Ao entrar nesse rio **mulher-bicho-da-resiliência** pensou “por que sou um pássaro e não um peixe?”, “por que não

sou um bicho aquático?”. Ela se questionou sobre ser digna de estar ali, aproveitando e gozando daquelas águas refrescantes, mas depois entendeu que mesmo sendo um pássaro também pode aproveitar e gozar desse **rio-espaço-privilegiado**. (Texto Transversal)

Eu fiquei pensando se também tem um lado de que, sabe, quando a gente vê como é para a elite, como é para branquitude, e a gente tenta se enxergar naquele lugar porque aquele lugar parece ser melhor do que o que a gente está. Quando eu estava lendo eu fiquei até me questionando se era isso mesmo, só que eu comecei a pensar por esse lado e realmente se você não está muito firme, assim, principalmente na sua identidade, nessa questão de pertencimento realmente, você começa a desejar o que aquele outro tem e pode ser que você comece a ver o espaço do outro como uma coisa que você queria, só que pelo seu ser você não consegue [ter] e aí você tenta se adaptar, tenta se colocar como um daqueles para poder pertencer e isso tudo vai gerando um emaranhado de confusões na cabeça que podem fazer você se perder de você e da sua essência. (**Quieta**)

Achei bem interessante as pontuações da **Quieta**, ainda mais quando ela falou sobre esse espaço da branquitude, né? Em como por muitas vezes a gente acaba tentando se camuflar, se adaptar a esse espaço e gera até certo desejo de ocupar esse espaço também e como a gente acaba tentando até nos reprimir ou questionar nossa identidade para ser aceita nesse espaço. Isso realmente acontece muito. Eu até lembrei bastante da parte que o texto fala sobre esse corpo que é muito observado ou às vezes passa despercebido. Aí às vezes você precisa se camuflar porque realmente a gente acaba se sentindo muito observada mesmo nesse espaço ou às vezes totalmente invisibilizada, parece que você nem está lá, que a sua presença não existe. (**Não Mais Calar**)

O grupo-pesquisador extravasa o confeto **rio-espaço-privilegiado**, percebendo-o não somente na perspectiva da universidade como um lugar privilegiado, mas ampliando a discussão para dimensões estruturais ao apontar o espaço da branquitude e da elite na sociedade como um lugar melhor que gera desejos identitários de pertencimento.

Por isso, ao se inserirem nesse espaço da branquitude e da elite – na universidade e fora dela –, os corpos das mulheres negras e periféricas tentam se adaptar para fazer parte dele. No entanto, diante dos olhares dos outros, ora são observadas e ora são invisibilizadas.

As falas do grupo-pesquisador me fizeram lembrar várias passagens do livro “Pele negra, máscaras brancas”, de Frantz Fanon, como quando ele diz que o negro quer ser branco, pois ser branco é como ser rico, bonito, inteligente. O autor discute esses processos de subjetivação, que ocorrem inclusive de modo inconsciente, oriundos de um sistema colonial que desunamiza o corpo negro.

Fala inclusive do desejo de ser aceito e fazer parte do mundo branco, o que leva o negro a se embranquecer casando-se com pessoas brancas e tendo filhos miscigenados, assim embranquecendo a sua família como forma de salvação. O negro se torna um “quase branco”, no entanto ele nunca assume essa condição de fato, pois não é inerente a ele, como o próprio grupo-pesquisador afirma “você começa a desejar o que aquele outro tem e pode

ser que você comece a ver o espaço do outro como uma coisa que você queria, só que pelo seu ser você não consegue [ter]”.

“*Por que sou um pássaro e não um peixe?*” – **mulher-bicho-da-resiliência** se pergunta, desejando por um momento ser o que ela não é – um corpo branco – para poder fazer parte de um espaço que não é seu – o espaço da branquitude –, antes de perceber que poderia *ocupar* os mesmos lugares sendo quem ela é (lembrem-se aqui do confeto **corpo-ocupante-da-encruzilhada**, criado na contra-análise plástica). O desejo de ser branco pode ser consciente ou não consciente, mas certamente existe em algum momento da vida de pessoas negras por saberem que o espaço da branquitude é um espaço de privilégios.

Então nesse processo muitas mulheres negras e periféricas odeiam seus corpos, “alisam os cabelos e passam pó na cara”, como no poema de Victoria Santa Cruz, citado na epígrafe desta dissertação. Em tempos de manipulações imagéticas nem precisa usar pó, basta colocar um filtro na *selfie* do *Instagram* e a pele fica branca. É a camuflagem de forma mais literal e com muitas possibilidades.

Mas eu me lembro, por exemplo, que quando alisava os meus cabelos sempre tinha alguém para me apontar que eles não eram daquela forma naturalmente. “Cabelo ruim espichado à força” – assim o caracterizaram uma vez. A gente não deixa de ser o que é mesmo quando nos forçamos a se parecer com o outro. Ainda sobre esses problemas da identidade, o grupo-pesquisador fala:

Eu estava me lembrando de quando eu entrei na universidade, de que eu não tinha essa consciência racial. Tinha uma ciência do que acontecia, mas eu não me inseria naquele processo. Por isso que a parte de quando meu professor me aponta enquanto uma pessoa negra foi muito forte para mim e aquilo foi quase um divisor de águas para mim. Eu tenho uma irmã que é muito engajada nas questões raciais. Ela estuda isso e tem muito isso nela e por causa dela começou a despertar em mim o reconhecimento, aquela sensação de pertencer àquele grupo e tudo o mais. Antes de entrar na universidade o meu processo foi sempre foi em escola particular, eu sempre estive no meio da elite, em lugares que a branquitude habita e tudo o mais e aí me lembrou justamente da questão do rio que está no texto, de como você vai se colocando naquele espaço e você não se identifica mais com o que você é. Você passa a não ter noção do que você é. Você se coloca como um espelho de onde você está. Se você não tem essas questões [da identidade] muito bem estruturadas dentro de você, você se perde, começa a ter algumas consciências de que você não é aquilo [que é]. “Eu estive em lugares tal e tal e por isso eu não pertencço àquilo”. Às vezes até esse tipo de coisa me fazia pensar se eu realmente sou digna de fazer parte da luta, sabe? Isso no início, porque depois, graças a Deus, bateu consciência (risos) e estudar [sobre isso] é muito importante. Entrar nesse grupo-pesquisador foi muito importante para mim até nessa questão de identidade. (**Quieta**)

Tocar nesse ponto da identidade também é uma coisa que acaba me passando muito porque eu cresci sempre rodeada de pessoas brancas, porque eu fui criada pelos meus avôs e eles são brancos. Então muito das minhas questões não eram

discutidas na minha própria casa. Sempre tinha aquela história de me chamar “você não é negra, você é morena”. Então realmente esse processo de me identificar, me reconhecer como uma mulher negra foi uma coisa que foi muito forte também no espaço da universidade, até com o professor Francis, porque ele tem uma disciplina chamada “Relações étnico-raciais, diversidade e gênero” que é uma das poucas disciplinas que aborda isso, que ele até apresentou alguns textos para a gente e ele também apresentou autores negros, que era uma coisa que eu sentia muita falta, porque a gente tava sempre lendo aqueles autores eurocêntricos, naquela questão da branquitude, e [ele nos apresentou] a mulheres negras também, que é uma coisa muito forte. Eu sinto que disciplinas como a dele são muito importantes, foram muito importantes também no meu processo e até nesse processo de reconhecimento mesmo, que é uma coisa que antes não podia acontecer naquele espaço, mas foi justamente no espaço da universidade que eu consegui me aflorar mais nesse aspecto da minha própria vida. Realmente era bem complicado, até às vezes é um pouco complicado lá em casa, porque eu ainda continuo morando com meus avós e às vezes eu tento falar algumas coisas. **(Não Mais Calar)**

Eu estava pensando aqui quando a **Não Mais Calar** fala “ah, você é morena” e tudo mais. Durante o meu ensino fundamental colocavam muito isso em mim. Eu lembro muito que tinha aquela questão de você não ser negra, você ser parda, sempre queriam te tornar branca e eu tenho consciência disso agora. É um processo tão internalizado em você. Na época eu não fazia o menor sentido daquilo, eu não tinha muita noção. Durante o ensino médio você vem para Teresina, estuda em um colégio particular, você está inserido em um contexto totalmente branco e aí você vai tornando aquilo verdade. Quando você se percebe enquanto pessoa negra é um processo muito difícil, porque você começa a perceber como aqueles mecanismos são coisas que vão te diminuindo, que vão te apertando e vão te colocando num lugar que você não se acha mais. **(Quieta)**

[...] dentro da universidade também foi me despertando esses questionamentos e fui me encontrando. E aí [a universidade] é um espaço importante, mas depende muito das pessoas, não só a estrutura em si, mas as pessoas que estão lá, as pessoas que ocupam, por isso que realmente é muito importante a gente estar também nesse espaço, ter essas temáticas, essas pautas, se tornarem uma realidade, porque às vezes a gente fica falando nós com nós mesmos e não sai da gente, que é uma coisa que me incomoda muito. **(Quieta)**

Estes relatos do grupo-pesquisador me fez refletir três questões muito interessantes.

*Primeira questão:* quando o corpo negro é muito inserido no espaço da branquitude e sem ter representatividade, há mais elementos favoráveis para o questionamento da sua identidade e para fazê-lo não se perceber como negro. É um “quase branco”, como nos diz Fanon sobre os negros que se destacam de alguma forma em meio aos brancos.

Ou então, como no caso brasileiro, onde a miscigenação racial é muito forte e há pessoas negras com várias tonalidades de pele: “você não é negra, você é parda, morena, morena-jambo, mulata, chocolate, marrom-bombom, marrom-claro, marrom-escuro...” e por aí vai. Quanto mais claro você for, menos negro é.

*Segunda questão:* se reconhecer como negro é um processo muito difícil para algumas pessoas. Dentro do grupo-pesquisador percebi mulheres sem dúvida do que é e outras estranhas e confusas. Algumas das que não têm dúvida hoje, algum dia foram

estranhas e confusas. Algumas nunca tiveram dúvidas, porque não foi lhes dado nem o “benefício da dúvida”: eram percebidas e apontadas como negras pelos outros.

Estar ou passar por um processo de reconhecimento racial não é da noite para o dia. Se não existe representatividade, seja na família, na escola, nos grupos de amigos ou em qualquer outro círculo social, o corpo se distancia da sua própria realidade. Ter a pele negra e usar uma máscara branca não torna alguém branco, mas se você não se reconhece como negro, como entender que passou por determinadas situações por ser negro? Como enfrentar os preconceitos e as discriminações por ser negro? O sujeito vive um paradoxo, tal como Fanon relata sobre sua própria experiência: “Sem passado negro, sem futuro negro, era impossível viver minha negridão. Ainda sem ser branco, já não mais negro, eu era um condenado” (FANON, 2008, p. 124).

Algumas pessoas têm até mesmo dificuldade de usar essa palavra, de chamar alguém de negro, como se isso fosse uma ofensa. Eu vejo isso na minha própria família. Além de que têm pessoas que realmente usam esse termo de forma pejorativa. Daí a dificuldade também de se reconhecer e se autodenominar de algo que está associado a coisas ruins ou fardos pesados.

*Terceira questão.* O texto transversal apontou a universidade como um lugar que impõem muitos obstáculos para as mulheres negras e periféricas e não foi feito para elas, o que lhes causa sentimento de não-pertença. Para poderem fazer parte, elas precisam moldar a sua identidade, o seu **corpo-capa-gelatinoso**, vivendo performances e devires conforme os lugares e as pessoas em relação. Nesse sentido, *a universidade é um lugar-problema para a identidade*, levando o corpo negro a ser ou desejar ser diferente do que é.

No entanto, na contra-análise, a universidade está sendo também apontada como um lugar onde é possível acontecer o reconhecimento da identidade, a percepção de si como corpo negro. Em algumas trajetórias de vida, como nas da **mulher-bicho-da-diferença** e **mulher-tigresa-Ravena**, esse reconhecimento só veio a acontecer ou se tornar mais forte na própria universidade, revelando também a importância da representatividade em sala de aula para esse processo, seja através dos autores lidos e conteúdos ministrados ou com a presença de outros corpos negros no mesmo ambiente (**corpo-estranho-que-se-encontra**).

Nesse sentido, *a universidade é um lugar-solução para a identidade*, por fornecer elementos que possibilitem a percepção de si enquanto corpo negro e a valorização étnico-racial, o encontro consigo mesmo e com os outros, já que antes, fora da universidade, só havia reforços à ideia de não-pertencimento à negritude por conta dos lugares vivenciados.

Outro confeto destacado, que tomou novas dimensões, foi o **corpo-caricatura**:

Algumas vezes, no entanto, o **corpo-estranho-que-se-encontra** é confundido com um **corpo-caricatura**, ou seja, sujeitos sem distinção, onde a individualidade de cada corpo negro não é reconhecida. Quando **mulher-bicho-da-diferença** e sua amiga negra eram vistas como um **corpo-caricatura** ela falava “gente, mas nós somos duas garotas negras, nós somos diferentes também, não é a mesma pessoa”. Mas por serem as únicas negras na sala, os outros bichos as viam como uma só criatura, uma caricatura. (Texto transversal)

Até porque têm umas coisas do tipo fazer de você uma bandeira, né? E é muito importante, mas têm coisas que vão sendo maçante de você se enxergar naquilo. Aí cai naquela parte da caricatura, de como as pessoas te enxergam como uma coisa só, não sabe que ali dentro não é homogêneo, também tem essas particularidades. (Quieta)

Na contra-análise o **corpo-caricatura** é percebido não só como a negação de individualidades, mas também como uma homogeneização que ganha os contornos de uma bandeira, derivando um novo confeto: o **corpo-caricatura-bandeira**. Dessa forma, não é apenas o corpo em si que se torna uma caricatura, mas suas próprias lutas políticas.

Um exemplo concreto disso é o que aconteceu na edição do *Big Brother Brasil* (BBB) desse ano de 2021, com a psicóloga Lumena Aleluia, participante negra do *reality show* que foi eliminada com rejeição pelo público (também “cancelada” nas redes sociais) e transformada em “memes” que criticavam a sua suposta militância errada e exagerada, alinhada com um vocabulário acadêmico (chamado de forma cômica de “Lumenês”).

Após a aparição pública da Lumena no BBB várias pessoas passaram a usar a sua imagem como um **corpo-caricatura-bandeira** sobre mulheres negras e sobre a militância de pessoas negras (ou qualquer outra militância considerada exagerada) através de expressões como “nossa, você Lumenou” (uma atualização de “viajou na maionese”), “seja Lumenas” (“seja menos, você está exagerando”) ou qualquer outra forma de introduzir a figura da Lumena de modo ridicularizado. Depois de sair do *reality*, a ex-BBB chegou até mesmo a dizer que se aposentou da psicologia e da militância<sup>13</sup>.

Não acompanho a Lumena hoje em dia, mas ela foi uma mulher negra que denunciou em um programa em rede nacional, com a voz alta e sem receios, as suas dores de mulher negra e fazia críticas sociais pertinentes sobre vários assuntos, postura esta que intimida muita gente e pode ser considerado chato para aqueles que preferem viver em zonas de conforto alienadas, principalmente se estas zonas trazem consigo privilégios.

---

<sup>13</sup> Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/lumena-diz-que-se-aposentou-da-militancia-apos-o-bbb-21/>. Acesso em 13 nov. 2021.

Mesmo que a Lumena tenha cometido alguns equívocos, é uma pena que tenha sido tão criticada ao ponto de “se aposentar da militância”. Infelizmente, uma potente voz silenciada por não querer estar associada a um **corpo-caricatura-bandeira**. Lumena nunca foi apenas a militância, mas depois que saiu do programa, mediante rejeição e cancelamento, vimos metamorfoses de **corpo-capa-gelatinoso**, se adaptando e se adequando para ser aceita pelo público – processo que também ocorreu com outros participantes negros que foram eliminados com rejeição no BBB desse ano, inclusive o linchamento virtual e ameaças reais ocorreu de modo mais intenso com eles.

A ideia da “militância errada” ou a figura da/o “militante chata/o” é um “argumento” recorrente entre segmentos sociais conservadores. Diante de denúncias e notícias sobre episódios de racismo que ocorrem de maneira mais sutil, muitas pessoas irão chamar a indignação de “mimimi”, tentar silenciar o denunciante dizendo “descansa, militante” ou apenas afirmar que “agora tudo é racismo, que mundo chato”.

O corpo negro, percebido como **corpo-caricatura-bandeira** é atravessado com frequência por silenciamentos e deslegitimação das suas dores. Os casos de racismo são vistos como isolados e até mesmo a nossa legislação penal flexibiliza o crime de racismo ao punir as suas práticas denunciadas como injúria racial<sup>14</sup>. Inclusive foi somente neste ano de 2021 que ocorreu uma condenação inédita por racismo no Brasil desde a promulgação da lei que o criminaliza<sup>15</sup>. Relacionado a isso, o grupo-pesquisador afirma que:

Gente, eu já ouvi de alguns amigos que racismo não existe. Não, claro que não existe para você, pessoa branca, porque não é uma coisa que afeta você, não é uma coisa que acontece com você, que você sente, porque é uma coisa muito que a gente sente também. E até mexe nessa parte da caricatura também porque tem toda essa representação e os estereótipos que são criados em torno. (**Não Mais Calar**)

O **corpo-caricatura-bandeira** é o corpo daquela/e que denuncia as injustiças que lhe acometem, que não se cala, que traz consigo consciência identitária, luta no campo

<sup>14</sup> “Enquanto a injúria racial consiste em ofender a honra de alguém valendo-se de elementos referentes à raça, cor, etnia, religião ou origem, o crime de racismo atinge uma coletividade indeterminada de indivíduos, discriminando toda a integralidade de uma raça. Ao contrário da injúria racial, o crime de racismo é inafiançável e imprescritível. A injúria racial está prevista no artigo 140, parágrafo 3º, do Código Penal, que estabelece a pena de reclusão de um a três anos e multa, além da pena correspondente à violência, para quem cometê-la. [...] Em geral, o crime de injúria está associado ao uso de palavras depreciativas referentes à raça ou cor com a intenção de ofender a honra da vítima. [...] Já o crime de racismo, previsto na Lei n. 7.716/1989, implica conduta discriminatória dirigida a determinado grupo ou coletividade e, geralmente, refere-se a crimes mais amplos.” (NOTÍCIAS CNJ, 2015). Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/conheca-a-diferenca-entre-racismo-e-injuria-racial/>. Acesso em 13 nov. 2021.

<sup>15</sup> Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2021/03/28/condenacao-inedita-por-racismo-e-injuria-traz-novo-olhar-para-crime-racial.htm>. Acesso em 13 nov. 2021.

social e político e também é fonte de representatividade. Mas por esses mesmos motivos, é visto pelos outros como um corpo homogêneo, estereotipado, exagerado, chato. Basta um erro, um equívoco, um piso em falso, seja através de falas ou ações e um único indivíduo levará todos os seus semelhantes para o mesmo buraco de distorções da realidade.

Sabia, por exemplo, que se um médico negro cometesse um erro, era o seu fim e o dos outros que o seguiriam. Na verdade, o que é que se pode esperar de um médico preto? Desde que tudo corresse bem, punham-no nas nuvens, mas atenção, nada de bobagens, por preço nenhum! O médico negro não saberá jamais a que ponto sua posição está próxima do descrédito (FANON, 2008, p. 109).

O confeto **buraco-vazio-solidão** é apontado pelo grupo-pesquisador como sendo um local onde o corpo está até encontrar a aceitação do outro, mesmo que através de um sorriso. Nesse sentido, o **buraco-vazio-solidão** na universidade é uma condição imposta ao corpo negro, não algo que ele vivencie por escolha. Existe uma dependência da aprovação do outro para sair da condição de solidão.

A mulher-bicho também pode cair no **buraco-vazio-solidão**, um espaço apertado, bem sujo, com muita terra e fundo, um lugar solitário na encruzilhada. É quando a mulher-bicho se sente bastante sozinha por ser negra e periférica em um espaço com muitos bichos brancos, de elite e que estudaram em escola particular, diferentes dela. É complicado ser sozinha na encruzilhada. (Texto Transversal)

Eu achei bem interessante também falar da solidão desse espaço, como por muitas vezes esse espaço dessa encruzilhada, esse lugar que a gente não pertence, esse não pertencimento, é muito solitário e aí quando você encontra um sorriso ou alguém já acaba mexendo com você, a gente passa até pela questão da aceitação. (**Não Mais Calar**)

O confeto **buraco-de-sempre** também foi comentado pelo grupo-pesquisador, apontando a universidade como um local de aprofundamento dele. Acredito que isso ocorra devido à universidade não só reproduzir a estrutura social, mas também potencializar o reconhecimento identitário e a percepção de si dentro do **buraco-de-sempre**.

Cair no **buraco-de-sempre** é inevitável, pois é a única coisa que tem sempre no caminho da mulher-bicho para qualquer lugar que ela for passar dentro da encruzilhada. Até mesmo uma mulher com asas, como **mulher-pássaro-sem-nome**, que é teoricamente livre e pode fazer o que quer e ir para qualquer lugar porque voa, cai no **buraco-de-sempre**, afinal ela não pode estar voando 24 horas ou tão alto. Viver em um lugar onde tem um **buraco-de-sempre** e outros **poços-buracos-estranhezas** que têm que passar todos os dias acaba limitando as mulheres-bichos negras e periféricas. No entanto, mesmo fora da encruzilhada o **buraco-de-sempre** está selado no destino dos bichos pretos, obrigando-os a passar por certas situações no dia a dia e terem que lidar com vários entraves. (Texto Transversal)

Eu também achei interessante essa parte que nomeia os buracos, que tem **buraco-de-sempre** e tem outros tipos de buracos. Aí eu percebi [o **buraco-de-sempre**] como sendo o que a gente sempre está inserida. Apesar de qualquer lugar que a gente esteja tem esse buraco. E [percebi] como dentro da universidade tem outros tipos de buracos e vai tornando ele até mais fundo. (**Quieta**)

O grupo-pesquisador também realçou a parte do texto transversal que fala sobre as potências das mulheres negras e periféricas:

Outra parte que eu achei legal também foi a parte que descreve as potências. Acho que foi muito legal perceber como a forma que a gente teve para sair de cada obstáculo consegue se materializar na forma como a gente vai criando mecanismos para contornar as situações que acontecem e como cada uma acaba tendo um pouco de cada uma dessas potências. Eu achei muito legal ver isso como uma qualidade, uma virtude, porque é difícil a gente se perceber, né? E aí quando eu vi escrito, eu consigo pensar em situações que eu usei uma dessas potências. (**Quieta**)

Diante da contra-análise do grupo-pesquisador, onde houve identificação e reconhecimento no texto transversal. Embora não tenham sido produzidos contradições e dissensos na discussão, foram apontados novos problemas e criado um novo confeto derivado de outro: o **corpo-caricatura-bandeira**, revelando uma nova camada da questão.

Por fim, a contra-análise mostrou que o grupo-pesquisador tem um pensamento muito consciente sobre os seus processos e problemas identitários, percebendo de forma crítica as questões que movem as suas (r)existências na universidade e fora dela.

## CAPÍTULO 6

### QUE PODE O CORPO NEGRO E PERIFÉRICO?

Foi através de uma leitura proposta na disciplina “Sociologia do Corpo”, ministrada pela professora Rosângela, no segundo semestre de 2019, que fui atravessada pela primeira vez pelo questionamento “que pode o corpo?”. Na época essa pergunta me causou muito estranhamento, pois a resposta trazia um leque de possibilidades e ao mesmo tempo nos provocava a pensar nas nossas limitações.

No texto “O corpo que não aguenta mais”, o filósofo David Lapoujade discute acerca da potência corpórea, questionando “que pode o corpo?”. O autor discorre a partir da percepção aristotélica que a potência é um ato possível e o ato é uma potência atualizada, uma forma determinada. No entanto, para que o ato passe a ter alguma eficácia, precisa de um agente. Desta forma, por exemplo, o agente (uma escritora) age seu ato (escrever) sobre uma forma (um livro) através da potência do seu corpo.

Essa discussão dá embasamento para o fato apontado pelo autor de que o corpo não aguenta mais, contrapondo-se à ideia da potência do corpo. Desta forma, os corpos “[...] gritam, gemem, se agitam em todas as direções, mas não são mais agidos por atos ou formas. E como se tocássemos a própria definição do corpo: o corpo é aquele que não aguenta mais, *aquele que não se ergue mais*” (LAPOUJADE, 2002, p. 82, grifos do autor). Sendo assim, o autor propõe a busca por outra definição de potência, uma não-aristotélica, que signifique encontrar uma potência própria ao corpo e liberada do ato.

Lapoujade (2002) traz outros questionamentos e respostas, indicando que o que o corpo não aguenta mais são o adestramento e a disciplina (formas que agem do exterior), enfrentados através da potência de resistir, e também o assujeitamento (forma que o submete de dentro), interiorizado a partir do questionamento da resistência. De qualquer modo, nossos corpos sofrem, pois “sofrer é a *condição primeira do corpo*. Sofrer é a condição de estar *exposto ao fora*. Um corpo sofre de sua exposição à novidade do fora, ou seja, ele sofre de ser afetado. [...] Um corpo é primeiramente encontro com outros corpos” (LAPOUJADE, 2002, p. 86, grifos do autor).

Sendo assim, nossas potências só fazem sentido a partir do sofrimento, das afetações e dos encontros. Para se proteger do sofrimento, o corpo monta mecanismos de defesa – a potência de resistir. “Mas estes indispensáveis processos de defesa contra o sofrimento devem ser inseparáveis de uma exposição ao sofrimento, que aumenta a potência de agir dos corpos” (LAPOUJADE, 2002, p. 87).

Entramos então em um paradoxo, onde o corpo que sente é um corpo que não aguenta mais. “O ‘eu não aguento mais’ não é, portanto, o signo de uma fraqueza da potência, mas exprime, ao contrário, a *potência de resistir do corpo*. Cair, ficar deitado, bambolear, rastejar são atos de resistência” (LAPOUJADE, 2002, p. 89, grifos do autor).

Li e reli esse texto inúmeras vezes, porque ele me tocou bastante. Eu já havia mencionado vagamente, em algum momento desta dissertação, a ideia de que *o corpo que não aguenta mais é um corpo que tem a potência de resistir*, mas quis aprofundar propositamente a reflexão de Lapoujade nesta conclusão, porque ela dialoga com tudo que foi investigado e escrito.

Chego a este momento de encerramento (não só do texto dissertativo, mas também do mestrado e de uma fase da vida) sentindo que o meu corpo não aguenta mais – mas isso não é de hoje, é desde sempre. Antes mesmo de chegar a esse momento eu já havia escrito um diário sobre isso, enquanto estudava na Biblioteca Setorial do CCE, em 2019.

### **O corpo que não aguenta mais**

Não me recordo se algum dia já muito me preocupei em fazer juízos de valor sobre ser forte ou fraco, mas sei que muitas vezes quis desistir, desaparecer, sumir, nunca ter existido na Terra e em nenhum lugar do universo.

Desde a infância ouço minha mãe diz, diante dos meus desejos de fuga, que o que não é para sempre a gente aguenta. Mas por que eu tenho que aguentar o que me faz mal, o que é violento, o que me desumaniza, o que me objetifica? Até quando devo aguentar as línguas ferinas, as vozes inimigas, as mãos que me esmurram e os pés que me derrubam dizendo que aqui não é o meu lugar, que não sou bem vinda, que devo ir embora?

E mesmo quando determinadas formas de sofrimento acabaram e outras tomaram o seu lugar, as feridas já haviam sido feitas. A dor não para. As cicatrizes são perpétuas. O trauma é eterno. Mesmo que o sofrimento não seja para sempre... No fim das contas ele é.

Vivemos com traumas. O que fazer?

O que fazer quando o corpo não aguenta mais? Eu não aguento! Mesmo tendo me acostumado com os olhares de reprovação. Eu não aguento! Mesmo sabendo que daqui a algum tempo nem nos encontraremos mais. Eu não aguento! Mesmo ciente de que irei morrer algum dia. Eu não quero ter que aguentar.

Eu quero que me respeitem, que não me violem, que me tratem como gente, que não me humilhem, que não me depreciem, que não me joguem fora. Eu não sou descartável.

Mas é quando eu não aguento mais que descubro o quanto sou forte, resistente, resiliente. E se não aguentar mais é inerente à minha condição humana, resistir é imperativo da minha existência mundana.

Eu não resisto porque aguento. Eu aguento porque resisto. E é quando eu não aguento que a minha resistência ganha potência de existir. Assim me faço mais forte. Assim eu sinto que não posso desistir.

(Diário Pessoal, 11 de novembro de 2019, 10h03min.)

O texto de David Lapoujade me ajudou em vários momentos, tanto diante dos obstáculos do mestrado, como das minhas próprias crises existenciais. Ele também me iluminou na busca do meu problema de pesquisa e na definição dos meus objetivos. “Que pode o corpo?” logo se tornou a minha pergunta-chave. Eu queria investigar processos de existência e resistência, sobretudo de corpos cotidianamente adestrados e disciplinados.

A partir das minhas implicações e leituras do mestrado, surgiu o desejo de pesquisar com jovens negras e periféricas. Pensar na minha própria experiência com a universidade me levou a escolhê-la como o palco sobre o qual eu centraria minha atenção. Dessa forma foi forjada uma investigação sobre a (r)existência de jovens negras e periféricas, estudantes de cursos de graduação na UFPI, em Teresina/PI.

Com a delimitação das sujeitas, logo vi a necessidade de demarcar a minha pergunta inicial. “Que pode o corpo negro e periférico?”, com todos os seus entrecruzamentos de opressões no tráfego pelas avenidas identitárias, é exatamente o que me propus a descobrir aqui, nessa empreitada pela produção de conhecimentos tendo como base as experiências, vivências e subjetividades das copesquisadoras, ancoradas na abordagem sociopoética.

No processo da pesquisa, no encontro do meu corpo com os corpos das copesquisadoras, foram várias as afetações e emoções. Momentos de dor, choro e sofrimento ao relatar aquilo que o corpo não aguenta mais, mas tem que aguentar e quais são os mecanismos de defesa utilizados para se proteger. Também momentos de riso, acolhimento, identificação e vibração na mesma intensidade ao poder falar e ser escutada, ao perceber que o corpo não precisa aguentar sozinha e tem a potência de resistir de múltiplas formas. Nas palavras de uma das copesquisadoras:

Produzir afetos trouxe para a realidade sensações difíceis de serem escritas e descritas. [Sendo importante] estar em um espaço seguro, de não confronto, mas de trocas de vivências com pessoas que de fato VIVEM. [...] **A existência desse estudo se torna uma validação de nós.** [...] O fato de sermos consideradas pesquisadoras e não objeto de pesquisa nos traz uma ótica diferente, um sentido de participação maior. (Diário de Itinerância da **Áurea**, maio de 2019, grifo meu)

Saber que esse trabalho é a validação de (r)existências me emociona bastante e eu escrevo isso chorando – aqui é emoção do início ao fim. Aliás, a validação do corpo negro e periférico na Academia e fora dela ainda é um obstáculo. Ainda lutamos simplesmente pelo direito de existir, de viver, de não sermos um alvo por conta da cor da pele, por conta da textura do cabelo, por conta do lugar onde vivemos, por conta das nossas origens. Ainda lutamos contra o genocídio do povo negro brasileiro, enfrentamos as diversas camadas de

racismo que são impostos aos nossos corpos desde o segundo em que nascemos (e até antes disso) e agarramos as oportunidades que temos para ocupar a universidade.

Um corpo negro ocupando o espaço da universidade – o ensino superior – ainda é algo que incomoda muita gente e essa pesquisa é prova disso. Através da produção e análise de confetos (conceitos atravessados por afetos) sobre as vivências e (r)existências de mulheres negras e periféricas na UFPI foi possível identificar como as sujeitas do grupo-pesquisador compreendem as suas trajetórias.

Suas (r)existências nos contam que o corpo negro é visto com estranhamento e preconceitos, julgado com base em estereótipos que dificultam ou impedem a autonomia do ser. Para fazer parte do espaço e dos grupos – mesmo que sem realmente pertencer a eles – é necessária adequação, adaptação e assimilação.

A identidade da mulher negra e periférica se configura como uma questão a partir da qual ela tem a possibilidade de pertencer ou se sentir pertencente aos ambientes em que convive. Algumas mulheres sabem exatamente quem são e não têm dúvidas disso (**mulher-pássaro-tigresa-Ravena-sem-nome**); outras são confusas e estranhas, aprendendo a viver no seu corpo e a reconhecer a sua identidade (**mulher-bicho-da-diferença**). Algumas mulheres são duras e fortes (**mulher-onça-pintada**); outras voam e são resilientes (**mulher-bicho-da-resiliência**). Há ainda mulheres que além de ser negra e periférica também é mulher fora dos padrões estéticos e tem filho, o que dificulta a sua socialização (**mulher-loba-Moona-mãe**).

Ao entrar na universidade, a mulher negra e periférica (que não é uma, mas várias, inclusive dentro dela mesma, pois não é um ser homogêneo) se vê em uma encruzilhada, cuja passagem é uma **ponte-início-meio-fim** – são etapas e processos vivenciados através de vários devires e performances do **corpo-capa-gelatinoso**, que se metamorfoseia conforme os lugares ocupados, os sentimentos de pertencimento e os encontros com as outras pessoas, afinal, o seu **corpo-capa-gelatinoso** sempre tem a forma de onde ela está, é maleável, múltiplo, flexível, adaptável às situações de obstáculo.

Ser uma mulher negra e periférica na UFPI é ser um **corpo-forasteiro-da-encruzilhada** – uma sujeita de fora, que se insere naquele espaço de forma inédita, tal como uma forasteiro que se muda para terras estrangeiras e precisa aprender a conhecer o local, a falar o seu idioma e se relacionar de acordo à nova cultura para ser incluso. Além disso, a viagem para estas terras estrangeiras é um longo percurso para as mulheres negras e periféricas, exigindo horas de deslocamento diário.

Ser uma mulher negra e periférica na UFPI é ser um **corpo-ocupante-da-encruzilhada** – uma sujeita que invade o espaço ao qual não pertence e não foi pensando para ela. Consciente do direito de se inserir na universidade, ela ocupa o espaço sob olhares de estranhamento e surpresa, estando ali por teimosia, determinação e esforço. Mas ocupar a universidade não é nada fácil, pois esta encruzilhada possui vários **obstáculos-caminhos-desconhecidos** impostos ao corpo negro. Dentre esses obstáculos há:

**Poço-buraco-estranheza** – a universidade é um lugar estranho onde a mulher negra não sabe o que fazer e ainda está sozinha, não conseguiu fazer amizades ou encontrar pessoas semelhantes a ela para se apoiar. As pessoas lhe olham de forma que causa incômodo e a observam demais. Os sentimentos vivenciados são vários, que vão desde o desconforto, medo, receio e vergonha até ansiedade, insegurança, sensação de exclusão, higienização social de si pelos outros e não-pertencimento.

**Buraco-vazio-solidão** – a universidade é um lugar solitário onde a mulher negra e periférica se sente bastante sozinha justamente por ser negra e periférica; se ela tiver filhos dificulta ainda mais o seu processo de socialização. Essa solidão não é apenas sensação, mas uma realidade onde os vínculos sociais não acontecem e a sujeita pode ficar isolada mesmo em um local com muitas pessoas. A solidão é acompanhada de invisibilidade, pois as pessoas não veem a mulher negra e periférica ou não se importam com ela, diferente de quando estão lhe observando por ser um **corpo-forasteiro-da-encruzilhada**. Ora o corpo recebe muita atenção, ora o corpo passa despercebido.

**Buraco-de-sempre** – este confeto está relacionado não só às dificuldades e obstáculos limitantes dentro da universidade, mas também fora dela, pois são inerentes à condição da mulher negra (e do corpo negro) na nossa sociedade. São situações que o grupo-pesquisador definiu como “seladas no destino de pessoas negras”, das quais não podem se esquivar e são obrigados a lidar no dia-a-dia. Embora o grupo não tenha nomeado essas situações, as experiências relacionadas ao racismo estrutural é um **buraco-de-sempre** que atravessa as vivências de pessoas negras.

**Labirintos-desafios** – este confeto está relacionado a perder-se na universidade em vários sentidos, o que é um obstáculo e um desafio (que também pode ser uma aventura). Dessa forma, o labirinto é: 1) a estrutura arquitetônica da universidade, com seus blocos, centros e corredores labirínticos desconhecidos; 2) a estrutura de funcionamento da universidade, com seus órgãos, setores e departamentos; 3) a dificuldade de acesso à universidade, por causa da sua localização isolada e da falta de sinalização adequada no

espaço; 4) a cobrança de conteúdo prévio dos alunos, como se todos tivessem percorrido o mesmo caminho escolar antes de entrar na universidade.

**Rio-espaço-privilegiado** – a universidade como um lugar de privilégio, feita e pensada para pessoas brancas e de elite, tendo uma estrutura que dificulta o acesso e a permanência da mulher negra e periférica devido à questão socioeconômica, fazendo-as se questionar sobre suas capacidades e serem dignas de estar ali. Na contra-análise o confeto **rio-espaço-privilegiado** foi ampliado para uma compreensão estrutural da sociedade, sendo percebido como o espaço da branquitude, um lugar que gera desejos identitários de ser o outro (de ser branco), de pertencer ao espaço do outro (do branco) por ser considerado um lugar melhor devido aos seus privilégios sociais.

A universidade também pode ser percebida sob duas perspectivas opostas em relação à identidade: 1) um *lugar-problema* que não foi feito para a mulher negra e periférica, com muitos obstáculos e sentido de não-pertença, onde ela precisa moldar a sua identidade, se adaptar, se adequar e assimilar para tentar pertencer, o que gera desejos identitários de ser o outro e questionar a sua identidade; 2) um *lugar-solução* onde é possível acontecer o reconhecimento da identidade e existe representatividade.

Felizmente a passagem da mulher negra e periférica pela encruzilhada também pode se tornar mais agradável diante do encontro com pessoas negras. Dessa forma, o confeto **corpo-estranho-que-se-encontra** demarca dois sentidos que se complementam. 1) é festa e júbilo – quando os semelhantes se encontram e se reconhecem, podem ter alguém em quem se apoiar e compartilhar suas vivências, compartilhar afetos e emoções, fugir do **poço-buraco-estranheza** e do **buraco-vazio-solidão**; 2) é a reafirmação de uma identidade minoritária – o encontro entre semelhantes promove reconhecimento identitário em nível individual e coletivo, fortalecendo grupos e reafirmando a sua identidade.

No entanto, este encontro entre semelhantes também pode ser confundido pelos outros como um **corpo-caricatura** – algo sem distinção, homogêneo, onde são negadas as individualidades dos corpos negros em relação. No dicionário, a palavra “caricatura” significa desenho de pessoa com deformações exageradas, passando uma ideia grotesca ou jocosa; pode ser ainda, de modo figurado, uma reprodução deformada ou um indivíduo de aparência e maneira ridículas. Sendo assim, a ideia de um **corpo-caricatura** onde dois indivíduos, devido às suas semelhanças físicas, se tornam um só, não deixa de ser uma forma de ridicularizar o corpo negro e reiterar estereótipos sobre ele.

Na contra-análise este confeto foi percebido em outra perspectiva e dele foi derivado um novo confeto: o **corpo-caricatura-bandeira** – a homogeneização do corpo

negro adquire os contornos de uma bandeira militante. Não apenas o corpo em si se torna uma caricatura, mas suas próprias lutas políticas e sociais, que passam a ser distorcidas, deslegitimadas e silenciadas sob um pretexto estereotipador.

Diante de tantos desafios e obstáculos, **que pode o corpo negro e periférico das jovens mulheres na UFPI?** Ele pode (r)existir através das suas múltiplas potências – cria seus próprios mecanismos, constrói afetos com semelhantes, dança, pula, voa, é resiliente, é flexível, se resguarda, sobe as paredes dos labirintos, sai dos buracos, se transforma, se metamorfoseia, se recria, se reinventa, é um corpo que se recusa a ficar parado ou desistir.

Mesmo que as mulheres negras e periféricas se moldem de alguma forma para pertencer à universidade e fazer parte dos grupos, elas não deixam de ser quem realmente são com todas as suas heterogeneidades e particularidades, preservando suas identidades e gozando desse espaço ao criar possibilidades de pertencimento que façam valer o seu direito de acessar a universidade pública e gratuita.

## REFERÊNCIAS

- ADAD, Shara Jane Holanda Costa. A sociopoética e os cinco princípios: a filosofia dos corpos misturados na pesquisa em educação. In: ADAD, Shara Jane Holanda Costa. *et al.* (orgs.). **Tudo que não inventamos é falso**: dispositivos artísticos para pesquisar, ensinar e aprender com a sociopoética. Fortaleza: EdUECE, 2014.
- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Polén, 2019. (Coleção Feminismos Plurais)
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Polén, 2019. (Coleção Feminismos Plurais)
- BALDIN, Nelma; MUNHOZ, Elzira M. Bagatin. **Snowball (bola de neve)**: uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. In: I Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação. Curitiba, Paraná, 329-341, Nov. 2011.
- BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 11, p. 89-117, mai./ago. 2013.
- BORGES, Pedro. Epistemicídio, a morte começa antes do tiro. **Alma Preta**, nov. 2017. Disponível em: <https://almapreta.com/sessao/cotidiano/epistemicidio-a-morte-comeca-antes-do-tiro> Acesso em: 28 abr. 2021.
- BRITO, Gisele. Periferia não é só geografia. **Periferia em movimento**, São Paulo, jun. 2018. Disponível em: <http://periferiaemmovimento.com.br/periferia-nao-e-so-geografia/> Acesso em: 20 set. 2019.
- CANCIANI, Pamela; ROSA, Ana Luzia dos Santos. Da invisibilidade à anomia de direitos: uma análise do lesbocídio e direitos humanos. In: SOARES, Mayana Rocha; BRANDÃO, Simone; FARIA, Thais. (orgs.). **Lesbianidades plurais**: outras produções de saberes e afetos. 1 ed. Salvador: Editora Devires, 2019.
- CASTRO-GÓMEZ, Santiago. Ciencias sociales, violència epistêmica y el problema de la “invención del otro”. In: LANDER, Edgardo. **La colonialidad del saber**: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2000.
- CASTRO-GÓMEZ, Santiago. Decolonizar la universidad. La hybris del punto cero y el diálogo de saberes. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGOUEL, Ramón. (orgs.). **El giro decolonial**: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.
- CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGOUEL, Ramón. Prólogo. Giro decolonial, teoría crítica y pensamiento heterárquico. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGOUEL, Ramón. (orgs.). **El giro decolonial**: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de

Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011. (Coleção Consciência em debate)

COLLINS, Patricia Hill. Pensamento feminista negro: o poder da autodefinição. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

CONNELL, Raewyn. A iminente revolução na teoria social. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 27, n. 80, p. 9-20, out. 2012.

CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. **Gênero: uma perspectiva global**. São Paulo: nVersos, 2015.

COSTA, Samara Layse da Rocha. **Retalhos do ser jovem em meio à heteronormatividade: experiências juvenis em uma escola pública de Teresina**. 2019. 149 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2019.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FOLHA DE S.PAULO. RUF 2016. **Ranking Universitário Folha**. 2016. Disponível em: <https://ruf.folha.uol.com.br/2016/> Acesso em: 29 abr. 2021.

FOLHA DE S.PAULO. RUF 2019. **Ranking Universitário Folha**. 2019. Disponível em: <https://ruf.folha.uol.com.br/2019/> Acesso em: 29 abr. 2021.

FETAMCE. **Lésbicas visíveis: conhecimento e ativismo em tempos de retrocessos**. 2019. Disponível em: <http://fetamce.org.br/lesbicas-visiveis-conhecimento-e-ativismo-em-tempos-de-retrocessos/> Acesso em: 20 set. 2019.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 22. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 68. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

GAUTHIER, Jacques. **O oco do vento: metodologia da pesquisa sociopoética e estudos transculturais**. Curitiba, PR: CRV, 2012.

GAUTHIER, Jacques. **Sociopoética: o livro do iniciante e do orientador**. Mimeografado, 2010.

GAUTHIER, Jacques. Prefácio. *In*: ADAD, Shara Jane Holanda Costa. *et al* (org.). **Tudo que não inventamos é falso: dispositivos artísticos para pesquisar, ensinar e aprender com a sociopoética**. Fortaleza: EdUECE, 2014.

GAUTHIER, Jacques; ADAD; Shara Jane Costa. A sociopoética como abordagem de pesquisa e ensino decolonial, contracolonial e libertadora. **Educazione Aperta**, n. 7, p. 262-285, 2020.

GROSFOGUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo do século XVI. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 31, n. 1, p. 25-49, jan./abr. 2016.

HOOKS, bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. São Paulo: Elefante, 2019.

IBGE, PNAD Contínua. **Educação 2019**. 2020. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101736\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101736_informativo.pdf) Acesso em 24 set. 2021.

INAF. **Inaf Brasil 2018: resultados preliminares**. 2018. Disponível em: [https://acaeducativa.org.br/wp-content/uploads/2018/08/Inaf2018\\_Relat%C3%B3rio-Resultados-Preliminares\\_v08Ago2018.pdf](https://acaeducativa.org.br/wp-content/uploads/2018/08/Inaf2018_Relat%C3%B3rio-Resultados-Preliminares_v08Ago2018.pdf) Acesso em 24 set. 2021.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LAPOUJADE, David. O corpo que não aguenta mais. *In*: LINS, Daniel; GADELHA, Sylvio (orgs.). **Nietzsche e Deleuze: que pode o corpo**. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza, CE: Secretaria da Cultura e Desporto, 2002.

LAQUEUR, Thomas Walter. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LIMA, Sara Regina de Oliveira; SILVA, Maria do Desterro da Conceição; MOURA, Andressa Kelly Lima. Preta, pobre e lésbica: reflexões sobre a mulher e o amor na contística de Conceição Evaristo. *In*: SOARES, Mayana Rocha; BRANDÃO, Simone; FARIA, Thais. (orgs.). **Lesbianidades plurais: outras produções de saberes e afetos**. 1 ed. Salvador: Editora Devires, 2019.

LORDE, Audre. Idade, raça, classe e gênero: mulheres redefinindo a diferença. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019a.

LORDE, Audre. Não existe hierarquia de opressão. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019b.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. *In*: LOURO, Guacira Lopes. (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. *In*: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFUGUEL, Ramón. (orgs.). **El giro decolonial**: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.

MIGNOLO, Walter. Desafios decoloniais hoje. **Epistemologias do Sul**, Foz do Iguaçu/PR, 1(1), p. 12-32, 2017.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF**, Dossiê: Literatura, língua e identidade, n. 34, p. 287-324, 2008

MORAIS, Beatriz de Lima. Corpos profanos: rascunhos sobre a heterossexualidade compulsória e um feminismo lésbico. **Revista Textos Graduated**, n. 1, v. 3, p. 81-92, dez. 2017.

MOREIRA, Adilson. **Racismo recreativo**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020. (Coleção Feminismos Plurais)

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. 3. ed. São Paulo: Perspectivas, 2016.

OLIVEIRA, Vanilda Maria de. Precisam as lésbicas de identidade? *In*: SOARES, Mayana Rocha; BRANDÃO, Simone; FARIA, Thais. (orgs.). **Lesbianidades plurais**: outras produções de saberes e afetos. 1 ed. Salvador: Editora Devires, 2019.

PERES, Milena Cristina Carneiro; SOARES, Suane Felipe; DIAS, Maria Clara. **Dossiê sobre lesbocídio no Brasil**: de 2014 até 2017. Rio de Janeiro: Livros Ilimitados, 2018.

PENNAFORTE, Charles. **Análise dos sistemas-mundo**: uma introdução ao pensamento de Immanuel Wallerstein. Rio de Janeiro: CENEGRI - Centro de Estudos em Geopolítica e Relações Internacionais, 2011. (Coleção perspectivas do mundo contemporâneo)

PETIT, Sandra Haydée; ADAD, Shara Jane Holanda Costa. Ideias sobre confetos e o diferencial da sociopoética. *In*: ADAD, Shara Jane Holanda Costa; COSTA, Hercilene Maria e Silva. (orgs.). **Entrelugares**: tecidos sociopoéticos em revista. Fortaleza: EdUECE, 2018.

PETIT, Sandra Haydèe. Sociopoética: potencializando a dimensão poiética da pesquisa. *In*: ADAD, Shara Jane Holanda Costa. *et al.* (orgs.). **Tudo que não inventamos é falso**: dispositivos artísticos para pesquisar, ensinar e aprender com a sociopoética. Fortaleza: EdUECE, 2014.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder y clasificación social. *In*: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFUGUEL, Ramón. (orgs.). **El giro decolonial**: reflexiones para una

diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Polén, 2019. (Coleção Feminismos Plurais)

RIBEIRO, Nathália Drago; RAMALHO, Simone Aparecida. Da política do esquecimento à pluralidade narrativa: memórias de mulheres lésbicas. *In*: SOARES, Mayana Rocha; BRANDÃO, Simone; FARIA, Thais. (orgs.). **Lesbianidades plurais**: outras produções de saberes e afetos. 1 ed. Salvador: Editora Devires, 2019.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas – Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 4, n. 05, p. 17-44, 2010.

RUBIN, Gayle. O tráfico de mulheres: notas sobre a “economia política” do sexo. *In*: RUBIN, Gayle. **Políticas do sexo**. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MESESES, Maria Paula. (orgs.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do império cognitivo**: a afirmação das epistemologias do Sul. Coimbra: Almedina, 2018.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, n. 28, p. 19-54, jan./jun., 2007.

SILVEIRA, Lia Carneiro. Abrindo coisas e rachando palavras: a utilização dos dispositivos na sociopoética. *In*: SANTOS, Iraci dos. *et al.* (orgs.). **Prática da pesquisa nas ciências humanas e sociais**: abordagem sociopoética. São Paulo: Editora Atheneu, 2005. (Série Atualização em Enfermagem: v. 3)

UFPI. **Histórico**. 2017. Disponível em: <https://ufpi.br/historico>. Acesso em: 29 abr. 2021.

UFPI. **Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPI é avaliado com nota 5 pela CAPES**. 2018. Disponível em: <https://ufpi.br/ultimas-noticias-ufpi-2/24428-programa-de-pos-graduacao-em-educacao-da-ufpi-e-avaliado-com-nota-5-pela-capes> Acesso em: 29 abr. 2021.

UFPI, PREG. **Catálogo de cursos de graduação da UFPI 2017/2018**. Disponível em: [https://ufpi.br/arquivos\\_download/arquivos/CATÁLOGO\\_DE\\_CURSOS\\_DE\\_GRADUAÇÃO\\_DA\\_UFPI20180222091447.pdf](https://ufpi.br/arquivos_download/arquivos/CATÁLOGO_DE_CURSOS_DE_GRADUAÇÃO_DA_UFPI20180222091447.pdf) Acesso em: 29 abr. 2021.

WALLERSTEIN, Immanuel. Análise dos sistemas mundiais. *In*: GIDDENS, Anthony; TURNER, Jonathan (Org.). **Teoria social hoje**. São Paulo: Ed. UNESP, 1999.

## APÊNDICE A – Lista de materiais das oficinas

### MATERIAIS PARA OFICINAS

(KITS INDIVIDUAIS)

#### ENVELOPE DE MATERIAIS:

- 01 via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE);
- 01 via do Termo de Confidencialidade;
- 01 via do “Inventário de Mim” (1ª oficina);
- 04 folhas de papel peso 60;
- 01 caneta preta ou azul;
- 01 lápis;
- 01 borracha.

#### KIT AFETOS À DISTÂNCIA:

- 01 mensagem de agradecimento;
- 01 álcool em gel pequeno de uso individual;
- 05 máscaras descartáveis;
- 05 chocolates.

#### KIT ARTÍSTICO:

- 01 caixa de massa de modelar;
- 01 caixa de giz de cera;
- 01 caixa de coleção de madeira;
- 01 caixa de tinta guache;
- 01 pincel para pintura;
- 01 caderno para diário de itinerância.

## APÊNDICE B – Roteiro da oficina de negociação



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO MINISTRO PETRÔNIO PORTELA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA



**PESQUISA:** “Que pode o corpo negro?”: (r)existências de jovens mulheres na Universidade Federal do Piauí (UFPI).

**FACILITADORA:** Verônica Maria e Silva Pereira.

<b>OFICINA DE NEGOCIAÇÃO (1º ENCONTRO)</b>	
<b>OBJETIVOS DA OFICINA:</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Apresentar as participantes do grupo-pesquisador, a pesquisa e a sociopoética;</li> <li>- Negociar o tema-gerador e as datas das próximas oficinas;</li> <li>- Confirmar a participação das sujeitas na pesquisa.</li> </ul>	
<b>DISPOSITIVO:</b> “Inventário de Mim”	<b>TÉCNICA:</b> “Ressignificando a Máscara”
<b>OBJETIVO DO DISPOSITIVO:</b>	<b>OBJETIVO DA TÉCNICA:</b>
Levantar um perfil das participantes feito por elas mesmas destacando suas características e singularidades através de perguntas diversas.	Ressignificar o uso da máscara colonial como ferramenta para a fala/expressão das participantes sobre si próprias e suas trajetórias enquanto jovens mulheres, negras, periféricas e acadêmicas.
<b>MATERIAL:</b> Kits individuais disponibilizados para as sujeitas.	
<b>TEMPO ESTIMADO:</b> 180 min./3 h	<b>DATA:</b> 15/05/2021 (sábado), 14h00min.

### PROCEDIMENTOS:

#### 1. Acolhimento + Apresentação das participantes. (20 min.)

<b>ACOLHIMENTO</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Receber as pessoas que forem entrando na chamada de vídeo;</li> <li>• Orientar sobre deixar a câmera aberta e o microfone sem som;</li> <li>• Falar sobre os materiais enviados (kit afetos à distância e kit artístico);</li> <li>• Falar brevemente sobre os afetos com a pesquisa, que é uma pesquisa coletiva “COM” e não “SOBRE”, logo uma pesquisa “NOSSA”, e agradecer as presenças;</li> <li>• Dar início à oficina de negociação com uma dinâmica “quebra-gelo”.</li> </ul>
<b>DINÂMICA “QUEBRA-GELO” PARA APRESENTAÇÃO</b>
Todas irão se apresentar, para nos conhecermos um pouco, quebrar o gelo do primeiro encontro e começar a mover os nossos corpos, por isso não vai ser uma apresentação comum. Cada pessoa quando for se apresentar fala o <b>nome</b> , a <b>idade</b> , que <b>curso estuda</b> e vai fazer o <b>seu gesto</b> (algo que gosta de fazer, com o qual se identifica, uma expressão frequente, etc.). A próxima pessoa a se apresentar vai responder as mesmas perguntas sobre

si, vai repetir o gesto da última que se apresentou e vai fazer um novo gesto. E assim vai até a última pessoa se apresentar e repetir os gestos de todas.

## **2. Apresentação da Pesquisa e da Sociopoética. (20 min.)**

- Falar sobre a pesquisa em linhas gerais (implicações; justificativa; objetivos);
- Apresentar a Sociopoética (definição; princípios; oficinas). “*O mais importante não é entenderem o que é Sociopoética, mas experimentarem, vivenciarem, sentirem.*”
- Iniciar a discussão sobre o tema-gerador: apresentar minha proposta e deixar em aberto para definirmos juntas no final da oficina qual vai ser o tema-gerador.

## **3. Construção do “Inventário de Mim”. (10 min.)**

- Pedir às participantes para responderem o questionário do “Inventário de Mim”.

## **4. Relaxamento. (5 min.)**

### **TEXTO PARA RELAXAMENTO (com música de fundo):**

“Fique em uma posição confortável. Feche os olhos e sinta a sua presença. Esqueça tudo que está acontecendo ao seu redor e se concentre apenas no seu próprio corpo. Observe o que acontece com você. (silêncio) Permita que seu corpo descanse até ficar bem leve. Sinta a sua leveza. Respire fundo. Veja como o ar flui nos seus pulmões. Permita ser levada para um lugar bem distante. (silêncio) Agora aos poucos vá retornando ao seu passado enquanto seu corpo descansa. Visite os anos anteriores. Lembre-se da sua infância. Vá se abrindo para as recordações enquanto seu corpo flutua. (silêncio) Volte para a época em que era um bebê e sinta seu corpo ser ninado. Relaxe enquanto balança para lá e para cá, em um corpo pequenino. Sinta a leveza do seu corpo, sinta-o tão leve como naquela época. Você está serena e despreocupada como um bebê. (silêncio) Agora vá voltando para o presente, de forma calma. Abra seus olhos devagar sem deixar de sentir a leveza que lhe habita.”

## **5. Técnica “Ressignificando a Máscara”. (25 min.)**

### **TEXTO PARA TÉCNICA:**

(Inspirado na leitura de “**Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano**”, da autora portuguesa Grada Kilomba.)

“Era uma vez uma garotinha. Apesar de ser curiosa e ter muita vontade de desbravar o mundo, ela passava o tempo todo usando uma máscara. Essa máscara impedia que a garotinha falasse. Às vezes a impedia até de comer. Havia dias em que a máscara parecia fazer parte do seu corpo e outros dias em que ela não passava de um acessório inconveniente, sem graça, torturante. Mesmo assim, ela não tirava a máscara. Então um dia, outra menina, incomodada por ver a situação da garotinha, começou a investigar as razões de aquilo acontecer até descobrir que ela não podia tirar a máscara. Havia alguém impedindo que isso acontecesse, alguém que considerava que a garotinha era sua

propriedade e por conta disso podia fazer o que quisesse com o seu corpo.

Os dias se passaram, se transformando em semanas, meses, anos, séculos... E a garotinha continuava a usar a máscara. Mas certo dia, houve um momento em que ela se cansou daquilo, arrancou a máscara e finalmente falou para todos ouvirem. O que vocês acham que ela falou? O que aconteceu quando ela falou? O que as pessoas ao seu redor sentiram quando ouviram a sua voz? O que nós podemos falar sobre isso?”

- Após pensarem na história e na provocação das perguntas, propor uma **ressignificação da máscara** (deixa de ser a máscara do silenciamento e passa a ser a máscara da fala). Usando os materiais do kit artístico e uma folha de papel peso 60, cada participante da oficina irá **produzir sua própria máscara** com a qual gostaria de se apresentar para as outras participantes, uma máscara que fale sobre a história de vida individual, que traga as marcas pessoais e faça a sujeita se sentir representada. Por fim, cada participante deve **criar um pseudônimo** para si.

#### **6. Produção do relato oral. (60 min.)**

- Cada participante deve se apresentar novamente utilizando a máscara e o seu pseudônimo para contar de si. Questões norteadoras:
  - O que a máscara fala sobre você?
  - Você costuma usar essa máscara (ou outra) no dia a dia?
  - Há algum momento em que você deixa de usar essa máscara?

#### **7. Apresentação do diário e avaliação escrita no diário. (20 min.)**

- Apresentar o diário e a sua importância para a pesquisa.
- Pedir que as participantes escrevam no diário uma avaliação sobre o primeiro encontro na oficina de negociação.
- Informar que fora dos espaços das oficinas o diário também pode ser usado, de modo “itinerante”.

#### **8. Confirmação do TG e da participação na pesquisa. (15 min.)**

- Confirmar o tema-gerador da pesquisa;
- Ler o TCLE e confirmar a participação das sujeitas na pesquisa.

#### **9. Encerramento. (5 min.)**

- (Lembrar de pedir que elas façam registros fotográficos das produções e envie ao meu e-mail as respostas do Inventário de Mim.)

## APÊNDICE C – Questionário “Inventário de Mim”

## INVENTÁRIO DE MIM

1. Meu nome completo é: \_\_\_\_\_
2. Como gosto de ser chamada: \_\_\_\_\_
3. Minha idade: \_\_\_\_\_
4. Minha orientação sexual: \_\_\_\_\_
5. Meu status de relacionamento: \_\_\_\_\_
6. Minha religião: \_\_\_\_\_
7. Meu curso e período na UFPI: \_\_\_\_\_
8. Meu endereço: \_\_\_\_\_
9. A minha maior qualidade: \_\_\_\_\_
10. O meu pior defeito: \_\_\_\_\_
11. Eu tenho medo de: \_\_\_\_\_
12. Se eu tivesse super poderes: \_\_\_\_\_
13. Eu tenho raiva de: \_\_\_\_\_
14. O que mais gosto de fazer: \_\_\_\_\_
15. O que eu mudaria em mim: \_\_\_\_\_
16. O que eu mudaria no mundo: \_\_\_\_\_

## APÊNDICE D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**Título do projeto:** “Que pode o corpo negro e periférico?”: (r)existências de jovens mulheres na Universidade Federal do Piauí (UFPI).

**Pesquisadora responsável:** Verônica Maria e Silva Pereira.

**Instituição/Departamento:** Universidade Federal do Piauí – UFPI/ Centro de Ciências Humanas e Letras – CCHL/ Programa de Pós-Graduação em Sociologia – PPGS.

**E-mail para contato:** veehmaria9@gmail.com

**Telefone para contato:** (86) 99817-9532.

**Pesquisadora orientadora:** Maria Rosângela de Souza.

**Telefone para contato:** (86) 98884-7736.

Você está sendo convidada a participar, como voluntária, da pesquisa referida acima. Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), visa assegurar seus direitos como participante. Por favor, leia com atenção e calma, aproveitando para esclarecer suas dúvidas. Se preferir, pode consultar seus familiares ou outras pessoas antes de decidir participar. Após seu consentimento, este documento será assinado em duas vias, ficando uma com você, participante da pesquisa e copesquisadora, e outra com a pesquisadora responsável. Não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo se você não aceitar participar ou retirar sua autorização a qualquer momento.

A pesquisa tem por objetivo geral produzir e analisar confetos (conceitos + afetos) sobre as vivências e (r)existências do corpo negro e periférico no espaço acadêmico da Universidade Federal do Piauí (UFPI). A sua relevância é justificada pela necessidade de visibilidade negra na Academia, na produção interseccional de conhecimentos e epistemologias sobre suas realidades.

A metodologia será pautada na abordagem sociopoética, uma teoria e prática filosófica de pesquisa grupal que utiliza dispositivos artísticos para pesquisar com o corpo todo e produzir confetos. A produção coletiva ocorrerá em oficinas virtuais através de vivências em que serão utilizadas técnicas artísticas e diários itinerantes. Todos os momentos serão registrados para posterior análise.

O registro visual dos materiais produzidos, bem como das vivências, ocorrerá por meio de fotografias. Já os relatos verbais terão as vozes gravadas e poderão ser filmados para que se registre fielmente o que cada participante disser, respeitando a sua fala e o seu pensamento. Para tais registros, contaremos com a autorização prévia das participantes, mediante negociação. Enquanto copesquisadora, você também terá acesso, a qualquer momento, do material e resultados da pesquisa. Da mesma forma lhe é garantido o acesso à pesquisadora responsável para o esclarecimento de eventuais dúvidas.

Devido à conjuntura epidemiológica da pandemia por coronavírus (risco de contágio), a pesquisa será realizada de forma virtual e à distância, cumprindo o isolamento e o distanciamento social, não oferecendo riscos de contaminação às participantes. Em relação a outros riscos, decorrentes de dano psíquico, moral, intelectual, cultural ou espiritual, como, por exemplo, constrangimento ou ansiedade para se falar sobre determinados assuntos, será contornado pela pesquisadora através do acolhimento em

ambiente virtual, por meio de conversas em particular ou em grupo, empatia e solidariedade, demonstrando compreensão e respeito diante dos limites impostos por cada participante. Afinal, como participante da pesquisa, você deve falar somente sobre o que tiver vontade e se sentir confortável.

Em caso de encaminhamento para serviço médico especializado por algum motivo, a pesquisadora se responsabiliza a ajudar a fazer esse encaminhamento, bem como se responsabiliza pela assistência integral às participantes em conformidade com a Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde.

Não haverá vantagens financeiras para as participantes. As despesas com os materiais das oficinas ficarão a cargo da pesquisadora responsável, para que as participantes os utilizem em casa, assim como o custeio pelo envio desses materiais, todos previamente higienizados com álcool 70% e embalados individualmente. Reitero, não há gastos com despesas por parte das participantes. E caso haja, por qualquer motivo, alguma despesa por parte da participante, asseguro que você será devidamente ressarcida.

Também será assegurada indenização, caso seja necessário. Caso ocorra algum dano comprovadamente decorrente de sua participação neste estudo você poderá ser indenizado conforme determina a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, bem como lhe será garantido assistência integral, de acordo com a lei já supracitada.

Os benefícios dessa pesquisa consistem na valorização da fala, das vivências e das potencialidades das participantes, propiciando visibilidade negra de jovens periféricas na produção de saberes em diálogo com a Academia, bem como o fortalecimento do debate sobre o tema, no enfrentamento a discriminações e violências. O grupo-pesquisador é protagonista da pesquisa e as participantes terão sua importância reconhecida como sujeitas copesquisadoras e não objetos de estudo.

Os nomes de todas as participantes envolvidas serão mantidos em sigilo, sendo substituídos por pseudônimos, escolhidos pelas próprias, preservando assim o anonimato das suas identidades, que em nenhuma hipótese serão expostas publicamente, assim como suas privacidades não serão violadas. As imagens registradas sofrerão edição para que não haja possibilidade da sua identificação visual, mantendo mais uma vez o sigilo e anonimato de suas identidades.

A pesquisadora responsável se compromete a preservar a privacidade das participantes, que produzirão dados em oficinas, através de técnicas e dispositivos artísticos, relatos orais gravados em áudio e filmagem, relatos escritos e fotografias. As informações serão mantidas no computador doméstico e de uso pessoal da pesquisadora responsável, sob a responsabilidade da mesma, por um período de 05 (cinco) anos. Após esse período os dados serão destruídos. O risco de vazamento de dados é extremamente mínimo, pois como já foi dito, a pesquisadora se responsabiliza a resguardar e proteger esses materiais.

Os resultados obtidos serão utilizados somente para fins acadêmico-científicos (produção de artigos em revistas, eventos acadêmicos, relatórios científicos, monografias, trabalhos de conclusão de curso, dissertação e tese), como estabelecem as Resoluções nº 466/12, 510/16 e 580/18 do Conselho Nacional de Saúde e das resoluções complementares à mesma (240/97, 251/97, 292/99 e 340/2004), que tratam da regulamentação de pesquisas que envolvem seres humanos.

Para qualquer outra informação, você poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável ou com o Comitê de Ética em Pesquisa Humana da UFPI, que acompanha e analisa as pesquisas científicas que envolvem seres humanos, no Campus Universitário Ministro Petrônio Portella, Bairro Ininga, Teresina-PI, telefone (86) 3237-2332, e-mail: cep.ufpi@ufpi.br. Horário de Atendimento ao Público, segunda à sexta, manhã: 08h00 às 12h00 e à tarde: 14h00 às 18h00.

Após os devidos esclarecimentos, estando ciente e de acordo com o exposto acima, requeremos a sua autorização assinada abaixo.

Eu, \_\_\_\_\_,  
CPF: \_\_\_\_\_, e-mail: \_\_\_\_\_,  
declaro que aceito participar voluntariamente da pesquisa intitulada **“Que pode o corpo negro e periférico?”: (r)existências de jovens mulheres na Universidade Federal do Piauí (UFPI)**. Fui suficientemente esclarecida a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim sobre a pesquisa, descrevendo seu objetivo, justificativa, procedimentos a serem realizados, riscos, benefícios e garantias de sigilo, anonimato e confidencialidade. Autorizo a minha participação dando pleno consentimento para uso das informações por mim prestadas, bem como autorizo a gravação da minha fala e a captação da minha imagem por meio de fotos e/ou vídeos. Também estou ciente de que não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo se eu não aceitar participar ou retirar minha autorização a qualquer momento; de que as despesas estão cargo da pesquisadora responsável; de que tenho direito à indenização e ressarcimento de despesas caso seja necessário, bem como assistência integral. Para tanto, assino este consentimento em duas vias, rubrico todas as páginas e fico com a posse de uma delas.

Teresina, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2021.

Nome da participante: \_\_\_\_\_

Nome da pesquisadora: \_\_\_\_\_

## APÊNDICE E – Roteiro da 1ª oficina de produção



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO MINISTRO PETRÔNIO PORTELA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA



**PESQUISA:** “Que pode o corpo negro?”: (r)existências de jovens mulheres na Universidade Federal do Piauí (UFPI).

**FACILITADORA:** Verônica Maria e Silva Pereira.

<b>OFICINA DE PRODUÇÃO (2º ENCONTRO)</b>	
<b>OBJETIVOS DA OFICINA:</b> - Realizar a técnica de produção de dados.	
<b>TÉCNICA:</b> “Os Obstáculos do Bicho-(R)existir”	<b>TEMA-GERADOR:</b> A definir na oficina de negociação.
<b>OBJETIVO DA TÉCNICA:</b> - Identificar o que as participantes compreendem por (r)existir enquanto jovens negras e periféricas na universidade; - Perceber quais são os obstáculos enfrentados nas suas trajetórias.	
<b>MATERIAL:</b> Kits individuais disponibilizados para as sujeitas.	
<b>TEMPO ESTIMADO:</b> 2 h 40 min.	<b>DATA:</b> A definir.

### PROCEDIMENTOS:

#### 1. Acolhimento + Leitura do diário do 1º encontro. (20 min.)

- Receber as pessoas que forem entrando na chamada de vídeo;
- Orientar sobre deixar a câmera aberta e o microfone sem som;
- Dar início à oficina pedindo que uma ou mais pessoas façam uma leitura do diário da oficina de negociação.

#### 2. Relaxamento. (5 min.)

##### **TEXTO PARA RELAXAMENTO (com música de fundo):**

“Vamos começar a relaxar respirando profundamente. Sinta o ar entrar e sair das suas narinas, lentamente. Agora feche os olhos, mantendo o ritmo da respiração. Esvazie a mente e deixe espaço somente para coisas boas. Foque na sua respiração. Sinta a tensão do seu corpo indo embora, cada parte relaxando mais e mais. (silêncio) Vá se entregando a essa sensação. Conecte-se com você mesma através da respiração. Deixe que a sua respiração flua pelo seu ser. Caso esteja sentindo alguma dor, envie a sua respiração para onde dói. (silêncio) Afaste as energias ruins, mergulhe nas coisas que te fazem bem. Visualize o que te faz feliz. Sinta-se em paz consigo mesma. (silêncio) Agora você irá fazer uma viagem imaginária...”

### 3. Viagem Imaginária da Técnica “Metamorfose em bicho”. (15 min.)

#### **TEXTO PARA VIAGEM IMAGINÁRIA:**

Ainda de olhos fechados, siga respirando profundamente. Sinta o ar entrando e saindo dos pulmões. Procure se concentrar enquanto seu corpo vai ficando mais leve. Inspire e solte o ar devagar. Agora se imagine num lugar deserto. Você está caminhando com os pés descalços pelo chão. Sinta esse contato com a terra... O vento nos cabelos... Olhe o espaço ao seu redor. De repente, você vê uma grande bolha transparente se aproximando. Você entra na bolha e se sente protegido por ela, como se ela te abraçasse. (silêncio) A bolha começa a se movimentar. Então você sente como se tivessem se tornado uma só. Você começa a se transformar em outro ser. E vai se transformando em um bicho. **Você agora é um bicho.** Como é esse bicho? Como você se sente sendo esse bicho? (silêncio) De repente, a bolha transparente começa a se mover, a sair do lugar, voando pelo ar, conduzindo o bicho em uma **viagem pela imaginação**. No trajeto você, que é o bicho, vai enfrentar obstáculos. Há muitas cores e sons por onde você passa. Você presta muita atenção em tudo a sua volta. De repente, a bolha fura, começa a secar e você cai dentro de um **BURACO**. Como o bicho se sente? O que ele vê no buraco em que está? Respirando profundamente, o bicho se potencializa e sai do buraco. Como ele sai do buraco? Continuando a viagem, o bicho se depara com um **LABIRINTO**. Como é estar nesse labirinto? Você se perde? É fácil ou difícil sair do labirinto? Após se livrar do labirinto, o bicho começa a correr e percebe que está subindo para um lugar cada vez mais alto. Você está subindo até o **CUME** de uma montanha. Como é essa subida? Quais as dificuldades encontradas? O bicho chega ao cume da montanha. Como se sente após a subida? O que o bicho encontra no cume da montanha? Quais as sensações que o bicho vive? De repente, o bicho vê um **RIO**. Como é esse rio? Você entra nele? Você toma banho no rio? Como é o seu contato com o rio? O que sente? O que encontra no rio? Depois disso, você começa a caminhar sem destino até que entra em um **TÚNEL**. Como é estar dentro desse túnel? Que sensações ele te desperta? Como o bicho passa pelo túnel? Ao sair do túnel, o que o bicho vê? Fora do túnel, os obstáculos continuam e o bicho dá de frente com uma **PONTE**. Como é essa ponte? O bicho começa a atravessar a ponte. Como é essa travessia? Quais são os sentimentos de atravessar a ponte? O que o bicho espera encontrar do outro lado da ponte? Após atravessar a ponte, finalmente o bicho começa a retornar da viagem imaginária, mexendo os pés, as mãos, respirando fundo e abrindo os olhos. O bicho vai voltando e aos poucos começa a se mexer, a se espreguiçar, a se movimentar. Pergunto: **Como é ser um corpo de uma mulher negra e periférica na universidade?**

### 4. Produção plástica do bicho-(r)existir + Cartografia dos obstáculos. (40 min.)

- Antes da produção plástica, pedir que cada participante **escreva um roteiro** sobre o seu percurso durante a viagem imaginária.
- Depois cada participante irá produzir uma **escultura de massa de modelar** sobre o seu bicho-(r)existir e irá **nomeá-lo** no final.
- Cada participante também irá produzir uma **cartografia dos obstáculos** enfrentados pelo seu bicho-(r)existir em uma folha de papel peso 60. Para essa produção será usado

os materiais do kit artístico.

### **5. Produção do relato oral. (60 min.)**

- Pedir a cada participante para falar sobre a vivência com o **relaxamento** e a **viagem imaginária**; depois apresentar a **escultura do seu bicho-(r)existir** e a sua **cartografia**, falando da sua relação com o bicho e com os obstáculos cartografados.

### **6. Avaliação com escrita no diário. (15 min.)**

- Pedir que as participantes escrevam no diário uma avaliação sobre o segundo encontro, o que mais gostaram, o que não gostaram, etc.

### **7. Encerramento com embalo individual. (5 min.)**

#### **Música para embalo:**

- Pedir às participantes que fechem os olhos, respirem fundo, abracem o próprio corpo e balancem de um lado para o outro lentamente, se embalando e se afofando.

## APÊNDICE F – Ilustrativo da análise classificatória

### **CO-PESQUISADORA MÁSCARA DA FORÇA**

#### **ESCULTURA: Pássaro sem-nome**

A anotação que eu fiz, sobre o meu roteiro, foi o seguinte: a imersão trouxe muitas metáforas, até aí foi fácil ilustrar como seria ser um bicho no qual no nosso interior já sabemos qual é (1). A jornada que perpassa vários locais diferentes e viver esse bicho sempre em uma nova performance. (4) A minha experiência com os lugares, foram confortáveis, como abraçar algumas limitações. (4)

O meu bicho é... Eu já de cara escolhi a cor marrom, que é a cor mais semelhante assim, à minha pele. E tinha um corpinho verde, que é geralmente as cores dos pássaros. Eu imaginei de cara um pássaro. Não vai ficar muito lindo, um pássaro, porque enfim, é uma escultura, mas dá pra entender. Então, tem duas asinhas aqui e tudo, só que ele também tem algumas limitações, que ele não pode tá voando 24 horas. (3) Então por isso eu coloquei aqui no meu mapa, que começa com o lar dele, que é em cima de uma árvore. E aí ele vai ter aqui o caminho e aqui tem um buraco, né? Esse buraco é a única coisa que tem no meio do caminho sempre, pra qualquer lugar que ele for passar ele vai ter que passar por esse buraco. E aí tem aqui o labirinto e um outro caminho que é mais fácil pra chegar até a ponte, que é a ponte que leva pra cima do cume. E nesse cume, que é o final da jornada, é onde ele pode apreciar os pássaros, o rio e o sol aqui também, que eu fiz o sol. Aí eu coloquei aqui no fundo algumas cores, né? Que é pra ele se dar melhor a sensação. Aqui nessa parte, tá vermelha, é onde tem o buraco de sempre, que ele vai ter que passar por esse buraco de sempre, e onde tem o labirinto. E o resto é mais verdinho, que é onde ele mora, onde é a casa dele. (2) E aqui com a parte mais azul é onde ele vai conseguir ficar pleno no final da tarde (risos). (5) Ele é um bicho que ele, teoricamente, ele é bem livre. Ele pode fazer o que quer, né? Porque ele voa, ele pode ir pra qualquer lugar (3), mas como ele vive num lugar onde tem um obstáculo, que seria esse poço, esse buraco, e têm diversos outros labirintos no qual ele tem que passar todos os dias, ele acaba ficando um tanto quanto limitado, porque tal hora ele vai cair no buraco, outra hora ele vai ter um caminho que ele não sabe, porque ele também não voa tão alto, não vai conseguir enxergar todos os caminhos que ele precisa. (2)

No final da jornada dele aqui, no final desses caminhos que ele pode perpassar, vai ter uma coisinha boa, vai ter um sol pra ele enxergar, uma paisagem bem legal. (4) E em relação à minha pessoa, é... Eu acho que é um tanto quanto semelhante. Porque, querendo ou não, a gente, teoricamente, a gente consegue fazer tudo, a gente pode fazer tudo, né? A gente é livre perante a Constituição e tudo o mais, mas na realidade a gente tem que lidar com vários entraves, várias situações do dia a dia que, querendo ou não, a gente vai ter que passar, porque parece que tá selado no nosso destino enquanto pessoa preta ter que passar por certas situações. E, só que, conforme a gente vai vivendo e vai passando, quem consegue, né, passar por isso e chegar vivo no final, consegue uma plenitude. Eu acho que é isso. No final quem consegue passar por todo o caminho pode ter uma vista até que boa da vida, do futuro. (4)

## APÊNDICE G – Ilustrativo do cruzamento de ideias por categoria

<b>1. CONFETOS DA MULHER-BICHO NEGRA E PERIFÉRICA</b>
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. <b>Mulher-pássaro-sem-nome</b> é ser bicho que no interior da mulher já sabe qual é. (1)</li> <li>2. <b>Mulher-bicho-da-diferença</b> é ser um bicho estranho, um pouco confuso e aprendendo a viver nesse corpo (1).</li> <li>3. <b>Mulher-tigresa-Ravena</b> é ser bicho que não tem dúvida do que é. (1)</li> <li>4. <b>Mulher-loba-Moona-mãe</b> além de ser negra e periférica, é mulher fora dos padrões estéticos e tem um filho que ainda dificulta mais a questão da socialização. (1)</li> <li>5. <b>Mulher-onça-pintada</b> é ter a força e a dureza que a mulher negra tem que ter. (1)</li> <li>6. <b>Mulher-bicho-da-resiliência</b> é ter a capacidade de voar e a capacidade de resiliência. (1)</li> </ol>
<b>CRUZAMENTO DE IDEIAS</b>
<p><b>IDEIAS COMPLEMENTARES</b></p> <p>Ideias <b>1</b> e <b>3</b> são complementares porque ser mulher-bicho negra e periférica é ser bicho que no interior da mulher já sabe qual é e não tem dúvida do que é.</p> <p><b>IDEIAS DIVERGENTES</b></p> <p>Ideias <b>5</b> e <b>6</b> são divergentes porque mostram características diferentes do ser mulher-bicho negra e periférica. Em uma ideia ser mulher-bicho negra e periférica é ter a força e a dureza que a mulher negra tem que ter. Na outra ideia é ter a capacidade de voar e a capacidade de resiliência.</p> <p><b>IDEIAS OPOSTAS</b></p> <p>Ideias <b>1</b> e <b>3</b> são opostas à ideia <b>2</b> porque nas ideias <b>1</b> e <b>3</b> ser mulher-bicho negra e periférica é ser bicho que no interior da mulher já sabe qual é e não tem dúvida do que é. Na ideia <b>2</b> ser mulher-bicho negra e periférica é ser um bicho estranho, um pouco confuso e aprendendo a viver nesse corpo.</p> <p><b>IDEIAS QUE NÃO FORAM CRUZADAS</b></p> <p>Ideia <b>4</b>.</p>